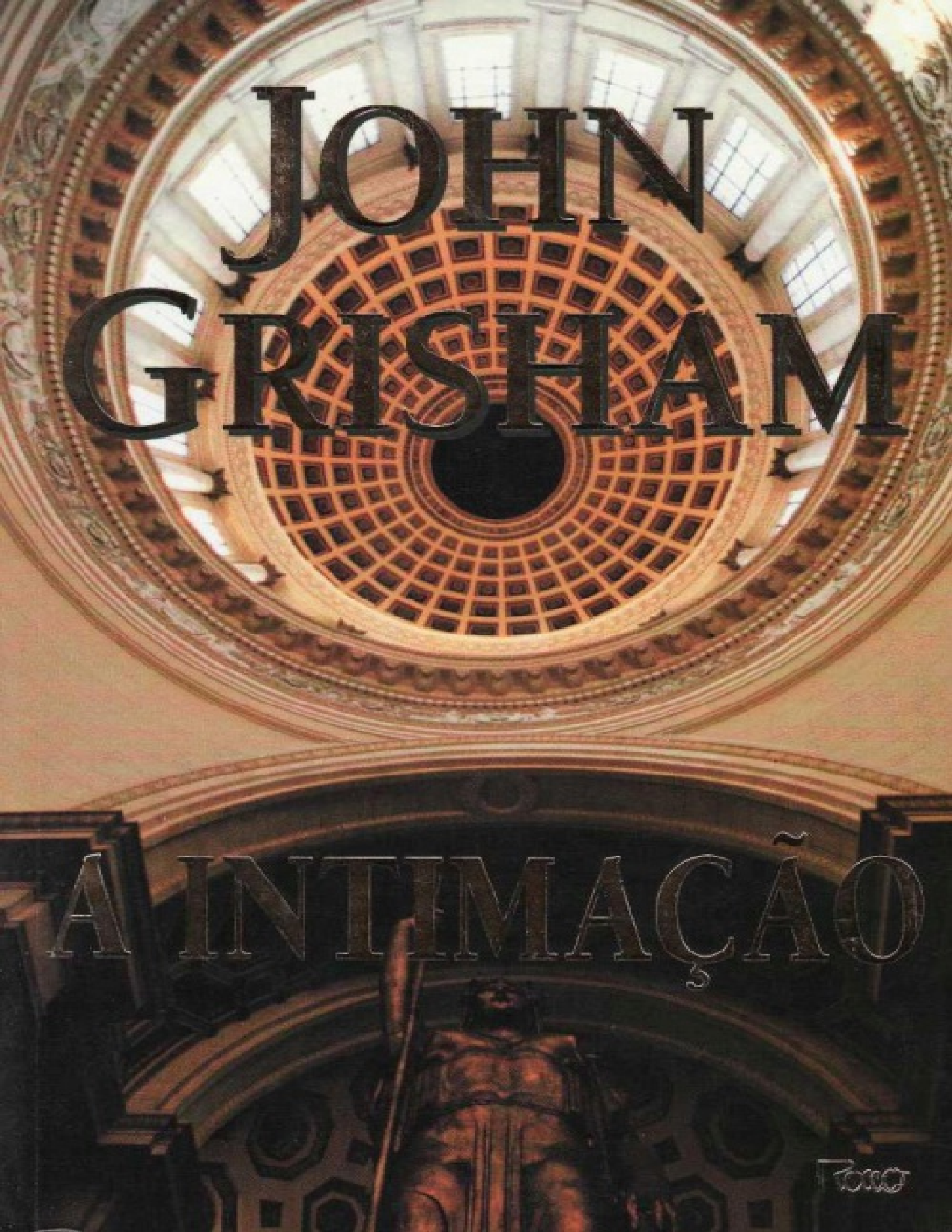
JOHN GRISHAM

A INTIMAÇÃO





JOHN GRISHAM nasceu no Arkansas, em 1955. Formado em Direito pela Universidade do Mississipi, a atividade de advogado influenciou a temática de seus livros. Desde 1991, é um dos escritores mais lidos nos EUA, com 100 milhões de livros vendidos e traduzidos para 31 idiomas. Sua carreira é pontuada por sucessos como *Tempo de matar, A firma, O cliente, O homem que fazia chover, A câmara de gás, O júri, O sócio, O advogado, O dossiê Pelicano, O testamento, A confraria* e *A casa pintada,* publicados no Brasil pela Rocco. Seis de seus onze livros foram adaptados para o cinema. Grisham vive com a família em Oxford, EUA.

John Grisham
A INTIMAÇÃO

Tradução de
AULYDE SOARES RODRIGUES

Rocco
Rio de Janeiro – 2002

Título original
THE SUMMONS

Copyright © 2002 *by* Belfry Holdings, Inc.
Todos os direitos reservados.

Este é um romance de ficção. Nomes, personagens, negócios e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma ficcional. Qualquer semelhança com acontecimentos atuais ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Direitos mundiais para a língua portuguesa
reservados com exclusividade à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Rodrigo Silva, 26 – 4º andar
20011-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: 2507-2000 – Fax: 2507-2244
e-mail: rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
FÁTIMA FADEL

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

G888i

Grisham, John, 1955-
A intimação/John Grisham; tradução Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

Tradução de: The summons
ISBN 85-325-1435-9

1. Romance americano. I. Rodrigues, Aulyde Soares II. Título.

02-0952

CDD – 813
CDU – 820(73)-3

CAPÍTULO 1

CHEGOU PELO CORREIO COMUM, O modo antiquado, já que o Juiz tinha quase oitenta anos e não confiava nas coisas modernas. Esqueça e-mail e até fax. Ele não tinha secretária eletrônica e jamais gostou de telefone. Escrevia com os dois dedos indicadores, batendo de leve em uma tecla de cada vez, inclinado sobre sua Underwood manual, na escrivaninha de tampa corrediça debaixo do retrato de Nathan Bedford Forrest. O avô do Juiz lutara com Forrest em Shiloh e por todo o interior do sul, e para ele nenhuma figura da história era mais reverenciada. Durante trinta e dois anos, o Juiz discretamente se negara a presidir um julgamento no dia 13 de julho, o aniversário de Forrest.

Chegou com outra carta, uma revista e duas faturas e foi, seguindo a rotina, deixada na caixa do correio do professor Ray Atlee, na faculdade de direito. Ele a reconheceu imediatamente uma vez que aqueles envelopes eram parte de sua vida desde que podia se lembrar. Era do seu pai. Um homem que ele também chamava de "o Juiz".

O professor Atlee examinou o envelope, sem saber se devia abrir ali mesmo ou esperar um pouco. Boas ou más notícias, ele nunca sabia com o Juiz, embora o velho homem estivesse morrendo e as boas notícias fossem raras. O envelope era fino e parecia conter apenas uma folha de papel, nada fora do comum. O Juiz era frugal com a palavra escrita, embora fosse famoso por suas perorações no tribunal.

Era uma carta comercial, disso ele tinha certeza. O Juiz não era de conversa fiada, detestava fofocas e bate-papo vazio, escrito ou falado. Chá gelado com ele, na varanda, seria uma repetição da Guerra Civil, provavelmente em Shiloh, onde mais uma vez ele jogava toda a culpa da derrota dos Confederados nas botas brilhantes e intocadas do general Pierre G. T. Beauregard, um homem que ele odiaria mesmo no céu, se por acaso se encontrassem lá.

Logo ele estaria morto. Setenta e nove anos, com câncer no estômago. Estava com excesso de peso, era diabético, fumante de cachimbo inveterado, tinha o coração fraco que sobrevivera a três ataques e uma porção de doenças menores que o atormentavam havia vinte anos, e que agora se reuniam para o

golpe final. A dor era constante. Na sua última conversa por telefone, três semanas atrás, um telefonema dado por Ray, porque o Juiz achava que ligações interurbanas eram um roubo, o velho homem parecia fraco e cansado. Tinham falado menos de dois minutos.

O endereço do remetente era dourado, em relevo: Chanceler Reuben V. Atlee, 25ª Chancelaria Distrital, Tribunal do Condado Ford, Clanton, Mississipi. Ray pôs o envelope dentro da revista e começou a andar. O juiz Atlee não ocupava mais o posto de chanceler. Os eleitores o tinham aposentado havia nove anos, uma derrota amarga da qual ele nunca se recobraria. Trinta e dois anos servindo diligentemente seu povo e eles o puseram para fora em favor de um homem jovem com anúncios no rádio e na televisão. O Juiz recusou-se a fazer campanha. Alegava que tinha muito trabalho e, o mais importante, o povo o conhecia bem e, se quisesse que fosse reeleito, o reelegeriam. Para muitos, sua estratégia pareceu arrogante. Ele ganhou no condado Ford, mas foi derrotado nos outros cinco.

Foram precisos três anos para tirá-lo do tribunal. Seu escritório no segundo andar havia sobrevivido a um incêndio e por duas vezes deixou de ser reformado. O Juiz não permitiu que fosse tocado por tinta ou martelos. Quando os supervisores do condado finalmente o convenceram de que teria de sair ou seria despejado, ele arrumou em caixas três décadas de pastas inúteis e velhos livros empoeirados, levou-as para casa e as empilhou no seu escritório. Quando o escritório ficou cheio, empilhou nos corredores, na sala de jantar e até no Vestíbulo de entrada.

Ray cumprimentou com uma inclinação de cabeça um aluno que estava no saguão. Do lado de fora do seu escritório, falou com um colega. Dentro, trancou a porta e pôs a correspondência no centro da mesa. Tirou o paletó, dependurou atrás da porta, passou por cima de uma pilha de grossos livros de direito, por cima dos quais passava há meio ano e então fez sua promessa diária de organizar o escritório.

A sala tinha três metros e meio por quatro metros e meio, com uma pequena mesa e um pequeno sofá, ambos cobertos de papéis que faziam com que Ray parecesse um homem realmente muito ocupado. Ele não era. No semestre da primavera, ia lecionar uma seção de antitruste. E supostamente estava escrevendo um livro, outro volume tedioso e chato de monopólios que não seria lido por ninguém, mas acrescentaria muito ao seu currículo. Seu cargo

era vitalício, mas como todos os professores sérios estava sujeito à máxima da vida acadêmica: "publicar ou perecer".

Sentou à mesa e empurrou os papéis para um lado.

O envelope era endereçado ao professor N. Ray Atlee, Faculdade de Direito da Universidade de Virgínia, Charlottesville, Virgínia. Os *es* e os *os* eram grudados uns nos outros. Há uma década a máquina precisava de uma nova fita. O Juiz não acreditava no CEP também.

O N. era de Nathan, como o general, mas poucas pessoas sabiam. Uma das brigas mais feias entre os dois foi por causa da decisão do filho de eliminar completamente o Nathan do nome e seguir pela vida simplesmente como Ray.

As cartas do Juiz eram sempre enviadas para a faculdade de direito, nunca para o apartamento do filho, na cidade de Charlottesville. O Juiz gostava de títulos e de endereços importantes, e queria que o povo de Clanton, até mesmo os funcionários do correio, soubesse que seu filho era professor de direito. Era desnecessário. Ray lecionava (e escrevia) havia treze anos, e os que realmente importavam no condado de Ford sabiam disso.

Ele abriu o envelope e desdobrou a única página. Tinha também gravado em relevo o nome do Juiz, o título antigo e o endereço, menos o CEP. O velho homem provavelmente tinha um suprimento ilimitado daquele papel de carta.

Era dirigida a Ray e a seu irmão mais novo, Forrest, os dois únicos filhos de um péssimo casamento, que acabara em 1969 com a morte da mãe deles. Como sempre, a mensagem era breve:

Por favor, façam seus planos para comparecer no meu escritório no domingo, 7 de maio, às 5 horas da tarde, a fim de discutirmos sobre a administração dos meus bens. Sinceramente, Reuben V. Atlee.

A assinatura característica parecia encolhida e sem firmeza. Durante anos, adornara ordens e decretos que haviam mudado inúmeras vidas. Decretos de divórcio, custódia de filhos, fim dos direitos paternos, adoções. Ordens determinando contestações de testamentos, contestações de resultados de eleições, disputas por terras, lutas por anexações. O autógrafo do Juiz era ditatorial e bem conhecido. Agora era o vago rabisco de um homem velho e doente.

Doente ou não, Ray estaria presente no escritório do pai na hora marcada. Fora intimado e, por mais irritante que fosse, não tinha dúvida de que ele e o irmão se obrigariam a comparecer perante o Juiz para mais uma preleção. Era típico do Juiz escolher o dia conveniente para ele, sem consultar mais ninguém.

Fazia parte da natureza do Juiz, e talvez sem dúvida de muitos juízes, determinar datas para audiências e prazos finais, sem se importar com a conveniência das pessoas intimadas. Essa prepotência fora aprendida e até requerida quando lidavam com agendas cheias, litigantes relutantes, advogados ocupados, advogados preguiçosos. Mas o Juiz conduzira sua família quase do mesmo modo que conduzia seu tribunal e esse era o motivo principal de Ray Atlee estar lecionando direito na Virgínia e não no Mississipi.

Ele leu a intimação outra vez, depois a deixou de lado, em cima de uma pilha de assuntos atuais de que precisava tratar. Foi até a janela e olhou para o pátio todo em flor. Não estava zangado ou amargo, apenas frustrado pelo fato de o seu pai poder ainda ditar tanto suas ordens para ele. Mas o velho estava morrendo, ele pensou. Dê uma folga a ele. Não haveria muitas outras viagens para casa.

Os bens do Juiz eram envoltos em mistério. O principal era a casa — um legado de antes da guerra, do mesmo Atlee que havia lutado com o general Forrest. Numa rua escura na velha Atlanta, devia valer mais de um milhão de dólares, mas não em Clanton. Ficava no meio de dois hectares abandonados, a três quadras da praça da cidade. O assoalho estava empenado, o teto, cheio de goteiras, a pintura não tocava as paredes desde que Ray tinha nascido. Ele e o irmão poderiam vender a casa talvez por cem mil dólares, mas o comprador teria de gastar duas vezes isso para torná-la habitável. Nenhum dos dois jamais moraria nela. Na verdade havia muitos anos Forrest não punha os pés lá dentro.

A casa se chamava Maple Run, como se fosse uma grande propriedade com criadagem e um calendário social. A última pessoa a trabalhar nela foi Irene, a empregada. Ela estava morta havia quatro anos e desde então ninguém tinha passado o aspirador no chão ou polidor nos móveis. O Juiz pagava vinte dólares por semana a um delinqüente local, para cortar a grama, o que ele fazia com grande relutância. Oitenta dólares por mês era um roubo, na sua erudita opinião.

Quando Ray era pequeno, sua mãe chamou a casa de Maple Run. Nunca davam jantares em casa, mas em Maple Run. Seu endereço não era a casa dos Atlee, na rua Quatro, mas Maple Run na rua Quatro. Poucas outras pessoas em Clanton tinham nomes para suas casas.

Ela morreu de um aneurisma, e eles a puseram numa mesa na sala da frente. Por dois dias a cidade fez fila na varanda, no Vestíbulo e na sala de estar para prestar seus últimos cumprimentos, depois iam para a sala de jantar para o

ponche e os biscoitos. Ray e Forrest se esconderam no sótão e amaldiçoaram o pai por tolerar aquele espetáculo. Lá estava sua mãe, uma mulher bonita e jovem, agora pálida e inerte num caixão aberto.

Forrest sempre chamou a casa de Ruína Maple. As árvores de bordo vermelho e amarelo que antes ladeavam a rua tinham morrido de uma doença desconhecida. Os tocos apodrecidos nunca foram arrancados do solo. Quatro enormes carvalhos davam sombra ao jardim. Suas folhas caíam às toneladas, o bastante para que alguém se animasse a juntar com o ancinho. E pelo menos duas vezes por ano os carvalhos perdiam um galho que caía contra alguma parte da casa, de onde podia ou não ser removido. A casa continuava ali, ano após ano, levando um golpe depois do outro, sem nunca cair.

Ainda era uma bela casa, estilo georgiano com colunas, antes um monumento a quem a construiu e agora uma triste lembrança de uma família em declínio. Ray não queria nada com a casa. Para ele, estava repleta de lembranças desagradáveis, e cada viagem a Clanton o deixava deprimido. Certamente ele não tinha meios para enfrentar o buraco negro financeiro de manter uma propriedade que devia ser demolida. Forrest preferia queimá-la a ficar com ela.

Mas o Juiz queria que Ray ficasse com a casa e a mantivesse na família. Isso tinha sido insinuado vagamente nos últimos anos. Ray nunca teve coragem de perguntar: "Que família?" Ele não tinha filhos. Havia uma ex-mulher mas nenhuma perspectiva de uma mulher atual. O mesmo para Forrest, mas ele tinha uma coleção atordoante de ex-namoradas e atualmente morava com Ellie, uma pintora e ceramista de cento e trinta quilos, doze anos mais velha do que ele.

O fato de Forrest não ter gerado nenhum filho era um milagre biológico, mas até então nenhum fora descoberto.

A árvore genealógica dos Atlee estava minguando, caminhando para um triste fim, o que não incomodava nem um pouco Ray. Ele vivia a vida para ele mesmo, não para o seu pai ou para o glorioso passado da família. Ele só voltava a Clanton para enterros.

Os outros bens do Juiz nunca foram mencionados. A família Atlee fora rica no passado, mas muito antes de Ray nascer. Havia terras e algodão e escravos e estradas de ferro e bancos e política, o clássico portfólio de propriedades que, em termos de dinheiro vivo, não significava coisa alguma no fim do século XX. Porém, conferiu aos Atlee o status de "dinheiro de família".

Quando Ray tinha dez anos, sabia que sua família tinha dinheiro. Seu pai era juiz e sua casa tinha um nome, e na área rural do Mississipi isso queria dizer

que ele era realmente um menino rico. Antes de morrer, sua mãe se esforçou para convencer Ray de que eles eram melhores do que a maioria das pessoas. Moravam numa mansão. Eram presbiterianos. Passavam as férias na Flórida, de três em três anos. Ocasionalmente jantavam no hotel Peabody, em Memphis. Suas roupas eram as melhores.

Então Ray foi aceito pela Universidade Stanford. Sua bolha de grandeza estourou quando o Juiz disse secamente:

— Não posso pagar.

— Como assim? — perguntou Ray.

— Isso mesmo que eu disse. Não posso pagar Stanford.

— Mas eu não compreendo.

— Então vou explicar. Vá para a faculdade que quiser. Mas se for para Sewanee, então eu pago.

Ray foi para Sewanee, sem a bagagem do dinheiro de família, sustentado pelo pai com uma mesada que mal dava para pagar a faculdade, os livros, a moradia e as mensalidades da fraternidade. A faculdade de direito foi em Tulane, onde Ray sobreviveu trabalhando como garçom num bar de frutos do mar no bairro francês.

Durante trinta e dois anos, o Juiz recebeu o salário de chanceler, um dos menores do país. Quando estava em Tulane, Ray leu uma reportagem sobre compensação judicial e com tristeza ficou sabendo que os juízes do Mississipi estavam ganhando 52 mil dólares por ano, quando a média nacional era de 95 mil.

O Juiz morava sozinho, gastava pouco com a casa, não tinha maus hábitos, a não ser o cachimbo, e preferia tabaco barato. Tinha um velho Lincoln, comia mal, mas em grande quantidade e usava os mesmos ternos pretos desde os anos 50. Seu vício era a caridade. Economizava seu dinheiro e depois dava tudo.

Ninguém sabia quanto dinheiro o Juiz doava anualmente. Dez por cento ia automaticamente para a Igreja Presbiteriana. Sewanee recebia dois mil dólares por ano, o mesmo para os Filhos dos Veteranos Confederados. Essas três doações eram gravadas em granito. O resto não era.

O Juiz Atlee dava dinheiro para qualquer um que pedisse. Uma criança aleijada que precisasse de muletas. Um time da primeira divisão viajando para uma competição estadual. Uma arrecadação pelo Rotary Clube para vacinar bebês no Congo. Um abrigo para cães e gatos sem dono no condado de Ford.

Um novo telhado para o museu de Clanton.

A lista era interminável, e para receber um cheque bastava escrever uma carta breve e pedir. O Juiz Atlee sempre mandava dinheiro e fazia isso desde que Ray e Forrest saíram de casa.

Ray podia vê-lo agora, perdido na desordem e na poeira da sua escrivaninha em tampa corrediça, catando milho nos bilhetes curtos na sua Underwood e os prendendo nos seus envelopes de chanceler, com cheques quase ilegíveis do Primeiro Banco Nacional de Clanton — cinqüenta dólares aqui, cem dólares ali, um pouco para cada um, até acabar o dinheiro.

O espólio não seria complicado porque haveria muito pouco para ser inventariado. Os antigos livros de direito, móveis gastos e puídos, dolorosas fotos de família e lembranças, pastas e papéis há muito esquecidos — um monte de lixo que daria uma fogueira impressionante. Ele e Forrest venderiam a casa pelo preço que conseguissem e ficariam satisfeitos por salvar alguma coisa do último dinheiro da família Atlee.

Ele deveria telefonar para Forrest, mas sempre era fácil adiar esses telefonemas. Forrest era um conjunto de problemas e assuntos diferentes, muito mais complicados do que um velho pai recluso e moribundo, resolvido a dar todo o seu dinheiro. Forrest era um desastre vivo ambulante, um garoto de trinta e seis anos com a mente amortecida por todas as substâncias legais e ilegais conhecidas pela cultura americana.

Que família, Ray murmurou para si mesmo.

Enviou o aviso de cancelamento da sua aula das onze horas e foi ao terapeuta.

CAPITULO 2

A PRIMAVERA NO PLEDMONT, céu claro e calmo, o verde crescendo visivelmente a cada dia nos sopés das montanhas, o vale Shenandoah mudando, à medida que os fazendeiros cruzavam e recruzavam suas fileiras perfeitas. Havia previsão de chuva para amanhã, embora nenhuma previsão pudesse ser confiável na Virgínia central.

Com quase trezentas horas de vôo, Ray começava cada dia com um olho no céu enquanto corria seus dez quilômetros. Podia correr, chovesse ou fizesse sol, mas não podia voar. Tinha prometido a si mesmo (e à sua companhia de seguros) que não voaria à noite e não se aventuraria entre as nuvens. Noventa e cinco por cento dos desastres com pequenos aviões aconteciam com mau tempo ou no escuro e, depois de quase três anos voando, Ray estava ainda resolvido a ser um covarde. "Há pilotos antigos e pilotos ousados", dizia o ditado, "mas não pilotos antigos e ousados." Ele acreditava piamente nisso.

Além disso, a Virgínia central era bonita demais para ficar escondida nas nuvens. Ele esperava o tempo perfeito — sem vento para empurrá-lo, complicando o pouso, sem névoa para escurecer o horizonte e fazer com que se perdesse, sem ameaça de tempestade ou de umidade excessiva. Céu claro durante a corrida matinal determinava o resto do seu dia. Ele podia atrasar ou adiantar o almoço, cancelar aulas, adiar sua pesquisa para um dia chuvoso ou uma semana chuvosa. A previsão certa, e Ray ia para o aeroporto.

Ficava no norte da cidade, quinze minutos de carro da faculdade de direito. Na Escola de Vôo Docker, ele era recebido com o modo normalmente rude de Dick Docker, Charlie Yates e Fog Newton, os três pilotos reformados da marinha, donos da escola e que tinham treinado a maior parte dos aviadores particulares da área. Eles recebiam todos os dias no Cockpit, uma fileira de velhas cadeiras de teatro, no escritório da frente da escola, e ali tomavam toneladas de café e contavam histórias de vôos e mentiras que cresciam a cada hora. Cada freguês e cada aluno recebiam a mesma carga de abuso verbal, gostassem ou não, aceitando ou deixando, eles pouco se importavam. Eles recebiam ótimas pensões.

A chegada de Ray detonou o mais recente conjunto de piadas sobre advogados. Nenhuma delas especialmente engraçada, mas todas provocavam gargalhadas barulhentas.

— Não admira que vocês não tenham alunos — Ray disse, enquanto preenchia os formulários.

— Aonde você vai? — quis saber Docker.

— Vou só fazer alguns buracos no céu.

— Alertaremos o controle de tráfego aéreo.

— Vocês são muito ocupados para isso.

Dez minutos de insultos e de formulários de aluguel do avião, e Ray estava livre para sair. Por oitenta dólares a hora ele podia alugar um Cessna que o levaria a dois quilômetros acima da terra, longe das pessoas, dos telefones, do tráfego, dos alunos, da pesquisa e, nesse dia, mais longe até mesmo do seu pai moribundo, seu irmão maluco e da inevitável confusão que o esperava quando voltasse para Clanton.

Na rampa geral de aviação, estavam trinta aeronaves leves. A maioria era de pequenos Cessnas, com asas altas e trem de pouso fixo, ainda os aviões mais seguros já construídos. Mas havia também alguns mais sofisticados. Ao lado do seu Cessna, estava um Beech Bonanza, uma beleza de monomotor, com duzentos HP que Ray poderia manejar em um mês com um pouco de treino. Voava quase setenta nós mais rápido do que o Cessna, com dispositivos e instrumentos eletrônicos suficientes para fazer babar qualquer piloto. Pior ainda, o Bonanza estava à venda — 450 mil dólares —, longe das tabelas, mas não tão longe. O proprietário era construtor de shoppings e queria um King Air, segundo a última análise do Cockpit.

Ray se afastou do Bonanza e se concentrou no pequeno Cessna ao lado dele. Como todos os novos pilotos, inspecionou cuidadosamente seu aparelho, seguindo uma lista. Fog Newton, seu instrutor, começava cada lição com uma história sinistra de fogo e morte provocada por pilotos muito apressados ou preguiçosos para usar a lista de verificação.

Quando se certificou de que todas as superfícies e partes externas estavam perfeitas, abriu a porta, entrou e passou o cinto de segurança. O motor funcionou suavemente, os rádios tomaram vida. Ele terminou de verificar uma lista de pré-decolagem e ligou para a torre. Tinha um vôo de passageiros que ia para a cidade, à sua frente e, dez minutos depois de fechar as portas, estaria livre para decolar. Levantou vôo e foi para oeste, na direção do vale Shenandoah.

A quatro mil pés de altitude, ele passou a pouca altura do monte Afton. Por alguns segundos, a turbulência causada pela montanha sacudiu o Cessna, mas isso era comum. Quando passou pelos contrafortes e pelas fazendas, o ar ficou parado e quieto. A visibilidade oficial era de trinta e dois quilômetros, mas naquela altitude ele podia ver muito além disso. Nenhum teto, nenhuma nuvem. A cinco mil pés de altitude, os picos da Virgínia ocidental se ergueram lentamente no horizonte. Ray completou uma lista de curso de vôo e relaxou pela primeira vez desde a decolagem.

As conversas no rádio desapareceram e só voltariam se ele ligasse para a torre de Roanoke, sessenta e cinco quilômetros ao sul. Ele resolveu evitar Roanoke e ficar no espaço aéreo não controlado.

Ray sabia, por experiência, que os psiquiatras trabalhavam por duzentos dólares a hora na área de Charlottesville. Voar era uma economia e muito mais eficiente, embora a sugestão para que arranjasse um novo passatempo, imediatamente, tivesse vindo de um psiquiatra. Ele estava indo a esse médico porque tinha de ver alguém. Exatamente um mês depois que a ex-senhora Atlee pediu o divórcio, deixou o emprego e saiu de casa levando apenas suas roupas e suas jóias, tudo feito com uma fria eficiência em menos de seis horas, Ray deixou o psiquiatra pela última vez, foi para o aeroporto, entrou no Cockpit e recebeu o primeiro insulto de Dick Docker ou de Fog Newton, não lembrava de qual dos dois.

O insulto fez bem, alguém se importava. Outros seguiram e Ray, ferido e confuso como estava, tinha encontrado seu lar. Havia três anos cruzava os céus claros e solitários das montanhas Blue Ridge e do vale Shenandoah, aliviando a raiva, derramando algumas lágrimas, contando sua vida atribulada para um banco vazio ao seu lado. Ela se foi, o banco vazio repetia.

Algumas mulheres vão embora e voltam depois de algum tempo. Outras vão embora e suportam uma dolorosa reconsideração. Outras ainda partem com tanta ousadia que nem olham para trás. A saída de Vicki de sua vida foi tão bem planejada e a execução foi tão fria que o primeiro comentário do advogado de Ray foi: "Desista, amigo."

Vicki tinha encontrado um negócio melhor, como um atleta mudando de time na última hora. Aqui está seu novo uniforme, sorria para as câmeras, esqueça a velha arena. Numa manhã, quando Ray estava trabalhando, ela se foi numa limusine. Atrás uma van com as coisas dela. Vinte minutos depois, ela entrou na nova casa, uma mansão com criação de cavalos, a leste da cidade,

onde Lew, o Liquidante, a esperava com os braços abertos e um contrato pré-nupcial. Lew era um abutre dos negócios que tinha conseguido com suas investidas mais ou menos meio bilhão, segundo as pesquisas de Ray, e que aos sessenta e quatro anos se aposentou, deixou Wall Street e por algum motivo escolheu Charlottesville para seu novo ninho.

Em algum ponto do seu caminho, conheceu Vicki, propôs um acordo a ela, assumindo a sua gravidez e as crianças de que supostamente Ray era o pai, e agora com uma mulher troféu e outra família ele queria ser levado a sério como o novo Peixe Grande.

Chega disso, Ray disse em voz alta. Falava aos berros a cinco mil pés de altitude e ninguém respondia.

Ele supunha e esperava que Forrest estivesse sóbrio e limpo, embora essas suposições quase sempre fossem erradas, e as esperanças quase sempre fossem vãs. Depois de vinte anos de reabilitação e recaída, era duvidoso que seu irmão se livrasse dos vícios. E Ray tinha certeza de que Forrest estaria quebrado, uma condição que andava de mãos dadas com seu vício. E, estando quebrado, estaria à procura de dinheiro, como os bens do seu pai.

O dinheiro que o Juiz não tinha dado para caridade e para as crianças doentes fora derramado no buraco negro da desintoxicação de Forrest. Tanto dinheiro fora gasto nisso, durante tantos anos, que o Juiz, como só ele podia fazer, basicamente excomungou Forrest do relacionamento de pai e filho. Durante trinta e dois anos, ele havia terminado casamentos, tirado filhos dos pais, entregue crianças a lares adotivos, internado os mentalmente doentes para sempre, mandado pais delinqüentes para a cadeia — todo o tipo de decretos drásticos e de longo prazo para os quais bastava sua assinatura. Quando ele foi elevado ao cargo de Juiz, sua autoridade era garantida pelo estado do Mississipi, mas, no fim da sua carreira, ele recebia ordens só de Deus.

Se alguém podia expulsar um filho, esse alguém era o chanceler Reuben V. Atlee.

Forrest fingiu não se incomodar com esse banimento. Considerava-se um espírito livre e afirmava que havia nove anos que não punha os pés na casa em Maple Run. Visitou o Juiz uma vez no hospital, depois de um enfarte, quando os médicos convocaram a família. Estava surpreendentemente sóbrio. "Cinqüenta e dois dias, mano", ele murmurou para Ray quando, no corredor, a caminho da UTI. Ele era um placar ambulante quando a reabilitação estava funcionando.

Se o Juiz tinha planos de incluir Forrest no seu espólio, ninguém ficaria

mais surpreso do que Forrest. Mas, com a possibilidade de dinheiro ou bens mudarem de mãos, Forrest estaria lá à espera de migalhas e restos.

Sobre a garganta do rio Novo, perto de Beckley, Virgínia ocidental, Ray fez a volta. Embora voar custe menos do que terapia profissional, não era barato. O medidor de tempo estava funcionando. Se ele ganhasse na loteria, compraria o Bonanza e iria a toda parte. Teria direito à licença-prêmio dentro de dois anos, um descanso dos rigores acadêmicos. Devia terminar o tijolo de oitocentas páginas sobre monopólios e era até possível que isso acontecesse. Mas seu sonho era alugar um Bonanza e desaparecer no céu.

Vinte quilômetros a oeste do aeroporto, ele chamou a torre e foi encaixado no padrão do tráfego. O vento era fraco e variável, o pouso seria fácil. Na aproximação final, com a pista a dois quilômetros, e a cento e cinqüenta pés de altitude, Ray e seu pequeno Cessna deslizando numa descida perfeita, outro piloto entrou no rádio. Ele se identificou como "Chailenger-dois-quatro-quatro-delta— mike" e estava a vinte e cinco quilômetros ao norte. A torre deu a ele permissão para pousar, número dois atrás do Cessna.

Ray afastou o pensamento de outras aeronaves o tempo suficiente para um pouso perfeito, depois saiu da pista e começou a taxiar para a rampa.

O Challenger é um jato particular construído no Canadá com oito a quinze lugares, dependendo da configuração. Pode voar de Nova York a Paris, sem escalas, em estilo esplêndido, com o comissário de bordo servindo drinques e refeições. Um Challenger novo custa mais ou menos vinte e cinco milhões de dólares, dependendo da infindável lista de opções.

O 244DM era de Lew, o Liquidante, roubado de uma das muitas companhias desafortunadas que ele tinha atacado e depenado. Ray o viu pousar atrás dele e, por um segundo, desejou que caísse e se incendiasse bem ali, na pista, para que ele pudesse apreciar o espetáculo. O Challenger não caiu e quando taxiou rapidamente para o terminal particular, Ray se viu de repente numa situação embaraçosa.

Desde o divórcio, tinha visto Vicki duas vezes em anos e, certamente, não queria vê-la agora, não num Cessna de vinte anos, enquanto ela descia a escada do seu jato dourado. Talvez ela não estivesse a bordo. Talvez fosse só Lew Rodowski voltando de outro golpe.

Ray desligou o combustível, o motor morreu e, quando o Challenger se aproximou, ele começou a afundar o mais possível no seu banco de capitão.

Quando o Challenger parou, a menos de trezentos metros de onde Ray

procurava se esconder, um Suburban preto e brilhante entrou na rampa, um pouco rápido demais, com os faróis acesos, como se a realeza acabasse de chegar a Charlottesville. Dois jovens com camisas verdes e shorts cáqui saltaram do carro, prontos para receber o Liquidante e fosse quem fosse que estava a bordo. A porta do Challenger se abriu, a escada foi descida, e Ray, espiando acima do painel de instrumentos de onde tinha vista completa, viu, fascinado, um dos pilotos descer primeiro, carregando duas grandes sacolas de compras.

Então Vicki, com os gêmeos. Estavam com dois anos agora, Simmons e Ripley, pobres crianças com sobrenomes no lugar de nomes, porque a mãe era uma idiota e o pai já tinha nove outros filhos e provavelmente não se importava com o nome desses últimos. Eram meninos, Ray sabia com certeza porque acompanhava os dados vitais no jornal local — nascimentos, mortes, roubos *etc.* Nasceram no Hospital Martha Jefferson, sete semanas e três dias depois de terminado o divórcio não litigioso dos Atlee e sete semanas e dois dias depois que Vicki, com a gravidez avançada, casou com Lew Rodowski, a quarta jornada dele na igreja, ou onde quer que seja que tivessem se casado, na fazenda de criação de cavalos.

Segurando as mãos dos meninos, Vicki desceu cuidadosamente os degraus. Meio bilhão de dólares caía bem nela — jeans justos de grife nas pernas longas, pernas visivelmente mais finas desde que entrou para o jet set. Na verdade Vicki parecia soberbamente faminta — braços magérrimos, traseiro pequeno e achatado, o rosto emaciado. Ray não podia ver os olhos dela, escondidos atrás de óculos escuros completamente fechados, a última moda de Hollywood ou Paris, escolha o que quiser.

O Liquidante não estava passando fome. Ele esperou impaciente atrás da mulher e da ninhada atuais. Ele afirmava que corria maratonas, mas muito pouco do que dizia para a imprensa era verdade. Era atarracado, com uma barriga considerável. Metade do cabelo tinha desaparecido e a outra metade era grisalha. Vicki estava com quarenta e um anos e podia passar por trinta. Ele tinha sessenta e quatro e parecia ter setenta, ou pelo menos Ray achou, com grande satisfação.

Finalmente eles chegaram ao Suburban, enquanto os dois pilotos e os dois motoristas descarregavam e carregavam a bagagem e grandes sacolas da Saks e Bergdorf. Apenas umas compras rápidas em Manhattan, a quarenta e cinco minutos de Charlottesville, no Challenger.

Terminado o espetáculo, o Suburban saiu rapidamente, e Ray sentou

direito no Cessna.

Se não a odiasse tanto, teria ficado ali um longo tempo revivendo seu casamento.

Não houve nenhum aviso, nenhuma briga, nenhuma mudança de temperatura. Ela simplesmente passou para um negócio melhor.

Ele abriu a porta para poder respirar e sentiu o colarinho molhado de suor. Enxugou os olhos e desceu do avião.

Pela primeira vez em sua vida, Ray desejou não ter ido ao aeroporto.

CAPÍTULO 3

A FACULDADE DE DIREITO ficava perto da de administração e as duas na ponta norte de um *campus* que se tinha expandido consideravelmente na pitoresca cidade acadêmica desenhada e construída por Thomas Jefferson.

Para uma universidade que reverenciava tanto a arquitetura do seu fundador, a faculdade de direito era apenas outro prédio moderno no *campus,* quadrado e sem adornos, tijolos e vidro, tão sem graça e sem imaginação quanto muitos outros dos anos 70. Porém dinheiro recente o tinha renovado e ajardinado muito bem. Ocupava a posição de um dos Dez Mais, como todos os que trabalhavam e estudavam ali sabiam muito bem. Poucas universidades das oito mais cotadas do norte estavam acima dela, mas nenhuma escola pública. Contava com mil dos melhores estudantes e um corpo docente brilhante.

Ray estava satisfeito lecionando direito de valores imobiliários na Northeastern, em Boston. Algumas das suas obras chamaram a atenção de um comitê de pesquisas, uma coisa levou a outra e a oportunidade de ir para o sul, para uma faculdade melhor, pareceu atraente. Vicki era da Flórida e, embora gostasse demais da vida da cidade de Boston, jamais conseguiu se acostumar com os invernos rigorosos do norte. Logo se adaptaram ao passo mais lento de Charlottesville. Ele se tornou professor vitalício, e ela completou um doutorado em línguas românicas. Começavam a falar em ter filhos quando o Liquidante entrou sorrateiramente em cena.

Outro homem engravida sua mulher, depois a rouba e você quer fazer algumas perguntas a ele. E talvez algumas a ela também. Nos dias que se seguiram à saída de Vicki ele não podia dormir pensando em todas as perguntas que queria fazer, mas com o passar do tempo se convenceu de que jamais a enfrentaria. As perguntas desapareceram, mas ver Vicki no aeroporto as trouxe de volta. Ray a interrogava outra vez quando deixou o carro no estacionamento da faculdade de direito e voltou para seu escritório.

Ele atendia no escritório no fim da tarde, sem precisar de hora marcada. Sua porta estava aberta e qualquer estudante era bem-vindo. Mas estavam no começo de maio e os dias eram quentes. Visitas de alunos eram raras. Ele releu a

intimação do pai e outra vez se irritou com a tirania do convite.

Às cinco horas fechou o escritório, saiu da faculdade e foi a pé até um complexo esportivo fechado, onde os alunos do terceiro ano disputavam com o corpo docente o segundo de três jogos de soft-ball da série. Os professores tinham perdido o primeiro jogo de lavada. O segundo e terceiro jogos na verdade não eram necessários para determinar o melhor time.

Atraídos pelo cheiro de sangue, os alunos do primeiro e do segundo ano enchiam as arquibancadas ao longo da primeira base, onde o time de docentes estava agrupado para a inútil conversa otimista de antes do jogo. Fora, no campo esquerdo, alguns alunos do primeiro ano, de reputação duvidosa, estavam amontoados em volta de grandes caixas de isopor, a cerveja já fluindo.

Não há melhor lugar na primavera do que um *campus* de universidade, Ray pensou, aproximando-se do campo e procurando um bom lugar para assistir ao jogo. Garotas de short, um isopor sempre perto, muita alegria, festas improvisadas, o verão se aproximando. Ray estava com quarenta e três anos, solteiro e queria ser um estudante outra vez. Lecionar nos mantém jovens, todos dizem, talvez enérgica e mentalmente alertas, mas o que Ray queria era sentar ao lado de um isopor lá fora com os bagunceiros e atrair as garotas.

Um pequeno grupo de colegas dele, atrás da tela, sorriu corajosamente quando os professores entraram em campo em fila muito discreta. Vários mancavam. A metade deles usava protetores nos joelhos. Ele viu Carl Mirk, um reitor associado e seu melhor amigo, encostado numa cerca, o nó da gravata desfeito, o paletó dependurado num dos ombros.

— Um grupo triste, esse — Ray disse.

— Espere até vê-los jogar — Mirk disse. Carl era de uma pequena cidade de Ohio onde seu pai era juiz local, um santo local, avô de todo mundo. Carl também tinha fugido e jurado que jamais voltaria.

— Eu perdi o primeiro jogo — Ray disse.

— Foi uma lavada. Dezessete a zero depois de dois *innings*.

O primeiro batedor dos alunos cortou o primeiro arremesso na brecha do campo esquerdo, um duplo de rotina, mas, quando o jogador do campo esquerdo e o do centro chegaram, segurou a bola, chutou umas duas vezes, lutou por ela, depois a atirou para o jogador da base, o corredor foi para a última base e nenhum ponto foi marcado. Os desordeiros no campo esquerdo ficaram histéricos. Os alunos nas arquibancadas gritaram pedindo mais erros.

— Vai ficar pior — disse Mirk.

E ficou. Depois de mais desastres, Ray achou que tinha visto o suficiente.

— No começo da próxima semana, estarei fora da cidade — ele disse entre arremessos. — Fui chamado para casa.

— Dá para ver que está entusiasmado — Mirk disse. — Outro funeral?

— Não ainda. Meu pai vai reunir a família para conversar sobre seus bens.

— Eu sinto muito.

— Não precisa. Não há muito que conversar, nada para provocar brigas, por isso provavelmente vai ser desagradável.

— Seu irmão?

— Não sei quem vai criar mais problemas, irmão ou pai.

— Estarei pensando em você.

— Obrigado. Vou avisar meus alunos e passar trabalhos. Tudo deve ser providenciado.

— Quando você vai?

— No sábado, devo estar de volta na quarta, mas quem sabe?

— Estaremos aqui — Mirk disse. — E esperamos que esta série tenha acabado.

Uma bola rasteira rolou intocada entre as pernas do arremessador.

— Acho que acabou agora — Ray disse.

*

Nada era mais desanimador para Ray do que pensar em ir para casa. Havia mais de um ano não ia e, se nunca mais fosse, ainda não seria o bastante para seu gosto.

Comprou um burrito para viagem num restaurante mexicano e comeu num café, na calçada perto do ringue de patinação onde se reunia o bando de vândalos de cabelos negros, apavorando as pessoas. A velha rua Principal era agora uma galeria para pedestres — muito bonita, com cafés e lojas de antigüidades e vendedores de livros, os restaurantes com mesas na calçada para longas refeições no começo da noite.

Quando de repente ficou solteiro outra vez, Ray desfez a casa e se mudou para o centro da cidade, onde a maioria dos prédios antigos tinha sido

reformada servindo agora de moradia, mais ao estilo urbano. Seu apartamento de seis cômodos ficava em cima de um vendedor de tapetes persas. Tinha uma pequena sacada que dava para a galeria, e pelo menos uma vez por mês Ray convidava os alunos para uma lasanha.

Estava quase escuro quando ele abriu a porta na calçada e subiu a escada para o apartamento. Estava sozinho demais — sem companheira, sem cachorro, sem gato, sem peixinho dourado. Nos últimos anos, tinha conhecido duas mulheres que achou atraentes, mas não saiu com nenhuma. Estava muito assustado para começar um romance. Uma estudante atraente do terceiro ano chamada Kaley estava se insinuando para ele, mas suas defesas eram sólidas. Seu impulso sexual estava tão adormecido que tinha pensado em procurar um terapeuta ou talvez uma droga maravilhosa. Acendeu as luzes e verificou as mensagens no telefone.

Forrest tinha telefonado, um acontecimento raro, sem dúvida, mas não completamente inesperado. Tipicamente, Forrest apenas disse quem era, sem deixar um número de telefone. Ray fez chá sem cafeína e colocou uma fita de jazz, tentando procrastinar o telefonema e se preparar para ele. Era estranho que uma conversa por telefone com seu único irmão exigisse tanto esforço da sua parte, mas conversar com Forrest era sempre deprimente. Nenhum dos dois tinha mulher, nem filhos, nada em comum a não ser um nome e um pai.

Ray digitou o número da casa de Ellie, em Memphis. O telefone tocou por um longo tempo antes de Ellie atender.

— Alô, Ellie, é Ray Atlee — ele disse, cortesmente.

— Oh — ela rosnou, como se ele já tivesse telefonado oito vezes antes. — Ele não está aqui Vou bem, Ellie, e você? Bem, obrigado por perguntar. É bom ouvir sua voz. Como está o tempo por aí?

— Estou retornando o telefonema dele — disse Ray.

— Como eu disse, ele não está aqui.

— Eu ouvi. Tem algum outro telefone?

— Para quê?

— Para Forrest. Este ainda é o melhor número para encontrá-lo?

— Acho que sim. Ele fica aqui a maior parte do tempo.

— Por favor, diga que telefonei.

Eles se conheceram numa instituição para desintoxicação, ela por bebida, Forrest por um menu inteiro de substâncias ilegais. Na época ela pesava quarenta e nove quilos e afirmava que durante toda sua vida adulta tinha vivido

apenas de vodca. Ela se livrou do vício, saiu limpa, triplicou o peso e de algum modo pescou Forrest. Mais mãe do que namorada, ela agora tinha Forrest num quarto do porão da sua casa ancestral, uma sinistra e velha construção vitoriana, perto do centro de Memphis.

O telefone tocou quando estava ainda na mão de Ray.

— Ei, mano — Forrest disse. — Você telefonou?

— Retornando seu telefonema. Como vão as coisas?

— Bem, eu estava indo mais ou menos bem até receber uma carta do velho. Você também recebeu?

— Chegou hoje.

— Ele pensa que ainda é juiz e que somos dois pais delinqüentes, não acha?

— Ele sempre será o Juiz, Forrest. Você falou com ele? Forrest bufou e fez uma pausa.

— Não falo com ele ao telefone há dois anos, e não ponho os pés em casa há mais tempo do que posso lembrar. E não tenho certeza de que estarei lá no domingo.

— Você vai estar.

— Você falou com ele?

— Há três semanas. Eu telefonei, não ele. Ele parecia muito doente, Forrest. Acredito que não vai durar muito. Acho que você deve considerar seriamente...

— Não comece, Ray. Não vou ouvir um sermão.

Uma lacuna, uma imobilidade pesada enquanto os dois respiravam. Como viciado e de uma família proeminente, Forrest ouvira sermões e conselhos não solicitados por um tempo que parecia toda sua vida.

— Desculpe — Ray disse. — Eu estarei lá. E você?

— Acho que sim.

— Você está limpo? — Era uma pergunta tão pessoal, mas rotineira, como: como está o tempo? Com Forrest a resposta era sempre direta e verdadeira.

— Cento e trinta e nove dias, mano.

— Isso é ótimo.

Era e não era. Cada dia que passava sóbrio era um alívio, mas estar ainda contando depois de vinte anos, era desanimador.

— E estou trabalhando também — ele disse com orgulho.

— Maravilha. O que está fazendo?

— Estou arranjando casos para perseguidores de ambulância locais, um bando de filhos-da-mãe preguiçosos que anunciam na televisão a cabo e andam em volta dos hospitais. Eu arranjo os casos e recebo uma comissão.

Era difícil apreciar um trabalho tão desqualificado, mas com Forrest um emprego era boa notícia. Já tinha sido avalista de fiança, servidor de processos, agente recebedor, guarda de segurança, investigador e, uma vez ou outra, tinha tentado praticamente todos os empregos no nível mais baixo da profissão de direito.

— Nada mal — Ray disse.

Forrest começou a contar um empurra-empurra na sala de emergência de um hospital, e Ray começou a divagar. Seu irmão tinha também trabalhado como leão-de-chácara num bar de strip-tease, que durou pouco, só até ele levar duas surras na mesma noite. Passou um ano inteiro fazendo turismo no México, numa moto Harley-Davidson nova; nunca ficou muito claro quem patrocinou a viagem. Tinha tentado quebrar pernas para um usurário de Memphis, porém mais uma vez provou sua deficiência quando se tratava de violência.

Empregos honestos nunca atraíram Forrest, embora, para ser justo, os entrevistadores quase sempre desistiam quando viam sua ficha policial. Dois delitos graves, relacionados com drogas, ambos antes dos vinte anos, mas, de qualquer modo, a mancha era permanente.

— Você vai telefonar para o velho? — perguntou ele.

— Não. Eu o verei no domingo — respondeu Ray.

— A que horas você chega em Clanton?

— Não sei. Por volta das cinco, eu acho. Você?

— Deus disse cinco horas, não disse?

— Sim, ele disse.

— Então vou chegar um pouco depois das cinco. A gente se vê, mano.

Ray rodeou o telefone durante uma hora, resolvendo se telefonava para o pai só para dizer olá e decidiu que não, que qualquer coisa que dissesse agora podia ser dita depois, pessoalmente. O Juiz detestava telefones, especialmente os que tocavam à noite, perturbando sua solidão. Na maioria das vezes, ele simplesmente recusava-se a atender. E, quando atendia, era geralmente tão grosseiro e rabugento que a pessoa se arrependia do esforço.

Ele estaria com calça preta e uma camisa branca, com pequenos furos da cinza quente do cachimbo, engomada demais porque o Juiz sempre as usara

desse modo. Para ele, uma camisa social branca de algodão durava uma década, independentemente do número de manchas e de buracos de cinza quente, e era lavada e engomada toda semana na lavanderia da Mabe, na praça. A gravata seria tão velha quanto a camisa e o desenho neutro com pouca cor. Suspensórios azul-marinho, sempre.

E estaria ocupado na sua mesa, no escritório, sob o retrato do general Forrest, não sentado na varanda esperando que os filhos voltassem para casa. Ia querer que eles pensassem que tinha muito que fazer, mesmo numa tarde de domingo, e que a vinda deles não era tão importante.

CAPÍTULO 4

A VIAGEM DE CARRO PARA CLANTON levava quinze horas, mais ou menos, quando se ia com os caminhões, na estrada movimentada de quatro pistas lutando contra os engarrafamentos perto das cidades, e podia ser feita em um dia quando se tinha pressa. Ray não tinha pressa.

Pôs algumas coisas na mala do seu Audi TT conversível de dois lugares, comprado havia menos de uma semana, e não se despediu de ninguém porque ninguém se importava realmente se ele ia ou vinha, e saiu de Charlottesville. Não pretendia ultrapassar o limite de velocidade e não iria por uma estrada de quatro pistas, se pudesse evitar. Esse era seu desafio — uma viagem sem paradas longas para descanso. No banco de couro ao seu lado havia mapas, uma garrafa térmica de café forte, três charutos cubanos e uma garrafa de água.

Quando estava a alguns minutos a oeste da cidade, virou para a esquerda no Blue Ridge Parkway e começou a serpentear para o sul, seguindo o sopé das montanhas. O TT era um modelo 2000, apenas um ou dois anos saído da prancheta. Ray tinha visto o anúncio da Audi de um novo carro esporte havia cerca de dezoito meses e se apressou em encomendar o primeiro da cidade. Ainda não vira nenhum outro, mas o vendedor garantiu que o carro seria muito popular.

Num mirante, ele abriu a capota, acendeu um cubano e tomou café, depois continuou a viagem, na velocidade máxima de setenta e cinco quilômetros. Mesmo nesse passo, Clanton parecia já pairar ameaçador à sua frente.

Quatro horas depois, à procura de gasolina, Ray estava parado num sinal da rua Principal de uma pequena cidade da Carolina do Norte. Três advogados passaram na frente do carro, falando todos ao mesmo tempo, os três carregando pastas quase tão gastas quanto seus sapatos. Ele olhou para a esquerda e viu um tribunal. Olhou para a direita e os viu desaparecer num restaurante barato. De repente Ray sentiu fome, tanto de comida quanto dos sons de gente.

Os advogados estavam perto da janela da frente, ainda falando enquanto mexiam o café. Ray sentou a uma mesa não muito distante deles e pediu um

sanduíche triplo para uma velha garçonete que servia os advogados havia décadas. Um copo de chá gelado, um sanduíche, e ela escreveu tudo, detalhadamente. Provavelmente ordens do chef, ele pensou.

Os advogados tinham passado a manhã toda no tribunal, discutindo sobre um pedaço de terra nas montanhas. A terra fora vendida, seguiu-se um processo etc, e agora eles estavam no julgamento. Tinham chamado testemunhas, citado precedentes para o juiz, disputado cada palavra dita pelos outros e, de modo geral, se entusiasmaram ao ponto de precisar de um intervalo.

E era isso que meu pai queria que eu fizesse, Ray quase disse em voz alta. Ele estava escondido atrás do jornal local, fingindo ler, mas ouvindo a conversa dos advogados.

O sonho do Juiz Reuben Atlee para seus filhos era que terminassem a faculdade de direito e voltassem para Clanton. Ele se aposentaria, e juntos eles abririam um escritório na praça. Lá, seguiriam a vocação honrosa e ele os ensinaria a ser advogados — advogados cavalheiros, advogados do interior.

Advogados quebrados, era como Ray via as coisas. Como todas as cidades pequenas no sul, Clanton estava repleta de advogados. Todos amontoados nos prédios de escritórios na praça, na frente do tribunal. Eles dirigiam a política, os bancos e os clubes cívicos, as diretorias das escolas, até a igreja e os clubes menores de futebol. Onde, exatamente, em volta da praça ele devia se encaixar?

Durante as férias de verão, no colégio e na faculdade de direito, Ray tinha trabalhado para o pai. Sem ganhar nada, é claro. Ele conhecia todos os advogados de Clanton. Como um todo, eram boa gente. Só que eram muitos.

A virada de Forrest para o vício aconteceu cedo e pressionou mais ainda Ray para seguir o pai na vida de nobre pobreza. Ele resistiu à pressão e, quando terminou o primeiro ano da faculdade de direito, prometeu a si mesmo ter coragem para não ficar em Clanton. Levou outro ano para conseguir coragem para dizer ao pai, que passou oito meses sem falar com ele. Quando Ray se formou na faculdade, Forrest estava na cadeia. O juiz Atlee chegou tarde na formatura, sentou na última fila, saiu cedo e não disse nada para Ray. Foi preciso o primeiro enfarte para reuni-los outra vez.

Mas o dinheiro não foi a razão principal de Ray fugir de Clanton. Atlee & Atlee nunca conseguiu se levantar porque o sócio mais novo queria escapar da sombra do mais velho.

O juiz Atlee era um grande homem numa cidade pequena.

Ray encontrou gasolina na saída da cidade e logo estava de volta às

montanhas, na estrada, a setenta e cinco quilômetros por hora. Às vezes a sessenta. Parou no mirante e admirou o cenário. Evitou as cidades e estudou os mapas. Todas as estradas levavam, mais cedo ou mais tarde, ao Mississipi.

Perto da divisa do estado da Carolina do Norte, encontrou um velho motel que anunciava ar-condicionado, TV a cabo e quartos limpos, por 29,99 dólares, numa tabuleta torta e enferrujada nas bordas. A inflação tinha chegado com a TV a cabo, porque o quarto custava agora 40 dólares. Ao lado do motel, havia um café aberto a noite toda, onde Ray comeu rissoles, o especial daquela noite. Depois do jantar, sentou num banco, na frente do motel e fumou outro charuto, enquanto via passarem os raros carros.

No outro lado da estrada, a cem metros, havia um cinema drive-in abandonado. A marquise tinha caído e estava coberta de trepadeiras e de mato. A tela grande e a cerca em volta do terreno havia muitos anos vinha desmoronando.

Clanton tivera um drive-in igual, onde a estrada entrava na cidade. Pertencia a uma cadeia do norte e oferecia aos habitantes os típicos filmes de orgias na praia, de terror e kung-fu, que atraíam os jovens e davam aos ministros das igrejas assunto para sermões de protesto. Em 1970, os poderes do norte resolveram poluir o sul mais uma vez, enviando filmes pornográficos.

Como a maioria das coisas boas e más, a pornografia chegou tarde ao Mississipi. Quando o letreiro anunciou *The Cheerleaders,* o filme passou despercebido pelo tráfego que passava pela cidade. Quando *XXX* foi acrescentado no dia seguinte, o tráfego parou e

os ânimos se esquentaram nos cafés em volta da praça. O filme começou numa segunda-feira à noite para um pequeno grupo de curiosos, de certa forma entusiasmados. As críticas na escola foram favoráveis, e na terça-feira bandos de adolescentes se escondiam nos bosques, muitos com binóculos, assistindo incrédulos. Depois da reunião na igreja, na noite de quarta-feira, os pregadores se organizaram e lançaram um contra-ataque, que se baseava mais em provocações do que em táticas eficientes.

Tomando como exemplo os protestos dos defensores dos direitos civis, um grupo com o qual não simpatizavam, eles conduziram os rebanhos para a estrada, na frente do drive-in, carregando faixas escritas, e começaram a rezar, cantar hinos e a anotar apressadamente as placas dos carros que tentavam entrar.

O negócio fechou como uma torneira. O grupo do norte entrou imediatamente com um processo na Justiça, exigindo a anulação do mandado de

segurança. Os religiosos também entraram na Justiça, e não foi surpresa quando tudo acabou no tribunal do excelentíssimo juiz Reuben V. Atlee, um membro antigo da Primeira Igreja Presbiteriana, um descendente dos Atlee que tinham erguido o santuário original e, durante os últimos trinta anos, professor da escola dominical dos velhos que se reuniam na cozinha no porão da igreja.

As audiências duraram três dias. Como nenhum advogado de Clanton queria defender *The Cheerleaders,* os donos do cinema foram representados por uma grande firma de Jackson. Uma dezena de locais falaram contra o filme e a favor dos religiosos.

Dez anos depois, quando ele estava na faculdade de direito, em Tulane, Ray estudou a opinião do pai sobre o caso. De acordo com a maioria dos casos federais, a opinião do juiz Atlee protegia os direitos dos manifestantes, com algumas restrições. E, citando um caso recente de obscenidade julgado pela Suprema Corte, ele permitiu que o espetáculo continuasse.

Juridicamente, a opinião não podia ser mais perfeita. Politicamente, não podia ser pior. Ninguém ficou satisfeito. O telefone tocava à noite com ameaças anônimas. Os ministros religiosos denunciaram Reuben Atlee como traidor. Espere até a próxima eleição, eles prometiam dos púlpitos.

Cartas inundaram o *Clanton Chronicle* e *The Ford County Times,* todas censurando o juiz Atlee por permitir aquela sujeira na sua comunidade imaculada. Quando finalmente o Juiz ficou farto da crítica, resolveu falar. Escolheu o domingo na Primeira Igreja Presbiteriana como o lugar e a hora, e a notícia correu rapidamente por toda a cidade, como sempre acontecia era Clanton. Perante a igreja lotada, o juiz Atlee entrou Confiantemente pela passagem central e subiu os degraus atapetados do púlpito. Ele tinha mais de um metro e oitenta de altura, era forte e o terno preto emprestava uma aura de poder. "Um juiz que conta votos antes do julgamento deve queimar sua toga e fugir para além da divisa do condado", ele começou, severo.

Ray e Forrest estavam sentados o mais longe possível, num canto do balcão, quase chorando. Tinham pedido ao pai para não serem obrigados a ir à igreja, mas perder o serviço religioso não era possível em nenhuma circunstância.

O Juiz explicou aos menos informados que devia seguir os precedentes legais, independentemente dos pontos de vista ou das opiniões pessoais, e que os bons juízes obedeciam à lei. Os juízes fracos obedeciam ao povo. Juízes fracos agem pelos votos e depois alegam fraude, quando suas decisões covardes

entram com apelo nos tribunais mais altos.

— Podem me chamar do que quiserem — ele disse para a multidão silenciosa — , mas não sou covarde.

Ray podia ainda ouvir as palavras, ver ainda o pai de longe, de pé, sozinho, como um gigante.

Depois de mais ou menos uma semana, os manifestantes se cansaram e os filmes pornográficos foram até o fim. Kung-fu voltou com toda a força e todo mundo ficou feliz. Dois anos depois, o juiz Atlee recebeu seus oitenta por cento de sempre dos votos de Ford County.

Ray jogou o charuto num arbusto e foi para o quarto. A noite estava fresca, ele abriu a janela e ouviu os carros que saíam da cidade e desapareciam na montanha.

CAPÍTULO 5

CADA RUA TINHA UMA HISTÓRIA, cada prédio, uma lembrança. Os que foram abençoados com uma infância maravilhosa podiam passar de carro por suas cidades natais e relembrar o passado. O resto parava em casa por dever e ia embora o mais cedo possível. Depois de quinze minutos em Clanton, Ray estava ansioso para ir embora.

A cidade tinha mudado, e por outro lado era a mesma. Nas estradas que levavam a ela, o número de prédios vulgares de metal e trailers móveis era cada vez maior, tudo amontoado o mais possível ao lado das ruas para maior visibilidade. Ford County não tinha leis de zoneamento. Um proprietário de terras podia construir sem permissão, sem inspeção, sem código, sem avisar os proprietários vizinhos, sem nada. Só fazendas de criação de porcos e usinas nucleares precisavam de aprovação de uma vasta papelada. O resultado era um triste amontoamento de cortar-e-construir, cada ano mais feio.

Mas nas áreas antigas, perto da praça, a cidade não tinha mudado. As ruas longas e arborizadas estavam tão claras e limpas como quando Ray andava por elas na sua bicicleta. A maioria das casas pertencia ainda a pessoas que ele conhecia ou, no caso de essas pessoas terem morrido, os novos proprietários mantinham a grama aparada e as janelas pintadas. Poucas estavam negligenciadas. Algumas estavam abandonadas.

No interior da região da Bíblia, a norma tácita era ainda não fazer quase nada aos domingos exceto ir à igreja, sentar nas varandas, visitar vizinhos, descansar e relaxar, segundo a intenção de Deus.

O céu estava encoberto, o tempo, bastante fresco para maio, e ele passeava no seu antigo território, matando tempo até a hora marcada. Ray tentou reviver as boas lembranças de Clanton.

Havia o parque Dizzy Dean, onde ele jogava no time dos Piratas, e havia a piscina pública, onde ele nadava durante o verão, exceto em 1969, quando a cidade a fechou para não ter de admitir crianças negras. Havia as igrejas — Batista, Metodista e Presbiteriana — uma na frente da outra, no cruzamento da Segunda com Elm, como sentinelas cansadas, as torres competindo em altura.

Estavam vazias agora, mas dentro de uma hora mais ou menos mais fiéis se reuniriam para o ritual da noite.

A praça estava tão vazia quanto as ruas que saíam dela. Com oito mil habitantes, Clanton tinha apenas o tamanho suficiente para atrair as lojas de descontos que inundaram muitas cidades pequenas. Mas aqui o povo fora fiel aos seus negociantes do centro da cidade e não havia um único prédio vazio ou fechado, em volta da praça — um milagre sem dúvida. As lojas de varejo se misturavam com os bancos e os escritórios de advocacia e com os cafés, todos fechados para o Sabá.

Chegou ao cemitério e examinou a área dos Atlee na parte antiga, onde os jazigos eram mais imponentes. Alguns dos seus ancestrais tinham construído monumentos para seus mortos. Ray sempre pensou que o dinheiro da família que ele jamais tinha visto estava enterrado naqueles túmulos. Estacionou o carro, desceu e foi até o túmulo de sua mãe, uma coisa que havia anos não fazia. Ela estava enterrada entre os Atlee, na periferia da área, porque praticamente jamais havia pertencido à família.

Logo, em menos de uma hora estaria sentado no escritório do Juiz, tomando o horrível chá instantâneo e recebendo instruções exatas sobre como seu pai queria ser enterrado. Muitas ordens seriam dadas, muitos decretos e orientações, porque o Juiz era um grande homem e se preocupava com o modo pelo qual seria lembrado.

Outra vez no carro, Ray passou pela torre de água, onde subira duas vezes, e a segunda com a polícia esperando embaixo. Fez uma careta para seu antigo colégio, um lugar que jamais visitou depois de se formar. Atrás ficava o campo de futebol, onde Forrest Atlee usava de violência contra os oponentes e quase ficou famoso antes de ser expulso do time.

Faltavam vinte minutos para as cinco, domingo, 7 de maio. Hora da reunião de família.

*

Não havia sinal de vida em Maple Run. O gramado na frente fora aparado nos últimos dias e o antigo Lincoln preto do Juiz estava estacionado atrás, mas a

não ser por essas duas peças de evidência não havia nenhum sinal de que alguém morava ali havia anos.

A frente da casa era dominada por quatro colunas sob um pórtico e quando Ray morava ali as colunas eram pintadas de branco. Agora eram verdes, cobertas por trepadeiras e hera. A glicínia crescia livre no topo das colunas e no telhado. O mato envolvia tudo — canteiros, arbustos, os caminhos do jardim.

As lembranças o atacaram com força, como sempre acontecia, quando entrou lentamente na entrada de veículos e balançou a cabeça vendo a condição da casa, antes bonita. E sempre a mesma onda de culpa. Ele devia ter ficado, devia ter ouvido o velho e fundado o escritório de Atlee & Atlee, devia ter se casado com uma moça da cidade e tido meia dúzia de descendentes que morariam em Maple Run, adorando o Juiz e fazendo-o feliz na sua velhice.

Ele bateu a porta do carro com a maior força possível, esperando alertar quem quer que fosse que precisava ser alertado, mas o barulho caiu suavemente em Maple Run. A casa vizinha ao leste era outra relíquia ocupada por uma família de solteironas que havia décadas começara a morrer. Era também uma casa de antes da guerra civil, mas sem as trepadeiras, sem o mato e completamente cercada por cinco dos maiores carvalhos de Clanton.

Os degraus da frente e a varanda tinham sido varridos recentemente. Uma vassoura estava encostada na porta, um pouco aberta. O Juiz recusava-se a trancar a casa, e como se recusava também a usar ar-condicionado deixava janelas e portas abertas dia e noite.

Ray respirou fundo e empurrou a porta até ela bater na parede fazendo barulho. Entrou e esperou o cheiro, fosse qual fosse dessa vez. Durante anos, o Juiz teve um gato com maus hábitos, e a casa sofreu os resultados. Mas o gato não existia mais e o cheiro não era desagradável. O ar estava quente e empoeirado, e repleto do perfume pesado do fumo do cachimbo.

— Alguém em casa? — ele disse, mas não em voz muito alta. Nenhuma resposta.

O Vestíbulo, como o resto da casa, era usado para guardar as caixas de pastas e papéis antigos, aos quais o Juiz se apegava como se fossem importantes. Estavam ali desde que o condado o despejou do tribunal. Ray olhou para a direita, para a sala de jantar onde nada tinha mudado em quarenta anos e passou pelo canto, para o corredor também cheio de caixas. Alguns poucos passos e ele olhou para dentro do escritório do pai.

O Juiz estava cochilando no sofá.

Ray recuou depressa e foi para a cozinha, onde, surpreendentemente não havia pratos sujos e as bancadas estavam limpas. A cozinha geralmente estava em desordem, mas não nesse dia. Encontrou um refrigerante diet na geladeira e sentou à mesa tentando resolver se acordava o pai ou adiava o inevitável. O velho estava doente e precisava descansar, por isso Ray tomou o refrigerante, vendo o relógio acima do fogão mover os ponteiros lentamente para as 5 horas.

Forrest ia aparecer, ele tinha certeza. A reunião era muito importante para não comparecer. Ele nunca chegou na hora em toda sua vida. Recusava-se a usar um relógio e dizia que nunca sabia que dia era, e a maioria das pessoas acreditava nele.

Exatamente às cinco, Ray resolveu que estava cansado de esperar. Tinha feito uma longa viagem para aquele momento e queria tratar dos negócios. Entrou no escritório, viu que o pai não tinha se mexido e por um ou dois longos minutos ficou parado sem querer acordá-lo, mas ao mesmo tempo sentindo-se um intruso.

O Juiz vestia a mesma calça preta e a mesma camisa branca engomada que usava desde que Ray podia lembrar. Suspensórios azul-marinho, sem gravata, meias pretas e sapatos também pretos. Tinha emagrecido e parecia engolido pela roupa. O rosto estava macilento e pálido, o cabelo ralo e penteado para trás. Estava com as mãos cruzadas na cintura, quase tão brancas quanto a camisa.

Perto das mãos, preso ao lado direito do cinto, Ray viu um pequeno saco branco de plástico. Chegou mais perto com um passo silencioso, para ver melhor. Era morfina.

Ray fechou os olhos, abriu-os e olhou em volta. A escrivaninha com tampa corrediça sob o retrato do general Forrest estava na mesma, com a antiga máquina de escrever Underwood e uma pilha de papéis ao lado. A poucos centímetros dela, a grande mesa de mogno deixada pelo Atlee que lutara com Forrest.

Sob o olhar severo do general Nathan Bedford Forrest, e no centro da sala eterna, Ray começou a perceber que o pai não estava respirando. Compreendeu isso lentamente. Tossiu e não teve nenhuma reação. Então se inclinou e tocou o pulso esquerdo do Juiz. Não havia pulso.

O juiz Reuben V. Atlee estava morto.

CAPITULO 6

HAVIA UMA ANTIGA CADEIRA DE VIME com almofada rasgada e uma manta puída no espaldar. Ninguém a usava a não ser o gato. Ray recuou para ela, porque era o único lugar para sentar e por um longo tempo ficou sentado, na frente do sofá, esperando que o pai começasse a respirar, que acordasse, sentasse, se encarregasse de tudo, dizendo: "Onde está Forrest?"

Mas o Juiz estava imóvel. A única respiração em Maple Run eram os esforços de Ray para se controlar. A casa estava silenciosa, o ar parado mais pesado do que nunca. Ele olhou para as mãos pálidas que descansavam em paz e esperou que elas se movessem pelo menos um pouco. Que se movessem para cima e para baixo, muito devagar, à medida que o sangue começasse a ser bombeado outra vez e os pulmões se enchessem e se esvaziassem. Mas nada aconteceu. Seu pai estava rígido como uma tábua, mãos e pés juntos, queixo no peito, como se soubesse quando se deitou que esse último sono seria eterno. Os lábios estavam fechados com a insinuação de um sorriso. A droga poderosa tinha acabado com a dor.

Quando começou a se refazer do choque, vieram as perguntas. Há quanto tempo ele estava morto? O câncer o tinha vencido afinal ou o velho homem aumentara a dose da morfina? Que diferença fazia? Isso tinha sido preparado para os filhos? Onde diabo estava Forrest? Não que ele pudesse ser de alguma ajuda.

Sozinho com seu pai pela última vez, Ray conteve as lágrimas e lutou contra todas as perguntas atormentadoras, por que não vim antes e mais vezes e por que não escrevi nem telefonei, e a lista interminável continuaria, se ele permitisse.

Em vez disso, finalmente se moveu. Ajoelhou silenciosamente ao lado do sofá, pôs a cabeça no peito do Juiz, murmurou: "Eu o amo, papai", depois fez uma breve oração. Quando levantou, tinha lágrimas nos olhos, contra sua vontade. O irmão mais novo podia chegar, e Ray estava determinado a tratar a situação sem demonstrar emoção.

Na mesa de mogno, encontrou o cinzeiro com dois cachimbos. Um

estava vazio. O outro ainda cheio de fumo, recentemente usado. Estava morno, pelo menos Ray achou que estava, mas não tinha certeza. Podia ver o Juiz fumando enquanto arrumava os papéis na escrivaninha. Não queria que os filhos vissem muita desordem, depois, quando a dor chegou, deitou no sofá, um pouco de morfina para aliviar e se foi.

Ao lado da Underwood, estava um dos envelopes oficiais do Juiz, e na frente, datilografado: "Ultima Vontade e Testamento de Reuben V. Atlee." Debaixo, a data do dia anterior, 6 de maio de 2000. Ray apanhou o envelope e saiu do escritório. Achou outro refrigerante diet na geladeira, foi para a varanda e sentou para esperar Forrest.

Devia telefonar para a funerária e mandar retirar o corpo antes de Forrest chegar? Debateu isso furiosamente por algum tempo, e então leu o testamento. Era um documento de uma página, sem nenhuma surpresa.

Resolveu esperar até as 6 horas em ponto, e se Forrest não tivesse chegado telefonaria para a funerária.

O Juiz ainda estava morto, quando Ray voltou ao escritório, o que não era nenhuma surpresa. Deixou o envelope onde estava, perto da máquina de escrever, examinou alguns papéis e no começo sentiu-se estranho fazendo isso. Mas ia ser o inventariante do espólio e logo estaria encarregado de todos os papéis. Ia inventariar os bens, pagar as contas, ajudar a administrar o que restava do dinheiro da família Atlee e finalmente encerrar o assunto. O testamento dividia tudo entre os dois filhos, por isso seria um trabalho claro e relativamente simples.

Olhando as horas e esperando o irmão, Ray andou pelo escritório, cada passo observado atentamente pelo general Forrest. Ray andava silenciosamente ainda não querendo perturbar o pai. As gavetas da escrivaninha estavam cheias de papel de carta. Havia uma pilha de correspondência atual na mesa de mogno.

Atrás do sofá, ficava uma parede coberta por estantes de livros, repleta de tratados de direito que pareciam esquecidos havia décadas. As prateleiras eram de nogueira e construídas como presente de um assassino libertado da prisão pelo avô do Juiz, no fim do século passado, segundo as histórias da família que, via de regra, nunca foram questionadas, até Forrest aparecer. As prateleiras estavam em cima de um aparador longo de nogueira com não mais de um metro de altura. O móvel tinha seis portas pequenas e era usado para depósito. Ray nunca abrira o aparador. O sofá ficava na frente e quase o escondia completamente.

Uma das portas estava aberta. Dentro, Ray viu uma pilha de caixas verdes de papel de carta, da Blake & Son, as mesmas que via desde que podia se lembrar. Blake & Son era uma antiga gráfica de Memphis. Praticamente todos os advogados e juízes no estado compravam papel de carta da Blake & Son e faziam isso havia séculos. Ele se abaixou e passou para trás do sofá, para ver melhor. Os espaços eram escaninhos pequenos e escuros.

Uma caixa de envelopes, sem tampa, estava sobre a porta aberta, a poucos centímetros do chão. Mas não havia nenhum envelope dentro dela. A caixa estava cheia de dinheiro — notas de cem dólares. Centenas delas empilhadas cuidadosamente numa caixa de trinta centímetros de largura por cinqüenta de comprimento e uns doze centímetros de profundidade. Ele ergueu a caixa e sentiu o peso. Havia dezenas delas escondidas nas profundezas do aparador.

Ray tirou outra da coleção. Também cheia de notas de cem dólares. A terceira a mesma coisa. Na quarta caixa as notas estavam presas com tiras de papel amarelo onde estava escrito 2.000 dólares. Ele contou rapidamente cinqüenta e três tiras.

Cento e seis mil dólares.

Ele se moveu de quatro, atrás do sofá e com cuidado para não tocar em algo e perturbar alguém, abriu as outras cinco portas do aparador. Havia pelo menos vinte caixas verde-escuras da Blake & Son.

Ray ficou de pé e saiu pela porta do escritório, atravessou o Vestíbulo e foi até a varanda à procura de ar fresco. Estava atordoado e, quando sentou no primeiro degrau, uma grande gota de suor rolou por seu nariz e caiu na sua calça.

*

Embora não fosse possível pensar com clareza, Ray conseguiu fazer um cálculo rápido. Supondo que havia vinte caixas, cada uma com pelo menos cem mil dólares, o total era muito mais do que o Juiz havia ganho em trinta e dois anos de profissão. Seu posto de chanceler era de tempo integral, nada por fora, e não muito desde sua derrota, nove anos antes.

Ele não jogava e ao que Ray sabia nunca comprou uma única ação da

bolsa.

Um carro se aproximava da casa. Ray ficou imóvel imediatamente, temendo que fosse Forrest. O carro passou e Ray, levantando de um salto, correu para o escritório. Levantou uma extremidade do sofá e o empurrou uns quinze centímetros para longe das estantes. Depois fez o mesmo com o outro lado do móvel. Ajoelhou-se e começou a retirar as caixas da Blake & Son. Quando tinha uma pilha de cinco caixas, levou-as para um pequeno quarto atrás da despensa, onde Irene, a empregada, costumava guardar as vassouras e os esfregões. As vassouras e os esfregões estavam ainda lá, aparentemente intocados desde a morte de Irene. Ray afastou teias de aranha e pôs as caixas no chão.

O armário de vassouras não tinha janelas e não podia ser visto da cozinha.

Da sala de jantar ele olhou para fora, para a frente da casa, não viu nada e voltou depressa para o escritório, fez outra pilha de sete caixas da Blake & Son e as levou para o armário das vassouras. De volta para a janela da sala de jantar, ninguém lá fora, outra vez no escritório onde o Juiz esfriava cada vez mais. Mais duas viagens ao armário das vassouras e o serviço terminou. Vinte e sete caixas no total, todas guardadas com segurança onde ninguém as podia encontrar.

Eram quase seis da tarde quando Ray foi até o carro e tirou a mala com roupas de pernoite. Precisava de uma camisa seca e de uma calça limpa. A casa estava cheia de pó e terra, e tudo que ele tocava deixava uma mancha escura nas mãos. Lavou as mãos e o rosto, e se enxugou com uma toalha no único banheiro do andar térreo. Então arrumou o escritório, pôs o sofá no lugar e foi de quarto em quarto, procurando mais aparadores.

Estava no segundo andar, no quarto do Juiz com as janelas abertas, examinando os closets quando ouviu um carro na rua. Correu para baixo e conseguiu chegar à varanda no momento em que Forrest estacionou atrás do seu Audi. Ray respirou fundo e tentou se acalmar.

O choque do pai morto era bastante para um dia. O choque do dinheiro o deixou trêmulo.

Forrest subiu os degraus, o mais devagar possível, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça branca esporte. Botas de combate pretas e brilhantes, com cordões verdes. Sempre diferente.

— Forrest — Ray disse, em voz baixa, e o irmão olhou para ele.

— Oi, mano.

— Ele está morto.

Forrest parou e por um momento olhou atentamente para Ray, depois para a rua. Vestia um velho blazer marrom sobre a camiseta vermelha, uma combinação que ninguém a não ser Forrest ousaria. Como o primeiro espírito livre assumido de Clanton, ele sempre procurou parecer sofisticado, excêntrico, *âvant-garde,* hippie.

Estava um pouco mais gordo e parecia bem. O cabelo longo cor de areia começava a ficar grisalho mais depressa que o de Ray. Estava com um boné velho de beisebol dos Cubs.

— Onde ele está?

— Lá dentro.

Forrest empurrou a porta de tela, e Ray entrou com ele na casa. Parou na porta do escritório, como se não soubesse o que fazer. Forrest olhou para o pai com a cabeça um pouco inclinada para o lado, e Ray pensou que ele ia desmaiar. Como se tentando agir, as emoções de Forrest estavam sempre à flor da pele. Ele murmurou: "Oh, meu Deus", depois caminhou desajeitadamente para a cadeira de vime e sentou, olhando incrédulo para o Juiz.

— Ele está mesmo morto? — conseguiu dizer, com os músculos do rosto tensos.

— Sim, Forrest.

Forrest engoliu em seco, procurando conter as lágrimas, e finalmente disse: — Quando você chegou aqui?

Ray sentou numa banqueta e olhou para o irmão.

— Mais ou menos às cinco horas, acho. Entrei, pensei que ele estava cochilando e então vi que estava morto.

— Sinto muito que você o tenha encontrado — Forrest disse, enxugando os cantos dos olhos.

— Alguém tinha de encontrar.

— O que fazemos agora?

— Telefonamos para a funerária.

Forrest assentiu com um movimento da cabeça como se soubesse que era exatamente o que se faz nessas circunstâncias. Levantou devagar e foi até o sofá. Tocou nas mãos do pai.

— Há quanto tempo ele está morto? — murmurou, com voz rouca e tensa.

— Eu não sei. Umas duas horas.

— O que é aquilo?

— Um pacote de morfina.

— Você acha que ele aplicou um pouco demais de propósito?

— Espero que sim — Ray disse.

— Acho que devíamos ter estado aqui.

— Não vamos começar com isso.

Forrest olhou em volta como se nunca tivesse estado ali antes. Foi até a escrivaninha e olhou para a máquina de escrever.

— Acho que afinal de contas ele não vai mais precisar de uma fita nova — ele disse.

— Acho que não — Ray concordou, olhando para o aparador atrás do sofá. — Há um testamento, se você quiser ler. Assinado ontem.

— O que diz?

— Dividimos tudo. Eu sou o inventariante.

— É claro que você é o inventariante. — Ele foi para trás da mesa de mogno e olhou rapidamente para as pilhas de papéis em cima dela. — Nove anos desde que estive pela última vez nesta casa. É difícil de acreditar, não é?

— Sim, é.

— Eu passei por aqui alguns dias depois da eleição, disse a ele o quanto sentia o resultado da votação, depois pedi dinheiro. Discutimos.

— Vamos, Forrest, agora não.

Histórias da guerra entre Forrest e o Juiz podiam ser contadas por uma eternidade.

— Não consegui aquele dinheiro — ele murmurou abrindo uma gaveta da mesa. — Acho que precisamos examinar tudo, certo?

— Sim, mas não agora.

— Você se encarrega disso, Ray. Você é o inventariante. Você fica com o trabalho sujo.

— Precisamos telefonar para a funerária.

— Eu preciso de um drinque.

— Não, Forrest, por favor.

— Pare com isso, Ray. Tomo um drinque sempre que quiser.

— Isso já foi provado uma centena de vezes. Venha, eu telefono para a funerária e esperamos na varanda.

Um policial chegou primeiro, um homem jovem de cabeça raspada, parecendo que alguém havia interrompido sua sesta de domingo obrigando-o a entrar em ação. Fez perguntas na varanda, depois olhou o corpo. Relatórios

tinham de ser feitos, e enquanto ele fazia Ray preparou chá instantâneo com muito açúcar.

— Causa da morte? — o policial perguntou.

— Câncer, coração, diabetes, idade — Ray disse. Ele e Forrest balançavam-se lentamente no balanço da varanda.

— Isso não chega? — Forrest perguntou, como um verdadeiro espertalhão. Qualquer respeito que ele pudesse ter tido por policiais havia muito tempo acabara.

— Vão querer autópsia?

— Não — disseram juntos.

Ele terminou os formulários, e Ray e Forrest assinaram. Quando saiu, Ray disse: — A notícia vai se espalhar como fogo na floresta.

— Não na nossa bela cidadezinha.

— E difícil de acreditar, não é? As pessoas gostam mesmo de fofocas.

— Eu os mantive ocupados durante vinte anos.

— Sem dúvida.

Um ao lado do outro, seguravam os copos vazios.

— Então, o que há no espólio? — Forrest perguntou finalmente.

— Quer ver o testamento?

— Não, você me diz.

— Ele fez uma lista dos bens: a casa, móveis, carro, livros, seis mil dólares no banco.

— Isso é tudo?

— Tudo que ele mencionou — Ray disse, evitando a mentira.

— Certamente deve haver mais dinheiro do que isso por aqui — Forrest disse, pronto para começar a procurar.

— Acho que ele doou tudo — Ray disse calmamente.

— E sua aposentadoria do estado?

— Ele retirou o total quando perdeu a eleição, um grande erro. Custou-lhe dezenas de milhares de dólares. Estou supondo que ele doou todo o resto.

— Você não vai me enganar, vai, Ray?

— Deixa disso, Forrest, não há nada para disputar.

— Alguma dívida?

— Ele diz que não.

— Nada mais?

— Você pode ler o testamento se quiser.

— Não agora.

— Ele assinou ontem.

— Acha que ele planejou tudo?

— Certamente é o que parece.

Um carro fúnebre perto da Casa Funerária Magargel parou na rua, na frente de Maple Run e seguiu devagar pela entrada de veículos.

Forrest se inclinou para a frente, cotovelos nos joelhos, o rosto apoiado na mão, e começou a chorar.

CAPITULO 7

ATRÁS DO CARRO FÚNEBRE, vinha o legista, Thurber Foreman, no mesmo Dodge vermelho de quando Ray estava na universidade, e atrás de Thurber estava o reverendo Silas Palmer da Primeira Igreja Presbiteriana, um pequeno escocês que não envelhecia e que tinha batizado os dois filhos de Atlee. Forrest saiu de mansinho e se escondeu no quintal, enquanto Ray recebia os homens na varanda da frente. Pêsames foram apresentados. O senhor B. J. Magargel da casa funerária e o reverendo Palmer pareciam estar quase chorando. Thurber tinha visto inúmeros mortos. Não tinha interesse financeiro nesse, entretanto, e parecia estar indiferente, pelo menos naquele momento.

Ray os levou ao escritório onde eles respeitosamente examinaram o juiz Atlee o tempo suficiente para Thurber declarar oficialmente que ele estava morto. Fez isso sem palavras, mas simplesmente inclinou a cabeça para o senhor Magargel com um movimento sombrio e burocrático do queixo para baixo, que dizia: "Ele está morto. Podem levá-lo agora." O senhor Magargel inclinou também a cabeça completando o ritual silencioso tantas vezes repetido pelos dois.

Thurber tirou do bolso uma folha de papel e fez as perguntas básicas. O nome completo do Juiz, data e lugar de nascimento, parentes mais próximos. Pela segunda vez, Ray disse que não queriam autópsia.

Ray e o reverendo Palmer sentaram lado a lado à mesa de jantar. O ministro estava muito mais emocionado do que o filho. Ele adorava o Juiz e o considerava um amigo íntimo.

Uma cerimônia religiosa digna de um homem da estatura de Reuben Atlee atrairia muitos amigos e admiradores, e devia ser bem planejada.

— Reuben e eu falamos a esse respeito há muito tempo — Palmer disse, em voz baixa e áspera, prestes a cair no choro a qualquer momento.

— Isso é bom — Ray disse.

— Ele escolheu os hinos e as escrituras, e fez uma lista dos que vão carregar o caixão.

Ray não tinha pensado ainda nesses detalhes. Talvez tivesse lembrado, se

não acabasse esbarrando com alguns milhões em dinheiro vivo. Seu cérebro sobrecarregado ouvia as palavras de Palmer e entendia quase todas, mas depois voltava para o armário das vassouras e começava a rodopiar outra vez. De repente Ray ficou nervoso com o fato de Thurber e Magargel estarem sozinhos com o Juiz no escritório. Relaxe, ele repetia constantemente para si mesmo.

— Obrigado — ele disse, realmente aliviado por terem resolvido os detalhes. O assistente do senhor Magargel entrou no hall com uma maca com rodas e lutou para fazer com que ela passasse pela porta do escritório do Juiz.

— E ele queria velório — o reverendo disse. Velórios eram tradicionais, um prelúdio necessário para um enterro adequado, especialmente para os velhos.

Ray assentiu inclinando a cabeça.

— Aqui, na casa.

— Não — Ray disse imediatamente. — Aqui não.

Assim que ficasse sozinho, queria inspecionar cada centímetro da casa à procura de mais dinheiro. E estava muito preocupado com as caixas já escondidas no armário das vassouras. Quanto havia nelas? Quanto tempo levaria para contar? Era dinheiro real ou falso? De onde tinha vindo? O que ia fazer com ele? Para onde o levaria? A quem contaria? Precisava ficar sozinho por algum tempo para pensar, organizar as coisas e fazer um plano.

— Seu pai foi muito claro a esse respeito — Palmer disse.

— Desculpe, reverendo. Teremos um velório, mas não aqui.

— Posso perguntar por quê?

— Minha mãe.

Ele sorriu, inclinou a cabeça assentindo e disse: — Eu lembro da sua mãe.

— Eles a puseram naquela mesa na sala da frente, e durante dois dias a cidade inteira desfilou na frente do caixão. Meu irmão e eu nos escondemos lá em cima e amaldiçoamos nosso pai por aquele espetáculo. — A voz de Ray estava firme, o olhar decidido. — Não vamos ter um velório nesta casa, reverendo.

Ray estava sendo completamente sincero. Estava também preocupado com a segurança da casa. Um velório ia exigir uma limpeza geral na casa e o preparo de comida por um bufê e flores do florista. E toda essa atividade começaria de manhã.

— Eu compreendo — o reverendo disse.

O assistente saiu de costas, puxando a maca, empurrada de leve pelo

senhor Magargel. O Juiz estava coberto da cabeça aos pés com um lençol branco engomado, preso nos lados, debaixo do corpo. Com Thurber atrás, eles passaram pela varanda e desceram os degraus da frente levando o último Atlee a morar em Maple Run.

Meia hora depois, Forrest apareceu, vindo de algum lugar nos fundos da casa. Segurava um copo alto cheio com um líquido suspeito e não era chá gelado.

— Já foram? — ele perguntou, olhando para a frente da casa.

— Foram — Ray disse. Fumava um charuto sentado no degrau da frente. Quando Forrest sentou ao seu lado, sentiu imediatamente o cheiro de malte fermentado.

— Onde você achou isso? — Ray perguntou.

— Ele tinha um esconderijo no banheiro. Quer um pouco?

— Não. Há quanto tempo você sabia disso?

— Trinta anos.

Dezenas de sermões surgiram em sua mente, mas Ray os afastou. Foram feitos muitas vezes antes e evidentemente falharam porque aqui estava Forrest tomando bourbon depois de cento e quarenta e um dias de abstinência.

— Como vai Ellie? — Ray perguntou depois de uma longa baforada do charuto.

— Louca como sempre.

— Eu vou vê-la no enterro?

— Não, ela está pesando cento e cinqüenta quilos. Um quinto disso é o limite dela. Com menos um quinto, ela sai de casa. Com mais de um quinto, ela se tranca em casa.

— Quando ela esteve com menos de cento e cinqüenta?

— Há três ou quatro anos. Descobriu um médico maluco que receitou uns comprimidos. Chegou a pesar cinqüenta quilos. O médico foi para a cadeia e ela engordou mais cem quilos. Mas cento e cinqüenta é o máximo. Ela se pesa todos os dias e se desespera quando o ponteiro da balança vai além de cento e cinqüenta.

— Eu disse ao reverendo Palmer que teremos um velório, mas não aqui, não na casa.

— Você é o inventariante.

— Você concorda?

— Claro.

Um longo gole do bourbon, uma longa puxada no charuto.

— E aquela miserável que deu o fora em você? Como é o nome dela?

— Vicki.

— Isso, Vicki, eu odiei aquela cadela desde o dia do seu casamento.

— Eu queria ter feito o mesmo.

— Ela ainda está por aí?

— Está, eu a vi na semana passada, no aeroporto, desembarcando do seu jato particular.

— Ela casou com aquele velho caquético, certo, um ladrão de Wall Street?

— Isso mesmo. Vamos falar de outra coisa.

— Foi você quem começou a falar de mulheres.

— Sempre um grande erro. Forrest tomou outro gole e disse: — Vamos falar de dinheiro. Onde ele está?

Ray se encolheu levemente e seu coração parou, mas Forrest estava olhando para o jardim e não notou. De que dinheiro você está falando, meu querido irmão?

— Ele doou tudo.

— Mas por quê?

— O dinheiro era dele, não nosso.

— Por que não deixar algum para nós?

Poucos anos atrás, o Juiz tinha dito a Ray que durante mais de quinze anos tinha gasto mais de noventa mil dólares com Forrest, para advogados, multas e reabilitação. Ele podia deixar o dinheiro para Forrest beber e cheirar ou podia dar todo para caridade e famílias carentes durante sua vida. Ray tinha uma profissão e podia se cuidar.

— Ele nos deixou a casa — Ray disse.

— O que acontece com ela?

— Vendemos, se você quiser. O dinheiro vai para um pote com o resto das coisas. Cinqüenta por cento para impostos. A autenticação do testamento leva um ano.

— Fale sobre o resultado de tudo isso.

— Teremos sorte se pudermos dividir cinqüenta mil daqui a um ano.

É claro que havia outros bens. O verdadeiro espólio estava esperando inocentemente no armário das vassouras, mas Ray precisava de tempo para avaliar. Seria dinheiro sujo? Devia ser incluído com os outros bens? Nesse caso, criaria problemas terríveis. Primeiro teria de ser explicado. Segundo, pelo menos

metade iria para os impostos. Terceiro, Forrest teria os bolsos cheios de dinheiro e provavelmente se mataria com ele.

— Então eu recebo vinte e cinco mil dólares daqui a um ano? — Forrest disse.

Ray não podia dizer se ele estava ansioso ou aborrecido.

— Mais ou menos isso.

— Você quer a casa?

— Não, e você?

— Diabo, não. Nunca voltarei para cá.

— Ora vamos, Forrest.

— Ele me chutou para fora, você sabe, disse que eu já tinha envergonhado demais esta família. Disse para eu nunca mais pôr os pés neste solo.

— E ele pediu desculpas. Um gole rápido.

— Sim pediu. Mas este lugar me deprime. Você é o inventariante, você trata disso. Apenas me mande um cheque quando terminar tudo.

— Devemos pelo menos examinar as coisas dele, juntos.

— Não vou tocar em nada — ele disse, levantando-se. — Quero uma cerveja. Faz cinco meses e eu quero uma cerveja. — Andava para seu carro enquanto falava. — Você quer uma?

— Não.

— Quer ir comigo?

Ray queria ir para proteger o irmão, mas o impulso de ficar ali e proteger os bens da família Atlee foi mais forte. O Juiz nunca trancava a casa. Onde estavam as chaves?

— Eu espero aqui — ele disse.

— Como quiser.

A próxima visita não foi surpresa. Ray estava na cozinha abrindo e fechando gavetas, procurando as chaves, quando ouviu uma voz forte gritando na porta da frente. Havia anos não ouvia aquela voz, mas tinha certeza de que era de Harry Rex Vonner.

Eles se abraçaram, um abraço de urso de Harry Rex, um apertão discreto de Ray.

— Eu sinto tanto — repetiu Harry Rex várias vezes. Ele era alto, peito largo e barrigudo, um homem enorme que adorava o juiz Atlee e faria qualquer coisa por seus filhos. Era um advogado brilhante preso a uma cidade pequena, e

era Harry Rex quem o Juiz procurava para resolver os problemas com Forrest.

— Quando você chegou? — ele perguntou.

— Por volta das cinco horas. Eu o encontrei no escritório.

— Há duas semanas estou com um julgamento e não falei com ele. Onde está Forrest?

— Saiu para comprar cerveja.

Eles dois consideraram a gravidade desse fato. Sentaram nas cadeiras de balanço.

— É bom ver você, Ray.

— É bom ver você também, Rex.

— Não posso acreditar que ele está morto.

— Eu também não. Pensei que ele sempre estaria aqui. Harry Rex enxugou os olhos com a manga.

— Eu sinto tanto — murmurou. — Não posso acreditar. Eu o vi há duas semanas, eu acho. Ele estava andando mais esperto, sentindo dor, mas sem se queixar.

— Eles deram um ano e isso foi mais ou menos há doze meses. Mesmo assim pensei que ele ia durar mais.

— Eu também. Um velho tão decidido e tão rabugento.

— Você quer chá?

— Seria ótimo.

Ray foi para a cozinha e preparou dois copos de chá instantâneo. Levou para a varanda e disse: — Este negócio não é muito bom. Harry Rex tomou um gole e concordou.

— Pelo menos está gelado.

— Teremos de fazer um velório, Harry Rex, e não vai ser aqui. Alguma idéia?

Harry Rex pensou por um segundo, então se inclinou para a frente com um largo sorriso.

— Vamos levá-lo para o tribunal, primeiro andar, na rotunda, como um rei ou coisa assim.

— Fala sério?

— Por que não? Ele ia adorar. Toda a cidade pode desfilar na frente do caixão e apresentar seus cumprimentos.

— Eu gosto disso.

— É brilhante. Confie em mim. Vou falar com o corregedor e conseguir a

aprovação. Todo mundo vai adorar. Quando é o enterro?

— Terça-feira.

— Então faremos nosso velório amanhã à tarde. Quer que eu diga algumas palavras?

— Claro. Por que você não organiza a coisa toda?

— Feito. Já escolheram o caixão?

— íamos fazer isso amanhã cedo.

— Escolham de carvalho, esqueça aquela porcaria de bronze e cobre. Enterramos minha mãe o ano passado na coisinha mais bonita de carvalho que eu já vi. Magargel pode encomendar um de Tupelo em duas horas. E esqueça da cripta também. São um verdadeiro roubo. Cinzas para cinzas, pó para pó, enterre e deixe que apodreçam é o único meio de morrer. A Igreja Episcopal é que faz a coisa certa.

Ray ficou um pouco atordoado com tanto conselho, mas mesmo assim agradecido. O Juiz não mencionou o caixão, mas tinha pedido especificamente uma cripta. E queria uma laje bonita. Afinal, ele era um Atlee e devia ser enterrado entre os outros grandes.

Se alguém sabia alguma coisa sobre os negócios do Juiz, era Harry Rex. Vendo as sombras que desciam sobre o longo jardim de Maple Run, Ray disse, do modo mais casual possível: — Parece que ele doou todo o seu dinheiro.

— Não é surpresa para mim. E para você?

— Não.

— Milhares de pessoas que irão ao enterro foram tocadas pela generosidade dele. Crianças aleijadas, pessoas doentes sem seguro-saúde, crianças negras que ele mandou para a faculdade, cada departamento de bombeiros voluntários, clubes cívicos, times da primeira categoria, grupos de estudantes mandados para a Europa. Nossa igreja mandou alguns médicos para o Haiti e o Juiz nos deu mil dólares.

— Quando você começou a ir à igreja?

— Há dois anos.

— Por quê?

— Arranjei uma nova mulher.

— Que número ela é na lista?

— Número quatro. Mas desta eu gosto de verdade.

— Sorte dela.

— Ela tem muita sorte.

— Gosto da idéia do velório no tribunal, Harry Rex. Toda aquela gente que você mencionou pode prestar sua homenagem em público. Com um grande estacionamento, não precisam se preocupar com o lugar para sentar.

— E brilhante.

Forrest chegou com o carro e freou de repente, parando a centímetros do Cadillac de Harry Rex. Desceu do carro e caminhou para eles no lusco-fusco do começo da noite, carregando o que parecia ser uma caixa de cerveja.

CAPITULO 8

QUANDO FICOU SOZINHO, Ray sentou na cadeira de vime na frente do sofá vazio e tentou se convencer de que a vida sem seu pai não seria muito diferente do que a vida longe dele. Esse dia demorou para chegar e ele o enfrentaria com pouco sentimento de perda. Apenas faça tudo que é preciso, ele pensou. Encerre as coisas no Mississipi e volte correndo para a Virgínia.

O escritório tinha só uma lâmpada fraca com uma cúpula empoeirada, na escrivaninha com tampa corrediça, e as sombras eram longas e escuras. Amanhã ele sentaria na frente da escrivaninha e mergulharia na papelada, mas não nesta noite.

Esta noite ele precisava pensar.

Forrest tinha saído, levado por Harry Rex, os dois embriagados. Forrest tipicamente ficou taciturno e queria ir de carro até Memphis. Ray sugeriu que ele simplesmente ficasse ali.

— Durma na varanda se não quer dormir na casa — ele disse, sem insistir. Insistir podia provocar uma briga. Harry Rex disse que em circunstâncias normais convidaria Forrest para dormir em sua casa, mas a nova mulher era rigorosa e dois bêbados provavelmente seria demais.

— Fique aqui — Harry Rex disse, mas Forrest não quis. Bastante encrenqueira quando estava sóbrio, ficava intratável depois de alguns drinques. Ray vira isso mais vezes do que queria lembrar e ficou quieto enquanto Harry discutia com o seu irmão.

O assunto foi resolvido quando Forrest decidiu alugar um quarto no motel Deep Rock, no norte da cidade.

— Eu costumava ir lá para me encontrar com a mulher do prefeito, há quinze anos — disse ele.

— É cheio de pulgas — comentou Harry Rex.

— Já sinto falta.

— Da mulher do prefeito? — perguntou Ray.

— Você não quer saber isso — disse Harry Rex.

Eles saíram alguns minutos depois das onze horas e a casa ficava cada vez

mais quieta.

A porta da frente tinha um trinco e a do pátio, uma tranca. A porta da cozinha, a única nos fundos da casa, tinha uma fechadura que não funcionava. O Juiz não podia sequer manejar uma chave de fenda e Ray tinha herdado essa falta de habilidade para mecânica. Todas as janelas estavam fechadas e trancadas e ele tinha certeza de que a mansão Atlee havia décadas não era tão segura. Se necessário, ele dormiria na cozinha, onde podia guardar o armário das vassouras.

Tentou não pensar no dinheiro. Sentado no santuário do pai, mentalmente compôs um obituário.

O juiz Atlee foi eleito para o cargo de juiz da chancelaria do 25° distrito em 1959 e reeleito por unanimidade de quatro em quatro anos até 1991. Trinta e dois anos de serviço diligente. Como jurista, seu currículo era impecável. Raramente a Corte de Apelações revogava uma das suas decisões. Muitas vezes foi convidado para fazer palestras na Escola Ole Miss Law. Escreveu centenas de artigos sobre a prática do direito, procedimentos e tendências. Duas vezes recusou indicação para a Suprema Corte do Mississipi. Ele simplesmente não queria deixar o cargo de juiz.

Quando não estava usando a toga, o juiz Atlee interferia em todos os assuntos locais — política, trabalho cívico, escolas e igrejas. Poucas coisas no condado de Ford eram aprovadas sem seu aval e poucas coisas às quais ele se opunha eram tentadas. Várias vezes fez parte de todas as diretorias, conselhos, conferências e comitês *a.d hoc*. Selecionava discretamente candidatos para os cargos locais e discretamente derrotava os que não tinham sua bênção.

Nas horas vagas, que eram poucas, estudava história e a Bíblia, e escrevia artigos sobre direito. Nem uma vez jogou beisebol com os filhos, nem uma vez os levou para pescar.

Foi precedido na morte pela mulher, Margaret, que morreu de repente de um aneurisma, em 1969— Deixava dois filhos.

E em algum lugar no caminho conseguiu juntar uma fortuna em dinheiro vivo.

Talvez a solução do mistério do dinheiro estivesse naquela escrivaninha, em algum lugar nas pilhas de papéis ou talvez escondido nas gavetas. Sem dúvida seu pai devia ter deixado uma pista, se não uma explicação completa. Tinha de haver um caminho. Ray não podia lembrar de ninguém no condado de Ford com o valor bruto de dois milhões de dólares, e guardar essa quantia em dinheiro era quase absurdo.

Ele precisava contar o dinheiro. Verificaria duas vezes durante a noite. Só de contar as vinte e sete caixas da Blake & Son o deixara ansioso. Esperaria até a manhã seguinte, quando haveria bastante claridade e antes de a cidade despertar. Cobriria as janelas da cozinha e tiraria do esconderijo uma caixa de cada vez.

Um pouco antes da meia-noite, Ray encontrou um pequeno colchão num quarto do andar térreo e o levou para a sala de jantar, a seis metros do armário das vassouras, de onde podia ver a entrada da casa e a casa vizinha. No segundo andar, encontrou a Smith & Wesson calibre 38 do Juiz numa gaveta da mesa-de-cabeceira. Com um travesseiro que cheirava a mofo e um cobertor de lã que cheirava a bolor, em vão tentou dormir.

O barulho de alguma coisa batendo vinha do outro lado da casa. Era uma janela, mas Ray levou alguns minutos para acordar, despertar de verdade e compreender o que estava ouvindo. Um som de batidas rápidas e leves, depois um tremor mais violento, e então silêncio. Uma longa pausa enquanto ele sentou no colchão e apanhou o .38. A casa estava muito mais escura do que ele desejava porque quase todas as lâmpadas estavam queimadas e o Juiz era muito pão-duro para trocá-las.

Muito pão-duro. Vinte e sete caixas de dinheiro.

Pôr lâmpadas na lista, a primeira coisa a fazer de manhã.

Lá estava o barulho outra vez, muito firme e muito rápido para ser folhas ou galhos batendo na janela. Tap, tap, tap e então um empurrão forte, como se alguém tentasse abrir a janela outra vez.

Havia dois carros na entrada da casa — o de Ray e o de Forrest. Qualquer tolo podia ver que tinha gente na casa, portanto, fosse quem fosse esse tolo, ele não queria saber. Provavelmente o intruso tinha uma arma também e com certeza sabia manejá-la melhor do que Ray.

Ray foi para o Vestíbulo, arrastando-se de bruços, contorcendo-se como um caranguejo e respirando como um corredor. Parou no Vestíbulo escuro e ouviu o silêncio. Silêncio encantador. Apenas vá embora, ele dizia para si mesmo. Por favor, vá embora.

Tap, tap, tap, e ele estava se arrastando outra vez na direção do quarto dos fundos com a pistola apontada para a frente. Estava carregada? Ray pensou, tarde demais. Com certeza o Juiz mantinha a arma de cabeceira carregada. O barulho estava mais alto e vinha de um pequeno quarto antes usado para hóspedes, mas há décadas cheio de caixas com coisas imprestáveis. Ele empurrou a porta com a cabeça e só viu caixas de papelão. A porta se abriu mais

e bateu numa lâmpada de pé que caiu e quebrou, perto da primeira das três janelas escuras.

Ray quase começou a atirar, mas economizou a munição e a respiração. Ficou imóvel no assoalho empenado de madeira por o que pareceu uma hora, suando, ouvindo, afastando teias de aranhas com as mãos, ouvindo nada. As sombras se levantavam e abaixavam. Uma janela solta batia em todos os galhos próximos, e em algum lugar perto do telhado um galho acariciava levemente a casa.

Era o vento, afinal. O vento e os velhos fantasmas de Maple Run, um lugar de muitos espíritos, segundo sua mãe, porque era uma casa velha onde dezenas de pessoas tinham morrido. Tinham escravos enterrados no porão, ela dizia, e suas almas se agitavam e andavam pela casa.

O Juiz detestava histórias de fantasmas e refutava todas elas.

Quando Ray finalmente se sentou no chão, seus cotovelos e joelhos estavam dormentes. Depois de algum tempo, ficou de pé e se encostou no batente da porta, olhando para as três janelas com a arma pronta para atirar. Se na verdade algum intruso tinha estado ali, o barulho certamente o espantou. Mas, quanto mais tempo Ray ficava no quarto, mais se convencia de que o barulho não tinha sido nada mais do que o vento.

A idéia de Forrest foi sem dúvida a melhor. Por pior que fosse o Deep Rock, tinha de ser mais calmo do que aquela casa.

Tap, tap, tap, e ele se jogou no chão outra vez, outra vez morrendo de medo, só que agora era pior porque o barulho vinha da cozinha. Ele tomou a decisão tática de se arrastar em vez de deslizar e quando voltou ao Vestíbulo seus joelhos estavam gritando. Parou na frente das portas de vidro que davam para a sala de jantar e esperou. O assoalho estava escuro, mas uma luz da varanda passava pelas persianas e iluminava fracamente as partes superiores das paredes e o teto.

Não pela primeira vez ele se perguntou o que um professor de direito, de uma prestigiosa universidade, estava fazendo escondido no escuro da casa da sua infância, armado, quase morto de medo, pronto para explodir, tudo porque queria desesperadamente proteger uma misteriosa quantia de dinheiro que tinha encontrado por acaso. "Responda essa", ele murmurou.

A porta da cozinha dava para um pequeno deque de madeira. Alguém andava no deque, perto da porta, passos na madeira. Então forçou o trinco da fechadura que não estava funcionando. Fosse quem fosse, tinha resolvido entrar

diretamente pela porta, em vez de pular uma janela.

Ray era um Atlee, e aquele era seu território. Era também o Mississipi onde se espera que armas sejam usadas para proteção. Nenhum tribunal do estado censuraria uma ação drástica naquela situação. Ele se agachou ao lado da mesa da cozinha, apontou para um ponto alto na janela acima da pia e começou a apertar o gatilho. Um tiro explodindo no escuro, vindo de dentro da casa e quebrando o vidro da janela, sem dúvida ia apavorar qualquer assaltante.

No momento em que a porta foi forçada outra vez, ele apertou mais o gatilho, o cão da arma estalou e nada aconteceu. A arma não tinha balas. O tambor girou, ele apertou o gatilho outra vez e nada. Em pânico, Ray apanhou da bancada um bule de chá vazio e atirou na porta. Para seu grande alívio, fez mais barulho do que qualquer bala de revólver podia fazer. Morrendo de medo, ele apertou um interruptor e saltou para a porta, brandindo a arma e gritando: "Dê o fora daqui!" Quando abriu a porta e não viu ninguém, soltou o ar dos pulmões e começou a respirar outra vez.

Recolheu os vidros quebrados durante meia hora, fazendo o maior barulho possível.

*

O nome do policial era Andy, sobrinho de um cara que tinha terminado o primeiro grau com Ray. O relacionamento foi restabelecido nos trinta primeiros segundos da sua chegada, e imediatamente começaram a falar de futebol enquanto inspecionavam o terreno em volta de Maple Run. Nenhum sinal de intrusão em qualquer das janelas do andar térreo. Nada na porta da cozinha, a não ser vidros quebrados. No segundo andar, Ray procurou balas enquanto Andy ia de quarto em quarto. Ninguém encontrou coisa alguma. Ray fez café que tomaram na varanda, conversando em voz baixa nas primeiras horas da manhã. Andy era o único policial que protegia Clanton naquele momento e confessou que na verdade não era necessário. "Não acontece nada tão cedo numa manhã de segunda-feira", ele disse. "Todo mundo está dormindo, preparando-se para o dia de trabalho." Com alguma insistência de Ray, ele fez a revisão da cena do crime no condado de Ford — picapes roubadas, brigas nos

bares, atividade de comércio de drogas em Lowtown, o bairro negro. Fazia quatro anos que não tinham um assassinato, ele disse com orgulho. A filial de um banco fora assaltada três anos atrás. Ele falou e tomou uma segunda xícara de café. Ray continuaria servindo e fazendo mais café, se fosse preciso, até o nascer do sol. A presença de uma radiopatrulha bem identificada na frente da casa era um conforto.

Andy foi embora às três e meia. Durante uma hora, Ray ficou deitado no colchão, olhando para os buracos no teto, segurando uma arma **inútil.** Lutou contra o sono inventando estratégias para proteger o dinheiro. Nada de planos de investimento, isso podia esperar. Mais urgente era o plano para tirar o dinheiro do armário das vassouras, levar para fora da casa e guardar em algum lugar seguro. Seria obrigado a levá-lo para a Virgínia? Certamente não podia deixá-la em Clanton, podia? E quando poderia contar?

Em certo momento, a fadiga e o desgaste emocional do dia o dominaram e ele adormeceu. As batidas recomeçaram, mas Ray não ouviu. A porta da cozinha, agora segura por uma cadeira debaixo da maçaneta e um pedaço de corda, foi sacudida e empurrada, mas Ray dormiu o tempo todo.

CAPÍTULO 9

A LUZ DO SOL O ACORDOU ÀS SETE E MEIA. O dinheiro ainda estava lá, intocado. As portas e janelas não tinham sido abertas, pelo menos ao que ele podia ver. Fez um bule de café e, bebendo a primeira xícara sentado à mesa da cozinha, tomou uma decisão importante. Se alguém estava atrás do dinheiro, ele não podia deixá-lo nem por um momento.

Mas as vinte e sete caixas da Blake & Son não cabiam na pequena mala do Audi conversível.

O telefone tocou às oito horas. Era Harry Rex informando que Forrest tinha ficado no motel Deep Rock, que o condado permitiria uma cerimônia na rotunda do tribunal às quatro e trinta daquela tarde, que ele já havia contratado uma soprano e uma guarda de cor. E estava trabalhando no panegírico para seu amado amigo.

— E o caixão? — perguntou ele.

— Vamos nos encontrar com Magargel às dez horas — respondeu Ray.

— Ótimo. Lembre, prefira o de carvalho. O Juiz gostaria disso. Falaram alguns minutos sobre Forrest, a mesma conversa de tantas vezes. Quando desligou, Ray começou a se movimentar rapidamente. Abriu as janelas e as venezianas, para ver e ouvir quaisquer visitantes. A notícia da morte do juiz Atlee se espalhava nos cafés em volta da praça e certamente era possível haver visitas.

A casa tinha portas e janelas demais e ele não podia ficar de guarda o dia e a noite inteiros. Se alguém estava atrás do dinheiro, então esse alguém poderia levá-lo. Por alguns milhões de dólares uma bala na cabeça de Ray seria um investimento sólido.

O dinheiro tinha de sair de onde estava.

Trabalhando na frente do armário das vassouras, ele tirou a primeira caixa e passou o dinheiro para um saco de lixo, de plástico. Fez o mesmo com mais oito caixas e quando tinha cerca de um milhão de dólares no saco número um ele o levou para a porta da cozinha e espiou para fora. As caixas vazias voltaram para o armário debaixo das estantes de livros. Mais dois sacos de lixo foram

cheios. Ele levou o carro para perto do deque, o mais próximo possível da cozinha, e examinou a paisagem à procura de olhos humanos. Não viu nenhum. Os únicos vizinhos eram as solteironas, e elas não conseguiam assistir à própria televisão. Correndo da porta para o carro, ele depositou a fortuna na mala, ajeitou os sacos de um lado para o outro e, quando parecia que a tampa da mala não podia fechar, ele a abaixou com força mesmo assim. A tampa fechou e trancou, e Ray Atlee ficou aliviado.

Não tinha certeza de como ia descarregar o dinheiro quando chegasse à Virgínia e carregá-lo de um estacionamento pela galeria movimentada para seu apartamento. Pensaria nisso depois.

O Deep Rock tinha um restaurante, um lugar seboso, quente e cheio de gente, onde Ray nunca tinha estado, mas era o lugar perfeito para comer na manhã seguinte à morte do juiz Atlee. Os três cafés em volta da praça estariam ocupados com mexericos e histórias sobre o grande homem, e Ray preferia ficar longe.

Forrest parecia decente. Ray certamente já o vira muito pior. Estava com a mesma roupa e não tinha tomado banho, mas com Forrest isso não era raro. Os olhos estavam vermelhos, mas não inchados. Disse que tinha dormido bem, mas precisava comer. Os dois pediram bacon com ovos.

— Você parece cansado — Forrest disse, tomando café puro. Ray estava realmente cansado.

— Estou bem, umas duas horas de descanso e estou pronto para funcionar. — Olhou pela janela para seu Audi estacionado o mais perto possível do restaurante. Ele dormiria na maldita coisa, se fosse preciso.

— É estranho — Forrest disse. — Quando estou limpo, durmo como um bebê. Oito, nove horas seguidas, um sono pesado. Mas, quando não estou limpo, tenho sorte se consigo dormir cinco horas. E não é um sono profundo.

— Só por curiosidade... quando você está limpo, você pensa na próxima rodada de drinques?

— Sempre. Cresce como sexo. Você pode passar sem durante um tempo, mas a pressão vai crescendo e, mais cedo ou mais tarde, você tem de aliviar de algum modo. Bebida, sexo, drogas, tudo isso acaba me pegando.

— Você estava limpo havia cento e quarenta dias.

— Cento e quarenta e um.

— Qual é o recorde?

— Catorze meses. Saí de uma clínica há alguns anos, um grande centro de

desintoxicação que o velho pagou, e sofri o diabo por algum tempo. Então desmoronei.

— Por quê? O que o fez desmoronar?

— É sempre a mesma coisa. Se você é viciado, pode acontecer de uma hora para outra, em qualquer lugar, por qualquer motivo. Não desenharam ainda o vagão capaz de me deter. Sou viciado, mano, pura e simplesmente.

— Drogas ainda?

— Claro. A noite passada foi bebida forte e cerveja, o mesmo esta noite, o mesmo amanhã. No fim da semana estarei usando coisas piores.

— Você quer?

— Não, mas sei que vai acontecer.

A garçonete apareceu com a comida. Forrest, rapidamente passou manteiga num biscoito e deu uma grande dentada. Quando já podia falar, disse:

— O velho está morto, Ray, dá para acreditar?

Ray também estava ansioso para mudar de assunto. Se continuassem a falar nas deficiências de Forrest, iam acabar brigando.

— Não, eu pensei que estava preparado para isso, mas não estava.

— Quando foi a última vez que você o viu?

— Novembro, quando ele operou a próstata. Você?

Forrest pôs molho de Tabasco nos ovos mexidos e pensou na pergunta.

— Quando ele teve o enfarte?

Foram tantas as doenças e as cirurgias que era difícil lembrar.

— Ele teve três.

— Aquele em Memphis.

— Foi o segundo — Ray disse. — Há quatro anos.

— Mais ou menos por aí. Passei algum tempo com ele no hospital. Que diabo, ficava a menos de seis quadras. Achei que era o mínimo que podia fazer.

— Sobre o que vocês conversaram?

— Guerra Civil. Ele ainda pensava que nós ganhamos.

Eles sorriam cora a lembrança e comeram em silêncio por alguns momentos. O silêncio terminou quando Harry Rex os encontrou. Ele comeu um biscoito enquanto descrevia os últimos detalhes da esplêndida cerimônia que estava planejando para o juiz Atlee.

— Todo mundo quer ir à sua casa — ele falou com a boca cheia.

— E área proibida — disse Ray.

— É o que eu digo para eles. Vocês querem receber os visitantes esta

noite?

— Não — respondeu Forrest.

— Acha que devemos? — perguntou Ray.

— É a coisa certa, em sua casa ou na funerária. Mas, se não quiserem, tudo bem. Não quer dizer que o pessoal vai ficar ofendido ou recusar falar com vocês.

— Vamos fazer o velório no tribunal e um enterro, não chega? — Ray perguntou.

— Acho que sim.

— Não vou passar a noite inteira numa casa funerária, abraçando velhas senhoras que falam mal de mim há vinte anos — disse Forrest. — Você pode ficar se quiser, mas eu não estarei lá.

— Vamos deixar isso para lá — disse Ray.

— Falou como um verdadeiro inventariante — comentou Forrest com desprezo.

— Inventariante? — perguntou Harry Rex.

— Isso mesmo, encontrei um testamento na escrivaninha com data de sábado. Um testamento de próprio punho, de uma só folha, deixando tudo para nós dois, com uma lista dos bens, e me nomeando inventariante. E quer que você trate da legitimação, Harry Rex.

Harry Rex parou de mastigar. Passou o dedo gorducho no nariz e olhou para longe.

— Isso é estranho — comentou ele, evidentemente intrigado com alguma coisa.

— O quê?

— Fiz um longo testamento para ele há um mês.

Todos pararam de comer. Ray e Forrest trocaram olhares que não diziam coisa alguma porque nenhum dos dois tinha idéia do que o outro estava pensando.

— Acho que ele mudou de idéia — disse Harry Rex.

— O que dizia o outro testamento? — perguntou Ray.

— Não posso dizer. Ele era meu cliente, por isso é confidencial.

— Estou meio perdido aqui, amigos — Forrest disse. — Perdoem-me por não ser advogado.

— O único testamento que vale é o último — afirmou Harry Rex. — Revoga todos os testamentos anteriores, portanto o que o Juiz determinou no

testamento que eu fiz é irrelevante.

— Por que você não pode nos dizer o que dizia o velho testamento? — perguntou Forrest.

— Porque eu, como advogado, não posso falar sobre o testamento de um cliente.

— Mas o testamento que você preparou não é válido, certo?

— Certo, mas mesmo assim não posso falar sobre ele.

— Que chatice — disse Forrest, olhando zangado para Harry Rex. Os três respiraram fundo e recomeçaram a comer.

Imediatamente Ray teve certeza de que precisava ver o outro testamento, e precisava ver logo. Se mencionava o dinheiro escondido no aparador, então Harry Rex sabia. E, se ele sabia, o dinheiro tinha de ser rapidamente removido da mala do pequeno TT conversível e voltar às caixas da Blake & Son, que deviam retornar para o lugar de onde tinham saído. Então seria incluído na divisão de bens, que era um documento público.

— Você não tem uma cópia no seu escritório? — Forrest perguntou, na direção geral de Harry Rex.

— Não.

— Tem certeza?

— Certeza razoável — Harry Rex disse. — Quando se faz um novo testamento, o anterior é fisicamente destruído. Para que alguém não encontre o antigo e exija legitimação. Algumas pessoas mudam o testamento todos os anos e como advogados sabemos como queimar os anteriores. O Juiz acreditava piamente na destruição de testamentos revogados porque passou trinta anos julgando contestações de testamentos.

O fato de o seu amigo saber alguma coisa sobre o pai e não estar disposto a partilhar esse conhecimento esfriou a conversa. Ray resolveu esperar estar sozinho com Harry Rex para interrogá-lo.

— Magargel está esperando — ele disse para Forrest.

— Parece divertido.

O belo caixão de carvalho foi levado para a ala oeste do tribunal sobre a maca com rodas, coberto com veludo roxo. O Sr. Magargel ia na frente e um assistente empurrava. Atrás do caixão iam Ray e Forrest e, atrás deles, um guarda dos escoteiros com flâmulas e uniformes de gala.

Porque Reuben V. Atlee tinha lutado por seu país, o caixão estava coberto pela bandeira americana. E por causa disso um contingente de reservistas do

exército local ficou em posição de sentido quando o capitão reformado Atlee parou no centro da rotunda do tribunal. Harry Rex esperava ali, com um belo terno preto, na frente de uma longa fileira de arranjos florais.

Todos os advogados do condado estavam presentes e, por sugestão de Harry Rex, separados por um cordão de isolamento numa seção especial perto do caixão. Todos os funcionários públicos da cidade e do condado estavam presentes também, funcionários do tribunal, empregados de escritórios, policiais e delegados e, quando Harry Rex deu um passo à frente para começar a cerimônia, todos procuraram se aproximar. Acima deles, no segundo e terceiro níveis do tribunal, outra multidão encostava-se na grade de ferro, olhando para baixo.

Ray estava com um terno azul-marinho comprado poucas horas antes na Pope's, a única casa de roupas masculinas da cidade. Por 310 dólares, era o mais caro da casa e, por insistência do senhor Pope, foram abatidos dez por cento desse preço. O terno novo de Forrest era cinza-escuro. Custou 280 dólares sem o desconto e também foi pago por Ray. Havia vinte anos Forrest não vestia um terno e jurou que não ia vestir um para o funeral. Só depois de uma descompostura de Harry Rex ele resolveu ir à Pope's.

Os filhos ficaram numa das extremidades do caixão, Harry Rex na outra e perto do centro, Billy Boone, o zelador do tribunal, pusera um retrato do juiz Atlee, feito havia dez anos por um artista local, de graça, e todos sabiam que o Juiz não gostava muito do quadro. Ele o tinha posto na parede da sua sala do tribunal, atrás de uma porta para não ser visto. Depois da derrota do Juiz, resolveram pôr o retrato na sala principal do tribunal acima da sua cadeira.

Programas foram impressos para o "Adeus ao juiz Reuben Atlee". Ray lia atentamente o seu, porque não queria olhar para o povo à sua volta. Todos os olhos estavam nele e em Forrest. O reverendo Palmer fez uma prece curta. Ray insistira para que a cerimônia fosse breve. No dia seguinte, haveria um enterro.

Os escoteiros se adiantaram com uma bandeira e conduziram o povo no Voto de Fidelidade, depois a irmã Oleda Shumpert da igreja do Espírito Santo de Deus em Cristo adiantou-se e cantou uma lamentosa "Nos encontraremos no rio" em capela, porque ela certamente não precisava de nenhuma ajuda. A letra e a música fizeram assomar lágrimas aos olhos de muitos dos presentes, inclusive aos de Forrest, ao lado do irmão, de cabeça baixa.

De pé, ao lado do caixão, ouvindo a voz rica da irmã Oleda ecoando na rotunda, Ray pela primeira vez sentiu o peso da morte do pai. Pensou em todas

as coisas que podiam ter feito juntos, agora que eram homens, todas as coisas que não fizeram quando ele e Forrest eram pequenos. Mas Ray viveu sua vida e o Juiz carregou um ressentimento durante anos, e isso convinha aos dois.

Não era justo agora relembrar o passado só porque o velho homem estava morto. Ray repetia isso para ele mesmo. Era natural na morte desejar ter feito mais, mas a verdade era que o Juiz estendeu o ressentimento até muitos anos depois da partida de Ray de Clanton. E, o que era triste, tornou-se um recluso quando deixou a magistratura.

Um momento de fraqueza e Ray se empertigou. Não ia se castigar por ter escolhido o caminho que não era o que o pai queria.

Harry Rex começou o panegírico que prometera que seria breve: "Hoje estamos aqui reunidos para dizer adeus a um velho amigo", ele disse. "Nós todos sabíamos que esse dia ia chegar, todos rezávamos para que nunca chegasse." Falou da parte mais importante da carreira do Juiz, depois falou da primeira vez que apareceu na frente do grande homem, há trinta anos, quando Harry Rex acabava de sair da faculdade de direito. Estava tratando de um caso de divórcio não contestado, que de algum modo ele conseguiu perder.

Todos os advogados tinham ouvido a história centenas de vezes, mas mesmo assim riram na hora certa. Ray olhou para eles, e começou a estudar o grupo. Como uma cidade pequena podia ter tantos advogados? Ele conhecia metade deles. Muitos dos mais velhos que ele conheceu quando era criança tinham morrido ou se aposentado na época em que ele ainda estudava. Muitos dos jovens ele nunca vira antes.

E claro que todos o conheciam. Ele era o filho do juiz Atlee.

Ray levou algum tempo para compreender que sua saída de Clanton depois do enterro ia ser apenas temporária. Seria obrigado a voltar muito em breve, se apresentar à corte de Justiça com Harry Rex e pedir a legitimação do testamento, para preparar o inventário e fazer cumprir uma meia dúzia de tarefas como inventariante dos bens do pai. Isso seria fácil e rotineiro e tomaria apenas alguns dias. Mas semanas e talvez meses pairavam ao longe para que resolvesse o mistério do dinheiro.

Será que algum daqueles advogados sabia de alguma coisa? O dinheiro tinha de ter origem num cenário judiciário, certo? O Juiz não tinha vida fora do direito. Porém, olhando para eles, Ray não podia imaginar uma fonte suficientemente rica para dar origem a todo aquele dinheiro agora escondido na mala do seu pequeno carro. Eram advogados, ovos com presunto de cidade

pequena, rodos lutando para pagar as contas e passar na frente do vizinho. Não havia dinheiro de verdade naquele meio. A firma Sullivan rinha oito ou nove advogados que representavam bancos e companhias de seguros, e eles ganhavam apenas o suficiente para passar 0 tempo livre com os médicos no clube de campo.

Não havia um advogado no condado com dinheiro de verdade. Irv Chamberlain, ali adiante, com os óculos de lentes grossas e a peruca horrível, tinha milhares de hectares de terra herdados de muitas gerações, mas não podia vender porque não havia compradores. Além disso, diziam que ele andava passando muito tempo nos cassinos em Túnica.

Enquanto Harry Rex falava, Ray pensava nos advogados. Alguém conhecia o segredo. Alguém sabia do dinheiro. Podia ser um membro da distinta Ordem dos Advogados do condado de Ford?

A voz de Harry Rex começava a se embargar e estava na hora de terminar. Ele agradeceu a todos a presença e anunciou que o Juiz ficaria no velório no tribunal até às 22 horas. Orientou para que a procissão começasse onde Ray e Forrest estavam. O povo se moveu obedientemente para a ala oeste e fez fila que se estendeu até fora do prédio.

. Durante uma hora, Ray se obrigou a sorrir, apertar mãos e agradecer cortesmente a todos por terem vindo. Ouviu dezenas de breves histórias sobre seu pai e sobre as vidas que o grande homem havia tocado. Fingia lembrar os nomes de todos que o conheciam. Abraçou mulheres idosas que nunca tinha visto antes. A procissão se movimentava lentamente passando por Ray e Forrest, seguindo para o caixão, onde cada um parava e olhava tristemente para o péssimo retrato do Juiz, depois continuava para a ala oeste onde os livros de assinaturas os esperavam. Harry Rex dirigia a multidão como um político.

Em dado momento, durante a experiência penosa, Forrest desapareceu. Murmurou alguma coisa para Harry Rex sobre ir para casa, para Memphis e alguma coisa sobre estar morto de cansaço.

Finalmente Harry Rex murmurou para Ray:

— A fila dá volta no prédio do tribunal. Você pode ficar aqui a noite toda.

— Dê um jeito de me tirar daqui — Ray murmurou.

— Você não precisa ir ao banheiro? — Harry Rex perguntou em voz alta o bastante para que o próximo da fila pudesse ouvir.

— Sim — Ray disse, começando a se afastar. Eles recuaram conversando em voz baixa sobre coisas importantes e entraram num estreito corredor.

Segundos depois, estavam na rua, atrás do tribunal.

Foram embora, no carro de Ray, é claro, primeiro deram a volta na praça para apreciar a cena. A bandeira na frente do tribunal estava a meio pau. Uma grande multidão esperava pacientemente para prestar sua homenagem ao Juiz.

CAPITULO 10

VINTE E QUATRO HORAS EM CLANTON, e Ray estava desesperado para ir embora. Depois do velório, jantou com Harry Rex no Claude's, o restaurante negro no lado sul da praça, onde o especial de segunda-feira era churrasco de frango e vagem cozida, tão temperados que serviam galões de chá gelado. Harry Rex estava feliz com o sucesso da sua grande despedida do Juiz e, depois do jantar, ansioso para voltar ao tribunal e monitorar o resto do velório.

Evidentemente Forrest tinha deixado a cidade por aquela noite. Ray esperava que ele estivesse em Memphis, em casa com Ellie, comportando-se, mas sabia que não era assim. Quantas vezes ele podia desmoronar antes de morrer? Harry Rex disse que havia cinqüenta por cento de chance de que Forrest aparecesse no enterro no dia seguinte.

Quando Ray ficou sozinho, saiu de Clanton, e foi para oeste para nenhum lugar em particular. Havia novos cassinos a cem quilômetros ao longo do rio, e, cada vez que ele voltava ao Mississipi, Ray ouvia mais boatos e mais fatos sobre a mais nova indústria do estado. O jogo legalizado chegou ao estado com a mais baixa renda *per capita* do país.

A uma hora e meia de Clanton, ele parou para reabastecer o carro e notou um novo motel no outro lado da estrada. Tudo era novo no que até pouco tempo eram algodoais. Novas estradas, novos motéis, lanchonetes, postos de gasolina, cartazes e anúncios, tudo resultado dos cassinos a dois quilômetros de distância.

O motel tinha quartos em dois níveis, com portas que abriam para o estacionamento. Aparentemente era uma noite de pouco movimento. Ele pagou 39,99 dólares por um quarto com duas camas, no primeiro nível, atrás, onde não havia carros nem caminhões. Estacionou o Audi o mais perto possível e em poucos segundos os três sacos de lixo estavam dentro do quarto.

O dinheiro cobria uma das camas. Ele não parou para admirar porque estava convencido de que era dinheiro sujo. Provavelmente marcado de algum modo. Talvez fosse falso. Fosse o que fosse, não pertencia a ele.

Todas as notas eram de cem dólares, algumas novas em folha e nunca

usadas, outras já bastante viajadas. Nenhuma muito danificada e nenhuma com data anterior a 1986 ou posterior a 1994. Mais ou menos a metade estava arrumada e presa em pilhas de dois mil dólares, e Ray contou essas primeiro — cem mil dólares em notas de cem tinham cerca de trinta e seis centímetros de altura. Contou o dinheiro em uma das camas, depois o arrumou na outra, em filas e seções. Fez tudo deliberadamente. O tempo não importava agora. Esfregava as notas com os dedos polegar e indicador, e até cheirava para ver se não eram falsas. Sem dúvida pareciam reais.

Trinta e uma seções mais algumas sobras — 3-118.000 dólares para ser exato. Encontrado como um tesouro na casa em ruínas de um homem que ganhara menos da metade disso em toda a sua vida.

Era impossível não admirar a fortuna espalhada à sua frente. Quantas vezes na vida ele ia ver três milhões de dólares? Quantas outras pessoas teriam essa chance? Ray sentou numa cadeira com o rosto nas mãos, olhando para as fileiras de maços de dinheiro, tonto com pensamentos de onde teriam vindo e para onde iriam.

A batida de uma porta de carro em algum lugar, lá fora, o tirou do devaneio. Era um lugar excelente para ser roubado. Quando se viaja com milhões em dinheiro, todo mundo se torna um ladrão em potencial.

Pôs o dinheiro outra vez nos sacos de lixo, levou para a mala do carro e foi para o cassino mais próximo.

Sua ligação com o jogo limitava-se a um fim de semana em Atlantic City com outros dois professores de direito que tinham lido sobre como ganhar no jogo de dados e estavam convencidos de que podiam quebrar a banca. Nunca quebraram. Ray raramente jogava cartas. Encontrou seu lugar na mesa de vinte-e-um, a cinco dólares a aposta, e depois de dois dias miseráveis num calabouço barulhento ganhou sessenta dólares e jurou nunca mais voltar. As perdas dos seus amigos nunca foram calculadas, mas ele aprendeu que quem joga muitas vezes mente sobre seu sucesso.

Para uma noite de segunda-feira havia um bom número de jogadores no Clube Santa Fé, um compartimento construído às pressas, do tamanho de um campo de futebol. Os jogadores ficavam numa torre de dez andares ligada a ele, a maioria aposentados do Norte que nunca tinham sonhado em pôr os pés no Mississipi, mas eram agora atraídos pelas inúmeras mesas de jogo e pelo gim de graça, enquanto jogavam.

Ray tinha cinco notas tiradas de cinco seções diferentes do dinheiro

contado no quarto do motel. Foi para uma mesa vazia de vinte-e-um, onde a carteadora estava quase dormindo e pôs a primeira nota na mesa.

— Jogue, ele disse.

— Jogando cem — a carteadora disse, por cima do ombro, onde não havia ninguém para ouvir. Ela apanhou a nota, esfregou nela o polegar e o indicador, sem grande interesse, e começou o jogo.

Deve ser dinheiro de verdade, ele pensou, relaxando um pouco. Ela vê dinheiro o dia inteiro. Ela embaralhou, deu as cartas, imediatamente chegou a vinte e quatro, então pegou a nota do tesouro do juiz Atlee e pôs na mesa duas fichas pretas. Ray apostou as duas notas, duzentos dólares. Nervos de aço. Ela deu as cartas rapidamente e, com quinze pontos abertos, tirou um nove. Ray agora tinha quatro fichas pretas. Em menos de um minuto, ele ganhou trezentos dólares.

Com as quatro fichas no bolso, ele passeou pelo cassino, primeiro na frente das máquinas onde os jogadores eram mais velhos e mais quietos, cérebros quase apagados, sentados nos bancos altos, puxando a alavanca seguidamente e olhando tristemente para as telas. Na mesa de dados, os dados rolavam quentes e um bando barulhento de caipiras gritava instruções completamente sem sentido para ele. Por um momento ele olhou perplexo para os dados, as apostas e as fichas que mudavam de mãos.

Em outra mesa vazia de vinte-e-um, ele pôs a segunda nota de cem dólares, agora mais como um jogador experiente. O carteador levou a nota perto dos olhos, ergueu para a luz, esfregou e levou para o supervisor mais próximo que imediatamente olhou desconfiado para o dinheiro. Pôs uma lente no olho esquerdo e examinou a nota como um cirurgião. Quando Ray se preparava para sair correndo no meio do povo, ouviu um deles dizer: "É boa." Não tinha certeza de qual dos dois disse isso porque estava olhando em volta, desesperado, à procura de guardas armados. O carteador voltou para a mesa e pôs o dinheiro suspeito na frente de Ray, que disse: "Jogue." Segundos depois, a dama de copas e o rei de espadas olhavam para ele e Ray ganhou a terceira mão seguida.

Como o carteador estava bem acordado, e depois da observação cuidadosa do supervisor, Ray decidiu resolver o caso de uma vez por todas. Tirou do bolso as outras três notas de cem dólares e as pôs na mesa. O carteador examinou cada uma cuidadosamente, deu de ombros e disse:

— Quer troco?

— Não, jogue.

— Jogando trezentos em dinheiro — o carteador disse em voz alta, e o supervisor espiou por cima do ombro dele.

Ray parou num dez e seis. O carteador fez dez e quatro e quando ele tirou o valete de ouros Ray ganhou sua quarta mão seguida. O dinheiro desapareceu e foi substituído por seis fichas pretas. Agora Ray tinha dez mil dólares, e também sabia que as outras trinta mil notas na mala do seu carro não eram falsas. Deixou uma ficha para o carteador e foi procurar uma cerveja.

O bar ficava num plano elevado, de onde se podia ver todo o cassino enquanto se tomava um drinque. Ou se podia assistir a reprises de jogos de beisebol ou boliche em uma das doze telas. Mas não se podia apostar nos jogos. Ainda não era permitido.

Ele estava sabendo os riscos de um cassino. Agora que o dinheiro era verdadeiro, a questão seguinte era se estava marcado de algum modo. A suspeita do segundo supervisor provavelmente bastava para que os caras lá em cima examinassem o dinheiro. Ray tinha certeza de estar sendo controlado pelo vídeo, como todos os outros no cassino. A vigilância era extensiva, ele sabia disso por causa dos dois amigos resolvidos a quebrar a banca da mesa dos dados.

Se o dinheiro disparasse algum alarme, eles podiam encontrá-lo facilmente. Não podiam?

Mas onde mais ele podia ter o dinheiro examinado? Entrar no Primeiro Banco Nacional em Clanton e entregar algumas notas à caixa? "Se importa de dar uma olhada nessas notas, senhora Dempsey, para ver se são verdadeiras ou não?" Nenhum caixa em Clanton jamais vira dinheiro falso, e na hora do almoço toda a cidade ia saber que o filho do juiz Atlee estava andando por aí com o bolso cheio de dinheiro suspeito.

Pensou em esperar até voltar para a Virgínia. Iria ao seu advogado que podia encontrar um perito para examinar uma amostra do dinheiro apropriada e confidencialmente. Mas não podia esperar tanto tempo. Se o dinheiro fosse falso, ele queimaria tudo. Do contrário, não sabia ainda o que fazer com ele.

Tomou a cerveja devagar, dando a eles tempo para mandar uma dupla de capangas com ternos escuros que se aproximariam dele dizendo: "Tem um minuto?" Eles não podiam agir tão depressa, e Ray sabia. Se o dinheiro era marcado, levaria dias para descobrir de onde tinha vindo.

Supondo que fosse apanhado com dinheiro marcado. Qual seria o crime? Havia tirado da casa do pai falecido, legada a ele e ao irmão. Ele era o inventariante do testamento e logo seria encarregado de proteger os bens. Tinha

meses para enviar o testamento para a legitimação e para a cobrança dos impostos. Se o Juiz havia, de algum modo, acumulado o dinheiro por meios ilegais, então azar, ele agora está morto. Ray não tinha feito nada errado, pelo menos até aquele momento.

Levou o dinheiro ganho de volta à primeira mesa de vinte-e-um, e apostou quinhentos dólares. A carteadora chamou a atenção do seu supervisor, que se aproximou com os nós dos dedos sobre a boca e um dedo batendo numa orelha, casual como se apostas de quinhentos dólares acontecessem a toda hora no Clube Santa Fé. Ray recebeu um ás e um rei e a carteadora pagou setecentos e cinqüenta dólares.

— Aceita alguma coisa para beber? — perguntou o supervisor, todo sorriso e dentes estragados.

— Cerveja Beck's — Ray disse, e uma garçonete apareceu do nada.

Ele apostou cem dólares na mão seguinte e perdeu. Então rapidamente pôs na mesa três fichas para a outra mão, alternando apostas de cem a quinhentos dólares como se soubesse exatamente o que estava fazendo. O supervisor ficou atrás da carteadora. Tinham um contador de cartas em potencial nas mãos, um profissional de vinte-e-um, que devia ser vigiado e filmado. Os outros cassinos seriam avisados.

Se eles soubessem.

Ele perdeu apostas consecutivas de cem dólares. Então, só para arriscar, empurrou dez fichas para uma aposta ousada e imprudente de mil dólares. Tinha outros três milhões na mala do carro. Isso era fichinha para ele. Quando duas damas foram jogadas ao lado das suas fichas, Ray ficou impassível como se estivesse acostumado a ganhar assim havia anos.

— Gostaria de jantar, senhor? — o supervisor perguntou.

— Não — Ray disse.

— Posso fazer alguma coisa para o senhor?

— Um quarto seria ótimo.

— Duplo ou suíte?

Um babaca teria dito, "Uma suíte, é claro", mas Ray se conteve.

— Qualquer um está bem — ele disse. Não tinha planejado ficar ali, mas depois de duas cervejas achou melhor não dirigir. E se fosse parado na estrada por um patrulheiro? E o que o patrulheiro faria quando revistasse a mala do seu carro?

— Sem problema, senhor — disse o supervisor. — Vou tratar disso.

Na hora seguinte, ele não ganhou nem perdeu. A garçonete parava ao seu lado a cada cinco minutos oferecendo drinques, tentando fazer com que ele relaxasse, mas Ray ficou na primeira cerveja. Enquanto as cartas eram embaralhadas, ele contou trinta e nove fichas pretas.

A meia-noite ele começou a bocejar e lembrou do pouco que tinha dormido na noite anterior. A chave do quarto estava no seu bolso. A mesa tinha um limite de aposta de mil dólares cada mão, não fosse isso, ele teria apostado tudo de uma vez e cairia numa labareda de glória. Pôs dez fichas pretas no círculo e, com espectadores em volta dele, fez vinte e um. Mais dez fichas, e a carteadora estourou com vinte e dois. Ele apanhou as fichas, deixou quatro para a carteadora e foi para o caixa. Estava havia três horas no cassino.

Do quarto, no quinto andar, ele podia ver o estacionamento e, como seu carro esporte estava exposto, resolveu vigiar. Cansado como estava, não conseguia dormir. Puxou uma cadeira para perto da janela e tentou cochilar, mas não conseguia parar de pensar.

Será que o Juiz tinha descoberto os cassinos? O jogo podia ser a origem daquela fortuna, um pequeno vício lucrativo que ele manteve em segredo?

Quanto mais Ray pensava que a idéia era absurda, mais se convencia de ter encontrado a fonte do dinheiro. Ao que sabia, o Juiz nunca jogou na bolsa e, se jogou, se fosse outro Warren Buffett, por que guardou tudo em dinheiro, debaixo das estantes de livros? Além disso, devia haver uma enormidade de comprovantes das operações.

Se ele tivesse levado uma vida dupla, aceitando subornos, não havia três milhões no mundo jurídico do Mississipi rural para roubar. E aceitar subornos envolveria muitas outras pessoas.

Tinha de ser jogo. Era um negócio feito a dinheiro. Ray acabava de ganhar seis mil dólares numa noite. Certo, era sorte de principiante, mas não era jogo? Talvez o velho tivesse talento para cartas ou dados. Talvez tivesse acertado em uma das máquinas caça-níqueis. Ele morava sozinho e não precisava dar satisfações a ninguém.

Ele podia ter conseguido.

Mas três milhões de dólares em sete anos?

Os cassinos não exigiam registros para provar o que se ganhava? Formulários de impostos e coisas assim?

E por que esconder? Por que não doar, como o resto do seu dinheiro?

Um pouco depois das três, Ray desistiu e deixou o quarto de cortesia da

casa. Dormiu no carro até o nascer do sol.

CAPITULO 11

A PORTA DA FRENTE ESTAVA MEIO ABERTA E, às oito horas da manhã, sem ninguém na casa, era sem dúvida um sinal sinistro. Ray olhou para a porta por um longo minuto, sem saber se queria entrar ou não, mas sabendo que não tinha escolha. Abriu mais a porta, fechou o punho como se o ladrão pudesse ainda estar ali e respirou profundamente. A porta se abriu, rangendo a cada centímetro e, quando a luz caiu sobre as pilhas de caixas no Vestíbulo, Ray viu pegadas de lama no chão. O assaltante tinha entrado pelos fundos onde havia lama e por algum motivo resolveu sair pela porta da frente.

Ray tirou a pistola do bolso vagarosamente.

As vinte e sete caixas da Blake & Son estavam espalhadas pelo escritório do Juiz. O sofá estava virado. As portas do aparador debaixo das estantes estavam abertas. A escrivaninha não parecia ter sido revistada, mas os papéis da mesa estavam espalhados no chão.

O intruso tinha tirado as caixas, abriu e, vendo que estavam vazias, evidentemente pisou nelas e as jogou para longe, num acesso de raiva. Silencioso como estava tudo, Ray sentiu a violência e isso o deixou paralisado.

Podia ser morto por aquele dinheiro.

Quando conseguiu se mexer, levantou o sofá e apanhou os papéis. Estava juntando as caixas quando ouviu alguma coisa na varanda. Olhou pela janela e viu uma mulher batendo na porta da frente.

Claudia Gates conhecia o Juiz como ninguém. Fora estenógrafa do tribunal dele, secretária, motorista e muitas outras coisas, segundo os boatos que corriam desde que Ray era pequeno. Durante quase trinta anos, ela e o Juiz tinham viajado juntos pelos cinco condados do 25° distrito, muitas vezes saindo de Clanton às sete da manhã e voltando muito depois de escurecer. Quando não estavam no tribunal, compartilhavam o escritório do Juiz no tribunal, onde ela datilografava os transcritos enquanto ele trabalhava nos papéis.

Um advogado chamado Turley certa vez os apanhou numa posição comprometedora durante o almoço no escritório e cometeu o terrível erro de contar aos outros. Ele perdeu todos os casos no Tribunal durante um ano e não

conseguia mais clientes. O Juiz levou quatro anos para conseguir que ele fosse expulso da ordem dos advogados.

— Olá, Ray — ela disse, do outro lado da porta de tela. — Posso entrar?

— Claro — ele disse abrindo toda a porta.

Ray e Claudia nunca se gostaram. Ele sentia sempre que ela estava tendo a atenção e a afeição que ele e Forrest não tinham, e ela o via como uma ameaça também. Quando se tratava do juiz Atlee, ela via todo mundo como uma ameaça.

Claudia tinha poucos amigos e menos admiradores. Ela era rude e insensível, porque passara a vida toda ouvindo julgamentos. E era arrogante, porque cochichava com o grande homem.

— Eu sinto muito — ela disse.

— Eu também.

Quando passaram pelo escritório, Ray fechou a porta e disse: — Não entre aí.

Claudia não notou as pegadas do intruso.

— Seja gentil comigo, Ray — ela disse.

— Por quê?

Foram para a cozinha, ele ligou a cafeteira e sentaram um de frente para o outro.

— Posso fumar? — ela perguntou.

— Tanto faz — ele disse. Fume até sufocar, velha. O terno preto do seu pai sempre tinha o cheiro acre dos cigarros dela. Ele a deixava fumar no carro, na sua sala, no seu escritório, provavelmente na cama. Em todo lugar, menos na sala do tribunal.

A respiração áspera, a voz rouca, as inúmeras rugas em volta dos olhos, ah, as alegrias do tabaco.

Claudia tinha chorado, o que não era um evento insignificante na sua vida. Num verão, quando ela trabalhava para o Juiz, Ray teve a má sorte de assistir ao julgamento de um caso tenebroso de abuso de menor. A testemunha era tão triste e digna de pena que todos, incluindo o Juiz e os advogados, comoveram-se até as lágrimas. Os únicos olhos secos na sala do tribunal eram da velha e insensível Claudia.

— Não posso acreditar que ele esteja morto — ela disse, soltando uma baforada de fumaça para o teto.

— Há cinco anos ele estava morrendo, Claudia. Não foi surpresa.

— Mesmo assim, é triste.

— É muito triste, mas no fim ele estava sofrendo. A morte foi uma bênção.

— Ele não me deixava vir vê-lo.

— Não vamos relembrar velhas histórias, vamos?

A história, dependendo da versão em que você acreditasse, tinha feito Clanton cochichar por quase duas décadas. Poucos anos depois da morte da mãe de Ray, Claudia se divorciou do marido por motivos que jamais foram esclarecidos. Uma parte da cidade acreditava que o Juiz tinha prometido casar com ela depois do divórcio. A outra parte da cidade acreditava que o Juiz, sempre um Atlee, nunca pretenderia casar com uma mulher tão comum como Claudia e que ela se divorciara porque o marido a apanhara com outro homem. Os anos passaram com os dois usufruindo os benefícios da vida conjugai, exceto pelos papéis e pela coabitação. Ela continuou a pressionar o Juiz para casar, e ele continuou a adiar as coisas. Evidentemente, ele estava tendo o que queria.

Finalmente ela deu um ultimato, que provou ser uma péssima estratégia. Ultimatos não impressionavam Reuben Atlee. Alguns anos antes de ser despejado do seu escritório no tribunal, Claudia casou com um homem nove anos mais moço. O Juiz imediatamente a demitiu, e os cafés e os clubes de tricô não falavam em outra coisa. Depois de alguns anos atribulados, o jovem morreu. Ela estava sozinha e o Juiz também. Mas Claudia o tinha traído casando outra vez, e o Juiz jamais a perdoou.

— Onde está Forrest? — ela perguntou.

— Deve chegar logo.

— Como vai ele?

— Ele é Forrest.

— Você quer que eu vá embora?

— Como quiser.

— Prefiro falar com você, Ray. Preciso falar com alguém.

— Você não tem amigos?

— Não. Reuben era meu único amigo.

Ray se encolheu quando ela o chamou de Reuben. Ela pôs o cigarro entre os lábios vermelhos pegajosos, um vermelho-claro de pêsames, não o vermelho vivo que todos conheciam. Tinha pelo menos setenta anos, mas estava bem conservada. Ainda empertigada e magra, com um vestido justo que nenhuma outra mulher de setenta anos do condado de Ford tentaria usar. Tinha brincos e

um anel de brilhantes, mas Ray não sabia se eram verdadeiros. Usava também um bonito pingente e duas pulseiras de ouro.

Ela era uma velha aventureira, mas ainda um vulcão ativo. Ray ia perguntar a Harry Rex com quem ela estava andando agora.

Ele serviu mais café e disse:

— Sobre o que você quer falar?

— Reuben.

— Meu pai está morto. Não gosto de história.

— Não podemos ser amigos?

— Não. Sempre nos desprezamos mutuamente. Não vamos nos beijar e abraçar agora, por cima do caixão. Por que faríamos isso?

— Eu sou uma mulher velha, Ray.

— E eu moro na Virgínia. Vamos passar pelo enterro hoje, depois nunca mais nos veremos. O que acha disso?

Ela acendeu outro cigarro e chorou mais um pouco. Ray pensava na desordem no escritório e no que ia dizer para Forrest, se ele chegasse agora e visse as pegadas e as caixas espalhadas. E se Forrest visse Claudia sentada à mesa da cozinha podia querer estrangulá-la.

Embora sem provas, Ray e Forrest há muito suspeitavam de que o Juiz pagava a ela muito mais do que o salário médio para secretárias de tribunal. Alguma coisa extra, em troca dos extras que ela fornecia. Não era difícil ficar ressentido.

— Eu quero alguma lembrança, isso é tudo.

— Você quer lembrar de mim?

— Você é seu pai, Ray. Não vou sair daqui.

— Quer dinheiro?

— Não.

— Está quebrada?

— Não tenho meios para toda a vida, não.

— Não há nada aqui para você.

— Você tem o testamento dele?

— Tenho, e seu nome não é mencionado.

Ela chorou outra vez e Ray começou a ferver. Ela recebeu o dinheiro durante vinte anos, enquanto ele estava trabalhando como garçom, vivendo de manteiga de amendoim e tentando sobreviver outro mês na faculdade sem ser expulso do seu apartamento barato. Ela sempre tinha um Cadillac novo,

enquanto Ray e Forrest tinham verdadeiras ruínas. Eles deviam viver como fidalgos empobrecidos, enquanto Claudia tinha um guarda-roupa e jóias.

— Ele sempre prometeu tomar conta de mim — ela disse.

— Ele anulou a promessa muitos anos atrás, Claudia. Desista.

— Não posso. Eu o amava muito.

— Era sexo e dinheiro, não amor. Eu prefiro não falar nisso.

— O que há no espólio?

— Nada. Ele doou tudo.

— Ele fez o quê?

— Você ouviu. Você sabe como ele gostava de assinar cheques. Ficou pior depois que você saiu da cena.

— E a aposentadoria dele? — Ela não chorava mais. Aquilo eram negócios. Os olhos verdes estavam secos e brilhantes.

— Ele retirou tudo no ano seguinte ao da aposentadoria. Foi um terrível erro financeiro, mas ele o fez sem que eu soubesse. Ele ficou meio doido. Tirou o dinheiro, viveu com parte dele e deu o resto para os escoteiros, para o Lions Clube, para os Filhos da Confederação, para o Comitê para Preservar os Campos de Batalha Históricos e coisas assim.

Se seu pai fosse um juiz corrupto, uma coisa que Ray não queria acreditar, então Claudia devia saber do dinheiro. Era óbvio que cia não sabia. Ray nunca suspeitou de que ela soubesse, porque nesse caso o dinheiro não teria ficado escondido no escritório. Se ela pusesse as mãos em três milhões de dólares, todo o condado saberia. Se ela tivesse um dólar, todos tinham de ver. Tão digna de pena como parecia no outro lado da mesa. Ray suspeitava de que Claudia tinha muito poucos dólares.

— Pensei que seu segundo marido tinha algum dinheiro — ele disse, com pouca ou muita crueldade.

— Eu também pensei — ela disse e conseguiu sorrir. Ray riu baixinho. Então os dois riram e o gelo derreteu espetacularmente. Ela sempre fora famosa por sua franqueza.

— Nunca o encontrou, certo?

— Nem um centavo. Ele era um cara bonito, nove anos mais moço do que eu, você sabe...

— Lembro muito bem. Um senhor escândalo.

— Ele tinha cinqüenta e um anos, fala macia, vivia falando em fazer dinheiro com petróleo. Nós perfuramos como loucos durante quatro anos e eu

acabei com coisa nenhuma.

Ray riu mais alto. Naquele momento não lembrava de jamais ter uma conversa sobre sexo e dinheiro com uma mulher de setenta anos. Tinha a impressão de que ela tinha muitas histórias. Os grandes sucessos de Claudia.

— Você está bem, Claudia, tem tempo para outro marido.

— Estou cansada Ray. Velha e cansada. Teria de treiná-lo e não vale a pena.

— O que aconteceu com o número dois?

— Ele bateu as canelas com um enfarte, e eu não encontrei nem mil dólares — ela disse.

— O Juiz deixou seis mil.

— Só isso? — ela perguntou, incrédula.

— Nada de ações, nada de apólices, só uma casa velha e seis mil dólares no banco.

Ela abaixou os olhos, balançou a cabeça acreditando em tudo que Ray dizia. Não tinha a mínima idéia do dinheiro.

— O que vocês vão fazer com a casa?

— Forrest quer queimar e receber o seguro.

— Não é uma má idéia.

— Vamos vender.

Ouviram barulho na varanda, depois uma batida na porta. O reverendo Palmer viera combinar a cerimônia, que começaria às duas horas. Claudia abraçou Ray e eles foram até o carro dela. Abraçou-o outra vez e disse adeus.

— Desculpe se não fui boa para você — ela murmurou abrindo a porta do carro.

— Até logo, Claudia. Vejo você na igreja.

— Ele nunca me perdoou, Ray.

— Eu perdôo.

— Perdoa mesmo?

— Sim, está perdoada. Somos amigos agora.

— Muito obrigada. — Ela o abraçou pela terceira vez e começou a chorar. Ele a ajudou a entrar no carro, sempre o Cadillac. Antes de ligar o motor, ela disse: — Ele perdoou você, Ray?

— Acho que não.

— Eu também acho que não.

— Mas não é importante agora. Vamos enterrá-lo.

— Ele sabia ser um velho e rabugento filho-da-mãe, não é mesmo? — Ela sorriu entre as lágrimas.

Ray teve de rir. A antiga amante do seu pai, de setenta anos, acabava de chamar o grande homem de filho-da-mãe.

— Sim — ele concordou. — Sem dúvida sabia.

CAPÍTULO 12

ELES LEVARAM O JUIZ ATLEE pela nave central da igreja no seu belo caixão de carvalho e o puseram no altar na frente do púlpito onde o reverendo Palmer esperava com um manto preto. O caixão estava fechado, para desapontamento dos presentes, a maioria dos quais ainda acreditava no antigo ritual sulista de ver o morto pela última vez num estranho esforço para minimizar a dor da perda. "Que diabo, não", Ray disse para o senhor Magargel quando ele perguntou se devia abrir o caixão. Quando tudo estava no lugar, Palmer ergueu lentamente os braços, abaixou-os e a multidão sentou-se.

No banco da frente à sua direita, estava a família, os dois filhos. Ray estava com o terno novo e parecia cansado. Forrest vestia jeans e uma jaqueta de camurça preta, e parecia notavelmente sóbrio. Atrás deles estavam Harry Rex e os outros acompanhantes, e atrás deles uma triste coleção de velhos juízes, não muito longe dos seus caixões. No banco da frente da esquerda, estavam todos os tipos de dignitários — políticos, um ex-governador, uns dois juízes da Suprema Corte do Mississipi. Clanton nunca vira tanto poder junto.

O santuário estava lotado, com pessoas de pé ao longo das paredes debaixo das janelas de vitrais. O balcão, em cima, estava cheio. Num andar abaixo, fora instalado um áudio e lá estavam mais amigos e admiradores.

Ray ficou impressionado com a quantidade de gente. Forrest já consultava o relógio. Tinha chegado quinze minutos mais cedo e foi censurado por Harry Rex, não por Ray. Seu terno novo estava sujo, ele disse, e além disso Ellie tinha comprado a jaqueta de camurça preta havia alguns anos e ela achou que seria perfeito para a ocasião.

Ela, com cento e cinqüenta quilos, não saía de casa, e por isso Ray e Harry Rex eram gratos. De algum modo ela o tinha mantido sóbrio, mas um confronto estava no ar. Por mil razões, Ray só queria voltar para a Virgínia.

O reverendo fez uma prece, uma mensagem curta e eloqüente de agradecimento pela vida de um grande homem. Então apresentou um coro de jovens, agraciado com honras nacionais numa competição em Nova York. O juiz Atlee dera três mil dólares para a viagem, segundo Palmer. O coro cantou

duas músicas que Ray nunca tinha ouvido, mas cantavam maravilhosamente.

O primeiro panegírico — seriam apenas dois breves, segundo instruções de Ray — foi feito por um homem idoso que mal conseguia subir ao púlpito, mas quando chegou surpreendeu o povo com uma voz rica e poderosa. Ele contou duas histórias sem graça e a voz potente começou a falhar.

O reverendo leu algumas partes das escrituras e disse palavras de conforto pela perda de um ente querido, mesmo um homem velho que tivera uma vida cheia.

O segundo panegírico foi feito por um negro chamado Nakita Poole, uma espécie de lenda em Clanton. Poole era de uma família humilde do sul da cidade e se não fosse por um professor de química no primeiro grau teria abandonado os estudos na nona série e se tornado outra estatística. O Juiz o conheceu no tribunal, por ocasião do julgamento de um caso tenebroso de família, e se interessou por ele. Poole tinha uma capacidade extraordinária para ciências e matemática. Formou-se em primeiro lugar na sua classe, se inscreveu nos melhores colégios e foi aceito por todos. O Juiz escreveu cartas eloqüentes de recomendação e puxou todos os cordões que encontrou. Nakita escolheu Yale e a bolsa cobria tudo, menos dinheiro para despesas diárias. Durante quatro anos, o juiz Atlee escreveu para ele todas as semanas e em cada carta havia um cheque de vinte dólares.

— Eu não era o único que recebia as cartas ou os cheques — ele disse para a multidão silenciosa. — Havia muitos de nós.

Nakita agora era médico e ia fazer dois anos de trabalho voluntário na África.

— Vou sentir falta daquelas cartas — ele disse, e todas as mulheres na igreja se desmancharam em lágrimas.

O legista, Thurber Foreman, foi o seguinte. Ele era figura obrigatória nos funerais do condado de Ford havia muitos anos, e o Juiz especificamente queria que ele tocasse seu bandolim e cantasse "Mais perto estou de ti". Ele cantou esplendidamente e conseguiu fazer isso sem chorar.

Finalmente, Forrest começou a enxugar os olhos. Ray só olhava para o caixão se perguntando de onde tinha vindo o dinheiro. O que o velho tinha feito? O que exatamente ele pensou que aconteceria com o dinheiro depois da sua morte?

Quando o reverendo terminou uma mensagem muito breve, os acompanhantes levaram o juiz Atlee para fora do santuário. O senhor Magargel

conduziu Ray e Forrest pela nave central até uma limusine que esperava atrás do carro fúnebre. O povo saiu e foi para os carros para a viagem até o cemitério.

Como a maioria das cidades pequenas, Clanton adorava uma procissão fúnebre. Todo o tráfego parou. Os que não estavam na procissão estavam nas calçadas, olhando tristonhos para o carro fúnebre e para o desfile infindável de carros atrás dele. Policiais de uniforme em todos os lugares bloqueando alguma coisa, uma rua, uma ruela, o espaço nos estacionamentos.

O carro fúnebre deu a volta no tribunal com a bandeira a meio pau, e os funcionários públicos do condado enfileirados na calçada abaixaram a cabeça. Os negociantes em volta da praça saíram das lojas para dar adeus ao juiz Atlee.

Ele foi enterrado no jazigo da família, perto da sua mulher há muito tempo esquecida e entre os ancestrais que ele tanto reverenciava. Seria o último Atlee devolvido ao pó do condado de Ford, mas ninguém sabia disso. E com certeza ninguém se importava. Ray queria ser cremado e suas cinzas espalhadas nas montanhas Blue Ridge. Forrest admitia que estava mais perto da morte do que o irmão mais velho, mas não tinha providenciado nenhum detalhe final. A única coisa certa era que ele não seria enterrado em Clanton. Ray advogava a cremação. Ellie gostava da idéia de um mausoléu. Forrest preferia não pensar no assunto.

O povo se reuniu debaixo da tenda da Casa Funerária Magargel, pequena demais para todos. Cobria o espaço do túmulo e as quatro fileiras de cadeiras dobráveis. Mil cadeiras seriam necessárias.

Ray e Forrest com os joelhos quase tocando o caixão ouviram o reverendo Palmer terminar a cerimônia. Sentado numa das cadeiras na borda do túmulo aberto do pai, Ray achava estranhos

os próprios pensamentos. Queria ir para casa. Sentia falta da sua sala de aula e dos seus alunos. Sentia falta de voar e do vale Shenandoah visto lá de cima, a cinco mil pés de altitude. Estava cansado e irritado e não queria passar as duas próximas horas no cemitério, trocando banalidades com as pessoas que lembravam de quando ele havia nascido.

A mulher de um ministro da Igreja Pentecostal teve a palavra final. Ela cantou "Amazing Grace" e durante cinco minutos o tempo parou. Sua bela voz de soprano ecoou pelas pequenas colinas do cemitério, confortando os mortos, dando esperança para os vivos. Até os pássaros pararam de voar.

Um rapaz do exército com uma corneta tocou "Taps", e todos choraram. Dobraram a bandeira e a entregaram para Forrest, que soluçava e suava com a

maldita jaqueta de camurça. Quando as notas finais esvaeceram entre as árvores, Harry Rex começou a chorar alto atrás deles. Ray se inclinou para a frente e tocou no caixão. Silenciosamente se despediu do pai, depois, com os cotovelos nos joelhos, cobriu o rosto com as mãos.

O enterro terminou rapidamente. Era hora do almoço. Ray pensou que, se ficasse ali sentado perto do caixão, as pessoas o deixariam em paz. Forrest passou um braço pesado sobre seus ombros e juntos pareciam que iam ficar ali até a noite. Harry Rex recuperou a compostura e assumiu o papel de porta-voz da família. De pé ao lado da tenda, agradeceu a presença dos dignitários, cumprimentou Palmer pela bela cerimônia, elogiou a mulher do ministro pentecostal pela bela interpretação, disse a Claudia que ela não podia sentar com os filhos do morto, que ela precisava ir embora e assim por diante. Os coveiros esperavam debaixo de uma árvore próxima com as pás.

Quando todos se foram, inclusive o senhor Magargel e sua equipe, Harry Rex se deixou cair numa cadeira ao lado de Forrest, e por um longo tempo os três ficaram ali sentados, olhando, sem querer ir embora. O único som era o de uma escavadeira esperando em algum lugar a distância. Mas Forrest e Ray não se importaram. Quantas vezes você enterra seu pai?

E qual é a importância do tempo para um coveiro?

— Que belo funeral — Harry Rex disse, finalmente. Ele era um conhecedor do assunto.

— Ele ficaria orgulhoso — disse Forrest.

— Ele gostava de um bom funeral — Ray acrescentou. — Mas detestava casamentos.

— Eu adoro casamentos — disse Harry Rex.

— Quatro ou cinco? — Forrest perguntou.

— Quatro e ainda contando.

Um homem com uniforme de trabalhador da prefeitura se aproximou e perguntou em voz baixa:

— Gostariam que nós baixássemos o caixão agora?

Nem Ray nem Forrest souberam responder. Harry Rex não teve dúvida.

— Sim, por favor — ele disse.

O homem girou uma manivela debaixo da borda do túmulo. Vagarosamente o caixão começou a afundar. Eles olharam até que pousasse no fundo do solo vermelho.

O homem retirou as alças de couro, o anteparo e a manivela, e

desapareceu.

— Acho que acabou — Forrest disse.

O almoço foi comida mexicana e refrigerantes em um drive-in na periferia da cidade, longe do movimento, onde sem dúvida alguém os interromperia com palavras amáveis sobre o Juiz. Sentados a uma mesa de piquenique de madeira, debaixo de um grande guarda-sol, olhavam os carros que passavam.

— Quando você volta para casa? — Harry Rex perguntou.

— De manhã bem cedo — Ray respondeu.

— Temos algum trabalho para fazer.

— Eu sei. Vamos fazer isso esta tarde.

— Que tipo de trabalho? — Forrest perguntou.

— A legitimação do testamento — Harry Rex respondeu. — Abriremos o testamento dentro de algumas semanas, quando Ray puder voltar. Precisamos examinar os papéis do Juiz agora e ver quanto trabalho temos pela frente.

— Parece trabalho para o inventariante.

— Você pode ajudar.

Ray comia pensando no seu carro, estacionado numa rua movimentada perto da Igreja Presbiteriana. Certamente estava seguro ali.

— Ontem à noite fui ao cassino — disse com a boca cheia.

— Qual? — perguntou Harry Rex.

— Santa Fé ou coisa assim, o primeiro que encontrei. Já esteve lá?

— Já estive em todos — ele disse, como se não pretendesse nunca mais voltar. Com exceção de narcóticos ilegais, Harry Rex tinha explorado todos os vícios.

— Eu também — Forrest disse, um homem sem exceções.

— Como se saiu? — Forrest perguntou.

— Ganhei uns dois mil no vinte-e-um. Eles me deram um quarto.

— Eu paguei pelo maldito quarto — Harry Rex disse. — Provavelmente por todo o andar.

— Gosto das bebidas de graça — disse Forrest. — Vinte dólares a dose.

Ray engoliu em seco e resolveu jogar a isca.

— Encontrei alguns fósforos do Santa Fé na mesa do velho. Ele dava umas fugidas?

— Claro — disse Harry Rex. — Ele e eu íamos uma vez por mês. Ele adorava os dados.

— O velho? — Forrest perguntou. —Jogando?

— Isso aí.

— Então aí está o resto da minha herança. O que ele não doou, perdeu no jogo.

— Não, na verdade, ele jogava muito bem.

Ray fingiu estar tão chocado quanto Forrest, mas aliviado com sua primeira pista, por mais fraca que fosse. Parecia quase impossível que o Juiz tivesse juntado aquela fortuna jogando dados uma vez por semana.

Ele e Harry Rex continuariam a conversa mais tarde.

CAPITULO 13

PRÓXIMO DO FIM, O JUIZ trabalhou diligentemente para organizar seus negócios. Os registros importantes estavam no seu escritório, fáceis de achar.

Examinaram primeiro a mesa de mogno. Numa gaveta havia comprovantes de bancos de dez anos, todos arrumados em ordem cronológica. Suas declarações do imposto de renda estavam em outra gaveta. Havia grossos livros-caixa com registros das doações que ele fazia a quem quer que pedisse. A gaveta maior estava cheia de pastas, dezenas delas. Pastas com imposto predial, relatórios médicos, velhas escrituras e títulos de propriedade, cartas dos médicos, seu fundo de pensão. Ray examinou rapidamente as pastas sem abrir, a não ser a de contas a pagar. Havia uma — 13,80 dólares para conserto do cortador de grama de Wayne — de uma semana atrás.

— É sempre esquisito examinar os papéis de alguém que acaba de morrer — Harry Rex disse. — Sinto-me sujo, como um abelhudo.

— Mais como um detetive à procura de pistas — Ray disse. Estava de um lado da mesa, Harry Rex do outro, os dois sem gravata e com as mangas arregaçadas, com pilhas de evidência entre os dois. Forrest era o ajudante de sempre. Esvaziou três garrafas de cerveja depois do almoço e agora roncava no balanço da varanda.

Mas ele estava ali, e não perdido em uma das suas bebedeiras. Durante os anos ele tinha desaparecido muitas vezes. Se tivesse faltado ao enterro do pai, ninguém em Clanton estranharia. Apenas outra bola preta para aquele garoto Atlee maluco, outra história para contar.

Na última gaveta, encontraram objetos pessoais variados — canetas, cachimbos, retratos do Juiz com amigos em convenções de direito, algumas fotos antigas de Ray e Forrest, sua certidão de casamento e o certificado de óbito da mãe deles. Num envelope velho não aberto, o recorte do *Clanton Chronicle* do obituário dela, datado de 12 de outubro de 1969, completo com uma fotografia. Ray leu e o entregou para Harry Rex.

— Lembra dela? — Ray perguntou.

— Lembro, fui ao seu enterro — ele disse, olhando para o recorte. — Ela

era uma bonita mulher que não tinha muitos amigos.

— Por quê?

— Ela era do Delta, e a maioria deles têm uma boa dose de sangue nobre. Era o que o Juiz queria numa esposa, mas não deu muito certo por aqui. Ela pensou que estava casando com dinheiro. Juízes não ganhavam muito naquele tempo, por isso ela teve de trabalhar duro para ser melhor do que todo mundo.

— Você não gostava dela.

— Não especialmente. Ela achava que eu não era bastante educado.

— Imagine.

— Eu amava seu pai, Ray, mas não houve muitas lágrimas no enterro dela.

— Vamos examinar um funeral de cada vez.

— Desculpe.

— O que havia no testamento que você redigiu para ele? O último.

Harry Rex pôs o obituário na mesa e recostou na cadeira. Olhou para a janela atrás de Ray, e então falou em voz baixa.

— O Juiz queria fundar um truste, de modo que quando sua casa fosse vendida o dinheiro fosse para o truste. Eu seria o curador e como tal teria o prazer de dar o dinheiro para você e para ele. — Com a cabeça indicou a varanda. — Mas os primeiros cem mil dólares dele seriam devolvidos ao espólio. Isso diz o quanto ele achava que Forrest devia a ele.

— Que desastre.

— Tentei convencê-lo a não fazer isso.

— Graças a Deus ele inutilizou esse testamento.

— Sem dúvida. Ele sabia que não era boa idéia, mas estava tentando proteger Forrest dele mesmo.

— Há vinte anos estamos tentando isso.

— Ele pensou em tudo. Ia deixar tudo para você, cortar Forrest completamente, mas sabia que isso ia causar fricção. Então ficou zangado porque nenhum de vocês jamais quis morar aqui, por isso me pediu para fazer um testamento doando a casa à igreja. Não chegou a assinar, em seguida se aborreceu com Palmer por causa da pena de morte e abandonou a idéia, dizendo que determinaria que fosse vendida depois da sua morte e o dinheiro dado para caridade. — Levantou os braços até sua espinha estalar. Harry Rex passara por duas cirurgias e raramente se sentia perfeitamente confortável. Continuou: — Tenho a impressão de que ele chamou você e Forrest para que os três

decidissem o que fazer com seus bens.

— Então por que o testamento de última hora?

— Nunca saberemos, certo? Talvez ele tenha se cansado da dor. Imagino que acabou gostando da morfina, como acontece com muita gente no fim. Talvez soubesse que ia morrer.

Ray olhou para os olhos do general Nathan Bedford Forrest que haviam encarado severamente o Juiz do mesmo lugar durante quase um século. Ray não tinha dúvida de que seu pai resolvera morrer no sofá para que o general pudesse ajudá-lo a passar desta para melhor. O general sabia. Sabia como e quando o Juiz tinha morrido. Sabia de onde tinha vindo o dinheiro. Sabia quem assaltara a casa na noite anterior e vasculhara o escritório.

— Ele alguma vez incluiu Claudia em alguma coisa? — Ray perguntou.

— Nunca. Ele podia guardar ressentimento, você sabe disso.

— Ela passou por aqui esta manhã.

— O que ela queria?

— Acho que queria dinheiro. Disse que o Juiz sempre prometera cuidar dela e queria saber o que havia no testamento.

— Você contou?

— Com prazer.

— Ela vai ficar bem, não se preocupe com aquela mulher. Você lembra do velho Walter Sturgis, saído de Karraway, um construtor corrupto durante anos, sovina como ninguém? — Harry conhecia todo mundo no condado, as trinta mil almas... negros, brancos e agora os mexicanos.

— Acho que não.

— Dizem que ele tem meio milhão de dólares em dinheiro, e ela está atrás disso. Fez o velho usar camisas de golfe e comer no clube de campo. Ele disse aos amigos que toma Viagra todos os dias.

— Isso é que é disposição.

— Ela vai domá-lo.

Forrest se mexeu no balanço da varanda e as correntes rangeram. Eles esperaram um momento, até tudo ficar quieto outra vez. Harry Rex abriu uma pasta e disse: — Aqui está a avaliação. No ano passado, chamamos um cara de Tupelo, provavelmente o melhor avaliador do norte do Mississipi.

— Quanto?

— Quatrocentos mil.

— Vendida.

— Eu achei demais. O Juiz, é claro, achava que a casa valia um milhão.

— É claro.

— Eu calculo trezentos mil.

— Não conseguiremos nem metade. No que se baseou a avaliação?

— Está aqui. Metros quadrados da casa, do terreno, charme, comparações, o de sempre.

— Me diga uma comparação. Harry Rex folheou a avaliação.

— Aqui está uma. Uma casa mais ou menos da mesma idade, mesmo tamanho, doze hectares de terreno na periferia de Holly Springs, há dois anos, foi vendida por oitocentos mil.

— Isto não é Holly Springs.

— Não, não é.

— Holly Springs é uma cidade de antes da Guerra Civil, com uma porção de casas antigas.

— Você quer que eu processe o avaliador?

— Sim, vamos cair em cima dele. Quanto você pagaria por esta casa?

— Nada. Você quer uma cerveja?

— Não.

Harry Rex foi para a cozinha e voltou com um copo de Pabst Blue Ribbon.

— Eu não sei por que os caras compram esta coisa — ele resmungou e tomou um quarto do copo de um gole.

— Sempre foi a marca dele.

Harry Rex olhou através das persianas e só viu Forrest no balanço.

— Acho que ele não está muito preocupado com os bens do pai.

— Ele é como Claudia, só quer um cheque.

— Dinheiro o mataria.

Era bom ouvir Harry Rex concordar com sua opinião. Ray esperou até ele voltar para a mesa porque queria ver os olhos dele.

— O Juiz ganhou menos de nove mil dólares no ano passado — Ray disse, olhando para uma declaração do imposto de renda.

— Ele estava doente — Harry Rex disse, erguendo os braços outra vez, girando as costas largas e sentando. — Mas julgou casos até este ano.

— Que casos?

— Todo tipo de coisa. Tivemos aquele governador nazista de direita há alguns anos...

— Lembro dele.

— Gostava de rezar o tempo todo quando em campanha, valores familiares, contra tudo, menos armas. Acabou que ele gostava de mulheres e a esposa o pegou, grande escândalo, coisa realmente apimentada. Os juízes locais em Jackson não quiseram saber do caso por razões óbvias, por isso pediram ao Juiz para ir até lá e dar seu parecer.

— Foi a julgamento?

— Claro que foi, um julgamento grande e feio. A mulher fez uma carga terrível contra o governador, que tentou intimidar o Juiz. Ela ficou com a casa do marido e quase todo o dinheiro. A última vez que eu ouvi alguma coisa sobre o caso ele estava morando em cima da garagem do irmão, com guarda-costas, é claro.

— Alguma vez você viu o velho se deixar intimidar?

— Nunca. Nenhuma vez em trinta anos.

Harry Rex tomou mais cerveja, e Ray olhou para outra declaração do imposto de renda.

— Eu encontrei algum dinheiro, Harry Rex.

Os olhos dele não diziam nada. Nem conspiração, nem surpresa, nem alívio. Ele não piscou e nem olhou fixamente para Ray. Esperou, finalmente deu de ombros e disse: — Quanto?

— Uma bolada. — Agora viriam as perguntas, e Ray tentava adivinhar quais seriam.

Outra vez Harry Rex esperou, depois outro dar de ombros inocente.

— Onde?

— Ali, naquele aparador debaixo das estantes de livros. Era dinheiro vivo, mais de noventa mil dólares.

Até ali ele não tinha mentido. Não tinha também dito toda a verdade, mas não estava mentindo. Não ainda.

— Noventa mil dólares? — Harry Rex, disse, um pouco alto demais e Ray com um gesto da cabeça indicou a varanda.

— Sim, em notas de cem dólares — ele disse em voz mais baixa. — Alguma idéia de onde veio?

Harry Rex tomou outro gole na lata, Semicerrou os olhos para a parede e finalmente disse: — Na verdade, não.

— Jogo? Você disse que ele jogava bem os dados. Outro gole.

— Sim, talvez. O cassino abriu há seis ou sete anos, e ele e eu íamos uma

vez por semana, pelo menos no começo.

— Vocês pararam?

— Eu bem que gostaria de ter parado. Aqui entre nós, eu ia o tempo todo. Estava jogando tanto e não queria que o Juiz soubesse, assim, cada vez que íamos juntos eu sempre jogava pouco. Na noite seguinte, eu saía de fininho e me ferrava todo outra vez.

— Quanto você perdeu?

— Vamos falar do Juiz.

— Tudo bem, ele ganhava?

— Geralmente. Numa boa noite, ele ganhava uns dois mil.

— E numa noite má?

— Quinhentos, esse era seu limite. Quando estava perdendo, ele sabia a hora de parar. Esse é o segredo do jogo, você tem de saber quando pára e tem de ter a coragem de ir embora. Ele fazia isso. Eu não.

— Ele ia sem você?

— Ia, eu o vi uma vez. Saí às escondidas uma noite e escolhi outro cassino, que diabo, agora eles têm quinze, e quando estava jogando vinte-e-um, as coisas ficaram quentes na mesa dos dados, não muito longe de onde eu estava. No meio do barulho, eu vi o juiz Atlee, com um boné de beisebol para não ser reconhecido. Seus disfarces nem sempre funcionavam porque eu ouvia os comentários na cidade. Muita gente ia aos cassinos e via coisas.

— Com que freqüência ele ia?

— Quem sabe? Ele não tinha de dar satisfação a ninguém. Eu tive um cliente, um desses vendedores de carros usados, e ele me contou que tinha visto o juiz Atlee na mesa dos dados às três horas da manhã no cassino Ilha do Tesouro. Então imaginei que o Juiz ia nas horas mais estranhas para que não o vissem.

Ray fez alguns cálculos rápidos. Se o Juiz jogasse três vezes por semana, ganhando dois mil dólares de cada vez, o total seria de mais ou menos um milhão e meio.

— Ele podia ter juntado noventa mil? — Ray perguntou. Parecia uma quantia tão pequena.

— Qualquer coisa é possível, mas por que esconder?

— Você me diz.

Pensaram no assunto por algum tempo. Harry Rex acabou de tomar a cerveja e acendeu um cigarro. Um lerdo ventilador de teto acima da escrivaninha

empurrava a fumaça de um lado para o outro. Ele soltou uma baforada de fumaça para o ventilador e disse: — Você tem de pagar imposto sobre o que ganha e, uma vez que ele não queria que ninguém soubesse que estava jogando, talvez quisesse manter tudo em segredo.

— Mas os cassinos não exigem comprovantes, quando você ganha uma certa quantia?

— Eu nunca vi nenhum desses comprovantes.

— Mas se tivesse ganho?

— Sim, eles exigem. Tive um cliente que ganhou onze mil nos caça-níqueis de cinco dólares. Deram a ele um comprovante de dez e noventa e nove para o imposto de renda.

— E os dados?

— Se você ganha mais do que dez mil em fichas de uma vez, então tem comprovante. Fique abaixo de dez e não tem nada. O mesmo que uma transação de dinheiro num banco.

— Duvido que o Juiz quisesse comprovantes.

— Tenho certeza de que não queria.

— Ele nunca mencionou nenhum dinheiro quando vocês faziam os testamentos?

— Nunca. O dinheiro é um segredo, Ray. Não posso explicar. Não tenho idéia do que ele estava pensando. Certamente sabia que ia ser encontrado.

— Certo. A questão agora é o que fazer com ele.

Harry Rex balançou a cabeça assentindo e levou o cigarro aos lábios. Ray recostou na cadeira e olhou para o ventilador. Por um longo tempo, pensaram no que fazer com o dinheiro. Nenhum dos dois queria sugerir que simplesmente continuassem a escondê-lo. Harry Rex resolveu apanhar outra cerveja. Ray disse que queria uma também. Com o passar dos minutos, ficou óbvio que não falariam sobre o dinheiro outra vez, não naquele dia. Dentro de poucas semanas, quando o testamento fosse aberto e tivesse sido feito um inventário dos bens, podiam voltar ao assunto. Ou talvez não voltassem.

Por dois dias, Ray debatera se devia ou não contar para Harry Rex do dinheiro, não de toda a fortuna, mas apenas de uma amostra dela. Depois de ter contado, ficou com mais perguntas do que respostas.

Pouca luz fora lançada sobre a origem do dinheiro. O Juiz gostava dos dados e era bom jogador, mas parecia improvável que pudesse ter ganho três milhões em sete anos. E fazer isso, sem ter comprovantes para o imposto de

renda e sem deixar uma pista, parecia impossível.

Ray voltou às declarações do imposto enquanto Harry Rex examinava o livro das doações.

— Qual corte de legitimação você vai usar? — Ray perguntou depois de um longo silêncio.

— Há várias.

— Não uma local.

— Não. Vou ficar longe das locais, esta é uma cidade pequena.

— Tenho a impressão de que os registros estão em ordem — Ray disse, fechando uma gaveta.

— Vai ser fácil, a não ser a casa.

— Vamos anunciar, quanto antes melhor. Não vai ser vendida logo.

— Quanto vamos pedir?

— Devemos começar com trezentos mil.

— Vamos gastar dinheiro em consertos?

— Não há dinheiro, Harry Rex.

Um pouco antes de anoitecer, Forrest anunciou que estava cansado de Clanton, cansado de morte, cansado de ficar numa velha casa que o deprimia e da qual nunca gostara, cansado de Harry Rex e de Ray, e que ia para casa, para Memphis, onde mulheres alegres e festas o esperavam.

— Quando você volta? — ele perguntou para Ray.

— Daqui a duas ou três semanas.

— Para a legitimação do testamento?

— Sim — Harry Rex respondeu. — Nos apresentaremos brevemente ao juiz. Você é bem-vindo, mas não é necessário.

— Eu não gosto de tribunais. Já estive muito tempo neles. Os irmãos foram juntos até o carro de Forrest.

— Você está bem? — Ray perguntou, mas só porque sentia-se obrigado a demonstrar interesse.

— Estou ótimo. A gente se vê, mano — Forrest disse, com pressa de ir embora antes que o irmão dissesse alguma besteira. — Telefone quando voltar — ele disse. Ligou o motor e foi embora. Ray sabia que ele ia parar em algum lugar entre Clanton e Memphis, num lugar com bar e uma mesa de bilhar, ou talvez apenas para comprar cerveja e beber enquanto dirigia. Forrest tinha sobrevivido ao funeral do pai de modo impressionante, mas a pressão crescia. O alívio não ia ser agradável.

Harry Rex estava com fome, como de hábito, e perguntou a Ray se ele queria peixe frito.

— Na verdade, não — Ray respondeu.

— Ótimo, há um lugar novo no lago.

— Como se chama?

— Cabana do Peixe-gato do Jeter.

— Está brincando.

— Não, é delicioso.

Jantaram num deque vazio sobre um pântano, no remanso do lago. Harry Rex comia peixe-gato duas vezes por semana, Ray, uma vez cada cinco anos. O cozinheiro exagerava na massa e no óleo de amendoim, e Ray sabia que a noite seria longa, por diversas razões.

Ele dormiu com uma arma carregada na cama no seu antigo quarto, no segundo andar, com as janelas e portas trancadas, e os três sacos de lixo com o dinheiro aos seus pés. Com esse arranjo era difícil olhar em volta, no escuro, e lembrar coisas agradáveis da infância que normalmente estariam prestes a vir à tona. A casa era escura e fria naquele tempo, especialmente depois da morte de sua mãe.

Em vez de lembrar, ele tentou dormir contando fichas pretas redondas de cem dólares cada uma, carregadas pelo Juiz das mesas para a caixa. Contou com imaginação e ambição e nem chegou perto da fortuna que tinha na cama com ele.

CAPÍTULO 14

A PRAÇA DE CLANTON TINHA TRÊS CAFÉS, dois para os brancos e um para os negros. Os fregueses da casa de chá eram banqueiros, advogados e comerciantes, mais um grupo de empregados de escritório onde a conversa era um pouco mais pesada — a bolsa, política, golfe. Claude's, o restaurante negro, estava ali havia quarenta anos e tinha a melhor comida.

O café era preferido pelos fazendeiros, policiais e operários de fábricas que falavam sobre futebol e caçada de passarinho. Era também o preferido de Harry Rex, como de alguns poucos advogados que gostavam de comer com as pessoas que eles representavam. Abria às cinco todas as manhãs, exceto aos domingos, e às seis quase sempre já estava cheio. Ray estacionou perto, na praça, e trancou o carro. O sol começava a aparecer acima das montanhas ao leste. Ele ia dirigir por quinze horas mais ou menos e esperava estar em casa lá pela meia-noite.

Harry Rex tinha uma mesa junto da janela e um jornal de Jackson já em desordem, de modo a não servir para mais ninguém.

— Alguma coisa nos jornais? — Ray perguntou. Não havia televisão em Maple Run.

— Coisa nenhuma — Harry Rex resmungou com os olhos grudados nos editoriais. — Mando para você todos os Obituários. — Ele passou por uma seção dobrada, amarrotada do tamanho de um livro de bolso. — Quer ler isto?

— Não, preciso ir.

— Não vai comer primeiro? — Vou.

— Ei, Dell! — Harry Rex gritou para o outro lado da sala. O balcão e as mesas estavam cheios de homens, só homens, todos comendo e conversando.

— Dell ainda está aqui? — Ray perguntou.

— Ela não envelhece — Harry Rex disse, acenando. — Sua mãe tem oitenta anos e a avó, cem. Ela estará aqui muito depois de estarmos enterrados.

Dell não gostava de ser chamada aos gritos. Ela se aproximou com o bule de café e um ar de zanga, até ver Ray. Ela o abraçou e disse:

— Há anos não vejo você. — Então sentou, segurou o braço dele e

começou a dizer o quanto sentia a morte do Juiz.

— Não foi um grande funeral? — Harry Rex perguntou.

— Não me lembro de nenhum melhor — ela disse, como se Ray devesse ficar confortado e impressionado com isso.

— Obrigado — ele disse, com os olhos úmidos, não de mágoa, mas por causa da mistura de perfumes baratos que ela exalava.

Então ela se levantou de um salto e disse:

— O que vão comer? Cortesia da casa.

Harry Rex escolheu panquecas e salsichas, para os dois, uma pilha grande para ele, pequena para Ray. Dell desapareceu, deixando uma espessa nuvem de fragrâncias no ar.

— Você vai fazer uma longa viagem. Panquecas grudam nas costelas.

Depois de três dias em Clanton, tudo estava grudando nas suas costelas. Ray esperava ansioso por longos passeios pelo campo e por uma comida mais leve.

Para seu grande alívio, ninguém mais o reconheceu. Não havia nenhum outro advogado no café àquela hora e ninguém que tivesse conhecido o Juiz o bastante para ir ao seu enterro. Os policiais e mecânicos estavam muito ocupados com suas piadas e fofocas. Dell manteve a boca fechada, um fato notável. Depois da primeira xícara de café, Ray relaxou e começou a ouvir com prazer o vozerio e as risadas à sua volta.

Dell voltou com comida para oito pessoas; panquecas, salsichas que pareciam de um porco inteiro, uma bandeja de biscoitos grandes, uma tigela de manteiga e outra de geléia feita em casa. Por que alguém precisava comer biscoitos com panquecas? Ela bateu de leve no ombro de Ray e disse:

— E ele era um homem tão doce... E se foi.

— Seu pai era uma porção de coisas — Harry Rex disse, inundando as panquecas quentes com pelo menos um quarto da geléia feita por alguém em casa. — Mas não era doce.

— Não, não era — Ray concordou. — Alguma vez ele veio aqui?

— Não que eu lembre. Ele não tomava o café da manhã, não gostava de multidões, detestava conversa mole, preferia dormir até o mais tarde possível. Acho que este não era seu tipo de lugar. Nos últimos nove anos ele não foi visto muito na praça.

— Onde Dell o conheceu?

— No tribunal. Uma das filhas dela teve um filho. O pai já tinha outra

família. Uma verdadeira confusão. — Harry Rex conseguiu de algum modo pôr na boca uma quantidade de panqueca que daria para alimentar um cavalo. Depois um pedaço de salsicha.

— E você estava no meio, é claro.

— É claro. O Juiz a tratou muito bem. — Mastigando, mastigando.

Ray se achou na obrigação de comer uma grande porção da comida. Com melado pingando por todo lado, ele se inclinou para a frente e levou uma garfada à boca.

— O Juiz era uma lenda, Ray, você sabe disso. O pessoal daqui o amava. Ele nunca teve menos de oitenta por cento dos votos no condado de Ford.

Ray assentiu, balançando a cabeça, e continuou a comer as panquecas. Estavam quentes e cheias de manteiga, mas não especialmente saborosas.

— Se gastarmos cinco mil dólares na casa — Harry Rex disse, sem mostrar a comida que tinha na boca —, podemos conseguir muitas vezes mais. É um bom investimento.

— Cinco mil para o quê?

Ele limpou os lábios com um gesto largo.

— Primeiro limpar a danada da coisa. Pulverizar, lavar, fumigar, limpar o assoalho, as paredes e os móveis, fazer com que cheire melhor. Então pintar por fora e o andar térreo. Consertar o telhado para que desapareçam as manchas do teto. Cortar a grama, arrancar o mato, enfeitar um pouco. Por aqui posso encontrar gente que faça isso. — Ele levou outra garfada à boca e esperou a resposta de Ray.

— Temos só seis mil no banco — Ray disse.

Dell passou por eles apressada, mas conseguiu encher outra vez as xícaras de café e bater no ombro de Ray sem perder o passo.

— Você tem mais na caixa que encontrou — Harry Rex disse, cortando outro pedaço da panqueca.

— Então vamos gastar?

— Estive pensando — ele disse, tomando um gole de café. — De fato passei a noite inteira pensando naquele dinheiro.

— E?

— Cheguei a duas conclusões, uma é importante, a outra não. — Uma mordida rápida de modestas proporções, depois, com a faca e o garfo ajudando-o a falar, continuou: — Primeiro, de onde ele veio? É isso que queremos saber, mas na verdade não é importante. Se ele roubou um banco, ele está morto. Se

ganhou nos cassinos e não pagou os impostos, ele está morto. Se ele simplesmente gostava do cheiro do dinheiro e economizou durante anos, continua morto. Está me seguindo?

Ray deu de ombros como se estivesse esperando algo complicado. Harry Rex aproveitou a pausa no monólogo para comer salsicha, depois começou a brandir o garfo e a faca outra vez.

— Segundo, o que você vai fazer com o dinheiro? Isso é importante. Estamos supondo que ninguém sabe da existência dele, certo?

Ray assentiu com a cabeça e disse:

— Certo. Estava escondido. — Ray ouvia a janela sendo sacudida. Via as caixas da Blake & Son espalhadas e amassadas.

Não pôde evitar de olhar pela janela para seu conversível TT, pronto para a fuga.

— Se você incluir o dinheiro no inventário, metade vai para o imposto de renda.

— Sei disso, Harry Rex. O que você faria?

— Não sou a pessoa certa para você fazer essa pergunta. Há dezoito anos estou lutando contra o imposto de renda e adivinhe quem está ganhando? Não eu. Que se danem.

— Esse é seu conselho como advogado?

— Não, como amigo. Se você quer conselho legal, então eu digo que todos os bens devem ser juntados e inventariados adequadamente, segundo o código do Mississipi, como anotados e emendados.

— Obrigado.

— Eu pegaria uns vinte mil, acrescentaria ao inventário para pagar as contas, depois esperaria um longo tempo e daria para Forrest a metade do resto.

— Agora sim, é isso que chamo de conselho legal.

— Nada disso é bom senso.

O mistério dos biscoitos foi resolvido quando Harry Rex os atacou.

— Não quer um biscoito? — ele perguntou, embora eles estivessem muito mais perto de Ray.

— Não, obrigado.

Harry Rex partiu o biscoito em dois pedaços, passou manteiga, acrescentou uma camada grossa de geléia e então, no último momento, pôs dentro dele um pedaço de salsicha.

— Tem certeza?

— Sim, tenho certeza. O dinheiro pode estar marcado de algum modo?

— Só se for dinheiro de resgate de seqüestro. Não acho que Reuben Atlee estava metido nesse tipo de coisa, e você?

— Tudo bem, gasto cinco mil.

— Você vai ficar satisfeito.

Um homem pequeno com calça e camisa cáqui, parou ao lado da mesa e com um sorriso caloroso disse:

— Com licença, Ray, eu sou Loyd Darling. — Estendeu a mão enquanto falava. — Tenho uma fazenda fora da cidade.

Ray apertou a mão e levantou um pouco da cadeira. O senhor Loyd Darling tinha mais terra do que ninguém no condado de Ford. Antigamente costumava lecionar na escola dominical.

— É um prazer vê-lo — Ray disse.

— Fique sentado — ele disse, pondo a mão no ombro de Ray e empurrando gentilmente para baixo. — Eu só queria dizer o quanto sinto a morte do Juiz.

— Muito obrigado, senhor Darling.

— Não havia homem melhor do que Reuben Atlee. Você tem a minha simpatia.

Ray apenas inclinou a cabeça. Harry Rex tinha parado de comer e parecia prestes a cair no choro. Então Loyd se foi e o desjejum recomeçou. Harry Rex começou a contar uma história da sua guerra contra os abusos do imposto de renda. Depois de mais uma ou duas garfadas, Ray ficou satisfeito e enquanto fingia ouvir pensava em todas as boas pessoas que admiravam seu pai, todos os Loyds Darlings que adoravam o velho.

E se o dinheiro não tivesse vindo do cassino? E se um crime fora cometido, algum segredo horrível perpetrado pelo Juiz? Ali sentado entre os fregueses do café, vendo Harry Rex, mas não ouvindo, Ray Atlee tomou uma decisão. Jurou que se chegasse a descobrir que o dinheiro agora na mala do seu carro fora ganho por seu pai de algum modo aético, ninguém jamais saberia. Ele não ia profanar a reputação estelar do juiz Reuben Atlee.

Assinou um contrato com ele mesmo, trocou um aperto de mãos, fez um juramento de sangue, jurou por Deus. Ninguém jamais saberia.

Eles se despediram na calçada na frente de outro escritório de advocacia. Harry Rex o abraçou com força e Ray tentou abraçá-lo do mesmo modo, mas seus braços estavam presos ao lado do corpo.

— Não posso acreditar que ele se foi — Harry Rex disse, com os olhos úmidos outra vez.

— Eu sei, eu sei.

Ele se afastou, balançando a cabeça e lutando para conter as lágrimas. Entrou no Audi e saiu da praça sem olhar para trás. Alguns minutos depois, estava na saída da cidade, passando pelo velho drive-in onde fora introduzida a pornografia, passando pela fábrica de sapatos onde o Juiz fora mediador de uma greve. Passou por tudo até chegar ao campo, longe do tráfego, longe da lenda. Olhou para o velocímetro e viu que estava dirigindo quase a cento e quarenta quilômetros por hora.

Policiais deviam ser evitados, bem como colisões no pára-choque traseiro. A viagem era longa, mas a hora da chegada a Charlottesville era crucial. Cedo demais e haveria tráfego de pedestres na galeria do centro da cidade. Tarde demais e a patrulha noturna poderia vê-lo e fazer perguntas.

Do outro lado da divisa do Tennessee, ele parou para reabastecer e ir ao banheiro. Tinha tomado muito café. E comido demais. Tentou telefonar para Forrest no celular, mas ninguém atendeu. Interpretou isso como um sinal nem bom nem mau — com Forrest nada era previsível.

Na estrada outra vez, manteve a velocidade a oitenta quilômetros, e as horas começaram a passar. O condado de Ford desapareceu em outra vida. Todos tinham de ser de algum lugar, e Clanton não era um mau lugar para se chamar de lar. Mas se ele nunca mais o visse não ia ficar infeliz.

Os exames deviam terminar dentro de uma semana, a formatura na semana seguinte, depois as férias de verão. Como esperavam que ele estivesse fazendo pesquisa e escrevendo, não teria de lecionar nos três meses seguintes. O que queria dizer que teria muito pouco para fazer.

Voltaria a Clanton e faria o juramento como inventariante do testamento do pai. Tomaria todas as decisões que Harry Rex pedisse. E tentaria resolver o mistério do dinheiro.

CAPÍTULO 15

COM MUITO TEMPO PARA PLANEJAR seus movimentos, ele não se surpreendeu quando nada deu certo. A hora da sua chegada foi adequada, 23:20h, quarta-feira, 10 de maio. Esperava estacionar ilegalmente na calçada, a poucos metros da portaria do seu prédio, mas outros motoristas tinham tido a mesma idéia. A calçada nunca esteve tão completamente bloqueada pela fila de carros parados, e para sua ansiosa satisfação cada um deles tinha um aviso de multa debaixo do limpador de pára-brisa.

Ele podia estacionar na rua e fazer várias viagens correndo, mas isso era convidar problemas. O pequeno estacionamento atrás do seu prédio tinha quatro vagas, uma reservada para ele, mas o portão era trancado às onze horas.

Assim foi obrigado a usar uma garagem escura e quase completamente abandonada, a três quadras de distância, um lugar com três níveis, grande e cavernoso que lotava durante o dia e ficava sinistramente vazio à noite. Pensou em descartar essa alternativa e, durante muitas horas, foi para o norte e para o leste, planejando a ofensiva, e a garagem era a menos atraente de todas as opções. Era o plano D ou E, muito abaixo na lista dos modos pelos quais ele queria transferir o dinheiro. Estacionou no nível um, saiu com a mala, trancou o carro e com grande ansiedade o deixou lá. Saiu apressado da garagem, como se gangues armadas estivessem vigiando, à espera. Suas pernas e suas costas estavam rígidas por causa do longo tempo passado dirigindo, mas tinha muito trabalho para fazer.

O apartamento parecia exatamente como ele o havia deixado, notou com um estranho alívio. Trinta e quatro mensagens o esperavam, sem dúvida outros professores e amigos telefonando para dar os pêsames. Ele ouviria todas mais tarde.

No fundo de um pequeno closet, no Vestíbulo, debaixo de um cobertor, de um poncho e de outras coisas atiradas ali, não guardadas em ordem, encontrou uma sacola de lona vermelha Wimbledon que não usava havia pelo menos dois anos. Além das malas que ele achou que pareceriam muito suspeitas, era a maior peça de bagagem de que podia se lembrar.

Se tivesse uma arma, ele a teria posto no bolso. Mas crimes eram raros em Charlottesville e ele preferia viver sem armas. Depois do episódio de domingo em Clanton, ficou mais apavorado com armas do que nunca. As armas do Juiz estavam escondidas num closet em Maple Run.

Com a sacola pendurada no ombro, ele trancou a porta que dava para a rua e tentou andar do modo mais casual possível, na galeria. Era bem iluminada, sempre havia um ou dois policiais vigiando e os pedestres àquela hora eram garotos com cabelos verdes, um bêbado ocasional e alguns que voltavam para casa. Charlottesville era uma cidade tranqüila depois da meia-noite.

Uma tempestade rápida tinha passado um pouco antes da sua chegada. As ruas estavam molhadas e o vento ainda soprava. Ele passou por um jovem casal que andava de mãos dadas, mas não viu mais ninguém a caminho da garagem.

Tinha pensado em levar os sacos de lixo do carro até o apartamento, simplesmente pendurados no ombro, como Papai Noel, um de cada vez e caminhando rapidamente. Podia transferir o dinheiro em três viagens, assim diminuindo o tempo que ficaria exposto na rua. Duas coisas o fizeram desistir da idéia. A primeira, e se um saco rasgasse e um milhão de dólares caísse na calçada? Todos os malfeitores e bêbados da cidade iam sair dos becos, como tubarões atraídos pelo sangue. A segunda, ver uma pessoa carregando o que parecia ser lixo para dentro de um apartamento, e não levando para fora dele, podia despertar suspeitas suficientes para atrair a atenção da polícia.

"O que tem no saco, senhor?", um policial podia perguntar.

"Nada. Lixo. Um milhão de dólares." Nenhuma resposta parecia correta.

Portanto o plano era ser paciente, levar todo o tempo que fosse preciso, levar o dinheiro aos poucos e não se preocupar com o número de viagens que precisaria fazer, porque o fator menos importante era o cansaço de Ray. Ele podia descansar mais tarde.

A parte apavorante foi a transferência do dinheiro de um saco para a sacola, inclinado sobre a mala do carro tentando não parecer culpado. Felizmente a garagem estava deserta. Ele encheu a sacola de lona de dinheiro até o zíper quase não fechar, bateu a porta da mala do carro, olhou em volta como se acabasse de matar alguém e saiu.

Talvez um terço do saco de lixo — trezentos mil dólares. Muito mais do que o suficiente para que ele fosse preso ou esfaqueado. Um ar casual era o que ele queria afetar desesperadamente, mas não havia nada de fluido nos seus passos e movimentos. Olhos fixos à frente, embora quisesse olhar para os lados,

para baixo e para cima, para a direita e para a esquerda. Nada podia ser omitido. Um adolescente ameaçador com piercings no nariz passou por ele, chapado, completamente fora deste mundo. Ray caminhou mais depressa ainda, sem saber se teria nervos suficientes para mais oito ou nove viagens à garagem.

Um bêbado num banco escuro gritou alguma coisa ininteligível para ele. Ray deu um pulo para a frente, depois se controlou e deu graças por não estar armado. Naquele momento ele atiraria em qualquer coisa que se movesse. O dinheiro ficava mais pesado a cada quadra, mas ele chegou sem incidente. Jogou o dinheiro em cima da cama, trancou todas as portas e voltou para o carro por outro caminho.

Na quinta viagem, defrontou-se com um velho maluco que saltou das sombras e perguntou:

— Que diabo você está fazendo? — Tinha uma coisa escura na mão. Ray supôs que fosse uma arma para matá-lo.

— Saia do caminho — ele disse o mais grosseiramente possível, mas com a boca seca.

— Você fica andando para trás e para a frente — gritou o velho. Ele fedia e seus olhos brilhavam como os de um demônio.

— Trate da sua vida. — Ray não parou nem por um minuto, e o velho pulava na frente dele. O idiota do povoado.

— Qual é o problema? — disse uma voz autoritária atrás deles. Ray parou e um policial se aproximou, com o cassetete na mão.

Ray se desmanchou em sorrisos.

— Boa noite, policial. — Respirava com dificuldade e seu rosto estava molhado de suor.

— Ele está tramando alguma coisa — o velho gritou. — Fica andando para trás e para a frente. Quando vai, a sacola está vazia. Quando volta, está cheia.

— Relaxe, Gilly — o policial disse, e Ray respirou profundamente. Horrorizado com a idéia de que alguém o estava espionando, mas aliviado por ser alguém da laia de Gilly. Entre todos os tipos da galeria, Ray nunca tinha visto aquele.

— O que tem no saco? — o policial perguntou.

Era uma pergunta idiota, definitivamente em território proibido e por uma fração de segundo Ray, o professor de direito, pensou em perorar sobre fazer uma pessoa parar, revistas, prisões e interrogatório policial permitidos. Mas

deixou passar o impulso e disse suavemente o que estava preparado para dizer:

— Eu joguei tênis esta noite em Boar's Head. Sofri uma distensão no tornozelo, e estou só andando para melhorar. Eu moro ali adiante. — Apontou para seu prédio de apartamentos a duas quadras.

O policial virou para Gilly e disse:

— Eu já disse que você não pode ficar gritando com as pessoas, Gilly. Ted sabe que você não está em casa?

— Ele tem alguma coisa nesse saco — Gilly disse, muito mais calmo. O policial o estava levando para longe de Ray.

— Sim, é dinheiro — o policial disse. — Tenho certeza de que o cara é um assaltante de banco e você o pegou. Bom trabalho.

— Mas está vazio e depois está cheio.

— Boa noite, senhor — o policial disse, olhando para trás.

— Boa noite. — E Ray, o tenista ferido, saiu mancando por meio quarteirão para satisfazer outros tipos iguais a Gilly que podiam estar escondidos no escuro. Quando jogou a quinta carga de dinheiro na cama, encontrou uma garrafa de *scotch* no pequeno armário e serviu-se de uma boa dose.

Esperou duas horas, tempo suficiente para Gilly voltar para Ted, que, ele esperava, o manteria medicado e confinado pelo resto da noite, e tempo talvez para a mudança da guarda, de modo que outro policial estaria fazendo a ronda. Duas horas muito longas durante as quais ele imaginou todos os cenários possíveis envolvendo seu carro na garagem. Roubo, vandalismo, fogo, rebocado por engano, tudo que se podia imaginar.

Às 3 horas da manhã ele saiu do apartamento vestindo jeans, botas de caminhar e uma camiseta azul-marinho com VIRGINIA escrito na frente. Trocou a sacola de lona por uma valise velha de couro, onde não ia caber muito dinheiro, mas não chamaria a atenção do policial. Estava armado com uma faca de cozinha no cinto, debaixo da camiseta, pronta para ser usada rapidamente em pessoas como Gilly ou em qualquer assaltante. Era bobagem e ele sabia, mas naquele momento Ray não era ele mesmo e sabia disso também. Morto de cansaço, sem dormir havia três noites consecutivas, um pouco embriagado por causa das três doses de *scotch,* estava determinado a esconder o dinheiro e com medo de ser parado outra vez.

Até os bêbados tinham desaparecido às 3 horas da manhã. As ruas estavam desertas. Mas, quando ele entrou na garagem, viu uma coisa que o apavorou. Na outra extremidade da galeria, passando sob a lâmpada da rua,

estava um grupo de cinco ou seis adolescentes negros. Caminhavam devagar na direção de Ray, gritando, falando alto, procurando encrenca.

Seria impossível fazer mais meia dúzia de viagens sem passar por eles. O plano final foi criado no momento.

Ray ligou o Audi e saiu da garagem. Deu uma volta e parou na rua ao lado dos carros estacionados ilegalmente na calçada, perto da porta do seu prédio. Desligou o motor e as luzes, abriu a mala e pegou o dinheiro. Cinco minutos mais tarde, toda a fortuna estava lá em cima onde devia estar.

Às 9 horas da manhã, o telefone o acordou. Era Harry Rex.

— Acorde esse traseiro, garoto — ele rosnou. — Como foi a viagem?

Ray sentou na beirada da cama e tentou abrir os olhos.

— Maravilhosa — resmungou.

— Falei com o corretor de imóveis ontem, Baxter Redd, um dos melhores da cidade. Examinamos a casa, demos pontapés nos pneus, você sabe. Que desordem. Muito bem, ele queria se basear na quantia da avaliação, quatrocentos mil, e acha que podemos conseguir pelo menos duzentos e cinqüenta mil. Ele recebe os seis por cento de praxe. Você ainda está aí?

— Estou.

— Então diga alguma coisa, está bem?

— Continue.

— Ele concorda que precisamos gastar algum dinheiro para dar um jeito na casa, uma pintura, um pouco de cera no assoalho, uma boa fogueira ajudaria. Ele recomendou um serviço de limpeza. Você está aí?

— Estou.

Harry Rex estava de pé havia horas, provavelmente bem abastecido com outro banquete de panquecas, biscoitos e salsichas.

— Bem, já contratei um pintor e um perito em telhados. Precisamos de uma infusão de capital logo.

— Voltarei dentro de algumas semanas, Harry Rex, isso não pode esperar?

— Claro. De ressaca?

— Não, só cansado.

— Muito bem, ponha seu traseiro em movimento, aqui já passa das nove.

— Obrigado.

— Por falar em ressacas — ele disse, abaixando a voz de repente, falando mais macio — , Forrest me telefonou ontem à noite.

Ray ficou de pé e se espreguiçou.

— Isso não pode ser bom — ele disse.

— Não, não é. Ele estava chapado, não sei se de bebida ou de drogas, provavelmente das duas coisas. Seja o que for, ele estava carregado. Sua voz era tão suave que pensei que estava quase dormindo e de repente ele acordou e começou a me amaldiçoar.

— O que ele queria?

— Dinheiro. Não agora, ele diz, afirmando que não está quebrado, mas está preocupado com a casa e o espólio e quer ter certeza de que você não vai passar a perna nele.

— Passar a perna?

— Ele estava chapado, Ray, por isso não pode culpá-lo. Mas ele disse umas coisas bem fortes.

— Estou ouvindo.

— Estou contando para você saber, mas por favor não se aborreça. Duvido de que amanhã ele se lembre do que disse.

— Continue, Harry Rex.

— Ele disse que o Juiz sempre o preferiu e por isso ele culpa você por seu estado, que você sempre conseguiu muito mais do velho. E que é minha obrigação vigiá-lo e proteger os interesses dele com a herança porque você vai tentar evitar que ele receba o dinheiro e assim por diante.

— Não demorou muito, certo? Nós mal começamos.

— Não.

— Não estou surpreso.

— Fique com a guarda levantada. Ele está numa daquelas bebedeiras e pode telefonar para você com as mesmas bobagens.

— Já ouvi tudo isso antes, Harry Rex. O problema não é culpa dele. Alguém está sempre querendo enganá-lo. Típico dos viciados.

— Ele acha que a casa vale um milhão de dólares, e disse que é minha obrigação conseguir essa quantia. Do contrário, ele terá de contratar um advogado, blablablá. Não me impressionou. Repito, ele estava chapado.

— Ele está deplorável.

— Sem dúvida, mas vai passar pela crise e estará sóbrio em uma semana mais ou menos. Então quem vai esbravejar sou eu. Ficaremos bem.

— Eu lamento, Harry Rex.

— É parte do meu trabalho. Apenas um dos prazeres de praticar a

advocacia.

Ray fez café, uma marca italiana forte de que gostava e da qual sentira muita falta em Clanton. Tinha quase acabado de tomar a primeira xícara quando seu cérebro começou a acordar.

Qualquer problema com Forrest seguiria o curso normal. Apesar dos seus muitos problemas, ele era basicamente inofensivo. Harry Rex cuidaria da execução do testamento e haveria uma divisão igual de tudo. Dentro de um ano mais ou menos, Forrest receberia um cheque com mais dinheiro do que já tinha visto.

A imagem de um serviço de limpeza solto em Maple Run o preocupou por algum tempo. Podia ver uma dúzia de mulheres atarefadas como formigas, felizes por ter tanta coisa para limpar. E se elas encontrassem outro tesouro deixado demoniacamente pelo Juiz? Colchões recheados de dinheiro? Closets cheios de notas? Mas era impossível. Ray tinha revistado cada centímetro da casa. Você encontra três milhões de dólares escondidos e é motivado a procurar debaixo de cada tábua. Ele tinha até andado entre as teias de aranha do porão, uma masmorra onde nenhuma mulher de limpeza jamais entraria.

Serviu outra xícara de café forte e foi para o quarto, sentou numa cadeira e olhou para a pilha de dinheiro. E agora?

No atordoamento dos últimos quatro dias tinha se concentrado apenas em levar o dinheiro para onde estava agora. Era hora de planejar o próximo passo, e Ray tinha poucas idéias. Precisava ficar escondido e protegido, disso ele tinha certeza.

CAPITULO 16

ENCONTROU UM GRANDE ARRANJO FLORAL no centro da sua mesa, com um cartão de pêsames, assinado pelos catorze alunos da sua aula de antitruste. Cada um escrevera um pequeno parágrafo de condolências, e ele leu todos. Ao lado das flores estava uma pilha de cartões dos outros professores da faculdade.

A notícia da sua volta correu célere e durante toda a manhã os outros professores apareceram para um rápido olá, seja bem-vindo, sinto muito sua perda. De um modo geral, o corpo docente era um grupo unido. Podiam discutir quando se tratava de assuntos triviais da política do *campus,* mas imediatamente iam em defesa uns dos outros nos momentos difíceis. Ray estava muito satisfeito por revê-los. A mulher de Alex Duffman mandou uma bandeja de infames biscoitos de chocolate, cada um pesando meio quilo e ótimos para acrescentar três quilos a mais à sua cintura. Naomi Kraig levou uma pequena coleção de rosas do seu jardim.

No fim da manhã, Carl Mirk apareceu e fechou a porta. O melhor amigo de Ray na faculdade, a passagem dos dois pelo curso de direito fora notavelmente semelhante. Eram da mesma idade e ambos tinham pais que eram juízes em cidades pequenas e que dirigiram os pequenos condados durante décadas. O pai de Carl ainda era juiz e ainda se ressentia de o filho não ter voltado para a firma da família. Aparentemente o ressentimento diminuía com o passar do tempo, ao passo que o juiz Atlee parecia ter levado o seu para o túmulo.

— Conte tudo — Carl disse. Não demoraria para que ele fizesse a mesma viagem de volta à sua cidade natal no norte do Ohio.

Ray começou com a casa quieta, quieta demais, ele lembrava agora. Descreveu a cena de quando encontrou o juiz.

— Você o encontrou morto? — Carl perguntou. A narrativa continuou. — Você acha que ele apressou um pouco as coisas?

— Espero que sim. Ele estava sofrendo muito.

— Minha nossa.

A história foi contada com detalhes, à medida que Ray lembrava de coisas

em que quase não pensava desde domingo. As palavras vinham com facilidade, e a narração se tornou terapêutica. Carl era um ouvinte excelente.

Forrest e Harry Rex foram descritos com humor.

— Não temos tipos como esses em Ohio — Carl disse. Quando eles contavam histórias das suas cidades pequenas, geralmente para os outros professores, esticavam os fatos e aumentavam o tamanho dos personagens. Mas não a descrição de Forrest e Harry Rex. A verdade era suficientemente pitoresca.

O velório, o funeral, o enterro. Quando Ray terminou com "Taps" e a descida do caixão, os dois estavam com os olhos úmidos. Carl se levantou e disse:

— Que modo maravilhoso de partir. Eu sinto muito.

— Estou feliz por ter acabado.

— Bem-vindo de volta. Vamos almoçar amanhã.

— Que dia é amanhã?

— Sexta-feira.

— Certo, almoço.

Para sua aula do meio-dia. Ray pediu pizzas de uma casa de entregas a domicílio e comeu no pátio com os estudantes. Treze dos catorze alunos da classe estavam presentes. Oito iam se formar dentro de duas semanas. Estavam todos mais preocupados com Ray e com a morte do seu pai do que com os exames finais. Ele sabia que isso logo mudaria.

Terminadas as pizzas, ele os dispensou. Kaley ficou, como vinha fazendo nos últimos meses. Havia uma linha rígida delimitando o espaço onde eram proibidos os vôos entre professores e alunos, e Ray Atlee não pretendia se aventurar além dela. Estava muito satisfeito com seu emprego para se arriscar a ter relações com uma aluna. Porém, dentro de duas semanas, Kaley não seria mais uma aluna, mas graduada em advocacia, e não havia regras contra isso. O namoro platônico tinha esquentado um pouco — uma pergunta depois da aula, uma visita ao escritório dele para pedir uma tarefa que tinha perdido e sempre aquele sorriso nos olhos que demorava apenas um segundo.

Ela era uma aluna como as outras, com um belo rosto e um traseiro de parar o trânsito. Jogara hóquei no terceiro grau, na Brown, e seu corpo era atlético. Kayle tinha vinte e oito anos, era viúva sem filhos e com toneladas de dinheiro recebido da companhia fabricante do planador que seu marido pilotava quando caiu a poucos quilômetros da costa, em Cape Cod. Eles o encontraram no fundo do mar, a dezoito metros de profundidade com o cinto de segurança,

as duas asas partidas em dois pedaços. Ray pesquisara o relatório do acidente on-line. Também encontrou o arquivo do tribunal em Rhode Island onde ela havia encaminhado o processo. O acordo deu a ela quatro milhões adiantados e quinhentos mil por ano, durante os próximos vinte anos. Ray guardou essa informação discretamente.

Depois de andar atrás dos garotos, nos primeiros dois anos da faculdade de direito, agora ela estava atrás dos homens. Ray sabia de pelo menos dois outros professores alvos da mesma tática do pretexto para ficar depois da aula. Um por acaso era casado. Evidentemente, todos eram tão cautelosos quanto Ray.

Andaram juntos para a entrada da faculdade de direito, conversando sobre o exame final. Ela se aproximava mais a cada encontro, mais perto da zona proibida, a única que sabia até onde pretendia ir.

— Eu gostaria de voar algum dia — ela disse.

Qualquer coisa, menos voar. Ray pensou na morte horrível do jovem marido e por um segundo não sabia o que dizer. Finalmente, com um sorriso, ele disse:

— Compre uma passagem de avião.

— Não, não, com você, num avião pequeno. Vamos voar para algum lugar.

— Algum lugar especial?

— Só voar por aí por algum tempo. Estou pensando em aprender a pilotar.

— Eu estava pensando em algo mais tradicional, talvez almoço ou jantar, depois da sua formatura. Ela tinha se aproximado de modo que quem passasse por eles naquele momento teria certeza de que professor e aluna estavam falando sobre uma atividade ilícita.

— Eu me formo daqui a catorze dias — ela disse, como se não pudesse esperar tanto tempo para ir para a cama.

— Então eu a convido para jantar daqui a quinze dias.

— Não, vamos quebrar a regra agora, enquanto sou ainda sua aluna. Vamos jantar antes da minha formatura.

Ele quase disse sim.

— Lamento. A lei é a lei, estamos aqui porque nós a respeitamos.

— Ah, sim. É tão fácil esquecer. Mas temos um encontro marcado?

— Não. Teremos um encontro.

Com outro sorriso ela foi embora. Ray tentou com todas as forças não admirar o traseiro dela, mas era impossível.

A van alugada era de uma companhia de mudanças do norte da cidade, sessenta dólares por dia. Ele tentou um preço de meio dia porque só ia precisar durante algumas horas, mas foram os mesmos sessenta. Ele dirigiu exatamente seis décimos de um quilômetro e parou no Autodepósito Chaney's, uma vasta área de blocos retangulares de concreto circundada por uma grade de aço e arame farpado novo e brilhante. Câmeras de vídeo em cima de postes observavam cada movimento quando ele estacionou e foi para o escritório.

Havia muito espaço. Um cubículo de 3x3 metros custava quarenta e oito dólares por mês, sem aquecimento, sem ar. Uma porta vertical corrediça e muita luz.

— E à prova de fogo? — Ray perguntou.

— Completamente — disse a própria senhora Chaney, abanando a fumaça do cigarro que tinha nos lábios, enquanto preenchia os formulários. — Nada além de blocos de concreto.

Tudo era seguro no Chaney's. Tinham vigilância eletrônica, ela explicou, enquanto trabalhava em quatro monitores à sua esquerda. Numa prateleira à sua direita estava uma pequena televisão com gente lutando e gritando, numa festa barulhenta que tinha se transformado em luta. Ray soube imediatamente qual a prateleira que mais chamava a atenção.

— Guardas durante vinte e quatro horas — ela disse, continuando com os formulários. — Portões sempre trancados. Nunca fomos assaltados e, se acontecer, temos todo o tipo de segurança. Assine aqui. Catorze B.

Seguro de três milhões de dólares, Ray pensou enquanto assinava. Pagou seis meses em dinheiro e apanhou as chaves do 14B.

Estava de volta duas horas depois, com seis caixas novas de depósito, uma pilha de roupas velhas e uma ou outra peça de mobiliário inútil compradas num mercado de pulgas na cidade, para autenticidade. Estacionou na ruela na frente do 14B e rapidamente descarregou e armazenou seu lixo.

O dinheiro estava dentro de saquinhos para freezer de dois quilos, com o zíper fechado para evitar o ar e a água, cinqüenta e três ao todo. As sacolas estavam no fundo das seis caixas de depósito, cobertas cuidadosamente com papéis, pastas e notas de pesquisa que até recentemente Ray considerava úteis. Agora seus arquivos meticulosos estavam servindo a uma causa muito mais nobre. Algumas velhas brochuras foram adicionadas por segurança.

Se, por acaso, um ladrão abrisse o 14B provavelmente o abandonaria depois de uma rápida olhada nas caixas. O dinheiro estava bem escondido e tão bem protegido quanto possível. A não ser um cofre num banco, Ray não podia pensar em lugar melhor para garantir a segurança do dinheiro.

O que finalmente faria com o dinheiro era um mistério que crescia a cada hora. O fato de estar agora em segurança na Virgínia não servia de conforto, ao contrário do que ele tinha esperado.

Olhou para as caixas e para as outras coisas por algum tempo, na verdade nada ansioso para ir embora. Prometeu a si mesmo que ia passar por ali todos os dias para verificar as coisas, mas assim que a promessa foi feita ele começou a duvidar dela.

Fechou a porta corrediça com um cadeado novo. Quando saiu, o guarda estava acordado, a câmera de vídeo escaneando, o portão trancado.

Fog Newton estava preocupado com o tempo. Tinha um piloto estudante numa viagem longa para Lynchburg, ida e volta, e as tempestades se aproximavam rapidamente, segundo o radar. As nuvens eram inesperadas e não fora feita nenhuma previsão durante o processo de pré-vôo do estudante.

— Quantas horas de vôo ele tem? — Ray perguntou.

— Trinta e uma — Fog disse, preocupado. Certamente não era experiência bastante para enfrentar uma tempestade. Não havia aeroportos entre Charlottesville e Lynchburg, só montanhas.

— Você não vai voar, vai? — Fog perguntou.

— Eu queria.

— Esqueça. A tempestade está se formando rapidamente. Vamos dar uma olhada.

Nada assustava mais um instrutor do que um aluno no ar com tempo ruim. Cada treinamento de viagens longas tinha de ser cuidadosamente planejado — rota, tempo, combustível, horas de vôo, aeroportos secundários e procedimentos de emergência. E cada vôo tinha de ser aprovado por escrito pelo instrutor. Fog certa vez tinha impedido Ray de voar porque havia uma leve possibilidade de gelo a cinco mil pés de altitude, num dia perfeitamente claro.

Atravessaram o hangar até a rampa onde um Lear acabava de pousar e desligava os motores. A oeste, além dos sopés das montanhas via-se o primeiro sinal das nuvens. O vento estava muito mais forte.

— Dez a quinze nós, rajadas — Fog disse. — Um vento direto. Ray não gostaria de tentar uma aterrissagem naquelas condições.

Atrás do Lear, um Bonanza taxiava para a rampa e, quando chegou mais perto, Ray notou que era o que ele há dois meses desejava ter.

— Lá está seu avião — Fog disse.

— Bem que eu gostaria.

O Bonanza parou e desligou os motores perto deles e, quando a rampa ficou outra vez silenciosa, Fog disse:

— Ouvi dizer que ele baixou o preço.

— Quanto?

— Alguma coisa perto de quatro e vinte e cinco. Quatro e cinqüenta era um pouco alto demais.

O proprietário, viajando sozinho, saiu do avião e apanhou as malas da parte de trás. Fog olhava para o céu e para o relógio. Ray olhava para o Bonanza enquanto o dono fechava a porta do avião.

— Vamos dar uma volta — Ray disse.

— Com o Bonanza?

— Claro. Quanto é o aluguel?

— É negociável. Eu conheço muito o cara.

— Vamos alugar por um dia, voar até Atlantic City e voltar. Fog esqueceu as nuvens que se aproximavam e o estudante novato. Olhou para Ray.

— Fala sério?

— Por que não? Parece divertido.

A não ser voar e jogar pôquer, Fog tinha poucos outros interesses.

— Quando?

— No sábado. Depois de amanhã. Saímos cedo, voltamos tarde.

Fog de repente ficou pensativo. Olhou para o relógio, olhou outra vez para o oeste, depois para o sul. Dick Docker gritou de uma janela.

— Ianque Tango está a quinze quilômetros.

— Graças a Deus — Fog murmurou e relaxou. Ele e Ray foram até o Bonanza para examinar de perto. — Sábado, certo? — Fog disse.

— Isso aí. O dia inteiro.

— Vou falar com o proprietário. Tenho certeza de que ele fará um bom preço.

O vento amainou por um momento e Ianque Tango pousou com quase nenhum esforço. Fog, mais relaxado ainda, sorriu.

— Não sabia que você gostava de ação — ele disse, enquanto caminhavam pela rampa.

— Só um pouco de vinte-e-um, nada sério — Ray disse.

CAPÍTULO 17

A SOLIDÃO DO FIM DA MANHÃ de sexta-feira foi quebrada pela campainha da porta. Ray tinha dormido até tarde, ainda tentando se refazer do cansaço da viagem a Clanton. Três jornais e quatro cafés mais tarde estava quase completamente acordado.

Era da FedEx com um volume enviado por Harry Rex, cheio de cartas de admiradores e recortes de jornais. Ray espalhou tudo na mesa de jantar e começou com os recortes. O *Chnton Chronicle* tinha publicado uma página inteira, na quarta-feira, com uma foto formal de Reuben Atlee com toga e martelo. A foto tinha pelo menos vinte anos. O cabelo do Juiz era mais espesso e mais escuro e ele enchia toda a toga. O título dizia, JUIZ REUBEN ATLEE MORRE AOS 79 ANOS. Havia três reportagens na primeira página. Uma era um obituário rebuscado. Outra, uma coleção de comentários de amigos. A terceira era um tributo ao Juiz e ao seu incrível dom de caridade.

O *Ford County Times* também tinha uma foto na primeira página, tirada havia poucos anos. Nela o juiz Atlee estava sentado na varanda da sua casa segurando o cachimbo, parecendo muito mais velho, mas com um dos seus raros sorrisos. Vestia um cardi-gã e parecia um avô. O repórter tinha conseguido a foto sob o pretexto de falar sobre a Guerra Civil e sobre Nathan Bedford Forrest. Havia a insinuação de um livro em andamento sobre o general e os homens do condado de Ford que lutaram com ele.

Os filhos de Atlee mal eram mencionados nas reportagens sobre seu pai. Referir-se a um deles significaria que deviam se referir ao outro, e muita gente em Clanton queria evitar o assunto Forrest. Era dolorosamente óbvio que os filhos não faziam parte da vida do pai.

Mas podíamos ter feito, Ray pensou. Foi o pai quem escolheu muito cedo se envolver muito pouco com os filhos, não o contrário.

Aquele velho maravilhoso que dera tanto para tanta gente tinha pouco tempo para sua família.

As reportagens e as fotos o deixaram triste, o que era frustrante porque não tinha planejado ficar triste nessa sexta-feira. Tinha suportado muito bem

desde que encontrou o corpo do pai há cinco dias. Nos momentos de dor e de tristeza, Ray procurou e encontrou no seu íntimo a força para morder o lábio e seguir em frente sem desmoronar. A passagem do tempo e a distância de Clanton ajudaram imensamente e agora vinham do nada as mais tristes lembranças.

As cartas foram apanhadas por Harry Rex na caixa de correspondência do Juiz, em Clanton, e da caixa em Maple Run. Umas eram endereçadas a Ray e Forrest, e outras à família do juiz Atlee. Havia cartas longas de advogados que tinham tomado parte em julgamentos perante o grande homem e foram inspirados pela paixão que ele tinha pela lei. Havia cartas de simpatia de pessoas que, por um ou outro motivo, haviam comparecido perante o juiz Atlee em casos de divórcio, de adoção ou delinqüência juvenil, e sua justiça honesta e imparcial havia mudado suas vidas. Havia notas de pessoas de todo o estado — juízes ou companheiros da faculdade de direito, políticos que o juiz Atlee tinha ajudado durante todos aqueles anos, e amigos que queriam expressar suas simpatias e boas lembranças.

O maior volume de correspondência era daqueles que haviam recebido a caridade do Juiz. As cartas eram longas e sinceras, e todas iguais. O juiz Atlee enviara com discrição dinheiro desesperadamente necessário, provocando em muitos casos mudanças dramáticas na vida de alguém.

Como um homem tão generoso podia morrer com mais de três milhões escondidos debaixo da estante de livros? Certamente tinha enterrado muito mais do que deu. Talvez Alzheimer tivesse entrado sorrateiramente na sua vida ou qualquer outra coisa parecida, não diagnosticada. Teria o Juiz deslizado para a insanidade? A resposta fácil era que o velho simplesmente tinha ficado biruta, mas quantos birutas podem juntar tanto dinheiro?

Depois de ler trinta cartas e cartões mais ou menos, Ray fez uma pausa. Foi até a pequena varanda que dava para o centro da cidade e olhou para os pedestres lá embaixo. Seu pai nunca tinha visto Charlottesville e embora Ray tivesse certeza de o ter convidado a visitá-lo não lembrava de nenhum convite específico. Nunca viajaram juntos para nenhum lugar. Eram tantas as coisas que podiam ter feito.

O Juiz sempre falava que queria conhecer Gettysburg, Antie-tam, Bull Run, Chanceloville e Appomatox, e teria conhecido se Ray tivesse demonstrado algum interesse. Mas Ray não se interessava pela repetição das batalhas de uma velha guerra e sempre mudava de assunto.

O sentimento de culpa atacou em cheio, sem que ele conseguisse se livrar. Que idiota egoísta tinha sido.

Um belo cartão de Claudia agradecia a Ray ter falado com ela e dito que a perdoava. Ela amara seu pai durante anos e levaria a dor da sua perda para o túmulo. Por favor, telefone para mim, ela pedia e assinava com abraços e beijos. E estava fazendo o namorado atual tomar Viagra, segundo Harry Rex.

A viagem nostálgica parou de repente com um cartão simples e anônimo que gelou seu sangue e arrepiou suas pernas.

O único envelope cor-de-rosa continha um cartão com as palavras "Com simpatia" no lado de fora. Dentro estava colado um pequeno pedaço de papel com uma mensagem datilografada: "Será um erro gastar o dinheiro. Basta um telefonema para o imposto de renda." O envelope trazia o carimbo do correio de Clanton, cora a data de quarta-feira, o dia seguinte ao enterro, e era endereçado para a família do juiz Atlee, era Maple Run.

Ray pôs o envelope de lado enquanto examinava os outros cartões e cartas. Eram todos iguais até ali, e já tinha lido bastante. O envelope cor-de-rosa ao seu lado, como uma arma carregada, esperava que Ray voltasse a ele.

Ele repetiu a ameaça na sacada, segurando com força a grade e tentando analisar as coisas. Murmurou as palavras na cozinha, enquanto fazia café. Deixou o cartão na mesa, onde podia vê-lo de qualquer parte da sala.

De volta à sacada olhou o tráfego de pedestres aumentar com o avanço das horas, e qualquer pessoa que olhasse para cima podia saber do dinheiro. Enterrar uma fortuna, depois descobrir que a está escondendo de alguém e sua imaginação enlouquece.

O dinheiro não lhe pertencia e certamente era suficiente para que fosse espreitado sorrateiramente, seguido, vigiado, denunciado, até mesmo ferido.

Então riu da própria paranóia. Não vou viver assim, ele disse, e foi para o chuveiro.

Fosse quem fosse, sabia exatamente onde o Juiz tinha escondido o dinheiro. Faça uma lista, Ray pensou, sentado na beirada da cama, nu, com a água pingando no chão. O delinqüente que cortava a grama uma vez por semana. Talvez ele fosse persuasivo, comunicativo, e tivesse conquistado a amizade do Juiz, e passava horas na casa. Era fácil entrar. Quando o Juiz saía às escondidas para os cassinos, talvez o rapaz entrasse na casa, para roubar.

Claudia estava no topo da lista. Ray podia vê-la correndo para Maple Run sempre que o Juiz a chamava. Você não dorme com uma mulher durante anos e

então a abandona sem providenciar alguém que a substitua. As vidas dos dois eram tão ligadas que era fácil imaginar a continuação do romance. Ninguém esteve tão perto de Reuben Atlee quanto Claudia. Se alguém conhecia a origem do dinheiro, esse alguém era ela.

Se ela quisesse a chave da casa, podia ter, embora não fosse necessário. Sua visita na manhã do enterro podia ter sido de supervisão e não de simpatia, embora ela tivesse representado muito bem. Insensível, esperta, experiente, calejada e velha, mas não muito velha. Durante quinze minutos, ele pensou em Claudia e se convenceu de que era ela quem estava atrás do dinheiro.

Dois outros nomes vieram à sua mente, mas Ray não podia adicioná-los à lista. O primeiro era Harry Rex e, assim que ele o murmurou, ficou envergonhado. O outro era Forrest e era também uma idéia ridícula. Havia nove anos Forrest não entrava na casa. Supondo, só para argumentar, que ele de algum modo soube da existência do dinheiro, ele jamais o teria deixado onde estava. Dê três milhões em dinheiro para Forrest e ele se prejudicaria seriamente e a todos que o rodeavam.

A lista exigia esforço, mas as provas eram poucas. Ele queria sair para uma corrida rápida, mas em vez disso enfiou algumas roupas velhas em duas fronhas e foi para Chaney's e as guardou no 14B. Nada fora tocado, as caixas estavam exatamente como as tinha deixado na véspera. O dinheiro ainda estava bem escondido. Enquanto se demorava no depósito, sem querer sair até o último instante, de repente se deu conta de que talvez estivesse deixando um rastro. Obviamente, alguém sabia que ele tinha tirado o dinheiro do escritório do Juiz. A fim de localizar tanto dinheiro, podiam contratar investigadores particulares para seguir Ray.

Podia ter sido seguido de Clanton a Charlottesville, do seu apartamento ao Autodepósito Chaney's.

Praguejou contra a própria negligência. Pense, homem! O dinheiro não pertence a você!

Ele trancou o 14B com o maior cuidado possível. Atravessando a cidade de carro, para almoçar com Carl, olhava para os espelhos retrovisores e para os outros motoristas, e depois de cinco minutos riu e jurou que não ia viver como uma presa ferida.

Deixe que fiquem com o maldito dinheiro! Menos uma coisa com que se preocupar. Assaltem o 14B e retirem o dinheiro. Não ia afetar sua vida de modo algum. Não, senhor.

CAPÍTULO 18

O TEMPO ESTIMADO DE VÔO a Atlantic City era de oitenta e cinco minutos no Bonanza, exatamente trinta e cinco minutos menos do que no Cessna que Ray costumava alugar. Cedo, no sábado de manhã, ele e Fog fizeram uma checagem pré-vôo minuciosa sob a supervisão intrusiva e muitas vezes irritante de Dick Docker e Charlie Yates, que andavam em volta do Bonanza com os grandes copos de isopor com café horrível, como se fossem voar e não estivessem apenas olhando. Não tinham alunos naquela manhã, mas o boato no aeroporto era que Ray ia comprar o Bonanza e que eles precisavam ver as coisas pessoalmente. Boato de hangar era tão confiável quanto conversa de botequim.

— Quanto ele quer agora? — Docker perguntou, na direção de Fog Newton que, agachado debaixo de uma asa, esvaziava um tanque de óleo verificando se tinha água ou sujeira.

— Ele abaixou para quatro e dez — Fog disse, com um ar de importância, porque era o encarregado desse vôo, não eles.

— Ainda é muito — Yates disse.

— Você vai fazer uma oferta? — Docker perguntou para Ray.

— Cuide da sua vida — Ray disse sem olhar. Estava verificando o óleo do motor.

— Isto é a nossa vida — Yates disse e todos riram.

Apesar da ajuda não solicitada, a checagem foi completada sem problema. Fog entrou primeiro e afivelou o cinto de segurança. Ray subiu à direita e, quando puxou a porta com força e trancou, prendendo o fone de ouvido, sabia que tinha encontrado a máquina voadora perfeita. O motor de duzentos HP ligou suavemente. Fog verificou os instrumentos de vôo e os rádios, e quando terminaram a lista da pré-decolagem chamou a torre. Ele ia decolar e passar o leme para Ray.

O vento estava fraco e as nuvens, altas e espalhadas, um dia quase perfeito para voar. O avião levantou da pista a 120 quilômetros por hora, recolheu o trem de pouso e subiu oitocentos pés por minuto até alcançar a altitude de cruzeiro de seis mil pés. Então Ray assumiu os controles e Fog explicava como

funcionava o piloto automático, o radar que verificava o tempo, o sistema para evitar colisão no tráfego.

— O aparelho tem de tudo — Fog disse, mais de uma vez.

A carreira de Fog era de piloto de aviões de combate da marinha, mas nos últimos dez anos fora relegado para os pequenos Cessnas, nos quais ensinou Ray e mil outros a voar. O Bonanza era o Porsche dos monomotores e Fog estava feliz com a oportunidade rara de voar num deles. A rota determinada pelo controle de tráfego aéreo os levou ao sul e a leste de Washington, longe do espaço aéreo congestionado em volta dos aeroportos nacionais de Dulles e Reagan. A cinqüenta quilômetros de distância e a mais de dois quilômetros acima, podiam ver a cúpula do Capitólio, em segunda estavam sobre o Chesapeake com a silhueta de Baltimore ao longe. A baía era linda, mas dentro do avião as coisas eram muito mais interessantes. Ray voava sozinho, sem ajuda do piloto automático. Manteve o curso, a altitude determinada, falou com o controle de Washington, e ouvia Fog falar incessantemente sobre os índices de desempenho e as características do Bonanza.

Os dois pilotos queriam que o vôo durasse horas, mas Atlantic City logo apareceu. Ray desceu para quatro mil pés, depois para três mil e então ligou a freqüência de aproximação. Com a pista à vista, Fog assumiu os controles e eles deslizaram para um pouso macio. Taxiando para a rampa geral, passaram por duas filas de pequenos Cessnas e Ray não pôde deixar de pensar que aqueles dias haviam passado. Pilotos estavam sempre à procura de um avião melhor e Ray tinha encontrado o seu.

O cassino favorito de Fog era o Rio, na calçada de tábuas da praia, ao lado de vários outros. Combinaram se encontrar para o almoço no segundo andar de uma cafeteria, e logo um perdeu o outro de vista. Cada um queria privacidade para jogar. Ray passou pelos caças-níqueis e deu uma olhada nas mesas. Era sábado e o Rio estava movimentado. Ele deu uma volta e parou numa mesa de pôquer. Fog estava no meio da multidão que rodeava uma mesa, perdido nas suas cartas, com uma pilha de fichas debaixo das mãos.

Ray tinha cinco mil dólares no bolso — cinqüenta das notas de cem dólares apanhadas ao acaso do dinheiro trazido de Clanton. Seu único objetivo nesse dia era deixar o dinheiro nos cassinos ao longo da orla e certificar-se de que não era falso nem marcado, que não podia ser rastreado de nenhum modo. Depois da visita ao Túnica, na última segunda-feira, ele estava totalmente certo de que o dinheiro era verdadeiro.

Agora quase desejaria que fosse marcado. Nesse caso, então, talvez o FBI o seguisse e dissesse a ele de onde vinha o dinheiro. Ele não tinha feito nada de errado. O culpado estava morto. Que viessem os federais.

Encontrou uma cadeira vazia em uma das mesas de vinte-e-um e deu cinco notas para comprar fichas.

— Verdes — ele disse como um jogador veterano.

— Trocando quinhentos — o carteador disse, mal erguendo os olhos.

— Troque — veio a resposta de um supervisor. As mesas estavam cheias de jogadores. Os caça-níqueis tocavam no fundo. Um jogo de dados a distância estava animado, homens gritavam com os dados.

O carteador apanhou as notas e Ray gelou por um segundo. Os outros jogadores olharam com admiração discreta. Todos estavam jogando com fichas de cinco e dez dólares. Amadores.

O carteador guardou as notas do Juiz, todas perfeitamente válidas, na caixa de dinheiro e contou vinte fichas verdes de vinte e cinco dólares para Ray, que perdeu a metade delas nos primeiros quinze minutos e saiu para tomar sorvete. Perdendo duzentos e cinqüenta, e nem um pouco preocupado.

Aproximou-se da mesa de dados e ficou olhando a confusão. Não podia imaginar seu pai dominando um jogo tão complicado. Onde se aprendia a jogar dados no condado de Ford, Mississipi?

Segundo um guia de jogo que ele havia escolhido na livraria, a aposta básica é uma *come-bet,* e quando se sentiu com coragem ele abriu caminho entre os outros jogadores e pôs as dez fichas restantes na linha de apostas. Os dados rolaram doze, o dinheiro foi retirado da mesa e Ray saiu do Rio para visitar o Princesa, ao lado.

Dentro, os cassinos eram todos iguais. Gente velha olhando desanimada para os caça-níqueis. Moedas caindo nas bandejas, o número suficiente para manter os jogadores interessados. Mesas de vinte-e-um cheias de gente com jogadores moderados tomando cerveja e uísque grátis. Jogadores sérios em volta das mesas de dados, gritando com os dados. Alguns asiáticos na roleta. Garçonetes com fantasias esquisitas mostrando a pele e servindo drinques.

Ele escolheu uma mesa de vinte-e-um e repetiu o processo. Suas outras cinco notas de quinhentos dólares passaram pelo escrutínio do carteador. Ray apostou cem dólares na primeira mão, mas ao invés de perder, começou a ganhar.

Tinha ainda no bolso muito dinheiro não posto à prova, para gastar

tempo acumulando fichas, por isso quando ganhou o dobro do que apostara, tirou do bolso mais dez notas e pediu fichas de cem dólares. O carteador informou o supervisor, que com um sorriso cheio de falhas disse:

— Boa sorte.

Uma hora depois, ele deixou a mesa com vinte e duas fichas.

O cassino seguinte foi o Fórum, um estabelecimento que parecia mais velho com cheiro de fumaça de cigarro, parcialmente disfarçado com desinfetante barato. Os jogadores eram mais velhos também, porque, como ele logo percebeu, a especialidade do Fórum era o caça-níqueis de vinte e cinco centavos, e as pessoas com mais de sessenta anos recebiam desjejum de graça, almoço ou jantar, o que preferissem. As garçonetes estavam no lado errado dos quarenta e já haviam desistido da idéia de mostrar a carne. Elas vestiam o que parecia roupa de ginástica com tênis combinando.

O limite no vinte-e-um era de dez dólares cada mão. O carteador hesitou quando Ray pôs o dinheiro na mesa e ergueu a primeira nota para a luz como se tivesse finalmente apanhado um falsificador. O supervisor a examinou também e Ray estava ensaiando o que ia dizer sobre ter encontrado aquela nota no chão, no Rio.

— Aceite — disse o supervisor, e o momento passou. Ele perdeu trezentos dólares em uma hora.

*

Fog disse que estava quebrando a banca, quando se encontraram para um sanduíche rápido. Ray perdia cem dólares, mas como todo jogador mentiu e disse que estava ganhando um pouco. Combinaram partir para Charlottesville às cinco horas da tarde.

O último dinheiro de Ray foi convertido em fichas numa mesa de cinqüenta dólares no Cassino Canyon, o mais novo de todos na avenida. Ele jogou por algum tempo mas logo se cansou das cartas e foi para o bar, onde tomou um refrigerante e assistiu ao boxe de Las Vegas. Os cinco mil que havia levado para Atlantic City haviam descido completamente pelos canos do sistema. Ia embora com quatro mil e setecentos dólares, tendo deixado um

rastro visível. Fora filmado e fotografado em sete cassinos. Em dois deles preenchera formulários quando trocava as fichas por dinheiro nos caixas. Em dois outros usou cartões de crédito para pequenas retiradas, só para deixar mais evidência da sua passagem.

Se o dinheiro do Juiz estivesse marcado, então eles saberiam quem ele era e onde podiam encontrá-lo.

Fog estava calado quando voltaram para o aeroporto. Sua sorte tinha virado durante a tarde.

— Perdi uns duzentos — finalmente admitiu, mas tudo nele dizia que tinha perdido muito mais

— E você? — perguntou.

— Tive uma boa tarde — Ray disse. — Ganhei o suficiente para pagar o aluguel do avião.

— Isso é bom.

— Suponho que não posso pagar em dinheiro, posso?

— Dinheiro ainda é legal — Fog disse, animando-se um pouco. Durante a checagem no pré-vôo, Fog perguntou se Ray queria voar no banco da esquerda.

— Podemos dizer que é uma aula — ele disse. A idéia de uma transação em dinheiro o compensava da tristeza do fracasso no cassino.

Atrás de dois vôos comerciais, Ray taxiou o Bonanza para a posição e esperou aliviar o tráfego. Sob o olhar atento de Fog, ele começou a decolagem, acelerando para 110 quilômetros por hora e então saiu suavemente do solo para o ar. O motor turbo parecia duas vezes mais potente do que o do Cessna. Subiram com pouco esforço para setecentos e cinqüenta pés e logo estavam no topo do mundo.

Dick Docker cochilava no Cockpit, quando Ray e Fog entraram para registrar a viagem e devolver os fones de ouvido. Ele saltou da cadeira e foi para o balcão.

— Não os esperava tão cedo — ele murmurou, ainda meio dormindo tirando os papéis da gaveta.

— Nós quebramos os cassinos — Ray disse.

Fog tinha desaparecido no escritório da escola de vôo.

— Nossa, nunca ouvi isso antes. Ray folheava o diário de bordo.

— Vai pagar agora? — Dick perguntou, escrevendo.

— Vou e quero desconto do pagamento à vista em dinheiro.

— Não sabia que tínhamos isso.

— Sabe agora. São dez por cento.

— Podemos fazer. Sim, o velho desconto do pagamento em dinheiro. — Calculou outra vez e disse: — Total de mil trezentos e vinte dólares.

Ray contava o dinheiro do seu maço de notas.

— Não tenho notas de vinte. Aqui tem mil e trezentos. — Enquanto recontava o dinheiro, Dick disse: — Um cara esteve aqui hoje, disse que queria ter aulas e de algum modo seu nome foi citado.

— Quem é ele?

— Nunca o vi antes.

— Por que meu nome foi citado?

— Foi meio estranho. Eu estava dando a ele a informação sobre preço e coisas assim, e sem mais nem menos ele perguntou se você tinha algum avião. Disse que conhece você de algum lugar.

Ray estava com as duas mãos no balcão.

— Tem o nome dele?

— Eu perguntei. Dolph alguma coisa, não ficou muito claro. Começou a agir de modo suspeito e saiu logo depois. Parou ao lado do seu carro no estacionamento, deu a volta nele como se quisesse arrombar ou coisa assim e então foi embora. Você conhece algum Dolph?

— Nunca conheci um Dolph.

— Nem eu. Nunca ouvi falar de um Dolph. Como eu disse foi tudo muito estranho.

— Como ele é?

— Uns cinqüenta anos, a cabeça cheia de cabelo grisalho penteado para trás, olhos escuros como um grego ou coisa assim. Tipo de vendedor de carros usados, botas de bico fino.

Ray balançava a cabeça. Não tinha idéia.

— Por que você simplesmente não deu um tiro nele? — Ray perguntou.

— Pensei que fosse um freguês.

— Desde quando você é amável com seus fregueses?

— Você vai comprar o Bonanza?

— Não. Só sonhando.

Fog voltou e eles se congratularam pela viagem maravilhosa, prometeram repetir, o de sempre. Saindo com o carro, Ray olhava todos os carros em toda a sua volta.

Estava sendo seguido.

CAPÍTULO 19

UMA SEMANA PASSOU sem que agentes do FBI ou da Fazenda batessem na sua porta com distintivos e perguntas sobre o dinheiro falso seguido até Atlantic City, uma semana sem sinal de Dolph ou de qualquer outro o seguindo, uma semana de rotina normal, de correr dez quilômetros de manhã e de ser professor de direito depois da corrida.

Voou três vezes no Bonanza, sempre com Fog ao lado, e todas as vezes pagou em dinheiro.

— Dinheiro do cassino — ele disse sorrindo, e não era mentira. Fog estava ansioso para voltar a Atlantic City a fim de recuperar o dinheiro perdido. Ray não tinha interesse, mas não era uma má idéia. Ele podia dizer que tivera outro dia de sorte nas mesas e continuar a pagar em dinheiro as aulas de pilotagem.

O dinheiro agora estava no 37F — o 14B continuava alugado para Ray Atlee, e ainda tinha as roupas velhas e os móveis baratos, o 37F estava alugado para NSY Ventures, em honra dos três instrutores da escola de Docker. O nome de Ray não aparecia em nenhum lugar na papelada. Ele alugou o 37F por três meses e pagou em dinheiro.

— Quero que isto seja confidencial — ele disse para a senhora Chaney.

— Tudo é confidencial por aqui. Temos todo tipo de gente. — Olhou para ele conspiratoriamente, como quem diz: "Não me importo com o que você quer esconder. Apenas pague o aluguel."

Ele tinha mudado uma caixa de cada vez, à noite, acobertado pelo escuro, com o guarda de segurança olhando de uma certa distância. O espaço de armazenamento 37F era idêntico ao do 14B e, quando as seis caixas estavam seguras, ele jurou outra vez deixá-las em paz e não voltar todos os dias. Nunca ocorreu a Ray que carregar três milhões de dólares fosse tão trabalhoso.

Harry Rex não havia telefonado. Mandou outra encomenda com mais cartas de simpatia e coisas parecidas. Ray achou que devia ler todas ou pelo menos examinar, para ver se havia outro bilhete misterioso. Não havia.

Os exames chegaram e passaram, e depois da formatura a faculdade de

direito estaria tranqüila durante o verão. Ray se despediu dos alunos, de todos menos de Kaley, que, depois do último exame, o informou que tinha resolvido passar o verão em Charlottesville. Insistiu outra vez para um encontro antes da formatura. Só para se divertir.

— Estamos esperando até que você não seja mais uma aluna — Ray disse, defendendo seu ponto de vista, mas querendo render-se. Eles estavam no seu escritório, com a porta aberta.

— Faltam poucos dias — ela disse.

— Sim, faltam.

— Então, vamos marcar um encontro.

— Não, a formatura primeiro, depois escolhemos a data.

Kaley foi embora com o mesmo sorriso e o mesmo olhar demorados, e Ray sabia que ela significava encrenca. Carl Mirk o encontrou olhando para ela no corredor, com a calça jeans muito justa.

— Nada mai — Carl disse.

Ray ficou embaraçado, mas continuou olhando.

— Ela está a fim de mim — ele disse.

— Você não é o único. Tenha cuidado.

Estavam no corredor, perto da porta do escritório de Ray. Carl entregou um envelope estranho para Ray e disse:

— Achei que você ia achar isto engraçado.

— O que é?

— Um convite para o Baile do Busardo.

— O baile do quê? — Ray estava tirando o convite do envelope.

— O primeiro baile do busardo, provavelmente o último também. É um baile formal, a rigor, em benefício da preservação da vida dos pássaros em Piedmont. Veja os anfitriões.

Ray leu devagar.

— Vicki e Lew Rodowski cordialmente o convidam para...

— O Liquidante agora está salvando nossos pássaros. Tocante, não acha?

— Cinco mil por casal!

— Acho que é um recorde para Charlottesville. Foi mandado para o reitor. Ele está na lista A, e nós não. Até a mulher dele ficou chocada com o preço.

— Suzie é a prova de choque, não é?

— Pelo menos nós pensamos que era. Eles querem duzentos casais. Vão

levantar mais de um milhão e mostrar para todo mundo como se faz isso. Pelo menos esse é o plano. Suzie diz que terão sorte se conseguirem trinta casais.

— Ela não vai?

— Não, e o reitor ficou muito aliviado. Ele acha que é a primeira festa a rigor que perdem, nos últimos dez anos.

— Música a cargo dos Drifters? — Ray disse, lendo o resto do convite.

— Isso tudo vai custar cinco mil.

— Que idiota.

— Isso é Charlottesville. Um palhaço sai de Wall Street, arranja uma nova mulher, compra uma grande fazenda de criação de cavalos, começa a jogar dinheiro fora e quer ser o grande homem de uma cidade pequena.

— Bem, eu não vou.

— Você não foi convidado. Pode guardar o convite.

Carl foi embora e Ray voltou à sua mesa, com o convite nas mãos. Pôs os pés na mesa, fechou os olhos e começou a sonhar acordado. Via Kaley com um vestido longo preto bem decotado nas costas, aberturas na saia até a altura das coxas, decote ousado, maravilhosos treze anos mais nova do que Vicki, muito mais em forma, na pista de dança com Ray, que não dançava mal, deslizando e girando ao ritmo do Motown dos Drifters, enquanto todo mundo olhava e murmurava: "Quem são eles?"

E, em resposta, Vicki seria obrigada a arrastar o velho Lew para a pista, Lew com seu smoking de grife, que não escondia a barriga mole; Lew cora tufos de cabelos grisalhos acima das orelhas; Lew o bode velho tentando comprar respeito salvando os pássaros; Lew com artrite nas costas e pés lentos como um caminhão de lixo; Lew orgulhoso da mulher troféu com vestido de um milhão de dólares, que revelava muito dos seus magníficos e esfaimados ossos.

Ray e Kaley tinham muito melhor aparência, dançavam melhor e, bem, o que isso provava?

Um belo cenário para visitar, mas desistir. Agora que ele tinha o dinheiro não ia gastar em bobagens como essas.

A viagem de carro para Washington era de apenas duas horas e mais da metade delas com belos cenários e muito agradável. Mas Ray tinha mudado seu modo preferido de viajar. Ele e Fog voaram no Bonanza durante trinta e oito minutos até o aeroporto Nacional Reagan, onde com relutância foi dada permissão para pousar, embora tivessem um lugar previamente aprovado. Ray saltou do avião e tomou um táxi e quinze minutos depois estava no Ministério

da Fazenda, na avenida Pensilvânia.

Um companheiro da faculdade tinha um cunhado com alguma influência no Tesouro. Telefonemas foram dados e o senhor Oliver Talbert recebeu o professor Atlee no seu escritório bastante confortável, no Departamento de Gravação e Impressão. O professor estava pesquisando para um projeto vagamente definido e precisava de menos de uma hora do tempo de alguém. Talbert não era o cunhado, mas pediram a ele para substituí-lo.

Eles começaram com o assunto de falsificação e, em linhas gerais, Talbert expôs os problemas atuais, quase todos devidos à tecnologia — principalmente as impressoras a tinta e o dinheiro falso gerado por computadores. Ele tinha amostras de algumas das melhores imitações. Com uma lente de aumento, apontou as falhas — a falta de detalhe na testa de Ben Franklin, a falta das linhas finas na parte de trás do desenho, a descoloração da tinta no número de série.

— Estes são muito bons — ele disse. — E os falsários estão cada vez melhores.

— Onde achou isto? — Ray perguntou, embora a pergunta fosse completamente irrelevante. Talbert olhou para a etiqueta atrás do quadro de amostras.

— México — ele disse, e foi tudo.

Para ficar na frente dos falsários, o Tesouro investia pesadamente na própria tecnologia. Impressoras que davam às notas um efeito quase holográfico, marcas de água, tintas que mudavam de cor, impressão de padrões com linhas finas, retratos ampliados fora de centro e scanners que podiam detectar um ponto falso em menos de um segundo. O método mais eficiente até agora ainda não fora usado. Simplesmente mudar a cor do dinheiro. Ir do verde para o azul, para o amarelo e para o rosa. Recolher o velho, encher os bancos com o novo, e os falsários não podiam acudir a tempo, pelo menos não na opinião de Talbert.

— Mas o Congresso não permite — ele disse, balançando a cabeça. Rastrear dinheiro verdadeiro era a principal preocupação de

Ray e finalmente chegaram ao assunto. O dinheiro não é realmente marcado, Talbert explicou, por razões óbvias. Se o falsário pudesse olhar para as notas e ver as marcas, não adiantava marcar. Marcar dinheiro significava simplesmente registrar o número de série, antes uma tarefa tediosa porque era feita manualmente. Ele contou a história de um seqüestro e do pagamento do resgate. O dinheiro chegou minutos antes da hora marcada para a entrega. Duas

dúzias de agentes do FBI trabalharam arduamente para anotar os números de série das notas de cem dólares.

— O resgate era de um milhão de dólares — ele disse — , e eles simplesmente não tiveram tempo. Conseguiram marcar oitenta mil, mas foi o bastante. Apanharam os seqüestradores um mês depois com algumas notas marcadas e isso resolveu o caso.

Mas um novo scanner faz o trabalho muito mais fácil. Fotografa dez notas de cada vez, cem em quarenta segundos.

— Uma vez registrados os números de série, como vocês encontram o dinheiro? — Ray perguntou, tomando notas num bloco amarelo. Será que Talbert esperava alguma coisa diferente?

— Dois modos. Primeiro, se você encontra o falsário com o dinheiro, simplesmente soma dois mais dois e o prende. É assim que o Tesouro e o FBI fazem com os traficantes de drogas. Pegam um vendedor de rua, fazem um trato com ele, dão a ele vinte mil em notas marcadas para comprar cocaína do seu fornecedor, depois apanham o peixe maior com o dinheiro do governo.

— E se não pegarem o falsário? — Ray perguntou, e não pôde deixar de pensar no pai morto.

— Esse é o segundo modo e muito mais difícil. Uma vez o dinheiro tirado de circulação pela Reserva Federal, é rotina passar uma amostra dele pelo scanner. Se uma nota marcada for encontrada, pode ser rastreada até o banco que a forneceu. Então é tarde demais. Ocasionalmente uma pessoa com dinheiro marcado o usa numa área geral durante um certo tempo e já apanhamos alguns deles desse modo.

— Parece muito ao acaso.

— E é — Talbert admitiu.

— Li uma história há alguns anos sobre caçadores de patos que acharam um avião caído, um avião pequeno — Ray disse casualmente. A história era inventada. — Havia algum dinheiro a bordo, parece que quase um milhão de dólares. Eles concluíram que era dinheiro de drogas, por isso ficaram com ele. Acaba que estavam certos, o dinheiro era marcado e logo foi detectado na pequena cidade deles.

— Acho que lembro dessa história — Talbert disse. Eu devo ser muito bom, Ray pensou.

— Minha pergunta é esta: Eles podem, ou qualquer outra pessoa que encontre dinheiro, simplesmente entregá-lo ao FBI ou ao Tesouro para

submeter ao scanner o fim de ver se é marcado e, se for, descobrir de onde veio?

Talbert coçou o rosto com um dedo magro e pensou na pergunta, depois deu de ombros e disse:

— Não vejo por que não. Mas o problema é óbvio. Correm o risco de perder o dinheiro.

— Tenho certeza de que não é uma ocorrência comum — Ray disse e os dois riram.

Talbert tinha uma história sobre um juiz em Chicago que recebia propina dos advogados, quantias pequenas, quinhentos e mil dólares para mudar um caso na agenda e para decisões favoráveis. Ele fez isso durante anos até o FBI receber uma denúncia. Eles pegaram alguns dos advogados e os convenceram a ajudá-los. Os números de série das notas foram registrados e durante dois anos da operação trezentos e cinqüenta mil foram passados para os dedos pegajosos do juiz. Quando eles atacaram, o dinheiro tinha desaparecido. Alguém avisou o juiz. O FBI finalmente encontrou o dinheiro na garagem do irmão dele, no Arizona e todo mundo foi para a cadeia.

Ray ficou preocupado. Seria coincidência ou Talbert estava tentando dizer alguma coisa? Mas à medida que a narrativa prosseguia ele relaxou e tentou se divertir com ela; por mais perto que tivesse chegado, Talbert não sabia coisa alguma sobre o pai de Ray.

No táxi, de volta para o aeroporto, Ray fez os cálculos no seu bloco. Para um juiz como o de Chicago, seriam precisos dezoito anos, roubando uma média de setenta e cinco mil por ano, para acumular três milhões. E isso em Chicago, com cem tribunais e mil advogados ricos tratando de casos que valiam muito mais do que os do norte do Mississipi. O sistema judiciário era uma indústria onde coisas podiam passar, cabeças podiam virar para outro lado, engrenagens podiam ser lubrificadas. No mundo do juiz Atlee, um punhado de pessoas fazia tudo e se algum dinheiro fosse oferecido ou aceito todos iam saber. Três milhões de dólares não podiam sair da Chancelaria do 25° distrito, porque não havia tanto dinheiro no sistema, para começo de conversa.

Ele decidiu que era preciso mais uma viagem a Atlantic City. Levaria mais dinheiro e o deixaria passar pelo sistema. Um teste final. Precisava ter certeza de que o dinheiro do Juiz não estava marcado.

Fog ia ficar radiante.

CAPÍTULO 20

QUANDO VICKI FUGIU e foi morar com o Liquidante, um professor amigo recomendou Axel Sullivan como especialista em divórcios. Axel provou ser um ótimo advogado, mas não havia muito que pudesse fazer legalmente. Vicki se foi, não ia voltar, e ela não queria nada de Ray. Axel supervisionou os papéis, recomendou um bom psiquiatra e fez um bom trabalho para ajudar Ray a passar por aquela provação. Segundo Axel, o melhor investigador particular da cidade era Corey Crawford, um ex-policial negro que tinha cumprido pena por espancamento.

O escritório de Crawford ficava em cima do bar do seu irmão, perto do *campus*. Era um belo bar, com menu e janelas não pintadas, música ao vivo nos fins de semana, nenhum movimento inconveniente a não ser um agenciador de apostas que trabalhava junto dos estudantes. Mas Ray estacionou a três quadras assim mesmo. Não queria ser visto entrando no bar. Uma tabuleta onde estava escrito CRAWFORD INVESTIGAÇÕES apontava para a escada num lado do prédio.

Não havia secretária, ou pelo menos nenhuma estava presente. Ray chegou dez minutos antes da hora, mas Crawford o esperava. Era um homem de quase quarenta anos, com a cabeça raspada e um rosto bonito, sem nenhum sorriso. Era alto e magro, e sua roupa era cara e bem-feita. Tinha uma pistola grande na cintura num coldre de couro.

— Acho que estou sendo seguido — Ray começou.

— Não é um caso de divórcio? — Estavam cada um de um lado da pequena mesa num escritório pequeno que dava para a rua.

— Não.

— Quem poderia querer segui-lo?

Ray tinha ensaiado uma história sobre problemas de Família no Mississipi, o pai morto, alguma herança que podia ou não acontecer, irmãos invejosos, uma história bastante vaga da qual aparentemente Crawford não acreditou em nem uma palavra. Antes que ele começasse a fazer perguntas, Ray falou sobre Dolph no aeroporto e deu a descrição do homem.

— Parece que é Rusty Wattle — disse Crawford.

— E quem é ele?

— Detetive particular de Richmond, não muito bom. Faz alguns trabalhos por aqui. Pelo que você disse, não acho que sua família contrataria alguém de Charlottesville. É uma cidade pequena.

O nome de Rusty Wattle foi devidamente registrado e trancado para sempre na memória de Ray.

— Existe a chance de esses caras maus no Mississipi quererem que você saiba que está sendo seguido? — Crawford perguntou.

Ray ficou completamente confuso, por isso Crawford continuou: — Às vezes somos contratados para intimidar ou assustar. Parece que Wattle ou quem quer que seja queria que seus amigos no aeroporto pudessem lhe dar uma boa descrição. Talvez ele tenha deixado uma pista.

— Acho que é possível.

— O que quer que eu faça?

— Que descubra se estou sendo seguido. Se estiver, quem é o homem e quem está pagando.

— As duas primeiras podem ser fáceis. A terceira pode ser impossível.

— Vamos tentar.

Crawford abriu uma pasta fina.

— Eu cobro cem dólares por hora — ele disse, olhando direto para Ray, esperando indecisão — Mais despesas. E um adiantamento de dois mil.

— Prefiro pagar em dinheiro — Ray disse, olhando também direto para ele. — É aceitável?

A primeira sugestão de um sorriso.

— Na minha profissão, o dinheiro é sempre preferido. Crawford preencheu alguns espaços do contrato.

— Vão grampear meus telefones e coisas assim? — Ray perguntou.

— Revistaremos tudo. Arranje outro celular digital e não registre no seu nome. A maior parte da nossa correspondência será feita pelo celular.

— Que surpresa — Ray murmurou, apanhando o contrato, lendo e assinando.

Crawford o guardou na pasta e voltou ao seu bloco de notas.

— Na primeira semana, coordenaremos seus movimentos. Tudo será planejado. Siga sua rotina normal, só nos avise para que possamos ter as pessoas nos lugares certos.

Vou ter um congestionamento atrás de mim, Ray pensou.

— Tenho uma vida bastante tediosa — Ray disse. — Eu corro, vou para o trabalho, às vezes piloto um avião, volto para casa, não tenho família.

— Outros lugares?

— Às vezes saio para almoçar ou jantar, mas nunca para o café da manhã.

— Está me dando sono — Crawford disse e quase sorriu. — Mulheres?

— Eu gostaria. Talvez uma ou duas em perspectiva. Nada sério. Se encontrar alguma, me dê o nome.

— Esses caras maus do Mississipi estão procurando alguma coisa. O que é?

— É uma família antiga com uma porção de coisas herdadas. Jóias, livros raros, cristais e prataria. — Pareceu natural, e dessa vez Crawford acreditou.

— Agora estamos chegando a algum lugar. E você está com a principal herança da família?

— Isso mesmo.

— Está aqui?

— Escondida no Autodepósito Chaney's na rodovia Berkshire.

— Quanto vale?

— Nem chega perto do que meus parentes pensam.

— Me dê uma idéia.

— Meio milhão, no máximo.

— E você tem possessão legítima?

— Digamos que a resposta é sim. Do contrário, seria obrigado a contar para você a história da família, que pode levar oito horas e dar a nós dois uma grande dor de cabeça.

— Acho justo.

Crawford terminou de escrever um longo parágrafo e estava pronto para encerrar a transação.

— Quando pode comprar um novo celular?

— Vou comprar agora.

— Ótimo. E quando podemos revistar seu apartamento?

— A qualquer hora.

Três horas depois, Crawford e um assistente chamado Booty terminavam o que era chamado de varredura. Os telefones de Ray estavam limpos, nenhum grampo, nenhuma escuta. Os condutores de ar não escondiam câmeras secretas. No sótão atulhado, encontraram receptores de monitores escondidos atrás de

caixas.

— Você está limpo — Crawford disse, quando saiu.

Ele não se sentia muito limpo quando sentou na sacada. Você abre sua vida para completos estranhos, embora escolhidos e pagos por você, e começa a se sentir comprometido.

O telefone começou a tocar.

Forrest parecia sóbrio — voz forte, palavras claras. Assim que ele disse: "Alô, mano", Ray prestou atenção para ver como ele estava. Era instintivo agora, depois de anos de telefonemas a qualquer hora, de todos os lugares possíveis, muitos dos quais Forrest nunca lembrava. Ele disse que estava bem, o que significava que estava sóbrio e limpo, nada de bebida, nada de drogas, mas não disse por quanto tempo, e Ray não pretendia perguntar.

Antes que um dos dois pudesse mencionar o Juiz ou o testamento ou a casa ou Harry Rex, Forrest disse: — Tenho uma nova negociata.

— Conte para mim — Ray disse, se acomodando na cadeira reclinável. A voz no outro lado da linha estava animada. Ray tinha muito tempo para ouvir.

— Já ouviu falar em Benalatofix?

— Não.

— Eu também nunca tinha ouvido. O apelido é Skinny Ben. Diz alguma coisa para você?

— Não, me desculpe.

— É um comprimido de dieta fabricado por uma indústria chamada Luray Produtos, da Califórnia, uma grande empresa particular da qual ninguém nunca ouviu falar. Nos últimos cinco anos, os médicos vêm receitando Skinny Ben como loucos, porque o remédio funciona. Não é para a mulher que precisa perder dez quilos, mas faz maravilhas para as realmente obesas, que funcionam na parte de trás, na defesa. Você ainda está aí?

— Estou ouvindo.

— O problema é que depois de um ou dois anos essas pobres mulheres ficam com as válvulas do coração enfraquecidas. Dezenas de milhares delas foram tratadas e estão processando a Luray como doidas, na Califórnia e na Flórida. O departamento de Alimento e Medicamentos entrou em campo há oito meses e no mês passado a Luray retirou Skinny Ben do mercado.

— Onde exatamente você entra, Forrest?

— Agora eu sou um selecionador médico.

— O que faz um selecionador médico?

— Obrigado por perguntar. Hoje, por exemplo, eu estive na suíte de um hotel em Dyersburg, Tennessee, ajudando aquelas queridas pesadas a subir na esteira rolante. O médico, pago pelos advogados que me pagam, verifica a capacidade do coração delas e, se não estão como devem estar, adivinhe?

— Você tem uma nova cliente.

— Exatamente. Arranjei quarenta hoje.

— Qual é o valor médio de cada caso?

— Cerca de dez mil dólares Os advogados com quem estou trabalhando agora têm oitocentos casos. Oito milhões de dólares, os advogados ficam com a metade, as mulheres são exploradas outra vez. Bem-vindo ao mundo dos delitos civis em massa.

— O que você ganha com isso?

— Um salário básico, um bônus a cada nova cliente e uma parte do total final. Pode haver meio milhão de casos por aí, por isso estamos procurando encontrar todos.

— Cinco milhões de dólares em reivindicações.

— Luray tem oito em dinheiro. Todos os advogados de defesa do país estão falando em Skinny Ben.

— Não há algum problema ético?

— Não existe mais ética, mano. Você está fora do mundo. Ética é só para pessoas como você que a ensinam a alunos que nunca vão usá-la. Detesto ser eu quem deva dar essa notícia.

— Eu já ouvi isso antes.

— Seja como for, estou minerando ouro. Só achei que você gostaria de saber.

— É bom ouvir isso.

— Alguém por aí está tomando Skinny Ben?

— Não que eu saiba.

— Fique de olhos abertos. Esses advogados estão se juntando a outros advogados em todo o país. E assim que funciona o negócio do delito civil, como estou aprendendo. Quanto mais casos numa classe, maior o valor do acordo.

— Vou espalhar a notícia.

— A gente se vê, mano.

— Tenha cuidado, Forrest.

O telefonema seguinte foi um pouco depois das 2:30h da manhã, e como todos os telefonemas a essa hora, o telefone pareceu tocar para sempre, tanto

enquanto ele dormia quanto depois. Ray finalmente conseguiu apanhar o fone e acender a luz.

— Ray, é Harry Rex, desculpe por telefonar.

— O que aconteceu? — ele perguntou sabendo muito bem que não era coisa boa.

— Forrest. Passei a última hora falando com ele e com uma enfermeira do Hospital Batista, em Memphis. Eles o levaram para lá, acho que com o nariz quebrado.

— Conte a história, Harry Rex.

— Ele foi a um bar, se embebedou, arranjou uma briga, o de sempre. Parece que escolheu o cara errado, e agora estão costurando seu rosto. Querem que ele passe a noite no hospital. Tive de falar com o pessoal do hospital e garantir o pagamento. Também pedi a eles para não dar a Forrest analgésicos e drogas. Eles não fazem a menor idéia de quem têm nas mãos.

— Lamento que você esteja no meio disso, Harry Rex.

— Já estive antes e não me importo. Mas ele está louco, Ray. Começou a falar outra vez do testamento e de como está sendo enganado, privado da sua parte, toda essa bobagem. Sei que está bêbado e tudo o mais, mas ele não desiste do assunto.

— Falei com ele cinco horas atrás. Ele estava bem.

— Bem, ele devia estar saindo para o bar. Finalmente teve de ser sedado para arrumar o nariz, do contrário seria impossível. Só estou preocupado com todas essas drogas e coisas assim. Que encrenca.

— Eu lamento, Harry Rex — Ray disse outra vez porque não podia pensar em nada para dizer. Fez-se uma pausa e Ray tentou ordenar os pensamentos. — Ele estava bem, poucas horas atrás, limpo, sóbrio, pelo menos parecia.

— Foi ele quem telefonou? — Harry Rex perguntou.

— Foi, estava entusiasmado com um novo emprego.

— Aquela bobagem de Skinny Ben?

— Isso mesmo. É um emprego de verdade?

— Acho que sim. Um bando de advogados daqui está atrás desses casos. A quantidade é crucial. Eles contratam caras como Forrest para sair e procurar os casos.

— Deviam ser expulsos da profissão.

— Metade de nós devia. Acho que você precisa vir para casa. Quanto

antes abrirmos o testamento, mais cedo podemos acalmar Forrest. Detesto essas acusações.

— Você tem alguma data para irmos ao tribunal?

— Podemos ir na quarta-feira da próxima semana. Acho que você deve ficar alguns dias aqui.

— Eu estava planejando fazer isso. Pode marcar. Estarei aí.

— Vou avisar Forrest daqui a um ou dois dias. Tentar pegá-lo sóbrio.

— Desculpe, Harry Rex.

Como era de esperar, Ray não conseguiu dormir. Estava lendo uma biografia quando seu novo celular tocou. Devia ser engano.

— Alô — ele disse, desconfiado.

— Por que está acordado? — perguntou a voz profunda de Corey Crawford.

— Porque meu telefone não pára de tocar. Onde você está?

— Estamos vigiando. Você está bem?

— Estou ótimo. São quase quatro horas da manhã. Vocês nunca dormem?

— A gente cochila muito. Se fosse você, eu apagaria a luz.

— Obrigado. Mais alguém vigiando a minha luz?

— Ainda não.

— Isso é bom.

— Só para verificar.

Ray apagou as luzes da frente do seu apartamento e foi para o quarto, onde continuou a ler com ajuda de uma pequena lâmpada. O sono ficou ainda mais difícil sabendo que estava pagando cem dólares por hora durante a noite inteira.

É um investimento sensato, ele não cansava de repetir para si mesmo.

Às 5 horas, ele saiu sorrateiramente para o corredor, como se alguém no andar térreo pudesse vê-lo e fez café no escuro. Esperando a primeira xícara, ele telefonou para Crawford que, como era de esperar, parecia sonolento.

— Estou fazendo café, você quer? — Ray perguntou.

— Não é uma boa idéia, mas obrigado.

— Escute, vou voar para Atlantic City esta tarde. Você tem uma caneta?

— Tenho, pode dizer.

— Vou sair do aeroporto geral num Beech Bonanza, número da cauda oito-um-cinco-romeu, às três horas da tarde, com um instrutor de vôo chamado

Fog Newton. Passaremos a noite no Cassino Canyon e voltaremos mais ou menos ao meio-dia de amanhã. Meu carro vai ficar no aeroporto, trancado como sempre. Mais alguma coisa?

— Você quer a gente em Atlantic City?

— Não, não é necessário. Vou mudar de lugar constantemente e vigiar minhas costas.

CAPÍTULO 21

O CONSÓRCIO FOI CRIADO por um dos companheiros de vôo de Dick Docker. Começou com dois oftalmologistas locais que tinham clínicas em West Virginia. Os dois acabaram de aprender a voar e precisavam ir e voltar rapidamente. O amigo de Docker era um consultor de pensões que precisava do Bonanza por cerca de doze horas por mês. Um quarto sócio tiraria o acordo do solo. Cada um entrava com 50 mil dólares para um quarto de interesse e assinava um empréstimo bancário para o resto do preço de compra, que era no momento 390 mil dólares e não parecia ter tendência para abaixar. As promissórias estavam distribuídas por seis anos e custariam a cada sócio 890 dólares por mês.

Isso equivalia a cerca de onze horas num Cessna para o piloto Atlee.

No lado vantajoso, havia depreciação e aluguel potencial para charter, quando os sócios não estavam usando o avião. No lado negativo, havia o custo do hangar, do combustível, manutenção e uma lista que parecia muito longa. O que o amigo de Dick Docker não disse, e muito no lado negativo, foi que havia a possibilidade de fazer negócio com três estranhos, um dos quais era médico.

Mas Ray tinha 50 mil e podia pagar 890 por mês, e queria desesperadamente o avião que secretamente considerava seu.

Os Bonanzas mantinham o valor, segundo um relatório muito persuasivo anexado à proposta. A demanda continuava alta no mercado de aparelhos usados. O recorde de segurança do Beech era segundo só para o Cessna e praticamente tão forte. Ray ficou com os dados do consórcio durante dois dias, lendo no escritório, no apartamento, no almoço. Os outros três sócios estavam dentro. Era só assinar o nome em quatro lugares e ele teria um Bonanza.

Na véspera de ir para o Mississipi, estudou o negócio pela última vez, disse para o diabo com a precaução e assinou os papéis.

*

Se os homens maus o estavam vigiando, estavam fazendo um ótimo trabalho. Depois de seis dias tentando descobrir a vigilância, Corey Crawford achou que não havia ninguém atrás dele. Ray pagou três mil e oitocentos dólares em dinheiro e prometeu telefonar se outra vez tivesse suspeita de estar sendo seguido.

Fingindo que guardava mais coisas velhas, ele ia ao Autodepósito Chaney's todos os dias para ver como estava o dinheiro. Levava caixas cheias de qualquer coisa que encontrava no apartamento. O cubículo 14B e o 37F iam aos poucos ficando parecidos com um sótão antigo.

Um dia antes de deixar a cidade, ele foi ao escritório e perguntou à senhora Chaney se o 18R estava vago. Sim, há dois dias.

— Eu gostaria de alugar — ele disse.

— Com mais esse são três — ela disse.

— Vou precisar de mais espaço.

— Por que não aluga uma das nossas unidades maiores?

— Talvez mais tarde. Por enquanto prefiro usar as três menores.

Na verdade para ela não importava. Ele alugou o 18R no nome de Newton Aviação e pagou seis meses em dinheiro. Quando verificou que ninguém estava olhando, tirou o dinheiro do 37F e levou para o 18R, onde novas caixas o esperavam. Eram feitas de vinil coberto com alumínio, com garantia de resistir ao calor do fogo de até trezentos graus Fahrenheit. Eram também à prova d'água e tinham cadeados. O dinheiro coube muito bem nelas. Para mais segurança, Ray jogou alguns velhos acolchoados e cobertores em cima das caixas, para parecer mais normal. Não tinha certeza de quem estava tentando impressionar com o estado do cubículo, mas sentia-se melhor dando a aparência de desordem.

Grande parte do que ele fazia nesses dias era para impressionar alguém. Um caminho diferente do apartamento até a faculdade. Uma rota diferente da sua corrida matinal. Um café diferente. Uma nova livraria no centro da cidade, para ver os novos livros. E sempre atento a qualquer coisa incomum, um olho no retrovisor do carro, uma virada rápida para trás quando andava ou corria, uma olhada através das estantes quando entrava numa loja. Alguém estava lá, ele sentia.

Resolveu jantar com Kaley antes de ir para o sul e antes que ela se tornasse tecnicamente uma ex-aluna. Os exames tinham terminado, que mal fazia? Ela ia estar em Charlottesville no verão, e Ray estava resolvido a começar

a sair com ela com muita cautela. Cautela porque era assim que ele tratava todas as mulheres. Cautela porque ele via potencial nessa mulher.

Mas o primeiro telefonema para ela foi um desastre. Um homem atendeu, uma voz jovem, Ray achou que, fosse quem fosse, não ficou muito satisfeito com o telefonema. Quando Kaley atendeu, ela foi brusca. Ray perguntou se podia telefonar numa hora melhor. Ela disse que não, que telefonaria para ele.

Ray esperou três dias e desistiu dela, uma coisa tão fácil quanto tirar a folha do calendário.

Assim, ele saiu de Charlottesville sem nada por fazer. Com Fog no Bonanza, voou quatro horas até Memphis onde alugou um carro e foi procurar Forrest.

Sua primeira e única visita à casa de Ellie Crum fora com o mesmo fim dessa de agora. Forrest tinha desmoronado, desaparecido e a família queria saber se ele estava morto ou jogado em alguma cadeia. O Juiz ainda presidia o tribunal naquele tempo e a vida era normal, incluindo a caça a Forrest. É claro que o Juiz estava muito ocupado para procurar o filho mais novo e por que ele faria isso quando Ray podia fazer?

Era uma velha casa estilo vitoriano perto do centro de Memphis, herança do pai de Ellie, que em outros tempos fora próspero. Ela não herdou muita coisa mais. Forrest foi atraído pela idéia de fundos de truste e de verdadeiro dinheiro de família, mas depois de quinze anos ele perdeu as esperanças. Nos primeiros dias da vida em comum, ele dormia no quarto principal. Agora dormia no porão. Outros também moravam na casa, todos alegando que eram artistas que precisavam de um refúgio.

Ray parou encostado ao meio-fio. Os arbustos precisavam ser podados e o telhado era velho, mas a casa envelhecia bem. Forrest a pintava sempre em outubro, com uma combinação espalhafatosa de cores e Ellie reclamava o ano todo. Agora era azul-claro guarnecido com tons de vermelho e laranja. Forrest disse que num ano tinha pintado a casa de azul-escuro.

Uma jovem com a pele branca como a neve o recebeu na porta, com um rude: — Sim?

Ray olhava para ela através da porta de tela. Atrás dela a casa estava escura e sinistra, como na última vez.

— Ellie está? — Ray perguntou, com a maior rudeza possível.

— Está ocupada. Quem quer falar com ela?

— Sou Ray Atlee, irmão de Forrest.

— Quem?

— Forrest, ele mora no porão.

— Ah, esse Forrest. — Ela desapareceu e Ray ouviu vozes nos fundos da casa.

Ellie vestia um lençol branco com listras e manchas de argila e água, e protetores na cabeça e nos braços. Enxugava as mãos num pano de pratos sujo e parecia frustrada com a interrupção do seu trabalho.

— Olá, Ray — ela disse como uma velha amiga e abriu a porta.

— Olá, Ellie. — Ele atravessou o Vestíbulo atrás dela e entraram na sala de estar.

— Trudy, quer trazer chá? — ela disse. Onde quer que Trudy estivesse, ela não respondeu. As paredes da sala estavam cobertas com uma coleção dos mais extravagantes potes e vasos que Ray já tinha visto. Forrest disse que ela esculpia dez horas por dia e não podia se desfazer daquelas coisas.

— Sinto muito a morte do seu pai — ela disse. Sentaram um de cada lado de uma pequena mesa de vidro. A mesa era montada com equilíbrio precário em três cilindros fálicos, cada um de um tom de azul. Ray ficou com medo de tocar nela.

— Obrigado — ele disse friamente. Nenhum telefonema, nenhum cartão, nenhuma carta, nenhuma flor, nenhuma palavra de simpatia. Até agora nesse encontro ocasional, Ray ouvia uma ópera tocada nos fundos da casa.

— Suponho que você está à procura de Forrest.

— Sim, estou.

— Não o tenho visto ultimamente. Ele mora no porão, você sabe, entra e sai como um gato. Mandei uma menina ao porão esta manhã para dar uma olhada — ela disse que acha que ele está fora há uma semana mais ou menos. A cama não é arrumada há cinco anos.

— Isso é mais do que eu queria saber.

— E ele não telefonou.

Trudy chegou com a bandeja de chá, outra das medonhas criações de Ellie. E as xícaras eram pequenos potes, um diferente do outro com grandes asas.

— Creme e açúcar? — ela perguntou, servindo e mexendo com a colher.

— Só açúcar.

Ela deu a ele o chá, e Ray segurou o pote com as duas mãos. Se deixasse cair, podia ter o pé machucado.

— Como ele está? — Ray perguntou quando Trudy saiu da sala.

— Está bêbado, está sóbrio, ele é Forrest.

— Drogas.

— Não fale nisso. Você não quer saber.

— Tem razão — Ray disse e tentou tomar um gole de chá. Era uma coisa com gosto de pêssego e um gole foi suficiente. — Ele esteve numa briga outra noite, você sabia? Acho que quebrou o nariz.

— Já foi quebrado antes. Por que os homens se embebedam e batem uns nos outros? — Era uma excelente pergunta, e Ray não tinha resposta. Ela tomou o chá e fechou os olhos, saboreando. Muitos anos atrás, Ellie Crum era uma bela mulher. Mas agora, com quase cinqüenta anos, tinha parado de tentar.

— Você não se importa com ele, certo? — Ray perguntou.

— É claro que me importo.

— Não, de verdade?

— Isso é importante?

— Ele é meu irmão. Ninguém mais se importa com ele.

— Tivemos ótimo sexo nos primeiros anos, depois simplesmente perdemos o interesse. Eu engordei, agora estou muito envolvida com meu trabalho.

Ray olhou em volta.

— E além disso, sempre há sexo — ela disse, indicando com um movimento da cabeça a porta por onde Trudy tinha entrado e saído. — Forrest é um amigo, Ray. Suponho que eu o amo em algum nível. Mas ele é também um viciado que parece resolvido a ser sempre um viciado. Depois de algum tempo, você fica frustrado.

— Eu sei. Acredite, eu sei.

— E acho que ele é um dos raros viciados. É bastante forte para se levantar no último momento possível.

— Mas não bastante forte para deixar o vício.

— Exatamente. Eu deixei, Ray, há quinze anos. Os viciados são duros uns com os outros. Por isso ele está no porão.

Provavelmente está mais feliz lá, Ray pensou. Agradeceu pelo chá e pelo tempo e ela o levou até a porta. Ela estava ainda de pé, atrás da porta de tela quando ele entrou no carro e foi embora.

CAPÍTULO 22

O TESTAMENTO DE REUBEN VINCENT ATLEE foi aberto para legitimação no tribunal que ele havia presidido durante trinta e dois anos. No alto, no lambri de carvalho da parede atrás da cadeira, o juiz Atlee olhava para baixo, severo, entre as bandeiras dos Estados Unidos e a do estado do Mississipi. Era o mesmo retrato que tinham posto ao lado do caixão durante o velório no tribunal, três semanas atrás. Agora estava de volta ao lugar, onde sem dúvida ficaria para sempre.

O homem que terminara com a carreira dele e o mandara para o exílio e para a reclusão em Maple Run era Mike Farr, de Holly Springs. Foi reeleito uma vez e, segundo Harry Rex, estava fazendo um bom trabalho. O chanceler Farr releu a petição para cartas de administração e estudou o testamento de uma página anexado ao pedido.

O tribunal estava movimentado com advogados e funcionários, formando grupos, preenchendo formulários, conversando com os clientes. Era um dia reservado para assuntos incontestes e moções breves. Ray sentou na primeira fila, enquanto Harry Rex estava na frente do juiz chanceler Farr, os dois falando baixo. Ao lado de Ray estava Forrest que, a não ser pelas equimoses desbotadas debaixo dos olhos, parecia o mais normal possível. Forrest tinha garantido que não estaria presente quando o testamento fosse aberto para legitimação, mas uma descompostura de Harry Rex o convenceu do contrário.

Tinha finalmente voltado para casa, para Ellie, a costumeira volta das ruas, sem uma palavra para pessoa alguma sobre por onde tinha andado ou o que tinha feito. Ninguém queria saber. Não houve menção de um emprego, por isso Ray supunha que sua breve carreira de fazer a triagem médica para os advogados do Skinny Ben havia acabado.

A cada cinco minutos um advogado se agachava na passagem central, estendia a mão e dizia a Ray que seu pai fora um ótimo homem. É claro que Ray devia supostamente conhecer todos eles, porque eles o conheciam. Ninguém falou com Forrest.

Harry Rex fez sinal para Ray se aproximar da mesa do juiz. O chanceler

Farr o cumprimentou calorosamente.

— Seu pai foi um ótimo homem e um grande juiz — ele disse, olhando lá de cima.

— Obrigado — Ray respondeu. Então por quê, durante a campanha, você disse que ele estava velho demais e defasado? Ray teve vontade de perguntar. Nove anos haviam passado e pareciam cinqüenta. Com a morte do seu pai, tudo no condado de Ford estava agora décadas mais velho.

— Você leciona direito? — o chanceler Farr perguntou.

— Sim, na Universidade da Virgínia.

Ele aprovou inclinando a cabeça e perguntou:

— Todos os herdeiros estão presentes?

— Sim, senhor — Ray respondeu: — Somos só nós dois, meu irmão, Forrest, e eu.

— E os dois leram este documento de uma página que dizem ser o testamento de Reuben Atlee?

— Sim, senhor.

— E não há objeção à legitimação deste testamento?

— Não, senhor.

— Muito bem. Segundo este testamento, nomeio Ray Atlee inventariante do testamento do seu falecido pai. Um aviso aos credores será feito hoje e publicado num jornal local. Eu declaro o testamento legitimado. Inventário e contabilidade deverão ser feitos de acordo com a lei.

Ray ouvira o pai dar essas mesmas instruções mais de cem vezes. Olhou para o juiz Farr.

— Mais alguma coisa, senhor Vonner?

— Não, meritíssimo.

— Eu sinto muito, senhor Atlee — ele disse.

— Obrigado, meritíssimo.

Foram almoçar no Claude's e pediram peíxe-gato. Ray estava de volta havia dois dias e já sentia as artérias entupidas. Forrest tinha pouco a dizer. Não estava limpo e seu organismo estava poluído.

Os planos de Ray eram vagos. Queria visitar alguns amigos. Não tinha pressa de voltar para a Virgínia. Forrest os deixou depois do almoço, disse que ia para Memphis.

— Vai estar na casa de Ellie? — Ray perguntou.

— Talvez — foi a única resposta.

Ray estava na varanda, esperando Claudia que chegou exatamente às 5 horas da tarde. Foi ao encontro dela ao lado do carro. Claudia parou e olhou para a tabuleta de Vende-se do corretor, no jardim, perto da rua.

— Vocês têm de vender? — ela perguntou.

— Isso ou dar de presente. Como vai você?

— Estou bem, Ray. — Conseguiram se abraçar com o mínimo contato possível. Ela estava vestida para a ocasião, com calça comprida, tênis, uma blusa xadrez e chapéu de palha, como se tivesse estado cuidando do jardim. Os lábios eram vermelhos, a maquiagem, perfeita. Ray nunca a vira de outro modo.

— Estou tão satisfeita por você ter telefonado — ela disse enquanto andavam devagar para a casa.

— Fomos ao tribunal hoje, legitimamos o testamento.

— Sinto muito, deve ter sido difícil para você.

— Não foi tanto. Conheci o juiz Farr.

— Gostou dele?

— Bastante agradável, eu acho, a despeito da história.

Ele segurou no braço dela quando chegaram aos degraus da entrada, embora Claudia estivesse em forma para escalar montanhas, apesar dos dois maços de cigarros por dia.

— Lembro de quando Farr saiu da faculdade — ela disse. — Não sabia a diferença entre um queixoso e um acusado. Reuben podia ter ganho aquela corrida, você sabe, se eu estivesse por perto.

— Vamos sentar aqui — Ray disse, apontando para duas cadeiras de balanço.

— Você limpou a casa — ela disse admirando a varanda.

— Tudo obra de Harry Rex. Ele contratou pintores, especialistas em telhados, um serviço de limpeza. Tiveram de raspar a poeira dos móveis, mas agora pode-se respirar.

— Importa-se se eu fumar? — ela perguntou.

— Não. — Não importava. Isso não a impediria de fumar.

— Estou tão feliz por você ter telefonado — ela disse outra vez e acendeu um cigarro.

— Eu tenho chá e café — Ray disse.

— Chá gelado, por favor, limão e açúcar — ela disse, cruzando as pernas. Estava instalada na cadeira de balanço como uma rainha, esperando o chá. Ray lembrou dos vestidos justos e das pernas longas, quando há muitos anos ela

sentava logo abaixo da mesa do juiz no tribunal, escrevendo elegantemente na máquina de estenografia, observada por todos os advogados.

Falaram sobre o tempo, como o pessoal do sul faz quando há uma pausa na conversa ou quando não tem nada mais para dizer. Ela fumava e sorria muito, realmente feliz por ter sido lembrada por Ray. Ela estava procurando se aproximar. Ray estava tentando resolver um mistério.

Falaram sobre Forrest e Harry Rex, dois assuntos delicados e, quando ela estava ali havia meia hora, finalmente Ray entrou no assunto.

— Encontramos algum dinheiro, Claudia — ele disse e deixou as palavras no ar. Ela as absorveu, analisou e prosseguiu com cautela.

— Onde?

Uma ótima pergunta. Encontraram onde, como no banco com registros e tudo o mais? Encontrado onde, como enfiado no colchão, sem nenhuma identificação?

— No escritório dele, dinheiro vivo. Deixado por algum motivo.

— Quanto? — ela perguntou, mas não com muita pressa.

— Cem mil. — Observou atentamente o rosto e os olhos dela. Surpresa, mas não choque. Ele tinha um roteiro preparado e continuou: — Os apontamentos dele são meticulosos, cheques assinados, depósitos, livros de contabilidade com todas as despesas, e esse dinheiro parece não vir de parte alguma.

— Ele nunca guardou muito dinheiro — ela falou devagar.

— É o que eu lembro também. Não tenho idéia de onde veio. Você tem?

— Nenhuma. — Sem nenhuma dúvida aparente. — O Juiz não lidava com dinheiro. Ponto final. Tudo era por meio do Primeiro Banco Nacional. Ele fez parte da diretoria durante muito tempo, lembra?

— Sim, muito bem. Ele tinha alguma coisa fora disso?

— O quê, por exemplo?

— Eu estou perguntando, Claudia, você o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa. E sabia dos seus negócios.

— Ele era completamente devotado ao trabalho. Para ele, ser chanceler era uma vocação importante e ele se dedicava a ela. Não tinha tempo para mais nada.

— Incluindo a família — Ray disse, e imediatamente desejou não ter dito.

— Ele amava os filhos, Ray, mas era de uma geração diferente.

— Não vamos falar nisso.

— Certo.

Fizeram uma pausa e cada um se reorganizou. Nenhum dos dois queria falar na família. Toda a atenção estava no dinheiro. Um carro passou na rua e parou apenas o tempo suficiente para que os ocupantes lessem a tabuleta de Vende-se e olhassem a casa. Um olhar foi suficiente, porque foram embora.

— Você sabia que ele estava jogando? — Ray perguntou.

— O Juiz? Não.

— Difícil de acreditar, não é? Harry Rex o levava aos cassinos uma vez por semana durante algum tempo. Parece que o Juiz tinha talento para o jogo e Harry Rex não tinha.

— Você ouve boatos, especialmente sobre advogados. Vários deles já se meteram em encrenca por causa do jogo.

— Mas nunca ouviu nada sobre o Juiz?

— Não. Ainda não acredito.

— O dinheiro veio de algum lugar, Claudia. E alguma coisa me diz que é dinheiro sujo, do contrário estaria no testamento, com o resto dos bens.

— E se foi ganho no jogo ele o consideraria sujo, não acha? Sem dúvida ela conhecia o Juiz melhor do que qualquer outra pessoa.

— Acho, e você?

— Para mim parece coisa de Reuben Atlee.

Terminaram aquela parte da conversa e fizeram uma parada, os dois se balançando devagar na sombra fresca da varanda, como se o tempo tivesse parado, nenhum dos dois incomodado com o silêncio. Sentar na varanda permitia grandes lapsos, enquanto os pensamentos eram ordenados ou quando não havia nenhum pensamento.

Finalmente Ray, ainda seguindo um roteiro não escrito, tomou coragem e fez a pergunta mais difícil do dia.

— Preciso saber uma coisa, Claudia, e por favor seja sincera.

— Eu sempre sou sincera. É um dos meus defeitos.

— Eu nunca questionei a integridade do meu pai.

— Nem deve questionar agora.

— Então me ajude, certo?

— Continue.

— Havia alguma coisa escondida, um pequeno extra de um advogado, um pedaço do bolo de um litigante, alguma coisa com as costas das mãos, como dizem os ingleses?

— De modo algum.

— Estou atirando dardos, Claudia, esperando acertar em alguma coisa. Você simplesmente não encontra cem mil dólares em notas novas escondidas numa prateleira. Quando ele morreu, tinha seis mil dólares no banco. Por que esconder cem mil?

— Ele era o homem mais ético do mundo.

— Acredito nisso.

— Então pare de falar de subornos e coisas assim.

— Com prazer.

Ela acendeu outro cigarro, e ele saiu da varanda para apanhar mais chá. Quando voltou, Claudia estava absorta em pensamentos, o olhar se estendendo para além da rua. Balançaram-se por algum tempo.

Finalmente ele disse:

— Acho que o Juiz ia querer que você tivesse uma parte desse dinheiro.

— Você acha?

— Sim. Precisamos de algum dele agora para arrumar a casa, provavelmente vinte e cinco mil mais ou menos. E se você, eu e Forrest dividíssemos o resto?

— Vinte e cinco mil para cada um?

— Isso mesmo. O que você acha?

— Você não está acrescentando o dinheiro ao testamento? — Cláudia perguntou. Ela conhecia a lei melhor do que Harry Rex.

— Por que ter esse trabalho? É dinheiro, ninguém sabe que existe e, se o declararmos, a metade vai para os impostos.

— E como você ia explicar? — ela perguntou, sempre um passo na frente. Diziam que Claudia tinha o caso resolvido antes que os advogados começassem sua apresentação de abertura do julgamento.

E a mulher adorava dinheiro. Roupas, perfume, sempre um carro do último modelo, todas essas coisas para uma estenógrafa mal paga. Se ela recebia pensão, não podia ser grande coisa.

— Não pode ser explicado — Ray disse.

— Se é dinheiro de jogo, você teria de corrigir as declarações de renda dos últimos anos — ela disse, rapidamente dentro do assunto. — Que confusão.

— Uma verdadeira confusão.

A confusão foi silenciosamente posta de lado. Ninguém jamais precisava saber da parte dela do dinheiro.

— Tivemos um caso certa vez — ela disse, olhando pensativa para o jardim. — No condado de Tippah, há trinta anos. Um homem chamado Childers tinha um ferro-velho. Ele morreu sem testamento. — Uma pausa, uma longa tragada do cigarro. — Tinha um monte de filhos, e eles encontraram dinheiro escondido por toda a parte, no escritório, no sótão, num galpão de ferramentas atrás da casa, na lareira. Foi uma verdadeira caçada a ovos de Páscoa. Depois de revistar cada centímetro do lugar, contaram o dinheiro e o total era de cerca de duzentos mil dólares. Isso, de um homem que não pagava a conta do telefone e usou o mesmo macacão durante dez anos. — Outra pausa, outra tragada no cigarro. Ela podia ficar contando para sempre histórias como aquela. — A metade dos filhos queria dividir o dinheiro e fugir, a outra metade queria contar para o advogado e incluir o dinheiro na divisão dos bens. Outros ficaram sabendo, a família se assustou e o dinheiro foi acrescentado à divisão dos bens do homem. Os filhos lutaram com garras e dentes. Cinco anos depois o dinheiro tinha desaparecido... — metade para o governo, metade para os advogados.

Ela parou de falar e Ray esperou o resultado da história.

— Aonde quer chegar? — ele perguntou.

— O Juiz disse que foi uma pena, que os filhos deviam ter guardado segredo e dividido o dinheiro. Afinal, pertencia ao pai deles.

— Para mim parece justo.

— Ele detestava impostos sobre herança. Por que o governo tem de receber uma grande parte da sua fortuna só porque você morreu? Eu o ouvi resmungar contra isso durante anos.

Ray tirou um envelope de trás da cadeira e entregou para ela.

— Aí estão vinte e cinco mil em dinheiro.

Claudia olhou para o envelope, depois para ele, incrédula.

— Fique com ele — Ray disse, empurrando o envelope para mais perto dela. — Ninguém jamais vai saber.

Ela pegou o envelope e por um segundo não conseguiu falar. Seus olhos se encheram de lágrimas, e para Claudia isso significava emoções fortes.

— Obrigada — ela murmurou e segurou o envelope com mais força.

Muito depois dela ter ido embora, Ray continuou na mesma cadeira, balançando, satisfeito por ter eliminado Claudia como suspeita. A pronta aceitação dos vinte e cinco mil dólares era prova convincente de que ela não sabia nada sobre a fortuna muito maior.

Mas não havia nenhum suspeito para tomar o lugar dela na lista.

CAPITULO 23

A REUNIÃO FOI ARRANJADA ATRAVÉS de um ex-aluno de direito da Virgínia agora sócio de uma megafirma em Nova York, que por sua vez era consultora de um grupo de jogadores que dirigiam os cassinos Canyon em todo o país. Contatos foram feitos, favores, trocados, alguma coerção exercida muito diplomaticamente. Era uma área delicada da segurança, e ninguém queria ultrapassar a linha. O professor Atlee só precisava dos fatos básicos.

O Canyon estava no rio Mississipi, no condado de Túnica desde meados dos anos 90, tendo chegado com a segunda onda de construções e sobrevivido à primeira limpeza. Tinha dez andares, quatrocentas salas, sete mil e quatrocentos metros quadrados de oportunidades para o jogo e tivera grande sucesso com as leis do velho Motown. O senhor Jason Piccolo, uma espécie de vice-presidente da sede em Las Vegas, estava disponível para receber Ray e com ele estava Alvin Barker, chefe da segurança. Piccolo tinha trinta e poucos anos e se vestia como um modelo de Armani. Barker tinha cinqüenta e poucos anos e parecia um velho policial desgastado pelo tempo e malvestido.

Começaram oferecendo um rápido passeio pelo cassino, de que Ray declinou. O número de cassinos que tinha visto no último mês era suficiente para a vida toda.

— Quanto do segundo andar tem entrada proibida? — ele perguntou.

— Bem, vejamos — Piccolo disse, gentilmente, e eles o afastaram dos caça-níqueis e das mesas, levando-o para um corredor atrás dos cubículos dos caixas. Subiram para o andar superior, seguiram por um corredor e pararam numa sala estreita com uma longa parede de espelhos com visão só de um lado. Depois dessa sala, havia uma outra grande, cheia de mesas redondas repletas de monitores de circuito fechado. Dezenas de homens e mulheres estavam atentos às telas, aparentemente com medo de perder alguma coisa.

— Este é o olho-no-céu — Piccolo disse. — Aqueles caras na esquerda vigiam as mesas de vinte-e-um. Os do centro vigiam as mesas de dados e as roletas, os da direita, caça-níqueis e pôquer.

— E o que eles estão vigiando?

— Tudo. Absolutamente tudo.

— Dê-me uma lista.

— Cada jogador. Observamos os que ganham muito, os profissionais, os que contam as cartas, os ladrões. O vinte-e-um, por exemplo. Aqueles caras podem ver dez mãos e dizer se um jogador está contando as cartas. Aquele homem de paletó cinzento estuda os rostos, procurando os jogadores sérios. Eles aparecem por aqui hoje, amanhã estão em Vegas, então desaparecem por uma semana e reaparecem em Atlantic City ou nas Bahamas. Se eles roubarem ou contarem as cartas, ele os reconhece assim que eles sentam. — Piccolo era o único que falava. Barker observava Ray como se ele fosse um ladrão em potencial.

— Até onde chega a visão da câmera? — Ray perguntou.

— O bastante para ler o número de série de qualquer nota. No mês passado apanhamos um trapaceiro porque reconhecemos um anel de brilhantes que ele tinha usado antes.

— Posso entrar lá?

— Desculpe.

— E as mesas de dados?

— A mesma coisa. O problema é maior, porque o jogo é mais rápido e mais complicado.

— Existem trapaceiros profissionais dos dados?

— São raros. O mesmo se dá com o pôquer e a roleta. Trapacear não é um problema muito grande. Nos preocupamos mais com o roubo de empregados e erros nas mesas.

— Que tipo de erros?

— A noite passada um jogador de vinte-e-um ganhou uma mão de quarenta dólares, mas nosso carteador cometeu um erro e recolheu as fichas. O jogador reclamou e chamou o supervisor. Nosso pessoal aqui em cima viu o que aconteceu e corrigimos a situação.

— Como?

— Mandamos um cara da segurança com instruções para pagar ao jogador os quarenta dólares, pedir desculpas e oferecer um jantar.

— E o carteador?

— Ele tem um bom currículo, mas mais um erro e vai embora.

— Então tudo é registrado?

— Tudo. Cada mão, cada jogada do dado, cada caça-níqueis. Temos

duzentas câmeras funcionando neste momento.

Ray andou ao longo da parede tentando absorver o nível de vigilância. Parecia haver mais gente observando ali em cima do que jogadores lá embaixo.

— Como um carteador pode trapacear com tudo isso? — ele perguntou, indicando com a mão os monitores.

— Existem meios — Piccolo disse e olhou para Barker. — Muitos meios. Pegamos um por mês.

— Por que vigiar os caça-níqueis? — Ray perguntou, mudando de assunto. Ele ia gastar algum tempo com perguntas variadas, uma vez que tinham prometido só uma visita àquela sala.

— Porque vigiamos tudo — Piccolo disse. — E porque houve casos de menores ganhando nos caça-níqueis. Os cassinos recusaram-se a pagar e eles ganharam os processos porque tinham vídeos que mostravam os menores se afastando às escondidas, enquanto os adultos tomavam seus lugares. Aceita alguma coisa para beber?

— Claro.

— Temos uma pequena sala secreta com uma vista melhor.

Ray os seguiu por outro lance de escada até um pequeno balcão fechado, de onde se via a sala de jogos e a sala de vigilância. Uma garçonete apareceu do nada e anotou os pedidos. Ray pediu um cappuccino. Água para os dois anfitriões.

— Qual é sua maior preocupação com a segurança? — Ray perguntou, examinando uma lista de perguntas que tirou do bolso do paletó.

— Contadores de cartas e carteadores com dedos pegajosos — Piccolo respondeu. — É muito fácil enfiar aquelas fichas pequenas nos punhos e nos bolsos. Cinqüenta dólares por dia são mil dólares por mês, sem impostos, é claro.

— Quantos contadores de cartas vocês vêem por aqui?

— Cada vez mais. Existem cassinos em quarenta estados agora, portanto mais gente está jogando. Temos extensas fichas de contadores suspeitos e, quando achamos que temos um por aqui, simplesmente pedimos que se retire. Temos esse direito, sabe?

— Qual é o jogo que faz mais dinheiro num dia? — Ray perguntou.

Piccolo olhou para Barker, que disse:

— Fora os caça-níqueis?

— Sim.

— Tivemos um cara com um *buck* oitenta nos dados, uma noite.

— Cento e oitenta mil?

— Certo.

— E o maior perdedor?

Barker apanhou o copo de água oferecido pela garçonete e coçou o rosto por um segundo.

— O mesmo cara perdeu duzentos mil três noites depois.

— Vocês têm ganhadores consistentes? — Ray perguntou, consultando suas notas como se estivesse fazendo uma importante pesquisa acadêmica.

— Não estou bem certo do que quer dizer — Piccolo disse.

— Digamos que um cara vem duas ou três vezes por semana, joga cartas ou dados, ganha mais do que perde e depois de um tempo amealha um bom dinheiro. Com que freqüência vocês vêem isso?

— E muito raro — Piccolo disse. — Por outro lado, nós devíamos estar no negócio.

— Extremamente raro — Barker disse. — Um cara pode ter uma maré de sorte por uma ou duas semanas. Nos concentramos nele, vigiando muito de perto, nada suspeito, mas ele está levando nosso dinheiro. Mais cedo ou mais tarde, ele vai arriscar demais a sorte, fazer alguma bobagem e recuperamos nosso dinheiro.

— Oitenta por cento perdem depois de um tempo — Piccolo disse.

Ray mexeu o cappuccino com a colher e consultou as notas.

— Um cara completamente estranho entra, põe mil dólares numa mesa de vinte-e-um e pede fichas de cem dólares. O que acontece aqui em cima?

Barker sorriu e estalou os dedos grossos.

— Ficamos atentos. Nós o observamos por alguns minutos, verificamos se ele sabe o que está fazendo. O supervisor pergunta se ele quer ser avaliado ou identificado e nesse caso teremos o nome dele. Se ele diz que não, então oferecemos um jantar. A garçonete continua a oferecer bebida. Se ele não bebe, é outro sinal de que pode ser um jogador sério.

— Os profissionais nunca bebem quando estão jogando — Piccolo acrescentou. — Podem pedir um drinque para disfarçar, mas não bebem.

— O que é avaliação?

— A maioria dos jogadores quer alguns extras — Piccolo explicou. — Jantar, entradas para um show, descontos nos quartos, todo o tipo de vantagens que podemos oferecer. Eles têm cartões de sócios que monitoramos para ver

quanto estão jogando. O cara na sua hipótese não tem cartão, por isso perguntamos se ele quer ser avaliado.

— E ele diz que não.

— Não é grande coisa. Estranhos vêm e vão o tempo todo.

— Mas certamente procuramos nos manter informados — Barker admitiu.

Ray escreveu alguma coisa sem sentido na sua folha de papel dobrada.

— Os cassinos juntam os resultados totais da sua vigilância? — ele perguntou e pela primeira vez Piccolo e Barker se encolheram ao mesmo tempo.

— Como assim, o total da vigilância — Piccolo perguntou com um sorriso, que Ray retribuiu e Barker logo sorriu também.

Quando os três estavam sorrindo, Ray disse:

— Tudo bem, outra hipótese sobre o ganhador consistente. Vamos dizer que um cara joga uma noite em Monte Cario, a noite seguinte na Caverna do Tesouro, a noite seguinte no Aladim e assim por diante, percorrendo todos os cassinos da avenida. Ele vai a todos os cassinos e ganha muito mais do que perde. Isso continua por um ano. Quanto vocês podem saber sobre esse cara?

Piccolo fez um sinal para Barker que apertava os lábios com o polegar e o indicador.

— Podemos saber muito — ele admitiu.

— Quanto? — Ray insistiu.

— Diga — Piccolo disse para Barker, que começou a falar com relutância.

— Vamos saber seu nome, seu endereço, sua profissão, telefone, automóvel, seu banco. Saberemos aonde ele vai toda a noite, quando chega, quando vai embora, quanto ele ganha ou perde, quanto ele bebe, se janta, se dá gorjeta para a garçonete e, nesse caso, de quanto, quando ele dá para o carteador.

— E vocês guardam a ficha desses jogadores?

Barker olhou para Piccolo que inclinou a cabeça afirmativamente, muito devagar, mas não disse nada. Não queriam falar mais porque ele estava chegando muito perto. Pensando bem, uma visita ao cassino era exatamente do que ele precisava. Desceram para o andar onde, em vez de olhar as mesas, Ray olhava para as câmeras. Piccolo apontou para o pessoal da segurança. Estavam perto de uma mesa de vinte-e-um onde um garoto que parecia adolescente jogava com pilhas de fichas de cem dólares.

— Ele é de Reno — Piccolo murmurou. — Ganhou em Túnica a semana

passada, ganhou de nós trinta mil. Muito, muito bom.

— E ele não conta as cartas — Barker murmurou, entrando na confabulação.

— Algumas pessoas têm talento para a coisa, como acontece com o golfe ou com a cirurgia do coração — Piccolo disse.

— Ele está percorrendo os cassinos? — Ray perguntou.

— Ainda não, mas todos estão à espera dele. — O garoto de Reno deixava Barker e Piccolo muito nervosos.

A visita terminou num bar onde beberam refrigerantes e fizeram um resumo de tudo. Ray tinha completado sua lista de perguntas, todas elas conduzindo para o grande final.

— Vou pedir um favor — ele disse para os dois.

— Claro, qualquer coisa.

— Meu pai morreu há poucas semanas e temos motivo para acreditar que ele vinha aqui às escondidas, para jogar dados, talvez tendo ganho muito mais do que perdeu. Isso pode ser confirmado?

— Qual é o nome dele? — Barker perguntou.

— Reuben Atlee, de Clanton.

Barker balançou a cabeça, tirando um celular do bolso.

— Quanto? — Piccolo perguntou.

— Não sei. Talvez um milhão, em alguns anos. Barker continuava a balançar a cabeça.

— De jeito nenhum. Quem ganha ou perde essa quantia nós conhecemos bem. — E ao telefone Barker perguntou se podiam verificar um tal de Reuben Atlee.

— Você acha que ele ganhou um milhão de dólares? — perguntou Piccolo.

— Ganhou e perdeu — Ray respondeu. — Aqui também estamos só adivinhando.

Barker fechou o celular.

— Nenhum registro de Reuben Atlee em lugar algum. Com certeza ele não jogou tanto por aqui.

— E se ele nunca esteve neste cassino? — perguntou Ray, certo da resposta.

— Nós saberíamos — os dois disseram ao mesmo tempo.

CAPITULO 24

ELE ERA O ÚNICO QUE CORRIA de manhã em Clanton e por isso recebia olhares curiosos das mulheres que cuidavam dos canteiros de flores, das empregadas que varriam as varandas e dos empregados de verão que cortavam a grama do cemitério, quando ele passou correndo pelo jazigo dos Atlee. O solo estava molhado sobre o túmulo do Juiz, mas Ray não parou nem diminuiu a marcha para verificar. Os homens que tinham cavado o túmulo cavavam outro agora. Havia uma morte e um nascimento todos os dias em Clanton. As coisas mudavam muito pouco.

Não eram ainda oito horas, e o sol estava quente e o ar, pesado. A umidade não o incomodava porque tinha crescido com ela, mas Ray não sentia falta também.

Encontrou uma rua arborizada e voltou para Maple Run por ela. O jipe de Forrest estava lá, e seu irmão refestelado no balanço da varanda.

— Um pouco cedo para você, não é? — Ray disse.

— Até onde você correu? Está coberto de suor.

— Isso acontece quando se corre no calor. Dez quilômetros. Você está bem.

E estava. Limpo, os olhos não inchados, barbeado, banho de chuveiro tomado, calça esporte branca limpa.

— Estou em abstinência, mano.

— Maravilha. — Ray sentou numa cadeira de balanço ainda respirando pesadamente. Não ia perguntar por quanto tempo Forrest estava sóbrio. Não podia ser mais de vinte e quatro horas.

Forrest levantou do balanço e puxou a outra cadeira para perto da de Ray.

— Preciso de ajuda, mano — ele disse, sentando na ponta da cadeira.

Lá vamos nós outra vez, Ray pensou.

— Estou ouvindo.

— Preciso de ajuda — ele repetiu, esfregando as mãos vigorosamente como se as palavras machucassem.

Ray tinha visto aquilo antes e não tinha mais paciência.

— Vamos, Forrest, do que se trata? — Para começar, era dinheiro, depois disso havia várias possibilidades.

— Quero ir para um lugar, a uma hora daqui. É bem dentro dos bosques, perto de nada, muito bonito, um belo lago pequeno no centro, quartos confortáveis. — Tirou um cartão amarrotado do bolso e deu para Ray.

Alcorn Village. Tratamento contra drogas e alcoolismo. Um serviço da Igreja Metodista.

— Quem é Oscar Meave? — Ray perguntou, olhando para o cartão.

— Um cara que conheci há alguns anos. Ele me ajudou, agora está nesse lugar.

— É um centro de desintoxicação.

— Desintoxicação, reabilitação, lugar para deixar o álcool, spa, rancho, vila, cadeia, prisão, enfermaria de doentes mentais, chame como quiser, não me importo. Preciso de ajuda, Ray. Agora. — Cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

— Tudo bem, tudo bem — Ray disse. — Dê-me os detalhes. Forrest enxugou os olhos e o nariz, e respirou uma grande quantidade de ar.

— Telefone para o cara e veja se eles têm um quarto vago — ele disse, com voz trêmula.

— Quanto tempo vai ficar?

— Quatro semanas, eu acho, mas Oscar pode dizer.

— E quanto custa?

— Uns trezentos dólares por dia. Eu estava pensando que talvez pudesse receber adiantado a minha parte nesta casa, pedir a Harry Rex para perguntar ao juiz se tem algum modo de retirar o dinheiro agora. — As lágrimas pingavam dos cantos dos olhos dele.

Ray tinha visto lágrimas antes. Ouvira as justificativas e as promessas e, por mais insensível e cínico que tentasse ser naquele momento, ele cedeu.

— Faremos alguma coisa — ele disse. — Vou telefonar para esse cara agora.

— Por favor, Ray, quero ir agora mesmo.

— Hoje?

— Sim, eu, bem, não posso voltar para Memphis. — Abaixou a cabeça e passou os dedos pelo cabelo comprido.

— Alguém está procurando você?

— Isso mesmo. — Balançou a cabeça afirmativamente. — Gente ruim.

— Não é a polícia?

— Não, são um bocado pior do que a polícia.

— Eles sabem que você está aqui? — Ray perguntou, olhando em volta. Quase podia ver traficantes pesadamente armados escondidos atrás dos arbustos.

— Não, não têm idéia de onde estou. Ray levantou e entrou na casa.

Como a maioria das pessoas, Oscar Meave lembrava bem de Forrest. Tinham trabalhado juntos num programa federal contra drogas em Memphis e, embora ficasse triste de saber que Forrest estava precisando de ajuda, ficou encantado por poder falar sobre ele com Ray. Ray tentou explicar do melhor modo possível a urgência do caso, embora não tivesse os detalhes, e provavelmente nunca teria. Seu pai tinha morrido havia três semanas, Ray disse, já arranjando desculpas.

— Traga Forrest — Meave disse. — Vamos encontrar um lugar para ele.

Deixaram a cidade trinta minutos depois, no carro alugado de Ray. O jipe de Forrest ficou atrás da casa, por segurança.

— Você tem certeza de que os caras não estão espionando por aqui? — Ray perguntou.

— Eles não têm idéia de onde eu sou — Forrest disse. Estava com a cabeça recostada no banco, os olhos escondidos pelos óculos pretos funky.

— Quem são eles, exatamente?

— Alguns caras muito legais do sul de Memphis. Você gostaria deles.

— E você deve dinheiro a eles?

— Devo.

— Quanto?

— Quatro mil dólares.

— E aonde esses quatro mil dólares foram parar?

Forrest bateu de leve no nariz. Ray balançou a cabeça frustrado e zangado, e mordeu a língua para não começar outro amargo sermão. Deixe passar alguns quilômetros, ele pensou. Estavam fora da cidade com plantações dos dois lados.

Forrest começou a roncar.

Essa ia ser outra história de Forrest, a terceira vez que Ray o punha no carro e o levava para uma clínica de desintoxicação. A última vez tinha sido há quase doze anos — o Juiz ainda presidia o tribunal, Claudia ainda estava ao lado dele, Forrest consumindo mais drogas do que qualquer outra pessoa no estado.

As coisas eram normais. A seção de polícia contra o narcotráfico estendera uma vasta rede em volta dele e só por sorte Forrest conseguiu escapar. Eles suspeitavam de que ele estava traficando, o que era verdade e, se o tivessem apanhado, ainda estaria na prisão. Ray o tinha levado a um hospital perto da costa, onde o Juiz usou sua influência para que o aceitassem. Lá ele dormiu durante um mês e saiu.

A primeira jornada dos irmãos para a reabilitação foi quando Ray estava na escola, em Tulane. Forrest tomara uma overdose de vários comprimidos. Esvaziaram seu estômago e ele quase morreu. O Juiz os mandou para uma instituição perto de Knoxville com portões trancados e cerca de arame farpado. Forrest ficou uma semana e fugiu.

Fora preso duas vezes, uma como menor, outra como adulto, embora só tivesse dezenove anos. Sua primeira prisão foi logo antes de um jogo de futebol do colégio, sexta-feira à noite, o desempate, em Clanton, com toda a cidade aguardando o começo do jogo. Ele tinha dezesseis anos, no penúltimo ano do colégio, zagueiro do time e defesa. Um camicase que adorava atacar quando menos esperavam e investir com o capacete. Os agentes policiais do narcotráfico o tiraram do vestiário e o levaram algemado. O substituto foi um calouro não testado e quando Clanton levou uma sova de mestre a cidade jamais perdoou Forrest Atlee.

Ray estava sentado nas arquibancadas com o Juiz, ansioso como todo mundo para assistir ao jogo.

— Onde está Forrest? — começaram a perguntar. Quando a sorte foi tirada com a moeda, ele estava na carceragem da cidade onde tiravam suas impressões digitais e o fotografavam. Encontraram quatrocentos gramas de maconha no seu carro.

Forrest passou dois anos numa instituição para presos menores e saiu quando fez dezoito anos.

Como o filho de dezesseis anos de um juiz proeminente fica viciado em drogas numa cidade pequena do sul sem história de drogas? Ray e o pai fizeram essa pergunta milhares de vezes. Só Forrest sabia a resposta e havia muito tempo tinha decidido não contar para ninguém. Ray agradecia por ele enterrar a maior parte dos seus segredos.

Depois de um bom cabrito, Forrest acordou de repente e disse que precisava beber alguma coisa.

— Não — disse Ray.

— Um refrigerante, eu juro.

Pararam e compraram refrigerantes. Como café da manhã, Forrest comeu um saquinho de amendoins.

— Alguns desses lugares têm boa comida — ele disse quando estavam na estrada outra vez. Forrest, o guia de viagem para centros de desintoxicação. Forrest, o crítico das unidades de reabilitação. — Geralmente eu perco alguns quilos — ele disse, mastigando.

— Eles têm sala de ginástica e coisas assim? — Ray perguntou, ajudando a conversa. Na verdade não queria falar das vantagens das várias clínicas de desintoxicação.

— Algumas têm — Forrest disse, com ar superior. — Ellie me mandou para um lugar na Flórida perto de uma praia, muita areia e água, muita gente rica e triste. Três dias de lavagem cerebral e então eles iam embora. Caminhadas, bicicleta, esteiras para andar, pesos para quem quisesse. Eu peguei um bronzeado formidável e perdi sete quilos e meio. Fiquei limpo por oito meses.

Na sua vida curta e triste, tudo era medido pelos pedacinhos de sobriedade.

— Ellie mandou você? — Ray perguntou.

— Mandou. Isso foi há anos. Ellie tinha algum dinheiro na ocasião, não muito. Eu cheguei ao fundo do poço e isso foi há tempos, quando ela se importava. Era um bom lugar, e alguns dos conselheiros eram aquelas gatinhas da Flórida com saias curtas e pernas longas.

— Tenho de verificar esse agora.

— Uma ova.

— Brincadeira.

— Tem um lugar no oeste aonde vão todas as estrelas, a Hacienda, e é o verdadeiro Ritz. Quartos luxuosos, spas, massagem diária, chefs que preparam grandes refeições de mil calorias por dia. E os conselheiros são os melhores do mundo. É disso que eu preciso, mano, seis meses na Hacienda.

— Por que seis meses?

— Porque preciso de seis meses. Tentei dois meses, um mês, três semanas, duas semanas, não bastam. Para mim, são seis meses de prisão total. Lavagem cerebral total, terapia total. Mais uma massagista particular.

— Quanto custa?

Forrest assobiou e revirou os olhos.

— Diga uma quantia. Eu não sei. Você tem de ter um zilhão de dólares e

duas recomendações para entrar. Imagine só, uma carta de recomendação. "Às ótimas pessoas da Hacienda: por meio desta recomendo meu amigo Doofus Smith para ser recebido como paciente na sua maravilhosa instituição. Doofus bebe vodca no café da manhã, cheira coca no almoço, lancha heroína e geralmente está comatoso no jantar. Seu cérebro está frito, suas veias, laceradas, seu fígado, uma droga. Doofus é seu tipo de pessoa e seu velho é dono da Idaho."

— Eles ficam com pessoas por seis meses?

— Você não entende nada, não é mesmo?

— Acho que não.

— Uma porção de viciados em coca precisam de um ano. Até mais para os viciados em heroína.

E qual é seu veneno atual?, Ray queria perguntar. Mas ao mesmo tempo não queria.

— Um ano? — ele disse.

— Isso, prisão total. E então o viciado tem de fazer o resto sozinho. Sei de caras que estiveram três anos na prisão sem cocaína, sem crack, sem droga nenhuma e quando saíram telefonaram para um traficante antes de telefonar para as mulheres e as namoradas.

— O que aconteceu com eles?

— Não é bonito. — Ele pôs na boca o último amendoim, bateu as mãos e o sal voou.

Não havia nenhuma placa indicando o caminho para Alcorn Village. Seguiram as direções de Oscar até terem certeza de que estavam perdidos nas montanhas, e então viram um portão ao longe. Desceram uma estrada particular de três pistas e um complexo apareceu. Era tranqüilo e isolado, e Forrest deu uma boa nota pela primeira impressão.

Oscar Meave apareceu no Vestíbulo do prédio da administração e os levou a um escritório, onde tratou pessoalmente da papelada. Ele era conselheiro administrador, psicólogo, ex-viciado que deixara o vício havia muitos anos e recebeu dois Ph.D. Estava de calça jeans, camiseta, tênis, usava uma barbicha e dois brincos, e tinha as rugas e os dentes quebrados de uma vida difícil. Mas sua voz era suave e amiga. A compaixão emanava dele, como de quem já estivera onde Forrest estava agora.

O preço era 325 dólares por dia, e Oscar recomendava o mínimo de quatro semanas.

— Depois disso veremos onde ele está. Preciso fazer algumas perguntas bem cruas sobre o que Forrest anda fazendo.

— Eu não quero ouvir essa conversa — Ray disse.

— Não vai ouvir — Forrest disse. Estava resignado com o suplício que o esperava.

— E exigimos metade do pagamento adiantado — Oscar disse. — A outra metade antes de completar o tratamento.

Ray tentou lembrar seu saldo no banco da Virgínia. Tinha bastante dinheiro vivo, mas não era hora para usar.

— O dinheiro é da herança do meu pai — Forrest disse —, pode demorar alguns dias.

Oscar balançou a cabeça.

— Sem exceção. Nossa regra é a metade agora.

— Sem problema — Ray disse. — Faço um cheque.

— Quero que o dinheiro seja da herança — Forrest disse. — Você não vai pagar.

— O espólio me reembolsa. Vai dar certo. — Ray não tinha certeza de que ia dar certo, mas ia deixar que Harry Rex se preocupasse com isso. Assinou os formulários como avalista. Forrest assinou no fim da página listando tudo que era permitido e tudo que não era.

— Você não pode sair por vinte e oito dias — Oscar disse. — Se sair, perde tudo que foi pago e nunca mais pode voltar. Entendido?

— Entendido — Forrest disse. Quantas vezes ele tinha passado por aquilo?

— Você está aqui porque quer, certo?

— Certo.

— E ninguém o está obrigando.

— Ninguém.

Agora que tinha começado o castigo, estava na hora de Ray ir embora. Agradeceu a Oscar, abraçou Forrest e saiu muito mais depressa do que tinha chegado.

CAPÍTULO 25

RAY AGORA TINHA CERTEZA de que o dinheiro começara a ser juntado a partir de 1991, o ano em que o Juiz perdeu a votação. Claudia estava por perto até o ano anterior e não sabia nada sobre o dinheiro. Não era de propina e não era de jogo.

Nem era de bons investimentos feitos em segredo, porque Ray não encontrou nenhum registro de compra ou venda de ações. O contador contratado por Harry Rex para reconstituir os registros e fechar a declaração final de renda também não encontrou nada. Ele disse que era fácil seguir os passos do Juiz porque todas as transações eram feitas através do Primeiro Banco Nacional de Clanton.

Isso é o que você pensa, Ray disse para si mesmo.

Havia quase quarenta caixas de pastas velhas e inúteis espalhadas pela casa. O serviço de limpeza as empilhou no escritório do Juiz e na sala de jantar. Ray precisou de algumas horas mas finalmente encontrou o que procurava. Duas das caixas continham notas e pesquisas — os arquivos "de julgamento" como o Juiz sempre chamava — dos casos presididos por ele como chanceler especial desde sua derrota em 1991.

Durante um julgamento, o Juiz escrevia sem parar nos blocos amarelos. Anotava datas, tempo, fatos relevantes, qualquer coisa que pudesse ajudá-lo a chegar à opinião final do caso. Muitas vezes ele fazia uma pergunta a uma testemunha e freqüentemente usava suas notas para corrigir os advogados. Ray tinha ouvido o Juiz dizer gracejando, na sua sala, é claro, que tomar notas o ajudava a ficar acordado. Durante um longo julgamento, ele enchia vinte páginas de blocos de notas.

Como era advogado antes de ser juiz, tinha adquirido o hábito de toda a vida de arquivar e guardar tudo. O arquivo de um julgamento consistia em suas notas, cópias dos casos em que os advogados se baseavam, cópias de trechos do código, estatutos, até petições que não eram juntadas ao arquivo oficial da corte. Com o passar dos anos, os arquivos de julgamentos ficaram cada vez mais inúteis e agora enchiam quarenta caixas.

Segundo suas declarações do imposto de renda, desde 1993 ele tinha ganho dinheiro julgando casos como chanceler especial, casos que ninguém queria aceitar. Não era raro na área rural haver disputas acirradas demais para um juiz eleito. Um lado entrava com uma moção pedindo ao juiz para se recusar e ele seguia a rotina de atacar o caso ao mesmo tempo, afirmando sua capacidade para ser justo e imparcial independentemente dos fatos ou dos litigantes, depois desistindo com relutância e passando o caso para um velho amigo de outra parte do estado. O chanceler especial tratava do caso sem a bagagem de nenhum conhecimento prévio e sem um olho na reeleição.

Em algumas jurisdições, chanceleres especiais eram usados para aliviar a agenda lotada. Ocasionalmente, eles substituíam um juiz doente. Quase todos eram aposentados. O estado pagava cinqüenta dólares por hora, mais despesas.

Em 1992, um ano depois da sua derrota, o juiz Atlee não tinha ganho nada. Em 1993, recebeu 5.800 dólares. No ano mais movimentado — 1996 — ele recebeu 16.300 dólares. Em 1999, recebeu 8.760 dólares mas esteve doente a maior parte do tempo.

O total final da renda como chanceler especial era de 56.590 dólares num período de seis anos e tudo fora declarado no imposto de renda.

Ray queria saber que tipo de casos o juiz Atlee havia presidido nos últimos anos. Harry Rex havia mencionado um — o divórcio sensacional de um governador em exercício. O arquivo desse julgamento tinha sete centímetros de espessura e incluía recortes dos jornais de Jackson com fotos do governador, da que logo seria sua ex-mulher e de uma mulher que supostamente era sua paixão atual. O julgamento foi de duas semanas e o juiz Atlee, segundo suas notas, se divertiu a valer.

Havia um caso de anexação perto de Hattiesburg que durou duas semanas e irritou todos os envolvidos. A cidade estava crescendo para oeste e visava a alguns centros industriais importantes. Processos deram entrada em juízo, e dois anos mais tarde o juiz

Atlee reuniu todos os interessados para um julgamento. Havia também artigos de jornais, mas depois de uma hora de leitura Ray ficou entediado com toda a confusão. Ele não podia imaginar presidir aquele caso durante um mês.

Mas pelo menos havia dinheiro envolvido.

O juiz Atlee levou oito dias em 1995 presidindo o julgamento na pequena cidade de Kosciusko, a duas horas de Clanton, mas a julgar por seus arquivos nada de importância entrou em julgamento.

Houve uma horrível colisão de um caminhão tanque no condado de Tishomingo em 1994. Cinco adolescentes ficaram presos num carro e morreram queimados. Como eram menores, o caso era da jurisdição da Corte da Chancelaria. Um chanceler em exercício estava morrendo de câncer no cérebro. O juiz Atlee tomou o lugar dele e presidiu um julgamento que durou dois dias antes de ser feito um acordo de 7.400.000 dólares. Um terço foi para os advogados dos adolescentes, o resto para suas famílias.

Ray pôs as pastas no sofá do Juiz, ao lado do caso de anexação. Estava sentado no chão recentemente encerado do escritório sob o olhar vigilante do general Forrest. Tinha uma vaga idéia do que estava fazendo, mas nenhum plano. Examinar os arquivos, escolher os que envolviam dinheiro, ver aonde a pista o levaria.

O dinheiro, escondido a menos de três metros de onde ele estava, devia ter vindo de algum lugar.

Seu celular tocou. Era a mensagem gravada de uma companhia de alarme, de Charlottesville, avisando que seu apartamento estava sendo assaltado. Ele levantou rapidamente e resmungou enquanto ouvia a mensagem. O mesmo aviso era feito simultaneamente para a polícia e para Corey Crawford. Segundos depois, Crawford telefonou.

— Estou indo para lá — ele disse, e parecia estar correndo. Eram quase nove e meia, hora local. Dez e meia em Charlottesville.

Ray começou a andar de um lado para o outro, completamente impotente. Quinze minutos passaram e Crawford ligou de novo.

— Estou aqui — ele disse. — Com a polícia. Alguém arrombou a porta lá embaixo depois a porta do seu escritório. Isso disparou o alarme. Não tiveram muito tempo. O que devemos verificar primeiro?

— Não há nada especialmente valioso — Ray disse, tentando adivinhar o que o ladrão queria. Nem dinheiro, nem jóias, obras de arte, rifles de caça, ouro ou prata.

— TV, estéreo, microondas, tudo está aqui — Crawford disse. — Eles espalharam livros e revistas, derrubaram a mesa ao lado do telefone da cozinha, mas estavam com pressa. Alguma coisa especial?

— Não, nada que eu possa pensar — Ray ouvia um rádio da polícia ao fundo.

— Quantos quartos? — Crawford perguntou, andando no apartamento.

— Dois, o meu é o da direita.

— Todas as portas do closet estão abertas. Estavam procurando alguma coisa. Alguma idéia do que podia ser?

— Não — Ray respondeu.

— Nenhum sinal de arrombamento na porta do quarto — Crawford informou, e começou a falar com dois policiais. — Espere um momento — disse para Ray, que estava de pé na porta da frente, olhando através da tela, imóvel, tentando pensar no meio mais rápido possível de voltar para casa.

Os policiais e Crawford decidiram que foi um assalto rápido de um ladrão que foi surpreendido pelo alarme. Ele arrombou as duas portas com um mínimo de avaria, viu que havia um alarme, correu pelo apartamento, à procura de algo e, não encontrando, chutou algumas coisas para extravasar a raiva e fugiu. Ele ou eles... — podia ter sido mais de um.

— Você precisa vir aqui para dizer à polícia se falta alguma coisa e fazer um relatório — Crawford disse.

— Estarei aí amanhã — Ray disse. — Podem vigiar o apartamento esta noite?

— Sim, vamos pensar em alguma coisa.

— Telefone para mim depois que a polícia sair.

Sentou nos degraus da frente ouvindo os grilos, desejando estar no Autodepósito Chaney's sozinho, no escuro com uma das armas do Juiz pronta para atirar em qualquer pessoa que se aproximasse. Quinze horas de carro. Três horas e meia em avião particular. Telefonou para Fog Newton e ninguém atendeu.

Seu telefone o sobressaltou outra vez.

— Ainda estou no apartamento — Crawford disse.

— Não acho que tenha sido um assalto por acaso — Ray disse.

— Você mencionou algumas peças de valor, coisas de família, no Chaney's.

— Sim. Será que você poderia vigiar o depósito esta noite?

— Eles têm segurança, guardas e câmeras, um bom sistema. — Crawford parecia cansado e não muito entusiasmado com a idéia de passar a noite toda no carro.

— Pode fazer isso?

— Não posso entrar lá. Precisa ser cliente.

— Vigie a entrada.

Crawford rosnou e respirou profundamente.

— Sim, vou verificar, talvez chamar um cara para vigiar.

— Obrigado. Telefono quando chegar à cidade amanhã.

Ligou para Chaney's e ninguém atendeu. Esperou cinco minutos e telefonou outra vez, contou catorze toques e então ouviu uma voz.

— Chaney's, segurança. Murray falando.

Com a maior gentileza ele explicou quem era e o que queria. Tinha três unidades alugadas e havia uma certa preocupação porque alguém havia vandalizado seu apartamento na cidade, e será que o senhor Murray podia por favor dar especial atenção às unidades 14B, 37F e 18R? Sem problema, disse o senhor Murray, que parecia bocejar ao telefone.

Ray explicou que estava um pouco nervoso.

— Sem problema — murmurou o senhor Murray.

Levou uma hora e dois drinques para diminuir a inquietação. Ele não estava mais perto de Charlottesville. Sua vontade era entrar no carro alugado e correr pela noite, mas desistiu. Preferiu dormir e tentar encontrar um avião de manhã. Mas dormir era impossível, e ele voltou aos arquivos dos julgamentos.

O Juiz disse certa vez que sabia pouco sobre a lei de zoneamento porque havia tão pouco zoneamento no Mississipi e praticamente nenhum nos seis condados do 25° distrito da Chancelaria. Mas alguém o rinha convencido a presidir à luta acirrada sobre o zoneamento na cidade de Columbus. O julgamento durou seis dias e, quando terminou, um telefonema anônimo ameaçou matar o Juiz, segundo suas notas.

Ameaças eram comuns e todos sabiam havia anos que ele andava com uma pistola na pasta. Diziam que Claudia também tinha uma. Era melhor levar um tiro do Juiz do que da sua estenógrafa, era o que diziam.

O caso de zoneamento deu sono em Ray. Mas então ele encontrou uma lacuna, o buraco negro que procurava, e esqueceu o sono.

Segundo seus registros de impostos, o Juiz recebeu 8.110 dólares em janeiro de 1999 para presidir um caso no 27° distrito da Chancelaria. O 27° distrito compreendia dois condados na Costa do Golfo, uma parte do estado de que o Juiz não gostava muito. O fato de ele ter passado voluntariamente um dia na região pareceu muito estranho a Ray.

Mais estranha ainda era a ausência de um arquivo sobre o julgamento. Ele procurou em duas caixas e não encontrou nada relacionado a um caso na costa e mal controlando a curiosidade procurou nas outras trinta e oito caixas. Esqueceu do apartamento, do depósito e se o senhor Murray estava ou não acordado ou

mesmo vivo, e quase esqueceu do dinheiro.

Faltava a pasta de um julgamento.

CAPÍTULO 26

O VÔO DA COMPANHIA AÉREA US saía de Memphis às seis e quarenta da manhã, o que significava que Ray teve de sair de Clanton antes das cinco horas, e significava também que ele dormiu apenas três horas, o normal em Maple Run. No primeiro vôo, ele cochilou, cochilou outra vez no aeroporto de Pittsburgh e outra vez no vôo comercial para Charlottesville. Inspecionou o apartamento e adormeceu no sofá.

O dinheiro não fora tocado. Nenhuma entrada não autorizada nas suas unidades em Chaney's. Nada fora de ordem. Ele se trancou no cubículo 18R, abriu as cinco caixas à prova de fogo e de água e contou cinqüenta e três sacos para congelamento.

Sentado no chão de cimento, no meio de três milhões de dólares, Ray Atlee finalmente admitiu o quanto o dinheiro tinha se tornado importante. O verdadeiro horror da noite anterior fora a possibilidade de perdê-lo. Agora tinha medo de deixá-lo.

Nas últimas semanas, ele tinha estado mais curioso sobre o preço das coisas, sobre o que o dinheiro podia comprar, sobre como podia crescer se fosse investido de modo conservador, ou agressivo. Às vezes ele se via como um homem rico, mas logo afastava esses pensamentos. Mas eles estavam sempre ali, logo abaixo da superfície e subindo à tona cada vez com maior freqüência. As perguntas iam sendo lentamente respondidas — não era dinheiro falso, não podia ser rastreado, não fora ganho nos cassinos, nem recebido como propina dos advogados e dos litigantes da Chancelaria do 25° distrito.

E não, o dinheiro não devia ser repartido com Forrest, porque Forrest se mataria com ele. Não, não devia ser incluído no espólio por várias e excelentes razões.

Uma a uma as opções iam sendo eliminadas. Ele seria obrigado a ficar com o dinheiro.

Bateram com força na porta de metal e ele quase gritou. Levantou de um salto e perguntou: — Quem é?

— Segurança — veio a resposta e a voz era vagamente familiar. Ray

passou por cima do dinheiro, chegou à porta e a abriu não mais de cinco centímetros. O senhor Murray sorriu para ele.

— Tudo bem aí? — ele perguntou, mais como um zelador do que como um guarda armado.

— Tudo bem, obrigado — Ray disse, com o coração ainda gelado.

— Se precisar de alguma coisa, é só me dizer.

— Obrigado pela noite passada.

— Estava só fazendo meu trabalho.

Ray guardou o dinheiro nas caixas, trancou a porta e atravessou a cidade com um olho no retrovisor.

O proprietário do seu apartamento mandou um grupo de carpinteiros mexicanos para consertar as duas portas arrombadas. Eles martelaram e serraram até o fim da tarde, e quando terminaram aceitaram uma cerveja gelada. Ray conversou com eles tentando fazer com que saíssem do seu escritório. Havia uma pilha de correspondência na mesa da cozinha que, depois de ter sido ignorada durante o dia todo, ele sentou para ler. Catálogos e propaganda. Contas para serem pagas. Três notas de pêsames.

Uma carta do serviço de imposto de renda endereçada ao senhor Ray Atlee, inventariante do espólio de Reuben V. Atlee com carimbo do correio de Atlanta, de dois dias atrás. Ele a examinou cuidadosamente antes de abrir devagar. Uma única folha de papel com carimbo oficial de um tal Martin Gage, Escritório de Investigações Criminais em Atlanta. Dizia:

Caro senhor Atlee:

Como inventariante do espólio do seu falecido pai, o senhor deve, pela lei, incluir todos os bens para fim de avaliação e taxação de impostos. A não inclusão de todos os bens constitui fraude. O uso não autorizado de bens é uma violação da lei do Mississipi e possivelmente das leis federais também.

Seu primeiro impulso foi telefonar para Harry Rex para saber se o imposto de renda fora notificado. Como inventariante, tinha um ano a partir da data da morte para entrar com a declaração final e, de acordo com o contador, extensões desse prazo eram garantidas liberalmente.

A carta era datada do dia seguinte ao que ele e Harry Rex foram ao tribunal para abrir o testamento. Por que o imposto de renda respondeu tão depressa? Como eles podiam sequer saber da morte de Reuben Atlee?

Mas telefonou para o signatário da carta. A mensagem gravada o recebeu no mundo do imposto de renda, escritório de Atlanta, mas ele teria de telefonar mais tarde porque era sábado. Ele entrou on-line e no diretório de Atlanta encontrou três Martin Gages. O primeiro para quem telefonou estava fora da cidade, mas sua mulher disse que ele não trabalhava para o imposto de renda, graças a Deus. O segundo telefonema não foi atendido. O terceiro encontrou um senhor Gage jantando.

— O senhor trabalha para o imposto de renda? — Ray perguntou, depois de se apresentar cordialmente como professor de direito e pedir desculpas pela intrusão.

— Sim, trabalho.

— Investigações Criminais?

— Exatamente. Esse sou eu. Há catorze anos agora. Ray descreveu a carta, depois leu palavra por palavra.

— Eu não escrevi isso — Gage disse.

— Então quem escreveu? — Ray perguntou irritado e imediatamente desejou não ter perguntado.

— Como vou saber? Pode mandar por fax para mim? Ray olhou para seu fax pensando rapidamente e disse: — Claro, mas meu fax está no escritório. Mandarei na segunda-feira.

— Passe por e-mail — Gage disse.

— Bem, meu scanner está quebrado no momento. Mando por fax na segunda-feira.

— Tudo bem, mas alguém está querendo pregar uma peça, amigo. Essa carta não é minha.

De repente Ray ficou ansioso para se livrar do imposto de renda, mas agora Gage estava envolvido.

— Vou dizer mais uma coisa — Gage continuou. — Fazer se passar por um agente do imposto de renda é ofensa federal e nós processamos vigorosamente. Alguma idéia de quem possa ser?

— Nenhuma.

— Provavelmente tirou meu nome do nosso diretório on-line, a pior coisa que já fizemos. Liberdade de informação e toda essa bobagem.

— Provavelmente.

— Quando o testamento foi aberto?

— Há três dias.

— Três dias! A declaração tem um ano para ser feita.

— Eu sei.

— O que há no espólio?

— Nada. Uma casa velha.

— É só algum engraçadinho. Mande por fax na segunda-feira e eu telefono.

— Obrigado.

Ray deixou o telefone na mesa de centro e se perguntou por quê, exatamente, tinha telefonado para o homem do imposto de renda.

Para verificar a carta.

Gage nunca ia receber uma cópia da carta. E dentro de mais ou menos um mês ele esqueceria. E em um ano não ia lembrar se alguém a mencionasse.

Talvez não tivesse sido a coisa mais inteligente a fazer.

Forrest entrou na rotina do Alcorn Village. Tinha direito a dois telefonemas por dia e eram gravados, ele explicou.

— Eles não querem que a gente telefone para nossos traficantes.

— Não tem graça — Ray disse. Era o Forrest sóbrio, com a fala macia arrastada e a mente clara.

— Por que você está na Virgínia?

— É onde eu moro.

— Pensei que ia visitar alguns amigos por aqui, velhos companheiros da faculdade.

— Logo vou fazer isso. Como é a comida?

— Como numa clínica. Gelatina três vezes por dia, mas sempre de cor diferente. Na verdade, uma droga. Por trezentos dólares mais um dia é um roubo.

— Alguma gatinha?

— Uma, mas tem catorze anos e é filha de um juiz, se dá para acreditar. Realmente um pessoal triste. Temos essas reuniões de grupo uma vez por dia onde todo mundo diz horrores de quem os levou a consumir drogas. Falamos dos nossos problemas. Nos ajudamos mutuamente. Que diabo eu sei mais do que os conselheiros. Esta é a minha oitava desintoxicação, mano, dá para acreditar?

— Parece que houve mais do que isso — Ray disse.

— Obrigado por me ajudar. Você sabe o que mais incomoda?

— O quê?

— Sou mais feliz quando estou limpo. Sinto-me ótimo, sinto-me inteligente, capaz de fazer qualquer coisa. Então eu me odeio quando estou na rua fazendo todas aquelas coisas estúpidas como os outros pobres coitados. Eu não sei por que faço isso.

— Você parece ótimo, Forrest.

— Gosto deste lugar, a não ser pela comida.

— Muito bom. Estou orgulhoso de você.

— Pode vir me visitar?

— É claro que sim. Dê-me uns dois dias.

Ligou para Harry Rex que estava no escritório, onde ele geralmente passava o fim de semana. Na quarta mulher agora, ele tinha bons motivos para não ficar muito em casa.

— Você lembra do Juiz presidir um caso na costa, no começo do ano passado? — Ray perguntou.

Harry Rex estava comendo alguma coisa e estalando os lábios no telefone.

— Na costa? — Ele detestava a costa, achava que só tinha caipiras mafiosos.

Ele foi pago para presidir um julgamento lá em janeiro do ano passado.

— Ele estava doente no ano passado — Harry Rex disse, depois engoliu algum líquido.

— O câncer foi diagnosticado em julho último.

— Acho que não lembro de nenhum caso da costa — ele disse e deu uma dentada em alguma coisa. — Isso é surpresa para mim.

— Para mim também.

— Por que você está examinando os arquivos dele?

— Só estou comparando os registros do que ele recebeu com seus arquivos de julgamentos.

— Por quê?

— Porque sou o inventariante.

— Perdão. Quando você vai voltar?

— Daqui a uns dois dias.

— Ei, encontrei com Claudia hoje, fazia muito tempo que não a via e ela chegou à cidade cedo, estacionou um Cadillac preto novo em folha perto do café para todo mundo ver e passou a metade da manhã fazendo compras na cidade. Que mulher decidida.

Ray não pôde deixar de sorrir vendo Claudia correr para o vendedor de automóveis com a bolsa cheia de dinheiro. O Juiz ficaria orgulhoso.

O sono chegou em breves cochilos no sofá. As paredes estalavam mais alto, as entradas de ar e os canos pareciam mais ativos. Coisas se mexiam, depois ficavam paradas. Na noite depois do primeiro assalto, todo o apartamento estava preparado para outro.

CAPÍTULO 27

ESFORÇANDO-SE PARA PARECER que voltava ao normal, Ray deu uma longa corrida no seu caminho favorito, pela rua Principal até o *campus,* subindo a Colina Observatório e voltando, dez quilômetros ao todo. Almoçou com Carl Mirk no Bizou, um bistrô popular, a três quadras do seu apartamento e tomou café depois, num café com mesas na calçada. Fog tinha o Bonanza reservado para a aula de treinamento às três horas da tarde, mas a correspondência chegou e tudo que era normal saiu pela janela.

O envelope era endereçado para ele, à mão, sem remetente, com carimbo de Charlottesville do dia anterior. Uma banana de dinamite não teria parecido mais suspeita ali, em cima da mesa. Dentro estava uma folha do tamanho de papel de carta, dobrada três vezes e, quando ele abriu, todos os sistemas foram desligados. Por um momento ele não conseguiu pensar, respirar, sentir, ouvir.

Era uma foto digital colorida da frente do 14B em Chaney's, feita no computador, em papel de cópia comum. Nenhuma palavra, nenhum aviso, nenhuma ameaça. Não era preciso.

Quando conseguiu respirar outra vez, Ray começou a suar e a paralisação durou o tempo suficiente para que sentisse uma dor aguda no estômago como se estivessem enfiando uma faca. Ray estava tonto, por isso fechou os olhos e quando abriu olhou para a foto outra vez, ela tremia na sua mão.

Seu primeiro pensamento, o primeiro que conseguiu lembrar, foi que não havia nada no apartamento que não pudesse dispensar. Podia deixar tudo. Mas, mesmo assim, arrumou uma pequena mala.

Três horas depois, parou em Roanoke para abastecer e três horas mais tarde entrou numa parada de caminhões movimentada, a leste de Knoxville. Ficou no estacionamento por um longo tempo, abaixado no banco do seu conversível TT, vendo os caminhões entrar e sair, vendo quem saía e quem entrava no café lotado. Ele queria uma mesa na janela e quando uma vagou trancou o Audi e entrou no café. Da mesa ele via seu carro, a quinze metros e carregado com três milhões em dinheiro.

Por causa do aroma, ele supôs que a especialidade da casa era o café.

Pediu um hambúrger e começou a escrever suas opções no guardanapo.

O lugar mais seguro para o dinheiro era um banco, numa grande caixa trancada atrás de paredes espessas com câmeras *etc.* Podia dividir o dinheiro, espalhar por vários bancos em cidades diferentes entre Charlottesville e Clanton, e deixar uma pista complicada. O dinheiro podia ser discretamente carregado na valise. Uma vez no banco, estaria a salvo para sempre.

Porém a trilha que ia deixar seria extensa. Formulários de aluguel da caixa, identidade, endereço residencial, telefones, conheça nosso novo vice-presidente, negócios com estranhos, videocâmeras, registro das caixas-fortes e quem sabe o que mais, porque Ray nunca antes tinha escondido coisa alguma num banco.

Passou por vários depósitos na estrada. Estavam por toda a parte nestes dias e, por algum motivo, o mais perto possível das estradas. Por que não escolher um ao acaso, parar o carro, pagar em dinheiro e usar um mínimo de papelada? Podia ficar em Podunk-tour um ou dois dias, comprar outras caixas à prova de fogo numa loja, guardar o dinheiro e ir embora na surdina. Era uma idéia brilhante porque seu atormentador não esperava isso.

E era uma idéia idiota porque ele deixaria o dinheiro.

Ele podia levar de volta a Maple Run e enterrar no porão. Harry Rex podia alertar o delegado e a polícia para a presença de algum tipo suspeito na cidade. Se um agente o seguisse seria preso em Clanton e Dell, no café, teria os detalhes ao nascer do sol. Não se podia tossir na cidade sem que três pessoas pegassem seu resfriado.

Os caminhoneiros chegavam em ondas, a maior parte falando alto, ansiosos por companhia, depois de quilômetros de solitário confinamento. Todos pareciam iguais, jeans e botas de bico fino. Um par de tênis passou e chamou a atenção de Ray. Uniforme cáqui, não jeans. O homem estava sozinho e sentou na frente do balcão. Pelo espelho Ray via o rosto dele, um rosto que já tinha visto antes. Largo na altura dos olhos, estreito no queixo, nariz longo e achatado, cabelo louro, trinta e cinco anos mais ou menos. Em algum lugar de Charlottesville, mas não conseguia lembrar onde.

Ou seria que todo mundo agora parecia suspeito?

Fuja com seu dinheiro, como um assassino com sua vítima na mala do carro e muitos rostos familiares vão parecer ameaçadores.

O hambúrger chegou quente e soltando fumaça, coberto com batatas fritas, mas Ray tinha perdido o apetite. Começou a escrever no terceiro guardanapo. Os dois primeiros não o tinham levado a lugar algum.

Suas opções no momento eram limitadas. Como não queria deixar o dinheiro fora de sua vista, ia dirigir a noite toda, parando para café, talvez parando para um cochilo, e chegaria a Clanton de manhã cedo. Uma vez no seu território, as coisas começariam a ficar mais claras.

Esconder o dinheiro no porão não era boa idéia. Um curto-circuito, um relâmpago, um fósforo jogado ao acaso e a casa ia pelos ares. Era pouco mais do que lenha para fogueira agora.

O homem no balcão ainda não tinha olhado para Ray e quanto mais Ray olhava para ele mais se convencia de que estava errado. Era um rosto comum, do tipo que vemos todos os dias e nunca lembramos. Estava comendo torta de chocolate e tomando café. Estranho, às onze horas da noite.

Ele entrou em Clanton logo depois das sete horas com os olhos vermelhos, exausto, precisando de um chuveiro e de dois dias de descanso. Durante a noite, quando não estava vigiando cada farol atrás do seu carro e se esforçando para ficar acordado, sonhava com a solidão de Maple Run. Uma casa grande e vazia só para ele. Podia dormir no segundo andar, no térreo ou na varanda. Sem telefones, sem ninguém para incomodá-lo.

Mas os homens que consertavam o telhado tinham outros planos. Trabalhavam com afinco quando ele chegou, as picapes, as escadas, as ferramentas cobriam o gramado da frente, bloqueando a entrada. Ele encontrou Harry Rex no café comendo ovos pochê e lendo dois jornais ao mesmo tempo.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, mal erguendo os olhos. Não tinha acabado de comer os ovos nem de ler os jornais e não parecia muito satisfeito por ver Ray.

— Talvez eu esteja com fome.

— Você está horrível.

— Obrigado. Não consegui dormir lá, por isso vim para cá.

— Você está desmoronando.

— Sim, estou.

Finalmente ele abaixou os jornais e espetou um ovo que parecia coberto de milho quente.

— Você dirigiu a noite toda desde Charlottesville?

— São só quinze horas.

Uma garçonete o serviu de café.

— Quanto tempo aqueles homens pretendem ficar no telhado?

— Eles estão lá?

— Se estão! Pelo menos uma dúzia deles. Eu queria dormir dois dias inteiros.

— São os garotos Atkin. São rápidos, a não ser que comecem a beber e brigar. No ano passado, um deles caiu da escada e quebrou o pescoço. Recebeu trinta mil de seguro do trabalho.

— Nesse caso, por que você os contratou?

— São baratos, exatamente como você, senhor inventariante. Vá dormir no meu escritório. Tenho um esconderijo no terceiro andar.

— Com uma cama?

Harry Rex olhou em volta como se os caçadores de escândalos de Clanton estivessem se aproximando.

— Lembra de Rosetta Rhines? — Não.

— Ela foi a minha quinta secretária e terceira mulher. Foi quando tudo começou.

— Os lençóis estão limpos?

— Que lençóis? Pegue como está ou deixe. É muito quieto, mas o assoalho treme. Foi assim que nós fomos apanhados.

— Desculpe por ter perguntado. — Ray tomou um longo gole de café. Estava com fome, mas não preparado para um banquete. Queria flocos com nata de leite e frutas, alguma coisa frugal, mas seria ridicularizado se pedisse uma refeição tão leve no café.

— Você vai comer? — Harry Rex rosnou.

— Não. Precisamos guardar algumas coisas. Todas aquelas caixas e móveis. Você sabe de algum lugar?

— Nós?

— Tudo bem, eu preciso de um lugar.

— É tudo lixo. — Uma mordida num biscoito carregado com salsicha, queijo e o que parecia mostarda. — Queime tudo.

— Não posso queimar. Pelo menos não agora.

— Então faça o que todos os bons inventariantes fazem. Guarde por dois anos, depois dê para o Exército da Salvação e queime o que eles não quiserem.

— Sim ou não. Existe um lugar para guardar coisas na cidade?

— Você não foi colega de escola daquele louco do Cantrell?

— Eram dois.

— Não, eram três. Um foi atropelado por um ônibus Greyhound perto de Tobytown. — Um longo gole de café, depois mais ovos.

— Um lugar para guardar coisas, Harry Rex.

— Irritadinho, não está?

— Não, com falta de sono.

— Ofereci meu ninho de amor.

— Não, obrigado. Vou tentar a sorte com os homens no telhado.

— O tio deles é Virgil Cantrell. Eu fiz o divórcio da sua segunda mulher e ele converteu a velha estação num armazém.

— É o único lugar da cidade?

— Não, Lundy Staggs instalou algumas daquelas unidades de minidepósito a oeste da cidade, mas foi tudo inundado. Eu não iria lá.

— Qual é o nome desse depósito? — Ray perguntou, cansado do lugar.

— A Estação. — Outra mordida no biscoito.

— Ao lado dos trilhos do trem?

— Isso mesmo. — Começou a sacudir uma garrafa de molho Tabasco em cima dos ovos que restavam. — Geralmente ele tem algum espaço. Até construiu uma sala de concreto para proteger contra o fogo. Mas não vá ao porão.

Ray hesitou, sabendo que devia ignorar a isca. Olhou para seu carro, estacionado na frente do tribunal e finalmente disse: — Por que não?

— É onde fica o filho dele.

— O filho?

— Sim, ele também é louco. Virgil não conseguiu interná-lo em' Whitfield e não tem dinheiro para uma instituição particular, por isso resolveu trancar o garoto no porão.

— Fala sério?

— Que diabo, é claro que falo. Eu disse a ele que era contra a lei. O garoto tem tudo: quarto de dormir, banheiro, televisão. Muito mais barato do que pagar uma casa para doentes mentais.

— Como é o nome dele? — Ray perguntou, cavando mais fundo.

— Pequeno Virgil.

— Pequeno Virgil?

— Pequeno Virgil.

— Quantos anos tem o Pequeno Virgil?

— Não sei, quarenta e cinco, cinqüenta.

Para alívio de Ray nenhum Virgil estava presente quando ele entrou na Estação. Uma mulher atarracada, de macacão, disse que o senhor Cantrell estava

fora tratando de coisas e não voltaria antes de duas horas. Ray perguntou sobre o espaço para depósito e ela se ofereceu para mostrar.

Anos atrás, um tio muito afastado do Texas os visitara. A mãe de Ray o esfregou e poliu até o ponto de sofrimento. Com grande antecipação foram de carro para a estação para esperar o tio. Forrest era ainda bebê e eles o deixaram em casa com a babá. Ray lembrava claramente a espera na plataforma, ouvindo o apito, vendo o trem se aproximar, sentindo a expectativa ansiosa de todos que esperavam. Naquele tempo, a estação era um lugar movimentado. Quando ele estava no primeiro grau, eles entravam no trem e os desordeiros o usavam como refúgio. Foi quase arrasada antes de a prefeitura entrar em cena com uma reforma absurda.

Agora era uma coleção de salas amontoadas em dois andares, com refugo até o teto. Toras de tábuas de madeira empilhadas por toda a parte, sinal de eternos consertos. Serragem cobria o chão. Um exame rápido convenceu Ray de que o lugar era mais inflamável do que Maple Run.

— Temos mais espaço no porão — a mulher disse.

— Não, obrigado.

Ele saiu para ir embora e voando baixo, na rua Principal, vinha um Cadillac preto, novo em folha, cintilando no sol do começo da manhã, sem um grão de poeira, Claudia na direção com óculos escuros Jackie O.

Ali de pé, no calor do começo da manhã, vendo o carro na rua, Ray sentiu a cidade de Clanton desmoronar em cima dele. Claudia, os Virgil, Harry Rex e suas mulheres e secretárias, os Atkin, consertando o telhado, bebendo e brigando.

Será que todos são loucos ou só eu?

Entrou no carro e deixou a estação, espalhando cascalho atrás dos pneus. Na periferia da cidade, a estrada acabava. Ao norte estava Forrest; ao sul, a costa. A vida não ia ficar mais simples visitando o irmão, mas tinha prometido.

CAPÍTULO 28

DOIS DIAS DEPOIS, RAY chegou à Costa do Golfo, Mississipi. Queria ver seus amigos da faculdade de Tulane e pensou seriamente em passar algum tempo nos lugares que costumavam freqüentar. Tinha vontade de comer ostras do Franky & Johnny, na margem do rio, uma *muffalettã* na Maspero's do Decatur, no Quarter, tomar uma cerveja Dixie no Chart Room na rua Bourbon, e café de chicória e *beignets* no Café du Monde, todos os lugares de vinte anos atrás.

Mas o crime assolava Nova Orleans e seu belo carrinho esporte podia ser alvo dos criminosos. Feliz o ladrão que o roubasse e abrisse a mala. Os malfeitores não iam pegar Ray nem os patrulheiros da estrada, porque ele mantinha exatamente o limite de velocidade permitido. Ele era um motorista perfeito — obedecendo a todas as leis, prestando atenção a todos os outros carros.

O tráfego o fez ir mais devagar na Rodovia 90 e durante uma hora seguiu lentamente para o leste, passando por Long Beach, Gulfport e Biloxi, sempre seguindo a praia, passando, pelos cintilantes cassinos novos dentro da água, por novos hotéis e restaurantes. O jogo chegara à costa tão depressa quanto tinha chegado ao campo em volta de Túnica.

Ele atravessou a baía de Biloxi e entrou no condado de Jackson. Perto de Pascagoula, viu um luminoso convidando os viajantes a parar para Tudo-que-você-puder-comer-Cajun, por apenas 13,99 dólares. Era uma espelunca, mas o estacionamento era bem iluminado. Ele examinou o restaurante primeiro e viu que podia sentar a uma mesa na janela e ficar de olho no carro. Isso era agora um hábito.

Havia três condados no Golfo. Jackson a leste quase na divisa de Alabama, Harrison no meio, e Hancock a oeste, perto da Louisiana. Um político local fora bem-sucedido em Washington e a carne de porco chegava com abundância nas docas do condado de Jackson. O jogo pagava as contas e construía escolas no condado de Harrison. E foi Hancock o condado menos desenvolvido que o juiz Atlee visitou em janeiro de 1999, para um caso do qual ninguém em Clanton sabia coisa alguma.

Depois de um jantar demorado de lagosta recheada e camarão ao molho picante, com algumas ostras cruas, ele atravessou de novo a baía, passou outra vez por Biloxi e Gulfport. Na cidade de Pass Christian, encontrou o que estava procurando — um motel novo, com portas que davam para fora. O lugar parecia seguro, só a metade do estacionamento estava ocupada. Pagou sessenta dólares em dinheiro por uma noite e estacionou o carro o mais perto possível da porta do seu quarto. Tinha mudado de idéia sobre não andar armado. Um som estranho durante a noite e ele estaria fora do quarto com o .38 do Juiz agora carregado. Estava perfeitamente preparado para dormir no carro se fosse preciso.

O condado de Hancock tinha esse nome por causa de John, o da assinatura ousada na Declaração da Independência. O tribunal, construído em 1911 no centro da baía de St. Louis, fora praticamente levado pelo furacão Camille, em agosto de 1969— O olho do furacão passou diretamente por Pass Christian e pela baía de St. Louis, e nenhum prédio escapou da destruição. Mais de cem pessoas morreram e muitas nunca foram encontradas.

Ray parou para ler o marco histórico no jardim do tribunal, depois virou para trás e olhou outra vez para seu Audi. Embora os registros do tribunal fossem geralmente abertos ao público, mesmo assim ele estava nervoso. Os funcionários do tribunal em Clanton vigiavam seus registros e monitoravam quem entrava e saía. Ele não tinha certeza do que estava procurando nem de onde começar. Mas seu maior medo era do que podia descobrir.

No escritório do funcionário da Chancelaria, ele parou o tempo suficiente para chamar a atenção de uma jovem bonitinha com um lápis enfiado no cabelo.

— Posso ajudá-lo? — ela perguntou, com fala arrastada. Ele tinha na mão um bloco, como se isso de algum modo o qualificasse e abrisse as portas certas.

— Vocês arquivam registros dos julgamentos? — ele perguntou, esforçando-se para imitar o modo de falar do lugar.

Ela franziu a testa e olhou para Ray como se ele tivesse cometido uma contravenção.

— Temos minutas de cada termo da corte — ela disse devagar, porque obviamente ele não era muito inteligente. — E temos os arquivos originais do tribunal. — Ray tomava notas.

— E — ela disse, depois de uma pausa — há as transcrições dos julgamentos feitas pela estenógrafa do tribunal, mas não são guardadas aqui.

— Posso ver as minutas? — ele perguntou, agarrando o primeiro item

mencionado por ela.

— Claro. Qual termo?

— Janeiro do ano passado.

Ela deu dois passos para a direita e começou a digitar num teclado. Ray olhou para o grande escritório, com várias mulheres sentadas às mesas, algumas digitando no teclado, algumas arquivando, algumas falando ao telefone. A última vez que ele vira o escritório da Chancelaria em Clanton, havia só um computador. O condado de Hancock estava dez anos na frente.

Num canto, dois advogados tomavam café em copos de papel e conversavam sobre coisas importantes, em voz baixa. Na frente deles estavam os livros de escrituras de imóveis de duzentos anos atrás. Os dois usavam óculos de leitura, sapatos de bico largo e grandes nós de gravata. Verificavam escrituras de terras por cem dólares a hora, uma das dezenas de tarefas de uma legião de advogados de cidades pequenas. Um deles viu Ray e olhou para ele desconfiado.

Eu podia ser um deles, Ray pensou.

A jovem se abaixou e apanhou um livro grande cheio de impressos de computador. Folheou, parou e virou o livro para Ray, sobre o balcão.

— Aqui está — ela disse, apontando. —Janeiro, 99, duas semanas de julgamento. Aqui está o registro de atos processuais que ocupa várias páginas. Esta coluna indica a disposição final. Como pode ver, a maioria dos casos continuaram no mês de março.

Ray olhava e escutava.

— Algum caso em particular? — ela perguntou.

— Lembra de um caso presidido pelo juiz Atlee, do condado de Ford? Acho que ele esteve aqui como chanceler especial? — ele perguntou casualmente. A jovem olhou para ele como se Ray tivesse pedido para ver o arquivo do divórcio dela.

— Você é repórter? — ela perguntou, e Ray quase deu um passo para trás.

— Preciso ser? — ele perguntou. Duas das outras funcionárias pararam de trabalhar e olharam para ele zangadas.

Ela disse, com um sorriso forçado:

— Não, mas foi um caso bem grande. Está bem aqui — apontou outra vez. No registro de atos processuais estava relacionado simplesmente como *Gibson v. Miyer-Brack*. Ray balançou a cabeça assentindo, como se tivesse encontrado exatamente o que queria.

— E onde está o arquivo? — ele perguntou.

— É bem grosso — ela disse.

Ele a seguiu a uma sala cheia de gabinetes de metal escuro com milhares de arquivos. Ela sabia exatamente aonde devia ir.

— Assine aqui — ela disse, estendendo para ele uma prancheta com um livro. — Apenas seu nome e a data. Eu faço o resto.

— Que tipo de caso foi esse? — ele perguntou, enquanto assinava e escrevia a data.

— Morte delituosa. — Ela abriu uma gaveta comprida e apontou de uma ponta a outra. — Tudo isso. As ações judiciais começam aqui, depois a descoberta, depois a transcrição do julgamento. Pode levar para aquela mesa, mas não pode levar para fora da sala. Ordens do juiz.

— Que juiz?

— O juiz Atlee.

— Ele morreu, sabia? Afastando-se, ela disse:

— Isso é bom.

O ar da sala se foi com ela, e Ray precisou de vários segundos para pensar outra vez. Os arquivos tinham quase um metro de espessura, mas ele não se importou. Tinha todo o resto do verão para ler.

*

Clete Gibson morreu em 1997 aos sessenta e um anos. Causa da morte, insuficiência renal. Causa da insuficiência, um medicamento chamado Ryax, fabricado por Miyer-Brack, segundo as alegações do processo criminal, provadas verdadeiras pelo Excelentíssimo Reuben V. Atlee, presidindo como chanceler especial.

O senhor Gibson tomou Ryax durante oito anos para controlar o colesterol. O remédio foi receitado por seu médico e vendido por seu farmacêutico, ambos também processados pela viúva e pelos filhos. Depois de tomar o medicamento durante cinco anos, ele começou a apresentar problemas renais, que foram tratados por outros médicos. Na época, o Ryax, um medicamento relativamente novo, não apresentava nenhum efeito colateral conhecido. Quando os rins de Gibson deixaram de funcionar completamente, ele conheceu o senhor Patton French, advogado. Isso aconteceu um pouco

antes da sua morte.

Patton French fazia parte da firma French & French, de Biloxi. A firma tinha a lista de seis outros advogados. Além do fabricante, do médico e do farmacêutico, os acusados incluíam também um vendedor de medicamentos local e sua companhia de corretagem fora de Nova Orleans. Cada acusado tinha uma grande firma responsável, incluindo algumas grandes firmas de Nova York. O litígio foi contencioso, complicado, até feroz às vezes, e o senhor Patton French e sua pequena firma de Biloxi empenharam-se numa guerra impressionante contra os gigantes do outro lado.

Miyer-Brack era um gigantesco complexo farmacêutico suíço com interesses em sessenta países, segundo o depoimento do seu representante na América. Em 1998, seu lucro foi de 635 milhões de dólares, com receita bruta de 9,1 bilhões. Só esse depoimento levou uma hora para ser lido.

Por algum motivo, Patton French resolveu entrar com um processo de morte criminosa no tribunal da Chancelaria, o tribunal de eqüidade, em vez de no tribunal itinerante, onde a maioria dos julgamentos era por júri. Pela lei, os únicos julgamentos por júri na Chancelaria eram de contestação de testamentos. Ray assistira a vários desses tristes casos quando trabalhava para o Juiz.

O tribunal da Chancelaria tinha jurisdição por duas razões. A primeira, Gibson estava morto e seu espólio era assunto da Chancelaria. Segundo, ele tinha um filho com menos de dezoito anos. O aspecto legal de menores pertencia à corte da Chancelaria.

Gibson também tinha três filhos que não eram menores. O processo podia ter dado entrada tanto no itinerante quanto na chancelaria, uma das centenas de sutilezas das leis do Mississipi. Ray certa vez pediu ao Juiz para explicar esse enigma e, como de hábito, a resposta foi simples. "Temos o maior sistema jurídico do país." Todos os velhos chanceleres acreditavam nisso.

Dar aos advogados a escolha do fórum para onde encaminhar o processo não era peculiar a nenhum estado. A escolha do fórum era um jogo comum no mapa nacional. Mas, quando uma viúva que morava na área rural do Mississipi processava uma companhia suíça gigantesca que tinha criado um medicamento produzido no Uruguai, deu entrada no tribunal da chancelaria do condado de Hancock, uma bandeira vermelha foi hasteada. Os tribunais federais estavam preparados para tratar desse tipo de disputa tão extensa, e a Miyer-Brack e sua falange de advogados tentaram galantemente remover o caso. O juiz Atlee ficou firme, bem como o juiz federal. Acusados locais foram incluídos, desse modo a

remoção para a corte federal podia ser negada.

Reuben Atlee foi encarregado do caso e, quando empurrava o assunto para o julgamento, sua paciência com os advogados da defesa ficava cada vez menor. Ray não conteve um sorriso lendo algumas das decisões do seu pai. Eram severas, brutalmente diretas e destinadas a acender o fogo sob as hordas de advogados que rodeavam os acusados. As regras dos dias modernos sobre julgamentos rápidos nunca foram necessárias no tribunal do juiz Atlee.

Tornou-se evidente que o Ryax era um produto nocivo. Patton French apresentou dois peritos que bombardearam o remédio e os peritos que o defendiam não passavam de porta-vozes da empresa. O Ryax baixava o colesterol a níveis incríveis. Passou rapidamente pelos testes de aprovação e foi lançado no mercado, tornando-se extremamente popular. Dezenas de milhares de rins estavam agora arruinados e o doutor Patton French tinha a Miyer-Brack imobilizada na lona.

O julgamento durou oito dias. Contrariando as objeções da defesa, os trabalhos começavam todas as manhãs exatamente às oito e quinze. E quase sempre ia até as oito horas da noite, o que era ignorado pelo juiz Atlee. Ray vira isso muitas vezes. O Juiz acreditava em trabalho duro e sem júri para agradar, ele era brutal.

Sua decisão final tinha a data de dois dias depois do depoimento da última testemunha, um golpe chocante para a rapidez judiciária. Evidentemente ele ficara na baía de St. Louis e ditou uma decisão de quatro páginas para a estenógrafa do tribunal. Isso também não surpreendeu Ray. O Juiz detestava procrastinação para decidir os casos.

Além disso, ele tinha suas notas. Durante oito dias de testemunhos seguidos, o Juiz devia ter enchido uns trinta blocos de notas. Sua decisão tinha detalhes suficientes para impressionar os peritos.

A família de Clete Gibson o Juiz destinou 1,1 milhão de dólares por prejuízos reais, o valor da vida dele, segundo um economista. E para punir a Miyer-Brack por lançar no mercado um produto tão prejudicial, o Juiz determinou que a empresa pagasse 10 milhões. A opinião foi uma severa acusação de imprudência e cobiça do fabricante e era evidente que o juiz Atlee ficara profundamente preocupado com as práticas da Miyer-Brack.

Mesmo assim, Ray nunca tinha visto seu pai recorrer a penas punitivas.

Houve a corrida habitual de moções pós-julgamento, todas recusadas pelo Juiz com bruscos parágrafos. Miyer-Brack queria que fosse retirada a sentença

punitiva. Patton French queria que essa pena fosse aumentada. Os dois lados receberam uma severa censura por escrito.

Estranhamente não houve apelo. Ray lia, esperando encontrar algum. Procurou duas vezes na seção do pós-julgamento, depois procurou em toda a gaveta outra vez. Era possível que o caso tivesse sido resolvido com um acordo mais tarde e ele decidiu perguntar à funcionária.

Uma briga feia começou sobre os honorários dos advogados. Patton French tinha um contrato assinado pela família Gibson que dava a ele cinqüenta por cento de qualquer ressarcimento. O Juiz, como sempre, achou que era demais. Na Chancelaria os honorários eram determinados somente pelo Juiz. Trinta e três por cento sempre foi seu limite. A matemática era fácil, e o doutor French lutou bravamente para receber seu dinheiro muito bem ganho. O Juiz não cedeu.

O julgamento Gibson foi o juiz Atlee na sua melhor atuação, e Ray se sentiu orgulhoso e sentimental. Era difícil acreditar que acontecera havia quase um ano e meio, quando o Juiz sofria de diabetes, doença cardíaca e provavelmente câncer, embora este último só descoberto seis meses atrás.

Ele admirava o velho guerreiro.

Com exceção de uma senhora que comia um melão sentada à sua mesa e fazia mais alguma coisa on-line, as funcionárias tinham saído para almoçar. Ray saiu do tribunal e foi procurar uma biblioteca.

CAPÍTULO 29

De uma lanchonete em Biloxi, ele verificou suas mensagens, por telefone, em Charlottesville e encontrou três. Kaley tinha telefonado para dizer que gostaria de jantar com ele. Ele a descartou rapidamente, para sempre. Fog Newton telefonou para dizer que o Bonanza estaria livre na próxima semana e que eles precisavam voar. E Martin Gage, do imposto de renda em Atlanta, reclamou o fax da carta falsa. Continue procurando, Ray pensou.

Ray comia uma salada na mesa de plástico cor de laranja, na rodovia, de frente para a praia. Não podia lembrar da última vez que sentou sozinho numa lanchonete e fazia isso agora só porque podia comer vendo seu carro. Além disso, o lugar estava cheio de jovens mães com os filhos, geralmente um grupo de baixo índice criminal. Finalmente desistiu da salada e telefonou para Fog.

A Biblioteca Pública de Biloxi ficava na rua Lameuse. Guiando-se por um novo mapa comprado numa loja de conveniência, ele a encontrou e estacionou numa fila de carros, perto da entrada principal. Como era seu hábito agora, parou e observou cada carro e todos os elementos em volta deles, antes de entrar no prédio.

Os computadores ficavam no primeiro andar, numa sala com paredes de vidro sem janelas, para seu desapontamento. O principal jornal da costa era o *Sun Herald* e por meio de um serviço de notícias na biblioteca seus arquivos podiam ser consultados desde 1994. Ele foi para 24 de janeiro de 1999, o dia seguinte ao que o juiz Atlee dera a decisão do julgamento. Não foi surpresa encontrar a reportagem na primeira página da seção da cidade sobre o veredicto de 11,1 milhões de dólares na baía de St. Louis. E certamente não foi surpresa ver que o doutor Patton French tinha muito a dizer. O juiz Atlee recusou fazer qualquer comentário. Os advogados da defesa declararam que estavam chocados e prometeram apelar.

Havia uma foto de Patton French, um homem de cinqüenta e poucos anos com o rosto redondo e cabelo grisalho ondulado. A medida que lia, se tornava evidente que ele havia telefonado para os jornais para dar a notícia e estava encantado por poder conversar. Tinha sido um "julgamento estafante".

As ações dos acusados foram "imprudentes e gananciosas". A decisão do tribunal foi "corajosa e justa". Qualquer apelo seria "apenas outra tentativa de atrasar a justiça".

Ele havia ganho muitos julgamentos, Patton French se gabou, mas esse foi o maior veredicto. Perguntado sobre a recente inundação de grandes prêmios, ele descartou a possibilidade de qualquer sugestão de que a decisão pudesse ter sido ultrajante. "Um júri no condado de Hinds deu um veredicto de cinco milhões de dólares há dois anos", ele disse. E, em outras partes do estado, jurados esclarecidos estavam condenando acusados gananciosos de grande corporações a pagar dez milhões aqui e vinte milhões ali. "Este veredicto tem defesa legal em todas as frentes", ele declarou.

Sua especialidade, ele disse, continuava a reportagem, era responsabilidade farmacêutica. Tinha encontrado quatrocentos casos só de Ryax e a cada dia esse número aumentava.

Ray pesquisou a palavra Ryax no *Sun Herald*. Cinco dias depois da reportagem, no dia 29 de janeiro, havia um anúncio de página inteira que começava com a pergunta sinistra: Você Tomou Ryax? E seguiam-se dois parágrafos detalhando horríveis advertências contra o perigo do medicamento, depois um parágrafo detalhando a recente vitória de Patton French, advogado, perito em julgamentos, especializado em Ryax e outros medicamentos problemáticos. Uma sessão de triagem das vítimas seria realizada no hotel Gulfport durante dez dias, com médicos qualificados conduzindo os testes. A triagem era de graça para os que respondessem. Nenhum compromisso, ou pelo menos nenhum era mencionado. Em letras grandes no fim da página estava a informação de que o anúncio era pago pela firma de advocacia French & French, com endereços e números de telefone dos escritórios em Gulfport, Biloxi e Pascagoula.

A pesquisa da palavra produziu um anúncio quase igual datado de 1º de março de 1999— A única diferença era o dia e o lugar da triagem. Havia outro anúncio na edição de domingo do *Sun Herald,* em 2 de maio de 1999.

Por quase uma hora, Ray procurou em jornais fora da costa e encontrou os mesmos anúncios no *Clarion-Ledger,* em Jackson, no *Times Picayune,* em Nova Orleans, no *Hattiesburg American,* no *Mobile Register,* no *Commercial Appeal* em Memphis, e no *The Advocate,* em Baton Rouge. Patton French tinha lançado um assalto frontal maciço ao Ryax e à Miyer-Brack.

Convencido de que os anúncios nos jornais podiam se espalhar pelos cinqüenta estados, Ray cansou da procura. Resolveu procurar o doutor French e foi parar no site da firma, uma propaganda impressionante.

Agora eram catorze os advogados na firma com escritórios em seis cidades e crescendo a cada hora. Patton French tinha uma biografia muito lisonjeira de uma página que teria embaraçado qualquer pessoa mais sensível. Seu pai, o French mais velho, parecia não ter menos de oitenta anos e tinha recebido status de sênior, fosse o que fosse que isso quisesse dizer.

O forte da firma estava na representação de pessoas prejudicadas por medicamentos e por imperícia médica. Tinha negociado brilhantemente o maior acordo sobre o Ryax até agora — 900 milhões de dólares para 7.200 clientes. Agora estava atacando a Shyne Medicai, fabricantes do Minitrin, o remédio para pressão alta muito usado, com um lucro indecente que o Departamento de Alimentos e Medicamentos (FDA) havia tirado do mercado devido aos efeitos colaterais. A firma tinha quase dois mil clientes do Minitrin e a cada semana encontrava outros.

Patton French investira contra a Clark Pharmaceuticals com um veredicto por júri de oito milhões de dólares, em Nova Orleans. A droga em guerra era Kobril, um antidepressivo vagamente ligado à perda da audição. A firma reuniu mil e quatrocentos casos de Kobril e chegaram a um acordo de cinqüenta e dois milhões.

Pouco era dito sobre os outros membros da firma, dando a impressão de que o show era de um só homem, com uma equipe de subalternos no fundo e milhares de clientes apanhados nas ruas. Havia uma página com as entrevistas do doutor French, uma com

seu extenso calendário de julgamentos e duas páginas de planos de triagem, cobrindo nada menos do que oito medicamentos, incluindo Skinny Bens, o comprimido contra obesidade, mencionado por Forrest.

Para melhor servir os clientes, a firma de French comprou um avião Gulfstream IV e havia uma grande foto colorida do aparelho na rampa, em algum lugar, com, é claro, Patton French perto do nariz do aparelho, com um terno escuro de grife, um sorriso feroz pronto para subir a bordo e ir lutar pela justiça em algum lugar. Ray sabia que aquele avião devia custar uns trinta milhões de dólares, com dois pilotos em tempo integral e uma lista de despesas de manutenção que deixaria aterrorizado qualquer contador.

Patton French era um poço desavergonhado de ego.

O avião foi a última gota d'água e Ray saiu da biblioteca. Encostado no seu carro, ele ligou para o French & French e passou pelo menu telefônico — cliente, advogado, juiz, outros, informação sobre triagem, estagiários de direito, as primeiras quatro letras do sobrenome do seu advogado. Passou por três secretárias que trabalhavam diligentemente para o doutor French e chegou à encarregada de marcar hora.

Exausto, Ray disse:

— O que eu queria realmente era falar com o doutor French.

— Ele está fora da cidade — ela disse, com surpreendente delicadeza.

É claro que ele estava fora da cidade.

— Tudo bem, escute — Ray disse, secamente. — Vou dizer só uma vez. Meu nome é Ray Atlee, meu pai foi o juiz Reuben Atlee. Estou aqui em Biloxi e gostaria de falar com Patton French.

Deu o número do seu celular, desligou e foi embora. Passou pelo Acrópolis, um cassino feioso, estilo Vegas com um tema grego, muito malfeito, mas ninguém se importava com isso. O estacionamento estava cheio e havia guardas de segurança por toda a parte. Ray não sabia se estavam vigiando alguma coisa em particular. Encontrou um bar com vista para a sala de jogos e estava tomando um refrigerante quando seu celular tocou.

— Doutor Ray Atlee — disse a voz.

— Ele mesmo — Ray disse apertando mais o fone no ouvido.

— Patton French. Encantado por ter telefonado. Sinto muito não estar no momento.

— Tenho certeza de que é um homem muito ocupado.

— Sem dúvida. Você está na costa?

— Neste momento estou no Acrópolis, um lugar maravilhoso.

— Bem, estou voltando, estive em Nápoles, para orientar um queixoso sobre um encontro com alguns grandes advogados da Flórida.

Lá vamos nós, Ray pensou.

— Sinto muito a morte do seu pai — French disse, e o telefone deu um pouco de estática. Provavelmente a quarenta mil pés de altitude, voltando para casa.

— Muito obrigado — Ray disse.

— Eu estive no enterro, vi você, mas não tive oportunidade de falar. Um homem encantador, o Juiz.

— Muito obrigado — Ray disse outra vez.

— Como vai Forrest?

— Como sabe de Forrest?

— Eu sei quase tudo, Ray. Minha preparação para o julgamento é meticulosa. Colhemos informação aos montes. É assim que ganhamos os casos. Mas ele está limpo agora?

— Que eu saiba, está — Ray disse, irritado por um assunto particular ser inserido casualmente, na conversa, como uma observação sobre o tempo. Mas ele sabia, pelo site da Web, que o homem não tinha nenhuma sutileza.

— Ótimo, olhe, estarei aí amanhã, estou no meu iate. Por isso vamos um pouco devagar. Podemos combinar um almoço ou um jantar?

Não vi nenhum iate na página da Web do doutor French. Devo ter deixado passar. Ray preferia um café, uma hora talvez, e não um almoço de duas horas ou um jantar mais longo ainda, mas ele era o convidado.

— Qualquer um dos dois.

— Deixe os dois em aberto, se não se importa. Estamos pegando algum vento aqui no golfo e não sei quando chegaremos. Posso mandar minha secretária telefonar para você amanhã?

— Claro.

— Vamos falar sobre o caso Gibson?

— Sim, a não ser que haja mais alguma coisa.

— Não, tudo começou com Gibson.

De volta ao hotel Sono Fácil, Ray viu uma parte de um jogo de beisebol e tentou ler enquanto esperava o sol se pôr. Precisava dormir, mas não queria deitar antes de escurecer. Conseguiu falar com Forrest na segunda tentativa e falavam sobre os prazeres da reabilitação quando seu celular tocou.

— Telefono depois — Ray disse e desligou.

Um intruso estava no seu apartamento outra vez. Um assalto em progresso, disse a voz robotizada da companhia de vigilância. Quando a gravação se calou, Ray abriu a porta e olhou para seu carro, a menos de seis metros do quarto. Com o celular na mão, ele esperou.

A companhia de vigilância telefonou também para Corey Crawford, que quinze minutos depois ligou, dando a mesma notícia. Pé-de-cabra na porta externa do prédio, pé-de-cabra na porta do apartamento, uma mesa derrubada, luzes acesas, todos os pertences intocados. O mesmo policial com o mesmo relatório.

— Não há nada de valor aí — Ray disse.

— Então por que eles insistem em arrombar o apartamento? — Corey perguntou.

— Eu não sei.

Crawford ligou para o proprietário do apartamento que prometeu mandar um carpinteiro consertar as portas. Depois que o policial saiu, Corey esperou no apartamento e ligou para Ray outra vez.

— Isso não é uma coincidência — ele disse.

— Por que não? — Ray perguntou.

— Eles não estavam tentando roubar nada. É intimidação, nada mais. O que está acontecendo?

— Eu não sei.

— Acho que sabe.

— Eu juro.

— Acho que não está me contando tudo.

Você está certo, Ray pensou, mas continuou firme.

— É coisa feita ao acaso, Corey, relaxe. Algum desses garotos da cidade com cabelo cor-de-rosa e com pregos espetados no rosto. São drogados procurando dinheiro.

— Eu conheço a área. Isso não é coisa de garotos.

— Um profissional não voltaria se soubesse do alarme. São duas pessoas diferentes.

— Não concordo.

Concordaram em discordar, mas os dois sabiam a verdade.

Ele rolou na cama, no escuro, sem conseguir fechar os olhos. Perto das onze horas, saiu para dar uma volta de carro e foi parar outra vez no Acrópolis, onde jogou roleta e tomou vinho de má qualidade até duas horas da manhã.

Pediu um quarto com janela para o estacionamento, não para a praia, e do terceiro andar vigiou seu carro até adormecer.

CAPÍTULO 30

RAY DORMIU ATÉ A CAMAREIRA cansar de esperar. A diária terminava ao meio-dia, sem exceção, e quando a criada bateu com força na porta às onze e quarenta e cinco ele gritou alguma coisa e foi para o chuveiro.

Seu carro parecia em ordem, sem marcas de mãos, amassados ou arranhaduras. Ele abriu a mala e olhou rapidamente: três sacos de lixo cheios de dinheiro. Tudo estava normal até ele sentar na frente da direção e ver o envelope debaixo de um limpador de pára-brisa. Ray ficou imóvel, olhando para o envelope que parecia olhar para ele a setenta centímetros de distância. Branco, tamanho legal, nenhuma marca visível pelo menos na parte que estava encostada no vidro.

Fosse o que fosse, não podia ser bom. Não era propaganda de entrega de pizza ou de algum palhaço, candidato às eleições. Não era uma multa por ter terminado o tempo do estacionamento porque o estacionamento era de graça no cassino Acrópolis.

Era um envelope com alguma coisa dentro.

Saiu do carro devagar e olhou em volta. Levantou o limpador de pára-brisa, apanhou o envelope e o examinou como se fosse evidência crucial num julgamento de assassinato. Então voltou para o carro porque achou que alguém podia estar olhando.

Dentro estava outra foto digital colorida impressa pelo computador, esta da unidade 37F do Chaney's em Charlottesville. A mesma câmera, a mesma impressora, sem dúvida o mesmo fotógrafo que com certeza sabia que a 37F não era a última unidade que Ray tinha usado para esconder o dinheiro.

Embora abalado demais para se mover, Ray saiu rapidamente com o carro. Seguiu velozmente pela Rodovia 90, vigiando tudo atrás dele e de repente saiu para a esquerda e entrou numa rua, seguindo para o norte, até parar num estacionamento de uma

Laundromat. Ninguém o seguia. Durante uma hora, ele observou cada carro e não viu nada suspeito. Para maior conforto, a pistola estava no banco ao seu lado, pronta para a ação. E mais reconfortante ainda era o dinheiro a poucos

centímetros. Ray tinha tudo de que precisava.

O telefonema da secretária do doutor French chegou às onze e quinze. Assuntos cruciais tinham tornado o almoço impossível, mas um jantar cedo seria um prazer. Ela perguntou se Ray poderia estar no escritório do grande homem mais ou menos às quatro horas da tarde e a noite prosseguiria a partir daí.

O escritório, cuja foto lisonjeira aparecia no Web site, era uma imponente casa estilo georgiano que dava para o golfo, num longo terreno com carvalhos e barbas-de-velho. Os vizinhos tinham arquitetura e idade similares.

A parte de trás fora recentemente convertida num estacionamento, com muros altos de tijolos e câmeras de segurança vigiando todo o perímetro. Um portão de metal foi aberto para Ray e fechado quando ele entrou por um guarda vestido como um agente do Serviço Secreto. Ele estacionou numa vaga reservada e outro guarda o escoltou pela escada atrás do prédio, onde um grupo de trabalhadores colocava ladrilhos, enquanto outro grupo plantava arbustos. Uma reforma geral do escritório e adjacências estava sendo feita apressadamente.

— O governador deve chegar dentro de três dias — o guarda murmurou.

— Nossa! — Ray disse.

O escritório de French ficava no segundo andar, mas ele não estava. Continuava no iate, na entrada do golfo, explicou uma jovem morena com um vestido justo e caro. Ela o levou ao escritório do doutor French assim mesmo e pediu a ele para esperar numa sala de espera, perto da janela. A sala era forrada com painéis de carvalho claro, e tinha sofás, cadeiras e otomanas de couro suficientes para mobiliar uma casa. A mesa tinha o tamanho de uma piscina, coberta com modelos de grandes iates.

— Ele gosta de barcos, certo? — Ray perguntou, olhando em volta. Esperavam que ficasse impressionado.

— Sim, gosta. — Com o controle remoto ela abriu um gabinete e uma grande tela deslizou para fora. — Ele está em reunião — ela disse — , mas logo estará aqui. Aceita um drinque?

— Obrigado, café puro.

Ray viu uma câmera pequenina perto do teto, no lado esquerdo da tela e supôs que ele e o doutor French iam conversar via satélite. A espera aos poucos aumentava sua irritação. Normalmente estaria fervendo a essa altura, mas o show armado para ele o cativava. Ele era um dos personagens. Relaxe e

aproveite, pensou. Você tem muito tempo.

Ela voltou com o café que, é claro, foi servido em fina porcelana, com F&F gravado no lado da xícara.

— Posso ir lá fora? — Ray perguntou.

— Certamente. — Ela sorriu e voltou para sua mesa.

Havia uma longa sacada na frente de um conjunto de portas. Ray tomou o café encostado na balaustrada, admirando a vista. O enorme gramado da frente terminava na estrada e além dele estava a praia e o mar. Nenhum cassino era visível, nem em desenvolvimento. Abaixo dele, na varanda da frente, alguns pintores conversavam enquanto moviam as escadas. Tudo parecia novo. Patton French acabava de ganhar a loteria.

— Doutor Atlee — ela chamou, e Ray entrou no escritório. Na tela estava o rosto de Patton French, o cabelo levemente despenteado, óculos de leitura na ponta do nariz, olhos entrecerrados acima deles.

— Aí está você — ele disse com um vozeirão. — Desculpe a demora. Sente-se, por favor, Ray, para que eu possa vê-lo.

Ela apontou e Ray sentou.

— Como vai? — French perguntou.

— Muito bem. E você?

— Ótimo, escute, desculpe a confusão, tudo culpa minha, mas estive em uma dessas malditas conferências a tarde toda e não consegui sair. Estava pensando que seria muito mais tranqüilo jantar aqui no barco, o que você acha? Meu chef é um pouco melhor do que qualquer coisa que se pode encontrar em terra. Estou a trinta minutos da costa. Tomaremos um drinque, só nós dois, depois um longo jantar e falaremos do seu pai. Vai ser agradável, eu prometo.

Quando ele finalmente se calou, Ray disse:

— Meu carro ficará seguro aqui?

— É claro. Que diabo, está numa área cercada. Direi aos guardas para sentar na coisa se você quiser.

— Tudo bem. Eu vou a nado?

— Não. Tenho barcos a motor. Dickie traz você.

Dickie era o jovem que conduzira Ray quando ele entrou no prédio. Agora ele o conduziu para fora, até o longo Mercedes prateado que o esperava. Dickie dirigiu como se o carro fosse um tanque no tráfego até a marina de Point Cadet, onde centenas de pequenas embarcações estavam ancoradas. Uma das maiores era por acaso de Patton French. O nome era *Lady of Justice*.

— O mar está calmo. Levaremos cerca de vinte minutos — Dickie disse, quando entraram no barco. Os motores estavam ligados. Um comissário de bordo com forte sotaque perguntou a Ray se ele queria tomar alguma coisa.

— Diet soda — ele disse.

Saíram do cais e passaram pelas filas de embarcações, saíram da Marina até se afastar bastante do píer. Ray subiu para o convés superior e viu a linha da praia desaparecer na distância.

Ancorado a dezesseis quilômetros de Biloxi, estava o *King of Tons,* um iate luxuoso de cento e quarenta pés com uma tripulação de cinco homens e magníficas acomodações para dezenas de amigos. O único passageiro era o doutor French que esperava para receber o convidado.

— Um verdadeiro prazer, Ray — ele disse sacudindo a mão de Ray e depois apertando seu ombro.

— Um prazer para mim também — Ray disse, protegendo-se porque French gostava de contato físico. Era um ou dois centímetros mais alto do que Ray, com um rosto bonito queimado de sol, olhos azuis atentos, meio cerrados, mas sem piscar.

— Estou muito feliz com sua vinda — French disse, apertando a mão de Ray. Irmãos de uma fraternidade não podiam se tocar com maior afeição.

— Fique aqui, Dickie — ele disse para o convés inferior. — Venha comigo, Ray. — E subiram uma pequena escada para o convés principal onde um garçom de bordo de paletó branco esperava com uma toalha engomada F&F dobrada com perfeição no braço.

— O que você vai querer? — ele perguntou para Ray. Achando que French não era homem para brincar com bebidas fracas, Ray disse:

— Qual é a especialidade da casa?

— Vodca gelada com uma casquinha de lima.

— Vou experimentar — Ray disse.

— É uma ótima vodca nova da Noruega. Você vai gostar. — O homem conhecia suas vodcas.

French estava com uma camisa preta de linho, abotoada até o pescoço, e bermuda bege de linho, perfeitamente passada e caindo muito bem no seu corpo. Tinha uma pequena barriga, mas era musculosa, e os braços tinham duas vezes o tamanho normal. Ele gostava do seu cabelo porque não tirava a mão dele.

— O que acha do barco? — ele perguntou, com a mão indicando o barco

de proa à popa. — Foi construído para um príncipe saudita, um dos menos importantes, há uns dois anos e depois de um ano ele o trocou por um de duzentos pés.

— É incrível — Ray disse, tentando parecer suficientemente admirado. Nunca estivera perto do mundo dos iates e suspeitava de que depois desse episódio manteria distância para sempre.

— Construído pelos italianos — French disse, batendo com a mão na amurada feita de alguma madeira absurdamente cara.

— Por que você fica aqui fora, no golfo? — Ray perguntou.

— Sou um cara "longe da terra", ah, ah. Se é que sabe o que quero dizer. Sente-se. — French apontou e eles sentaram em duas longas cadeiras de convés. Quando estavam acomodados, French indicou a praia com a cabeça. — Você mal pode ver Biloxi e isso é suficientemente perto para mim. Trabalho muito mais aqui em um dia do que em uma semana no escritório. Além disso estou mudando de uma casa para a outra. Um divórcio está acontecendo. É aqui que eu me escondo.

— Lamento.

— Este é o maior iate em Biloxi no momento e muita gente pode vê-lo. Minha mulher atual pensa que eu o vendi e, se eu chegar muito perto da terra, o pequeno e pegajoso advogado dela pode nadar e tirar fotos do barco. Doze quilômetros é o bastante. As vodcas geladas chegaram em copos longos e estreitos, F&F gravado nos lados. Ray tomou um gole e a bebida desceu queimando até seus pés. French tomou um longo gole e estalou os lábios.

— O que você acha? — ele perguntou.

— Boa vodca — Ray disse. Não lembrava da última vez que tinha tomado vodca.

— Dickie trouxe peixe-espada fresco para o jantar. Está bem?

— Está ótimo.

— Todas as ostras estão boas agora.

— Eu fiz a faculdade de direito em Tulane. Passei três anos comendo ostras.

— Eu sei — French disse, tirou um pequeno rádio do bolso da camisa e deu as instruções para o jantar para alguém lá embaixo. Consultou o relógio e resolveu que jantariam dentro de duas horas.

— Você estudou junto com Hassel Mangrum — French disse.

— Sim, ele estava um ano na minha frente.

— Temos o mesmo treinador. Hassel vai muito bem aqui na costa. Começou cedo com o pessoal do amianto.

— Há vinte anos não sei de Hassel.

— Não perdeu muita coisa. Ele é um babaca, desconfio de que ele era um babaca na faculdade.

— Ele era. Como você sabe que estivemos juntos na faculdade?

— Pesquisa, Ray, pesquisa extensiva. — Tomou outro gole de vodca. O terceiro gole de Ray foi direto para o cérebro.

— Gastamos um dinheirão investigando o juiz Atlee e sua família, e seu passado, suas decisões no tribunal, suas finanças, tudo que pudemos encontrar. Nada ilegal ou intrusivo, entenda bem, mas trabalho de detetive à moda antiga. Sabemos do seu divórcio, como é o nome dele, Lew o Liquidante?

Ray apenas balançou a cabeça afirmativamente. Queria dizer alguma coisa pejorativa sobre Lew Rodowski e queria censurar French por investigar seu passado, mas por um segundo a vodca bloqueou os sinais, por isso ele apenas sacudiu a cabeça.

— Sabíamos seu salário como professor de direito, está no registro público, na Virgínia, você sabe.

— Sim, está.

— Não é um mau salário, Ray, mas afinal é uma grande faculdade de direito.

— Sem dúvida.

— Pesquisar o passado do seu irmão foi uma aventura e tanto.

— Estou certo disso. Tem sido uma aventura para a família.

— Lemos cada decisão do seu pai em processos de indenização e de mortes suspeitas. Eram muitos, mas selecionamos as pistas. Ele era conservador em suas concessões, mas também favorecia os pequenos, os trabalhadores. Sabíamos que ele seguiria a lei, mas sabíamos também que velhos chanceleres muitas vezes moldam as leis de acordo com sua idéia de justiça. Encarreguei uma parte do meu pessoal do trabalho tedioso mas eu lia todas as decisões importantes. Ele era um homem brilhante, Ray, e sempre justo. Nunca discordei de nenhuma de suas opiniões.

— Você escolheu meu pai para o caso Gibson?

— Sim. Quando tomamos a decisão de entrar com o processo no tribunal da Chancelaria e tentar o julgamento sem júri, resolvemos também que não queríamos um chanceler local para presidir. Temos três. Um pertence à família

Gibson. Um se recusa a julgar qualquer coisa que não seja divórcio. Um tem oitenta e quatro anos, é senil e há três anos não sai de casa. Então procuramos no estado e encontramos três em potencial para a vaga. Felizmente, meu pai e o seu se conheciam havia sessenta anos, de Sewanee e depois a faculdade de direito em Ole Miss. Não foram amigos íntimos durante todos esses anos, mas mantiveram contato.

— Seu pai está ainda na ativa?

— Não, ele está na Flórida agora, aposentado, jogando golfe todos os dias. Eu sou o único dono da firma. Mas meu velho foi a Clanton, sentou na varanda da frente com o juiz Atlee, falaram sobre a Guerra Civil e sobre Nathan Bedford Forrest. Até foram de carro a Shiloh, andaram por lá durante dois dias... o ninho de vespas, o lago sangrento. O juiz Atlee ficou todo emocionado quando foram ao lugar em que o general Johnston caiu.

— Estive lá uma dezena de vezes — Ray disse, com um sorriso.

— Não se faz lobby com um homem como o juiz Atlee. A palavra antiga é jogar indiretas.

— Ele mandou um advogado para a cadeia por causa disso — Ray disse. — O cara o procurou antes do julgamento e tentou defender seu caso. O Juiz o jogou na cadeia por meio dia.

— Foi aquele tal Chadwick, em Oxford, não foi? — French disse, com ar de superioridade, e Ray ficou atônito.

— Seja como for, meu pai precisava convencer o juiz Atlee da importância do litígio Ryax. Sabíamos que ele não ia querer vir à costa para julgar o caso, mas faria se acreditasse na causa.

— Ele detestava a costa.

— Sabíamos disso, acredite, foi uma grande preocupação, mas ele era um homem de grandes princípios. Depois de reconstituir a guerra por dois dias, o juiz Atlee concordou relutantemente em presidir o caso.

— Não é a Suprema Corte que designa o chanceler especial? — Ray perguntou. O quarto gole de vodca desceu macio, sem queimar e com um gosto muito melhor.

French deu de ombros.

— Claro, mas há meios. Nós temos amigos.

Segundo Patton French, qualquer pessoa podia ser comprada.

O garçom de bordo voltou com novos drinques. Não que fosse necessário, mas foram aceitos assim mesmo. French era inquieto demais para

ficar sentado por muito tempo.

— Deixe-me mostrar o barco para você — ele disse e levantou sem nenhum esforço. Ray levantou cautelosamente, segurando o copo.

CAPITULO 31

O JANTAR FOI NA CABINE DO CAPITÃO, uma sala de jantar com painéis de mogno e as paredes adornadas com modelos de antigos clíperes, navios de guerra e mapas do Novo Mundo e do Extremo Oriente, e até uma coleção de mosquetes antigos para dar a impressão de que o *King of Tons* tinha séculos de existência. Ficava no convés principal atrás da ponte, depois de um corredor estreito que ia dar na cozinha, onde um chef vietnamita trabalhava. A área social ficava em volta de uma mesa oval de mármore, com lugares para doze pessoas, que pesava pelo menos uma tonelada, e Ray se perguntou como exatamente o *King ofTorts* podia flutuar.

A mesa do capitão estava arrumada somente para duas pessoas nessa noite e acima dela um pequeno lustre balançava com o movimento do mar. Ray sentou numa ponta e French, na outra. O primeiro vinho da noite era borgonha branco que depois das duas doses escaldantes de vodca não tinha nenhum gosto para Ray. Nem para seu anfitrião. French tomara três doses de vodca, e sua língua começava a ficar levemente grossa. Mas ele procurou sentir o gosto de cada fruta do vinho, até chegou a sentir o cheiro dos barris de carvalho e, como todos os esnobes do vinho, teve de passar para Ray essa informação útil.

— Ao Ryax — French disse, levantando o copo num brinde atrasado. Ray tocou o copo dele, mas não disse nada. Não era uma noite para falar muito e ele sabia disso. Ia se limitar a ouvir. Seu anfitrião ia se embriagar e dizer o que ele queria saber.

— O Ryax me salvou, Ray — French disse, girando e admirando o copo.

— Como?

— De todos os modos. Salvou a minha alma. Eu adoro o dinheiro, e o Ryax me fez rico. — Um pequeno gole, seguido pelo necessário estalo dos lábios e uma revirada dos olhos. — Perdi a onda do amianto há vinte anos. Aqueles estaleiros em Pascagoula usaram amianto durante anos e milhares de homens ficaram doentes. E eu perdi esse caso. Eu estava muito ocupado processando médicos e companhias de seguros, e ganhando bem, mas não vi o potencial de delitos civis em massa. Está pronto para as ostras?

— Estou.

French apertou um botão, o garçom apareceu com uma bandeja de ostras cruas na concha aberta. Ray misturou rabanete com o molho de coquetel e se preparou para o banquete. Patton tomava vinho e falava.

— Veio então o tabaco — ele disse, tristonho. — Muitos dos mesmos advogados, daqui mesmo. Eu achei que era loucura deles, que diabo, todo mundo achou, mas eles processaram as grandes companhias de cigarros em quase todos os estados. Eu tive oportunidade de entrar na dança, mas fiquei com medo. É difícil admitir isso, Ray, fiquei morrendo de medo de jogar os dados.

— O que eles queriam? — Ray perguntou levando à boca a primeira ostra com saltine.

— Um milhão de dólares para ajudar a financiar o litígio. E, naquele tempo, eu tinha um milhão de dólares.

— De quanto foi o acordo? — Ray perguntou, mastigando.

— Mais de trezentos bilhões. O maior golpe financeiro e legal da história. Os fabricantes de cigarros basicamente compraram os advogados que se deixaram comprar. Um enorme suborno, e eu perdi. — French parecia prestes a chorar por ter perdido um suborno, mas se refez rapidamente com um longo gole de vinho.

— Boas ostras — Ray disse, com a boca cheia.

— Vinte e quatro horas atrás estavam a cinco metros de profundidade — French se serviu mais de vinho e começou a comer.

— Qual teria sido o lucro do seu milhão de dólares?

— Duzentos por um.

— Duzentos milhões de dólares?

— Isso mesmo. Fiquei doente durante um ano, muitos outros advogados por aqui também ficaram. Conhecíamos os atores da peça e tínhamos fugido como covardes.

— Então apareceu o Ryax.

— Isso mesmo.

— Como você descobriu? — Ray perguntou, sabendo que a pergunta teria outra resposta longa e assim poderia comer em paz.

— Eu estava num seminário para advogados em St. Louis. O Missouri é um ótimo lugar, e tudo o mais, mas quilômetros atrás de nós quando se trata de casos litigiosos. Quero dizer, que diabo, tivemos o pessoal do amianto e do

fumo funcionando por aqui há anos, queimando dinheiro, mostrando a todos como a coisa é feita. Tomei um drinque com um velho advogado de uma pequena cidade do Ozarks. O filho dele é médico, professor na Universidade de Colúmbia e estava interessado no Ryax. Sua pesquisa demonstrou resultados horríveis. O maldito medicamento devora os rins e por ser tão novo não havia história de processos. Achei um perito em Chicago, e ele descobriu Clete Gibson por meio de um médico de Nova Orleans. Então começamos a triagem e a coisa cresceu como bola de neve. Tudo de que precisávamos era de um grande veredicto.

— Por que não quiseram um julgamento por júri?

— Eu adoro. Gosto de escolher os jurados, falar com eles, manipulá-los, até comprá-los, mas eles são imprevisíveis. Eu queria uma coisa certa, garantida. E queria um julgamento rápido. Os boatos sobre o Ryax começavam a se espalhar como loucos, você pode imaginar um bando de advogados de delitos civis famintos com o rumor de que um novo medicamento era prejudicial. Estávamos aceitando casos às dúzias. O cara com o primeiro grande veredicto ficaria na frente, especialmente se fosse na área de Biloxi. Miyer-Brack é uma companhia suíça...

— Eu li o arquivo.

— Todo?

— Sim, ontem no tribunal do condado de Hancock.

— Bem, esses europeus morrem de medo do nosso sistema de julgamento de delitos civis.

— Não devem ter medo?

— Devem, mas de um modo bom. Ele os mantém honestos. O que deve apavorá-los é a possibilidade de que um dos seus malditos medicamentos tenha algum defeito e possa prejudicar as pessoas, mas isso não preocupa quando bilhões estão em jogo. Precisam de pessoas como eu para que continuem honestos.

— E eles sabiam que o Ryax era prejudicial?

French comeu outra ostra, engoliu, tomou meio copo de vinho e finalmente disse: — Desde o começo. O medicamento era tão eficiente para baixar o colesterol que a Miyer-Brack se apressou em lançá-lo no mercado, com permissão da FDA. Era outra droga milagrosa e funcionava bem por alguns anos sem efeitos colaterais. Então, bam! O tecido dos nefros... — você sabe como os rins funcionam?

— Para esta conversa, digamos que não sei.

— Cada rim tem cerca de um milhão de pequenas unidades de filtro chamadas nefros, e o Ryax contém um produto químico sintético que praticamente os derrete. Nem todos morrem, como o pobre senhor Gibson, e há vários graus de danos. Mas todos são permanentes. O rim é um órgão incrível, muitas vezes capaz de se curar sozinho, mas não depois de cinco anos de Ryax.

— Quando a Miyer-Brack soube do problema?

— É difícil dizer exatamente, mas mostramos ao juiz Atlee alguns documentos internos do pessoal do laboratório da firma aconselhando cautela e mais pesquisa. Quando o Ryax estava há cerca de quatro anos no mercado, com resultados espetaculares, os cientistas de empresa ficaram preocupados. Então as pessoas começaram a ficar gravemente doentes, chegavam a morrer, mas era tarde demais. Na minha opinião, tínhamos de encontrar um cliente perfeito, o que fizemos, o fórum perfeito, o que fizemos e tinha de ser depressa, antes que algum outro advogado conseguisse um grande veredicto. É aí que seu pai entra em cena.

O garçom tirou os pratos com as cascas de ostra e serviu uma salada de siri. Outro borgonha branco tinha sido escolhido na adega de bordo pelo próprio doutor French.

— O que aconteceu depois do julgamento do caso Gibson? — Ray perguntou.

— Eu não teria feito um script melhor. A Miyer-Brack desmoronou completamente. Idiotas arrogantes choraram. Tinham Zilhões de dólares em dinheiro e mal podiam esperar para comprar os advogados dos queixosos. Antes do julgamento, eu tinha quatrocentos casos e nenhum prestígio. Mais tarde, eu tinha quinhentos mil casos e um veredicto de onze milhões de dólares. Centenas de advogados me procuraram. Passei um mês voando por todo o país num Learjet, assinando acordos de co-representação com outros advogados. Um cara em Kentucky tinha cem casos. Um em St. Paul tinha oitenta. E assim por diante. Então, cerca de quatro meses depois do julgamento, voamos para Nova York, para a grande conferência do acordo. Em menos de três horas fizemos acordos em seis mil casos de sete milhões de dólares. Um mês depois, fizemos acordos de mil e duzentos casos por duzentos milhões.

— Qual foi a sua parte? — Ray perguntou. Seria uma pergunta pouco educada se feita para uma pessoa normal, mas French mal podia esperar para

falar dos seus honorários.

— Cinqüenta por cento do total para os advogados, além das despesas, o resto para os clientes. Essa é a parte ruim de um contrato de contingência... você tem de dar a metade para o cliente. Seja como for, eu tinha de dividir com outros advogados, mas saí com trezentos milhões e alguns trocados. Essa é a beleza do delito civil em massa, Ray. Consiga caminhões de casos, faça o mesmo número de acordos, tire metade do total.

Não estavam comendo. Havia muito dinheiro no ar.

— Trezentos milhões de honorários? — Ray disse, incrédulo. French gargarejava com o vinho.

— Não é uma beleza? Está entrando tão depressa que nem tenho tempo de gastar todo.

— Parece que você está se esforçando bastante.

— Isso é a ponta do iceberg. Já ouviu falar de um medicamento chamado Minitrin?

— Eu verifiquei seu Web site.

— É mesmo? O que acha?

— Brilhante. Dois mil casos de Minitrin.

— Três mil agora. É um medicamento para hipertensão com efeitos colaterais perigosos, fabricado pela Shyne Medicai. Eles ofereceram cinqüenta mil por caso e eu disse não. Mil e quatrocentos casos de Kobril, antidepressivo que provoca perda da audição. Já ouviu falar em Skinny Ben?

— Já.

— Temos três mil casos de Skinny Ben. E mil e quinhentos...

— Eu vi a lista. Suponho que seu Web site esteja atualizado.

— É claro. Eu sou o novo rei dos delitos civis, Ray. Todo mundo está me chamando assim. Tenho treze outros advogados na minha firma e preciso de quarenta.

O garçom voltou para retirar os pratos. Ele serviu o peixe — espada com outro vinho, embora a última garrafa ainda estivesse pela metade. French oficiou o ritual de experimentar, quase com relutância, aprovou com um movimento da cabeça. Para Ray o gosto era igual aos dois primeiros pratos.

— Devo tudo isso ao juiz Atlee — French disse.

— Como assim?

— Ele teve a coragem de fazer a coisa certa, manter a Miyer-Brack no condado de Hancock em vez de permitir que escapassem para o tribunal federal.

Ele compreendeu os problemas e não teve medo de puni-los. Sabe o momento exato e isso é tudo, Ray. Menos de seis meses depois de ele ter dado sua decisão, eu tinha trezentos milhões de dólares nas mãos.

— Ficou com tudo?

French deu uma mordida num pedaço de peixe, no garfo. Hesitou por um segundo, e então comeu o peixe, mastigou por alguns momentos e disse: — Não compreendo a pergunta.

— Acho que compreende. Deu algum dinheiro para o juiz Atlee?

— Dei.

— Quanto?

— Um por cento.

— Três milhões de dólares?

— E trocados. Este peixe está delicioso, não acha?

— Sim, acho. Por quê?

French pôs no prato a faca e o garfo, e passou as duas mãos no cabelo ondulado. Então, limpou as mãos com o guardanapo e girou o copo com vinho.

— Suponho que tenha muitas perguntas. Por quê, quando, como, quem.

— Você é bom para contar histórias. Vamos ouvir. Girou outra vez o copo e tomou um gole.

— Não é o que você pensa, embora eu fosse capaz de subornar seu pai ou outro juiz qualquer para aquela decisão. Já fiz isso antes e farei alegremente outra vez. É apenas parte das despesas gerais. Mas, francamente, fiquei tão intimidado por ele e por sua reputação que simplesmente não tive coragem de oferecer nada. Ele teria me mandado para a prisão.

— Ele o enterraria na prisão.

— Sim, eu sei e meu pai me convenceu disso. Por isso fizemos jogo limpo. O julgamento foi uma guerra total, mas a verdade estava do meu lado. Eu ganhei, depois ganhei mais e agora estou ganhando mais ainda. No fim do último verão, depois do acordo resolvido e do dinheiro pago, eu quis dar um presente para ele. Cuido de quem me ajuda, Ray. Um carro novo aqui, um apartamento ali, um saco cheio de dinheiro por um favor. Faço o jogo duro e protejo meus amigos.

— Ele não era seu amigo.

— Não éramos amigos, nem irmãos de uma fraternidade, mas no meu mundo nunca tive um amigo maior. Tudo começou com ele. Você tem idéia de quanto dinheiro eu vou ganhar nos próximos cinco anos?

— Pode me deixar chocado outra vez.

— Meio bilhão. E devo tudo ao seu velho.

— Quando vai ficar satisfeito?

— Um advogado daqui ganhou um bilhão em casos contra os fabricantes de cigarros. Preciso alcançá-lo primeiro.

Ray precisava de um drinque. Examinou o vinho como se soubesse o que devia examinar e bebeu. French comia o peixe.

— Acho que você não está mentindo — Ray disse.

— Eu não minto. Faço trapaça e suborno, mas não minto. Mais ou menos há seis anos eu estava procurando aviões, barcos, casas na praia, cabanas nas montanhas e novos escritórios para comprar, e ouvi dizer que seu pai estava com câncer e que era grave. Eu queria fazer alguma coisa boa para ele. Sabia que ele não tinha muito dinheiro e o que tinha parecia disposto a doar todo.

— Então mandou para ele três milhões de dólares em dinheiro? — Sim.

— Assim sem mais nem menos?

— Assim sem mais nem menos. Telefonei para ele e disse que uma encomenda estava a caminho. Quatro volumes, na verdade, quatro grandes caixas de papelão. Um dos meus rapazes os levou numa van e deixou na varanda da casa dele. O juiz Atlee não estava em casa.

— Notas não marcadas?

— Por que eu ia marcar?

— O que ele disse? — Ray perguntou.

— Nunca ouvi uma palavra e não queria ouvir nenhuma.

— O que ele fez?

— Você me diz. Você é filho dele, você o conhece melhor do que eu. Você me diz o que ele fez com aquele dinheiro.

Ray empurrou a cadeira para trás e segurando o copo de vinho cruzou as pernas e tentou relaxar.

— Ele encontrou o dinheiro na varanda e, quando descobriu o que era, tenho certeza de que amaldiçoou você por muito tempo.

— Meu Deus, espero que sim.

— Ele o levou para o Vestíbulo onde as caixas foram se juntar a dezenas de outras. Ele pretendia mandar tudo de volta para Biloxi, mas um dia ou dois passaram. Ele estava doente e fraco, e não podia dirigir muito bem. Sabia que estava morrendo e tenho certeza de que aquela carga mudou de muitos modos sua visão das coisas. Depois de alguns dias, ele resolveu esconder o dinheiro, o

tempo todo com intenção de devolver e castigar seu traseiro corrupto no processo. O tempo passou e ele ficou pior.

— Quem achou o dinheiro?

— Eu.

— Onde está?

— Na mala do meu carro, no seu escritório. French riu com vontade, por muito tempo.

— De volta de onde saiu — ele disse, entre as risadas.

— Ele fez uma viagem e tanto. Eu o encontrei no escritório dele logo depois de encontrá-lo morto. Alguém tentou entrar na casa para pegar o dinheiro. Eu o levei para a Virgínia e agora está outra vez aqui e alguém está me seguindo.

A risada parou imediatamente. Ele passou o guardanapo nos lábios.

— Quanto você encontrou?

— Três milhões, cento e dezoito mil.

— Droga! Ele não gastou um centavo.

— E não mencionou no testamento. Apenas o deixou lá, escondido em caixas de papel de carta num aparador, debaixo da estante de livros.

— Quem tentou entrar em sua casa?

— Eu esperava que você soubesse.

— Tenho uma boa idéia.

— Por favor, me diga.

— É outra longa história.

CAPÍTULO 32

O GARÇOM DE BORDO LEVOU uma variedade de uísques para o convés superior, onde French os tinha acomodado para um último drinque e outra história, com as luzes de Biloxi tremulando ao longe. Ray não bebia uísque e certamente não conhecia nada de malte puro, mas seguiu o ritual porque sabia que French ia ficar mais bêbado ainda. A verdade estava fluindo em torrentes agora e Ray queria toda ela.

Eles escolheram Lagavulin pela sua maciez, fosse o que fosse que isso quisesse dizer. Havia mais quatro, orgulhosamente enfileiradas como velhas sentinelas com uniforme de gala, e Ray resolveu que tinha bebido bastante. Ia tomar um gole e cuspir, e se tivesse oportunidade jogaria a bebida no mar. Para seu alívio, o garçom serviu doses pequenas em copos grossos com peso suficiente para rachar o chão.

Eram quase dez horas mas parecia muito mais tarde. O golfo estava escuro, com nenhum outro barco à vista. Um vento fraco soprava do sul e balançava de leve o *King of Torts*.

— Quem sabe do dinheiro? — French perguntou, estalando os lábios.

— Eu, você e quem o levou a Clanton.

— Esse é o seu homem.

— Quem é ele?

Um gole longo, mais estalar dos lábios. Ray levou o uísque aos lábios e desejou não ter feito isso. Amortecidos como estavam, seus lábios arderam como fogo outra vez.

— Gordie Priest. Ele trabalhou para mim durante uns oito anos, primeiro como auxiliar geral, depois como mensageiro e em seguida como encarregado de encontrar casos para processos. Sua família sempre morou na costa, na periferia da cidade. Seu pai e tios eram bicheiros, prostitutas, fabricantes clandestinos de bebida, donos de bares, nada legal. Eram parte do que antigamente se chamava de máfia da costa, um bando de malfeitores que desdenhavam o trabalho honesto. Vinte anos atrás, eles controlavam algumas coisas por aqui, agora são história. A maioria deles está na cadeia. O pai de

Gordie, um homem que eu conhecia muito bem, morreu baleado no lado de fora de um bar, em Mobile. Na verdade, um bando miserável. Minha família os conhece há anos.

Ele estava insinuando que sua família fazia parte do mesmo bando de malfeitores, mas não podia dizer isso diretamente. Eram as fachadas, os advogados que sorriam para as câmeras e faziam negociatas no fundo dos quartos dos fundos.

— Gordie foi preso quando tinha mais ou menos vinte anos. Uma quadrilha que roubava carros e funcionava em dezenas de estados. Eu o empreguei quando ele saiu da prisão e com o tempo se tornou um dos melhores pesquisadores de casos da costa. Era muito bom especialmente nos casos fora da costa. Ele conhecia os caras dos barcos de pesca e, quando havia um caso de morte ou de dano físico, ele conseguia para mim. Eu dava a ele uma boa porcentagem. É preciso cuidar dos nossos agentes. Num ano paguei-lhe quase oitenta mil dólares, tudo em dinheiro. Ele gastou tudo, é claro, cassinos e mulheres. Gostava de ir a Vegas e tomar uma bebedeira de uma semana, jogando dinheiro fora como um ricaço. Estava sempre subindo e descendo. Quando estava quebrado, trabalhava um pouco e ganhava algum dinheiro. Quando tinha dinheiro, gastava todo.

— Tenho certeza de que tudo isso vai chegar ao meu problema — Ray disse.

— Espere um pouco — French disse. — Depois do caso Gibson, no ano passado, o dinheiro começou a entrar em ondas. Eu tinha de retribuir favores. Muito dinheiro foi levado para todo o lado. Dinheiro para os advogados que me mandavam seus casos. Dinheiro para os médicos que estavam fazendo a triagem de milhares de novos clientes. Nem tudo era ilegal, mas muitos deles não queriam nenhum registro do dinheiro recebido. Cometi o erro de usar Gordie como entregador. Pensei que podia confiar nele. Pensei que ele fosse leal. Mas me enganei.

French acabou de tomar uma prova do uísque e estava pronto para outra. Ray declinou e fingiu estar ainda tomando o Lagavulin.

— E ele levou o dinheiro para Clanton e deixou na varanda da frente? — Ray perguntou.

— Sim, e três meses depois roubou um milhão de dólares meus, em dinheiro, e desapareceu. Ele tem dois irmãos e durante os últimos dez anos um ou outro dos três esteve preso. Mas não agora. Agora estão todos sob

condicional, tentando extrair muito dinheiro de mim. Extorsão é um crime grave, você sabe, mas não posso exatamente procurar o FBI.

— Por que você pensa que ele está atrás dos três milhões de dólares?

— Escutas. Apanhamos uma conversa há alguns meses. Contratei alguns caras sérios para encontrar Gordie.

— O que vai fazer se o encontrar?

— Oh, a cabeça dele está a prêmio.

— Você quer dizer, como um contrato para matar?

— Isso mesmo.

E, com isso, Ray pegou o outro uísque de malte puro.

Ele dormiu no barco, numa cabine grande em algum lugar abaixo da linha d'água e quando encontrou o caminho para o convés principal o sol estava alto no leste e o ar, já quente e pegajoso. O capitão deu bom-dia e apontou para a proa, onde ele encontrou French gritando ao telefone.

O fiel garçom de bordo apareceu do nada e serviu café. O desjejum estava no convés principal no cenário dos maltês, agora protegido por um toldo.

— Eu gosto de comer ao ar livre — French disse quando se juntou a Ray. — Você dormiu dez horas.

— Foi mesmo? — Ray perguntou, olhando outra vez para seu relógio que estava ainda com o horário do leste. Ele estava num iate, no golfo do México, sem saber ao certo o dia e a hora, a um milhão de quilômetros de casa e agora com o peso de saber que gente muito desagradável estava atrás dele.

A mesa estava posta com pães e cereais.

— Tin Lu, lá embaixo, pode preparar o que você quiser — French disse. — Bacon, ovos, waffles, cereais.

— Isto está ótimo, obrigado.

French estava descansado e animado, e já pronto para enfrentar outro dia difícil com a energia que só podia vir da perspectiva de meio bilhão de dólares, mais ou menos, de honorários. Estava com uma camisa branca de linho, abotoada até em cima, como a camisa preta na noite passada, bermuda, tênis. Seus olhos estavam claros e atentos.

— Acabo de arranjar mais trezentos casos de Minitrin — ele disse, pondo uma generosa porção de cereal no prato. Todos os pratos tinham o monograma F&E obrigatório.

Ray estava farto de delitos civis em massa.

— Ótimo, mas estou mais interessado em Gordie Priest.

— Vamos encontrá-lo. Já estou dando alguns telefonemas.

— Provavelmente ele está na cidade — Ray tirou um papel dobrado do bolso de trás da calça. Era a foto do 37F encontrada na manhã da véspera, debaixo do limpador de pára-brisa. French olhou para a foto e parou de comer.

— E isso fica na Virgínia? — ele perguntou.

— Sim, a segunda unidade das três que aluguei. Eles descobriram as duas primeiras, tenho certeza de que sabem da terceira. E sabiam exatamente onde eu estava ontem de manhã.

— Mas evidentemente não sabem onde está o dinheiro. Do contrário, simplesmente o teriam tirado da mala do carro enquanto você dormia. Ou no caminho, entre aqui e Clanton, o teriam alcançado e posto uma bala na sua cabeça.

— Você não sabe o que eles estão pensando.

— Claro que sei. Pense como um ladrão, Ray. Pense como um assassino.

— Pode ser fácil para você, mas é mais difícil para algumas pessoas.

— Se Gordie e seus irmãos soubessem que você tem três milhões de dólares na mala do carro, eles o pegariam. Simplesmente pegariam. — Deixou a foto sobre a mesa e atacou seu cereal.

— Nada é simples — Ray disse.

— O que você quer fazer? Deixar o dinheiro comigo?

— Sim.

— Não seja idiota, Ray. Três milhões de dólares livres de imposto.

— Inúteis, se eu levar uma bala na cabeça. Tenho um ótimo salário.

— O dinheiro está seguro. Deixe onde está. Dê-me algum tempo para encontrar aqueles homens e eles serão neutralizados.

A neutralização acabou com o pouco apetite de Ray.

— Coma, homem! — French disse quando Ray ficou imóvel.

— Não tenho estômago para isso. Dinheiro sujo, bandidos assaltando meu apartamento, me seguindo por todo o sul, escutas, assassinos contratados. Que diabo estou fazendo aqui?

French não parou de mastigar. Seus intestinos eram forrados com bronze.

— Fica frio — ele disse. — E o dinheiro será seu.

— Eu não quero o dinheiro.

— É claro que quer.

— Não, não quero.

— Então dê para Forrest.

— Seria um desastre.

— Dê para caridade. Dê para sua faculdade de direito. Dê para alguma coisa que pode fazer com que se sinta bem.

— Por que não dar para Gordie, para que ele não me dê um tiro?

French descansou a colher e olhou em volta, como se alguém os estivesse espiando.

— Tudo bem, nós vimos Gordie a noite passada em Pascagoula — ele disse, falando uma oitava mais baixo. — Estamos na pista dele, certo? Acho que vamos pegá-lo dentro de vinte e quatro horas.

— E ele será neutralizado?

— Será congelado.

— Congelado?

— Gordie será história. Seu dinheiro estará a salvo. Apenas espere um pouco, está bem?

— Eu gostaria de ir agora.

French enxugou o leite do lábio inferior, depois apanhou seu minirrádio e mandou Dickie preparar o barco. Minutos depois, estavam prontos para embarcar.

— Dê uma olhada nisto — French disse, entregando para Ray um envelope de papel pardo.

— O que é?

— Fotos dos garotos Priest. Para o caso de você encontrá-los.

Ray ignorou o envelope até parar em Hattiesburg, noventa minutos ao norte da costa. Reabasteceu o carro e comeu um sanduíche horrível de camarão. Então voltou para a estrada com pressa de chegar a Clanton, onde Harry Rex conhecia o delegado e todos os policiais.

Gordie tinha um sorriso desdenhoso especialmente ameaçador, capturado pelo fotógrafo da polícia, em 1991— Seus irmãos, Slatt e Alvin, certamente não eram mais bonitos. Ray não sabia quem era o mais velho e o mais novo, não que isso importasse. Nenhum dos três se parecia. Mal nascidos. A mesma mãe, sem dúvida pais diferentes.

Eles podiam ficar cada um com um milhão, Ray não se importava. Apenas me deixem em paz.

CAPITULO 33

AS MONTANHAS COMEÇAVAM ENTRE Jackson e Memphis, e a costa parecia estar a fusos horários distantes. Muitas vezes ele se perguntara como um estado tão pequeno podia ter paisagens tão diferentes: a região do Delta ao longo do rio com a riqueza das plantações de algodão e de arroz, e a pobreza que ainda deixava atônitos os estranhos. A costa com sua combinação de imigrantes. A negligente Nova Orleans e as montanhas onde a maioria era ainda abstêmia, e quase todos iam ainda à igreja aos domingos. Uma pessoa das montanhas jamais compreenderia a costa e nunca seria aceita no Delta. Ray estava feliz por morar na Virgínia.

Patton French era um sonho, ele repetia para si mesmo. Um personagem de outro mundo de história em quadrinhos. Um babaca pomposo devorado vivo pelo próprio ego. Um mentiroso, um subornador, um ladrão desavergonhado.

Então ele olhava para o banco do passageiro e via o rosto sinistro de Gordie Priest. Bastava um olhar para saber que aquele bruto e seus irmãos fariam qualquer coisa pelo dinheiro que Ray continuava a levar para toda a parte.

A uma hora de Clanton e outra vez ao alcance de uma torre, seu celular tocou. Era Fog Newton, muito agitado.

— Aonde diabo você andou? — ele perguntou.

— Você não acreditaria.

— Telefonei a manhã toda.

— O que aconteceu, Fog?

— Tivemos um pequeno movimento por aqui. A noite passada, depois que a aviação geral fechou, alguém entrou na rampa e pôs uma bomba incendiária na asa esquerda do Bonanza. Bum. Um vigia do terminal principal viu o clarão e eles chamaram o carro de bombeiros depressa.

Ray parou no acostamento da rodovia Interestadual 55. Rosnou alguma coisa ao telefone, e Fog continuou a falar.

— Assim mesmo o dano foi extenso. Sem dúvida foi um ato de incêndio criminoso. Você ainda está aí?

— Estou ouvindo — Ray disse. — Qual foi a extensão da avaria?

— A asa esquerda, o motor e a maior parte da fuselagem, provavelmente perda total, para fins de seguro. O investigador de incêndio já está lá. O cara do seguro também. Se os tanques estivessem cheios, seria uma explosão e tanto.

— Os outros proprietários sabem?

— Sim, todo mundo apareceu. É claro que são os primeiros na lista dos suspeitos. Sorte a sua estar fora da cidade. Quando volta?

— Logo.

Ele saiu da estrada e entrou no chão de cascalho de uma parada de caminhões. Ficou sentado no calor por um longo tempo e ocasionalmente olhava para Gordie. A gangue Priest andava depressa — Biloxi ontem de manhã, Charlottesville a noite passada. Onde estariam agora?

Desceu do carro e no restaurante tomou café e ouviu a conversa dos caminhoneiros. Para mudar de assunto, telefonou para Alcorn Village para saber de Forrest. Ele estava no quarto, dormindo o sono dos justos, como disse. Era sempre incrível, ele disse, o quanto ele dormia quando estava na reabilitação. Queixou-se da comida, mas parecia que tinha melhorado um pouco. Isso ou ele tinha adquirido gosto pela gelatina. Perguntou quanto tempo podia ficar, como um garoto em Disney World. Ray disse que não tinha certeza. O dinheiro que antes parecia infindável estava agora ameaçado.

— Não me abandone, mano — ele pediu. — Quero ficar aqui pelo resto da vida.

Os Atkin tinham terminado o telhado de Maple Run sem incidente. A casa estava deserta quando ele chegou. Telefonou para Harry Rex avisando que estava em casa.

— Vamos tomar uma cerveja na varanda esta noite — Ray sugeriu. Harry Rex nunca dizia não a esse convite.

Havia uma parte plana de gramado, logo depois da calçada da frente, e depois de pensar cuidadosamente Ray resolveu que era o lugar para lavar o carro. Estacionou o pequeno Audi ali, de frente para a rua, a traseira e a mala a um passo da varanda. Encontrou um balde velho no porão e uma mangueira furada no galpão dos fundos. Sem camisa e sem sapatos, trabalhou durante duas horas no sol quente da tarde, esfregando o conversível. Depois passou cera e poliu durante uma hora. Às 5 horas da tarde, abriu uma cerveja gelada e sentou no degrau da frente admirando seu trabalho.

Telefonou para o número do celular particular de Patton French, mas, é

claro, o grande homem estava muito ocupado. Ray queria agradecer a hospitalidade, mas o que queria realmente era saber se tinham feito algum progresso no congelamento do bando de Priest. Jamais faria a pergunta diretamente, mas um fanfarrão como French daria qualquer boa notícia com prazer.

Provavelmente French tinha esquecido dele. Na verdade ele pouco se importava se os Priest pegassem Ray ou qualquer outra pessoa. Ele precisava ganhar meio bilhão com ofensas civis em massa e isso gastava energia. Se um cara como French fosse indiciado por subornos ou contratos para matar, contrataria cinqüenta advogados e compraria cada funcionário, cada juiz, cada promotor e cada jurado.

Ligou para Corey Crawford e ficou sabendo que o proprietário do apartamento tinha mandado consertar as portas outra vez. A polícia havia prometido ficar de olho no apartamento por alguns dias, até sua volta.

A van parou na entrada da casa um pouco depois das 6 horas da tarde. Um rosto sorridente saltou com um envelope fino na mão. Ray olhou longamente para o envelope por um bom tempo. O remetente era a Faculdade de Direito da Universidade de Virgínia, e o endereço, escrito à mão, dizia Doutor Ray Atlee, Maple Run, rua Quatro, 816, Clanton, MS, datado da véspera, 2 de junho. Tudo no envelope era suspeito.

Ninguém na faculdade de direito tinha o endereço de Clanton. Nada da faculdade seria tão urgente para uma entrega rápida. E ele não via nenhuma razão para receber qualquer correspondência da faculdade. Abriu outra garrafa de cerveja e voltou para o degrau onde pegou a maldita coisa e abriu.

Envelope simples, branco, com a palavra Ray escrita à mão no lado de fora. E dentro outra das agora familiares fotos do Auto-depósito Chaney's, dessa vez a parte da frente da unidade 18R. Na parte inferior, com letras de vários tipos de fonte, a mensagem: "Você não precisa de um avião. Pare de gastar o dinheiro."

Os caras eram muito bons mesmo. Já era bastante difícil localizar as três unidades do Chaney's e fotografá-las. Mas queimar o Bonanza era espalhafatoso e idiota. Porém, estranhamente, o que mais impressionava no momento era a capacidade que tiveram de roubar um formulário de entrega rápida da faculdade de direito.

Depois de um longo momento de choque, ele percebeu uma coisa que devia ter sido imediatamente óbvia. Uma vez que tinham encontrado o 18R,

então sabiam que o dinheiro não estava lá. Não estava no Chaney's nem no seu apartamento. Eles o tinham seguido da Virgínia a Clanton e, se ele tivesse parado em algum lugar no meio do caminho para esconder o dinheiro, eles saberiam. Provavelmente tinham procurado outra vez em Maple Run, enquanto ele estava na costa.

A rede se fechava mais a cada hora. Todas as pistas estavam se unindo e todos os pontos, sendo ligados. O dinheiro tinha de estar com ele e Ray não tinha para onde fugir.

Ele tinha um bom salário como professor de direito, com benefícios. Seu estilo de vida era simples e ele resolveu ali na varanda, ainda sem camisa e sem sapatos, tomando uma cerveja no ar úmido do começo da noite depois de um longo dia de junho, que preferia continuar com esse estilo de vida e deixar a violência para gente como Gordie Priest e os assassinos contratados por Patton French. Ray estava no seu elemento.

De qualquer modo, o dinheiro era sujo.

— Por que estacionou o carro na frente da casa? — Harry Rex resmungou subindo os degraus.

— Eu lavei e deixei aí — Ray disse. Tinha tomado banho e vestia short e camiseta.

— Tem gente que não pode deixar de ser caipira. Me dá uma cerveja.

Harry Rex passara o dia todo no tribunal, com um caso sórdido de divórcio onde os pontos fortes eram qual cônjuge tinha fumado mais maconha dez anos atrás, e qual deles tinha dormido com mais pessoas. A custódia de quatro filhos estava em jogo, e nenhum dos dois era capaz de arcar com ela.

— Estou velho demais para isso — ele disse, muito cansado. Na segunda cerveja já estava cochilando.

Havia vinte e cinco anos que Harry Rex controlava a agenda legal dos casos de divórcio. Casais em briga apostavam corrida para ver quem o contratava primeiro. Um fazendeiro de Karraway continuou pagando os honorários, preparando-se para a próxima separação. Ele era brilhante, mas podia também ser maldoso e manhoso. Isso era uma grande atração no calor das guerras dos divórcios.

Mas o trabalho estava cobrando seu preço. Como todos os advogados de cidade pequena, Harry Rex ansiava pelo grande caso. O grande processo de danos com honorários contingentes de quarenta por cento, alguma coisa que permitisse sua aposentadoria.

Na noite anterior, Ray tinha tomado vinhos caros num iate de vinte milhões de dólares, construído para um príncipe saudita e agora propriedade de um membro da jurisprudência do Mississipi que fazia planos para ganhar um bilhão de dólares contra empresas multinacionais. Agora tomava uma Bud num balanço enferrujado, com um membro da jurisprudência do Mississipi que passara o dia discutindo a custódia e pensão num caso de divórcio.

— O corretor mostrou a casa esta manhã — Harry Rex disse. — Ele me telefonou na hora do almoço e me acordou.

— Quem é o interessado?

— Lembra daqueles garotos Kapshaw perto de Rail Springs? — Não.

— Bons garotos. Começaram a fabricar cadeiras num velho celeiro há dez anos, talvez doze. Uma coisa levou à outra e logo venderam o negócio para uma grande empresa fabricante de móveis nas Carolinas. Cada um saiu com um milhão de dólares. Junkie e a mulher estão procurando casa para comprar.

— Junkie Kapshaw?

— Isso mesmo, mas ele é sovina demais e não vai pagar nem quatrocentos mil dólares por esta casa.

— Eu não o culpo.

— A mulher é louca como o diabo e acha que quer uma casa velha. O corretor tem certeza de que vão fazer uma oferta, mas será baixa, provavelmente de uns cento e setenta e cinco mil — Harry Rex bocejou.

Falaram sobre Forrest por algum tempo, depois ficaram em silêncio.

— Acho melhor eu ir — Harry Rex disse. Depois de três cervejas, Harry Rex estava pronto para ir embora.

— Quando vai voltar para a Virgínia? — ele perguntou, levantando-se e espreguiçando-se.

— Talvez amanhã.

— Telefone — ele disse, bocejando outra vez e descendo os degraus da entrada.

Ray viu a luz do carro desaparecer na rua e de repente estava sozinho outra vez. O primeiro barulho foi um farfalhar dos arbustos perto da divisa do terreno, provavelmente um velho cão ou um gato, caçando, mas por mais inocente que parecesse assombrou Ray e ele correu para dentro de casa.

CAPITULO 34

O ATAQUE COMEÇOU LOGO depois das 2 horas da madrugada, quando a noite é mais escura, quando o sono é mais pesado e as reações, mais lentas. Ray estava morto para o mundo, embora o mundo fosse um peso na sua mente cansada. Estava num colchão do Vestíbulo, a pistola ao lado, os três sacos de lixo com o dinheiro ao lado da cama improvisada.

Começou com um tijolo atirado na janela, um impacto que abalou a casa toda e fez chover vidros e estuco das paredes sobre a mesa de jantar e no assoalho de madeira recentemente encerado. Foi um golpe bem calculado e na hora certa, de alguém que já fizera isso antes e estava disposto a tudo. Ray ficou de pé como um gato de rua ferido e teve sorte de não disparar a arma contra ele mesmo quando a apanhou. Atravessou o Vestíbulo, acendeu a luz e viu o tijolo ao lado de um aparador perto do armário de louças.

Usando um acolchoado, ele recolheu o entulho e pegou com cuidado o tijolo, novo em folha com bordas cortantes. Preso ao tijolo por dois elásticos grossos estava um bilhete. Ele tirou os elásticos olhando para a janela quebrada. Suas mãos tremiam a ponto de não conseguir ler o bilhete. Engoliu com dificuldade, tentou respirar, tentou focalizar no que estava escrito.

Dizia simplesmente: "Ponha o dinheiro outra vez onde o encontrou, depois saia da casa imediatamente."

Sua mão sangrava, ferida por um pequeno pedaço de vidro. Era a mão para atirar, se é que existia isso, e no horror do momento ele imaginou como podia se proteger. Agachou na sombra da sala de jantar, ordenando a si mesmo para respirar, para pensar com clareza.

De repente o telefone tocou e ele deu um pulo outra vez. Um segundo toque e ele se arrastou para a cozinha, onde a luz fraca em cima do forno o ajudou a pegar o telefone.

— Alô! — ele gritou.

— Ponha o dinheiro outra vez onde o encontrou e saia da casa — disse a voz calma e rígida que Ray nunca ouvira antes, uma voz em que, na tensão do momento, ele julgou perceber um leve sotaque da costa. — Agora, antes que

você se machuque.

Ray queria gritar: "Não", ou "Pare com isso", ou "Quem é você?" Mas a indecisão o fez hesitar e o telefone foi desligado. Ele sentou no chão e, encostado na geladeira, rapidamente examinou suas opções, poucas como eram.

Podia chamar a polícia — esconder rapidamente o dinheiro, jogar os sacos de lixo debaixo de uma cama, remover o colchão, esconder o bilhete, mas não o tijolo, e agir como se delinqüentes estivessem vandalizando uma casa velha só para se divertir. O policial ia andar em volta da casa com uma lanterna e ficar ali por uma ou duas horas, mas finalmente iria embora.

Os Priest não iam desistir. Estavam grudados nele. Podiam se esconder por um momento, mas não iam embora. E eram muito mais ágeis do que os guardas-noturnos de Clanton. E tinham muito mais inspiração.

Ele podia telefonar para Harry Rex — acordá-lo, dizer que era urgente, fazer com que ele fosse até Maple Run e contar toda a história. Quantas vezes teve vontade de contar tudo para Harry Rex? Eles podiam dividir o dinheiro ou incluí-lo no espólio, ou levar para Túnica e jogar os dados durante um ano.

Mas por que pôr Harry Rex em perigo também? Três milhões eram suficientes para provocar mais de uma morte.

Ray tinha uma arma. Por que não podia se proteger? Podia afastar os atacantes. Quando passassem pela porta, ele acenderia as luzes. O tiroteio alertaria os vizinhos, toda a cidade estaria ali.

Bastava uma bala certeira, um pequeno míssil pontudo que ele jamais veria e provavelmente sentiria só por um momento. E estava em minoria contra caras que já tinham usado uma arma muitas vezes mais do que o professor Ray Atlee. Já tinha resolvido que não queria morrer. Sua vida era boa demais.

Quando seu coração voltou ao normal e o pulso começou a ficar mais lento, outro tijolo entrou violentamente, quebrando a pequena janela em cima da pia da cozinha. Ray deu um pulo, gritou e deixou cair a arma, depois a chutou, enquanto se arrastava para o Vestíbulo. De quatro, arrastou os três sacos de dinheiro para o escritório do Juiz. Afastou o sofá da frente das estantes de livros e começou a jogar pilhas de notas no aparador, onde tinha encontrado o maldito dinheiro. Ray suava e praguejava, esperando outro tijolo ou talvez a primeira carga de tiros. Quando todo o dinheiro estava guardado no antigo esconderijo, ele apanhou a pistola e abriu a porta da frente. Correu para o carro, ligou a marcha, seguiu pela entrada da casa e fugiu.

Ele estava ileso, e no momento era tudo o que importava.

Ao norte de Clanton, o solo descia para o remanso do lago Chatoula e por três quilômetros a estrada era reta e plana. Conhecida simplesmente como The Bottoms, havia muito tempo que era o território das corridas de carro, dos bêbados, dos valentões e dos desordeiros em geral. Seu momento mais próximo da morte, antes desse último, foi quando estava no colégio, no banco traseiro de um Pontiac Firebird cheio de gente, dirigido por Bobby Lee West, bêbado, apostando corrida com um Camaro, dirigido por Doug Terring, mais bêbado ainda, os dois voando a cento e sessenta quilômetros nos Bottoms. Ray deixou a aventura, mas Bobby Lee morreu um ano mais tarde, quando seu Firebird saiu da estrada e encontrou uma árvore.

Quando ele chegou ao trecho plano do Bottoms, pisou no acelerador do seu TT e deixou o carro desenvolver velocidade. Eram duas e meia da madrugada, certamente todo mundo estava dormindo.

Elmer Conway estava realmente dormindo, mas um mosquito gordo sugou sangue da sua testa e o acordou no processo. Ele viu luzes, ouviu um carro se aproximando rapidamente, ligou seu radar. Só depois de quase seis quilômetros, ele conseguiu fazer com que aquela coisinha estrangeira engraçada parasse no acostamento, e a essa altura Elmer estava zangado.

Ray cometeu o erro de abrir a porta e sair do carro e não era isso que Elmer queria.

— Parado, babaca — Elmer gritou, apontando seu revólver de serviço que Ray percebeu imediatamente que visava sua cabeça.

— Relaxe, relaxe — ele disse, erguendo as mãos em completa capitulação.

— Afaste-se do carro — Elmer rosnou, com a arma apontada para um ponto mais ou menos em volta da linha central.

— Sem problema, senhor, portanto apenas relaxe — Ray disse, andando de lado.

— Qual é o seu nome?

— Ray Atlee, filho do juiz Atlee. Quer abaixar sua arma, por favor?

Elmer abaixou a arma alguns centímetros, o suficiente para que um tiro pudesse acertar o estômago de Ray, mas não sua cabeça.

— Tem placas da Virgínia — Elmer disse.

— Isso é porque moro na Virgínia.

— É para onde está indo?

— Sim, senhor.

— Por que a pressa?

— Não sei. Eu só...

— Eu marquei, estava indo a cento e cinqüenta.

— Eu sinto muito.

— Sentir não adianta. E direção imprudente — Elmer deu um passo na direção de Ray. Ele tinha esquecido do corte na mão e nem sabia que tinha outro no joelho. Elmer tirou uma lanterna do bolso e examinou Ray a uma distância de três metros. — Por que está sangrando?

Uma boa pergunta e, naquele momento, no meio da estrada escura com uma lanterna no rosto, Ray não conseguiu pensar numa resposta adequada. A verdade levaria uma hora para ser contada e ia cair em ouvidos incrédulos. Uma mentira só ia piorar as coisas.

— Eu não sei — ele murmurou.

— O que tem no carro? — Elmer perguntou.

— Nada.

— Claro.

Ele algemou Ray e o fez sentar no banco traseiro da radiopatrulha do condado de Ford, um Impala com poeira nos pára-lamas, sem calotas, uma coleção de antenas montadas no pára-choque traseiro. Ray o viu andar em volta do TT e olhar para dentro do carro. Quando terminou, Elmer sentou no banco da frente da radiopatrulha e sem olhar para trás perguntou: — Para que a arma?

Ray tinha tentado pôr a pistola debaixo do banco do passageiro. Evidentemente podia ser vista de fora.

— Proteção.

— Tem permissão?

— Não.

Elmer ligou para a delegacia e fez um longo relatório da sua última parada. Terminou dizendo: "Estou levando o homem", como se acabasse de pegar um dos dez mais procurados.

— E o meu carro? — Ray perguntou, quando Elmer fez a volta com o carro.

— Mando um reboque.

Elmer ligou as luzes vermelha e azul, e pôs o velocímetro a cento e vinte.

— Posso telefonar para meu advogado? — Ray perguntou.

— Não.

— Ora, vamos. É só uma infração de trânsito. Meu advogado pode se encontrar comigo na cadeia e dentro de uma hora estou de volta à estrada.

— Quem é seu advogado?

— Harry Rex Vonner.

Elmer rosnou e seu pescoço ficou mais grosso.

— O filho-da-mãe me limpou com meu divórcio.

E com isso Ray recostou no banco e fechou os olhos.

Na verdade, Ray já estivera no interior da cadeia do condado de Ford por duas vezes, ele lembrou, quando Elmer o conduziu para a entrada do prédio. Nas duas vezes tinha levado papéis da acusação de pais que estavam atrasados em anos com a pensão dos filhos, e o juiz Atlee os mandara para a cadeia. Haney Moak, o levemente retardado carcereiro, com um uniforme dois tamanhos maior do que ele, estava ainda na mesa, na frente das celas, lendo revistas de detetives. Ele era também quem atendia o telefone no turno da noite, por isso sabia das transgressões de Ray.

— O filho do juiz Atlee, certo? — Haney disse, com um sorriso de canto de boca. Sua cabeça era desigual e seus olhos, em níveis diferentes, e sempre que falava era um desafio manter um contato visual.

— Sim, senhor — Ray disse, delicadamente, procurando amigos.

— Ele foi um bom homem — Haney disse, indo para trás de Ray e abrindo as algemas.

Ray esfregou os pulsos e olhou para o policial Conway, que estava ocupado preenchendo formulários e procurando ser muito formal.

— Imprudência e porte de arma sem licença.

— Você não vai trancá-lo, vai? — Haney perguntou para Elmer, agressivo, como se agora o encarregado fosse ele e não mais o policial.

— Pode estar certo de que vou — Elmer respondeu no mesmo tom, e a situação logo ficou tensa.

— Posso telefonar para Harry Rex Vonner? — Ray pediu. Haney indicou com a cabeça um telefone na parede, como se não se importasse a mínima. Olhava furioso para Elmer. Os dois evidentemente tinham uma história nada bonita.

— Minha cadeia está lotada agora — Haney disse.

— É o que você sempre diz.

Ray digitou rapidamente o número de Harry Rex. Passava das três horas da manhã e ele sabia que a interrupção não seria apreciada. A atual senhora Vonner atendeu no terceiro toque. Ray se desculpou e pediu para falar com Harry Rex.

— Ele não está aqui — ela disse.

Ele não está fora da cidade, Ray pensou. Estava na varanda de Maple Run seis horas atrás.

— Posso perguntar onde ele está?

Haney e Elmer estavam praticamente aos berros, nos fundos.

— Está na casa dos Atlee — ela falou devagar.

— Não, ele saiu de lá há horas. Eu estava com ele.

— Não, acabam de telefonar. A casa está em chamas.

Com Haney no banco de trás, eles deram a volta na praça, com as luzes e as sirenes em pleno funcionamento. A duas quadras de distância, eles viram o clarão.

— O Senhor tenha piedade — Haney disse, do banco de trás.

Poucos acontecimentos entusiasmavam Clanton como um bom fogo. Os dois carros de bombeiros da cidade estavam lá. Dezenas de voluntários corriam de um lado para o outro, todos pareciam estar gritando. Os vizinhos estavam na calçada, no outro lado da rua.

As chamas já saíam do telhado. Quando Ray passou por uma cortina de água e chegou ao jardim, sentiu o cheiro inconfundível de gasolina.

CAPITULO 35

O NINHO DE AMOR NÃO ERA um mau lugar para dormir, afinal. Era uma sala longa e estreita, com poeira e teias de aranha, e uma lâmpada dependurada no centro do teto abobadado. A única janela fora pintada em algum momento do último século e dava para a praça. A cama era antiga, de ferro, sem lençóis ou cobertores, e ele tentou não pensar em Harry Rex e suas aventuras naquele mesmo colchão. Pensou na velha casa de Maple Run e no modo glorioso com que ela passou a ser história. Quando o telhado desmoronou, metade de Clanton estava lá. Ray sentado sozinho num galho baixo de uma árvore, no outro lado da rua, tentava em vão reviver boas lembranças de uma infância maravilhosa que simplesmente não tinha acontecido. Quando as chamas saíam de todas as janelas, ele não pensou no dinheiro nem na mesa do Juiz, nem na mesa de jantar de sua mãe, mas só no general Forrest olhando zangado para baixo, com seus olhos ferozes.

Três horas de sono e acordou às oito. A temperatura subia rapidamente no antro de iniqüidade, e passos pesados se aproximavam.

Harry Rex abriu a porta e acendeu a luz.

— Acorde, delinqüente, querem você na cadeia. Ray sentou na cama, com os pés no chão.

— Minha fuga foi honesta e legal. — Tinha se perdido de Elmer e Haney no meio da multidão e simplesmente foi embora com Harry Rex.

— Você deu ordem para que revistassem seu carro? — Dei.

— Foi uma coisa mais do que idiota. Que tipo de advogado você é? — Puxou uma cadeira dobrável de madeira que estava encostada na parede e sentou ao lado da cama.

— Não tinha nada para esconder.

— Você é burro, sabia? Eles revistaram o carro e não encontraram coisa alguma.

— É o que eu esperava.

— Nem roupas, nem valise para uma noite, nem outra bagagem, nem escova de dentes, nenhuma evidência de que você estivesse simplesmente saindo

da cidade e voltando para casa, segundo sua história oficial.

— Eu não incendiei a casa, Harry Rex.

— Bem, você é um excelente suspeito. Foge no meio da noite, sem roupas, sem nada, correndo como um morcego fugindo do inferno. A velha senhora Larrimore, que mora no fim da rua, vê você no seu carrinho engraçado sair voando baixo e, então, uns dez minutos depois começam a chegar os carros dos bombeiros. Você é apanhado pelo policial mais idiota do estado correndo a cento e quarenta quilômetros, fugindo daqui. Defenda-se.

— Eu não queimei a casa.

— Por que saiu às duas e meia da manhã?

— Alguém atirou uma pedra na janela da sala de jantar. Fiquei com medo.

— Você tinha uma arma.

— Eu não queria usar. Preferi fugir a atirar em alguém.

— Você está tempo demais no norte.

— Eu não moro no norte.

— Como se cortou?

— O tijolo quebrou a janela, compreende, e quando eu o peguei me cortei.

— Por que não chamou a polícia?

— Entrei em pânico. Eu queria voltar para casa, por isso saí.

— E, dez minutos depois, alguém derrama gasolina na casa e atira um fósforo.

— Eu não sei o que eles fizeram.

— Eu o mandaria para a prisão.

— Não, você é meu advogado.

— Não, sou o advogado do espólio que, a propósito, acaba de perder seu único bem de valor.

— Existe seguro contra incêndio.

— Existe, mas você não pode receber.

— Por quê?

— Porque se der queixa, eles vão investigar você por incêndio criminoso. Se você diz que não pôs fogo na casa, então eu acredito. Mas não tenho certeza de que mais alguém vai acreditar. Se tentar receber o seguro, então eles vão cair em cima de você com tudo que têm.

— Eu não incendiei a casa.

— Ótimo, então quem foi?

— Quem jogou o tijolo.

— E quem pode ter sido?

— Não tenho idéia. Talvez algum cara que levou a pior num caso de divórcio.

— Brilhante. E ele espera nove anos para se vingar do Juiz que, a propósito, está morto. Não quero estar no tribunal quando você disser isso para o júri.

— Não sei, Harry Rex. Juro que não fui eu. Esqueça o dinheiro do seguro.

— Não é tão fácil. Metade é sua, a outra metade é de Forrest. Ele pode pedir o pagamento do seguro.

Ray respirou fundo e passou a mão na barba crescida.

— Me ajude aqui, está bem?

— O delegado está lá embaixo, com um investigador. Vão fazer perguntas. Responda devagar, conte a verdade, blablablá. Vou estar lá, por isso vamos devagar.

— Ele está aqui?

— Na minha sala de conferência. Pedi que viesse para fazer isso agora. Acho que você precisa realmente sair da cidade.

— Eu estava tentando.

— O excesso de velocidade e o porte de arma serão deixados de lado por alguns meses. Dê-me tempo para arranjar a agenda. Você tem problemas muito maiores agora.

— Eu não incendiei a casa, Harry Rex.

— Claro que não.

Saíram do quarto e desceram a escadinha precária para o segundo andar.

— Quem é o delegado? — Ray perguntou olhando para trás.

— Um cara chamado Sawyer.

— Boa gente?

— Não importa.

— Seu amigo?

— Tratei do divórcio do filho dele.

A sala de conferências era uma maravilhosa desordem de grossos livros de direito jogados de qualquer jeito nas estantes e na longa mesa. A impressão era de que Harry Rex passava horas em pesquisa tediosa. Não era verdade.

Sawyer não foi nem um pouco delicado, nem seu assistente, um italiano

pequeno e nervoso chamado Sandroni. Italianos eram raros no norte do Mississipi e, durante as apresentações tensas, Ray percebeu um leve sotaque do Delta. Os dois foram estritamente formais, com Sandroni tomando notas enquanto Sawyer tomava café escaldante num copo de papel e observava cada movimento de Ray.

O alarme de incêndio feito pela senhora Larrimore às duas e trinta e dois, aproximadamente dez ou vinte minutos depois de ter visto o carro de Ray sair correndo da rua Quatro. Elmer Conway passou um rádio às duas e trinta e seis, informando que estava perseguindo um idiota que corria a cento e sessenta quilômetros nos Bottom. Uma vez estabelecido que Ray dirigia com excesso de velocidade, Sandroni levou um longo tempo para verificar seu caminho, sua velocidade, os sinais de tráfego, qualquer coisa para fazer com que ele diminuísse a velocidade àquela hora da manhã.

Uma vez determinado o caminho seguido por Ray, Sawyer passou um rádio para um policial, que estava na frente dos escombros de Maple Run e o mandou fazer o mesmo caminho, exatamente à mesma velocidade, e parar no Bottom onde Elmer esperava outra vez.

Vinte minutos depois, o policial ligou outra vez e disse que estava com Elmer.

Assim, em menos de doze minutos, Sandroni disse, quando começou sua história: — Alguém, e estamos supondo que esse alguém já não estava na casa, não estamos, senhor Atlee?, chegou com uma grande quantidade de gasolina e inundou a casa com ela, tão completamente que o capitão dos bombeiros disse que nunca sentiu um cheiro tão forte de gasolina, depois jogou um fósforo talvez dois, porque o capitão dos bombeiros tinha quase certeza de que o fogo tinha mais de um ponto de origem e, depois de atirar os fósforos, esse incendiário desconhecido fugiu na noite. Certo, senhor Atlee?

— Eu não sei o que o incendiário fez — Ray respondeu.

— Mas as horas estão certas?

— Se você diz.

— Eu digo.

— Continue — Harry Rex rosnou da ponta da mesa.

O motivo veio a seguir. A casa estava segurada por 380 mil dólares, incluindo tudo que continha. Segundo o corretor, já consultado, ele estava preparando uma oferta de compra de 175 mil dólares.

— Uma boa diferença, não é, senhor Atlee? — Sandroni perguntou.

— Sim, é.

— O senhor notificou a companhia de seguros? — Sandroni perguntou.

— Não, pensei em esperar que abrissem seus escritórios — Ray respondeu. — Acredite ou não, algumas pessoas não trabalham aos sábados.

— Que diabo, o carro de incêndio ainda está lá — Harry Rex acrescentou, para ajudar. — Temos seis meses para dar queixa.

Sandroni ficou vermelho, mas não disse nada. Continuando, consultou suas notas e disse: — Vamos falar sobre outros suspeitos.

Ray não gostou do uso da palavra outros. Contou a história do tijolo na janela, ou pelo menos parte da história. E falou do telefonema, avisando-o para sair imediatamente da casa.

— Verifiquem o registro de chamadas telefônicas — ele os desafiou. E, por segurança, contou a aventura de alguma alma penada sacudindo as janelas na noite da morte do Juiz.

— Vocês já têm o suficiente — Harry Rex disse, depois de trinta minutos. Em outras palavras, meu cliente não vai mais responder a nenhuma pergunta.

— Quando vai sair da cidade? — Sawyer perguntou.

— Há seis horas estou tentando sair — Ray respondeu.

— Muito em breve — Harry Rex disse.

— Talvez tenhamos mais algumas perguntas.

— Voltarei sempre que for preciso — Ray disse.

Harry Rex praticamente os jogou para fora pela porta da frente e quando voltou à sala de conferências disse: — Eu acho que você é um mentiroso filho-da-mãe.

CAPITULO 36

O VELHO CARRO DE BOMBEIROS já tinha ido embora, o mesmo atrás do qual Ray e seus amigos corriam quando eram adolescentes, nas noites de verão. Um voluntário com uma camiseta suja dobrava as mangueiras. A rua era uma desordem com lama por toda a parte.

No meio da manhã, Maple Run estava deserta. A chaminé no lado leste ainda estava de pé, bem como uma pequena parte de parede chamuscada ao lado dela. Todo o resto tinha desmoronado e era agora uma pilha de entulho. Ray e Harry Rex andaram em volta e foram para o quintal, onde uma fileira de antigas nogueiras protegiam o limite do terreno atrás da casa. Sentaram na sombra, em cadeiras de metal pintadas de vermelho por Ray, há muito tempo, e comeram *tamales*.

— Eu não incendiei esta casa — Ray disse finalmente.

— Você sabe quem foi? — Harry Rex perguntou.

— Tenho um suspeito.

— Que droga, diga quem é.

— O nome dele é Gordie Priest.

— Ah, ele!

— É uma longa história.

Ray começou com o Juiz, morto no sofá e a descoberta acidental do dinheiro, ou teria sido um acidente? Contou todos os fatos e os detalhes que conseguia lembrar e fez as perguntas que havia semanas o perseguiam. Os dois pararam de comer. Olharam para os restos ainda ardentes da casa, mas absortos demais na história para vê-los. Harry Rex estava atônito. Ray, aliviado por estar contando. De Clanton para Charlottesville e de volta a Clanton. Dos cassinos em Tunica a Atlantic City, e outra vez em Tunica. Para a costa e Patton French, e sua busca por um bilhão de dólares, tudo para ser creditado ao juiz Reuben Atlee, humilde servidor da lei.

Ray não escondeu nada e tentou lembrar de tudo. O assalto ao seu apartamento em Charlottesviüe, só para intimidar, ele achava. A compra imprudente de uma parte do Bonanza. Ele seguiu falando, e Harry Rex ouvia em

silêncio.

Quando Ray terminou, seu apetite tinha desaparecido e ele estava suando. Harry Rex tinha um milhão de perguntas, mas começou com: — Por que eles queimaram a casa?

— Para cobrir as pistas, eu acho, não sei.

— Esse cara não deixou nenhuma pista.

— Talvez fosse o ato final de intimidação.

Pensaram no assunto. Harry Rex acabou de comer um *tamale* e disse: — Você devia ter me contado.

— Eu queria ficar com o dinheiro, está bem? Eu tinha três milhões de dólares nas minhas mãos ávidas, e era maravilhoso. Era melhor do que sexo, do que qualquer coisa que já senti na vida. Três milhões de dólares só meus. Eu estava rico. Eu fui ganancioso. Fui corrupto. Não queria que você, Forrest ou o governo, ou qualquer outra pessoa no mundo soubessem que eu tinha o dinheiro.

— O que ia fazer com ele?

— Distribuir pelos bancos, por uma dezena deles, nove mil dólares de cada vez, nenhuma papelada que alertasse o governo, deixar render por dezoito meses e investir com um perito. Estou com quarenta e três anos, dentro de dois anos o dinheiro estaria lavado e funcionando. Dobraria cada cinco anos. Aos cinqüenta anos, eu teria seis milhões. Aos cinqüenta e cinco, doze milhões. Aos sessenta, teria vinte e quatro milhões de dólares. Tinha tudo planejado, Harry Rex. Eu podia ver o futuro.

— Não se castigue. O que você fez foi normal.

— Não sinto como se fosse normal.

— Você é um ladrão de segunda classe.

— Eu me sentia de segunda classe e já começava a mudar. Podia me ver com um avião e um carro esporte e morando num lugar melhor. Há muito dinheiro em Charlottesville, e eu estava pensando em gastar o que fosse possível. Clubes de campo, caça à raposa.

— Caça à raposa?

— Isso mesmo.

— Com aqueles culotes e o Chapeuzinho?

— Voando por cima de cercas num cavalo selvagem, atrás de um bando de cães caçadores que perseguem uma raposa de quinze quilos que você nunca vê.

— Por que queria fazer isso?

— Por que alguém quer?

— Eu fico com a caça aos passarinhos.

— Seja como for, literalmente era um peso. Quero dizer, carreguei o dinheiro por toda a parte durante semanas.

— Podia ter deixado algum no meu escritório.

Ray acabou de comer um *ta.ma.le* e tomou um gole de refrigerante.

— Pensa que sou idiota?

— Não, você tem é sorte. Esse cara joga duro.

— Cada vez que fecho os olhos, posso ver uma bala entrando na minha cabeça.

— Escute, Ray, você não fez nada de errado. O Juiz não queria que o dinheiro fosse incluído no espólio. Você pensou que estava protegendo o dinheiro e também a reputação do seu pai. Você tinha um louco que queria o dinheiro mais do que você. Olhando para trás, você teve sorte de não sair ferido. Esqueça.

— Obrigado, Harry Rex — Ray se inclinou para a frente e viu o voluntário indo embora. — E o incêndio?

— Vamos dar um jeito. Se eu entrar com uma queixa agora, a companhia de seguros vai investigar. Vão suspeitar de incêndio criminoso e as coisas podem ficar pretas. Deixe passar alguns meses. Se eles não pagarem, então entramos com um processo, no condado de Ford. Eles não vão arriscar um julgamento com júri contra o espólio de Reuben Atlee bem aqui, no tribunal dele. Acho que farão um acordo antes do julgamento. Podemos ter de ceder um pouco, mas conseguiremos um bom acordo.

Ray levantou da cadeira.

— Eu realmente quero ir para casa — ele disse.

O ar estava pesado com o calor e a fumaça quando deram a volta na casa.

— Para mim chega — Ray disse e saiu para a rua.

*

Ele atravessou o Bottoms a oitenta comportados quilômetros. Elmer

Conway não estava à vista. O Audi parecia mais leve com a mala vazia. Na verdade, a própria vida estava se livrando dos pesos. Ray ansiava pela normalidade da sua casa.

Temia o encontro com Forrest. O espólio do pai acabava de ser destruído e seria difícil explicar o caso do incêndio criminoso. Talvez seja melhor esperar. A reabilitação estava indo bem e Ray sabia, por experiência, que a menor complicação podia tirar Forrest do bom caminho. Talvez fosse melhor esperar um mês. Depois outro.

Forrest não ia voltar para Clanton e, no seu mundo conturbado, ele talvez nunca ouvisse falar do incêndio. Seria melhor Harry Rex dar a notícia.

A recepcionista em Alcorn Village o recebeu com um olhar estranho. Ray leu revistas por um longo tempo na sala de espera escura. Quando Oscar Meave entrou com ar sombrio, Ray sabia exatamente o que tinha acontecido.

— Ele foi embora ontem, no fim da tarde — Meave começou, sentando na mesa de centro, na frente de Ray. — Tentei falar com você a manhã toda.

— Perdi meu celular a noite passada — Ray disse. Entre todas as coisas que deixara para trás quando as pedras estavam caindo, não podia acreditar que o celular fosse uma delas.

— Ele pediu permissão para uma caminhada de oito quilômetros que vinha fazendo todos os dias. É ao redor da parte dos fundos do terreno, sem cerca, mas Forrest não era um risco de segurança. De qualquer modo, não pensamos que fosse. Não posso acreditar.

Ray certamente podia. Seu irmão fugia de clínicas de desintoxicação havia quase vinte anos.

— Esta não é exatamente uma instituição fechada — Meave continuou. — Nossos pacientes querem ficar aqui, do contrário não funciona.

— Eu compreendo — Ray disse suavemente.

— Ele ia tão bem — Meave continuou, evidentemente muito mais preocupado do que Ray. — Completamente limpo e orgulhoso disso. Tinha por assim dizer adotado dois adolescentes, ambos em reabilitação pela primeira vez. Forrest trabalhava com eles todas as manhãs. Eu simplesmente não compreendo.

— Pensei que você fosse um ex-viciado. Meave balançou a cabeça.

— Eu sei, eu sei. O viciado sai quando quer e não antes.

— Já viu algum que simplesmente não pode sair? — Ray perguntou.

— Não podemos admitir isso.

— Sei que não podem. Mas, não oficialmente, você e eu sabemos que alguns viciados jamais deixam o vício.

Meave deu de ombros, com relutância.

— Forrest é um desses, Oscar. Vivemos com isso há vinte anos.

— Para mim é um fracasso pessoal.

— Não faça isso.

Saíram e conversaram por um momento na varanda. Meave não podia parar de pedir desculpas. Para Ray não era nada inesperado.

Na estrada sinuosa de volta à rodovia principal, Ray se perguntava como seu irmão podia ter saído de uma instituição a doze quilômetros da cidade mais próxima. Mas afinal ele já havia fugido de lugares muito mais isolados.

Forrest voltaria para Memphis, para seu quarto no porão da casa de Ellie, às ruas onde os traficantes esperavam por ele. O próximo telefonema podia ser o último, mas Ray esperava isso havia muitos anos. Doente como estava, Forrest demonstrava uma capacidade incrível de sobrevivência.

Ray estava no Tennessee agora. Virgínia vinha depois, a sete horas de viagem. Com o céu claro e sem vento, ele pensou em como seria bom estar a cinco mil pés de altitude, voando no seu Cessna favorito alugado.

CAPITULO 37

AS DUAS PORTAS ERAM NOVAS, sem pintura e muito mais pesadas do que as anteriores. Ray silenciosamente agradeceu ao proprietário a despesa extra, embora sabendo que não ia haver mais arrombamentos. A perseguição tinha acabado. Não mais olhares rápidos para trás. Não mais visitas secretas ao Chaney's para brincar de esconde-esconde. Não mais conversas em voz baixa com Corey Crawford. E não mais dinheiro ilícito com que se preocupar e sonhar, e carregar de um lado para o outro, literalmente. A retirada daquele peso o fez sorrir e andar um pouco mais depressa.

A vida seria normal outra vez. Longas corridas no calor. Longos vôos solo sobre o Piedmont. Esperava ansioso até pela pesquisa negligenciada para os tratados de monopólios que prometera entregar neste Natal ou no seguinte. Pensava mais brandamente em Kaley e estava pronto para outra tentativa para o jantar. Agora ela era legal, formada e, simplesmente, era boa demais para desistir sem um esforço decente.

Seu apartamento estava na mesma, sua condição habitual, uma vez que mais ninguém morava nele. A não ser pela porta, não havia nenhum sinal de que afinal aquele assaltante não era um ladrão, apenas queria atormentar e intimidar. Gordie ou um dos seus irmãos. Ray não queria saber como eles dividiam o trabalho.

Eram quase onze horas da manhã. Ray fez café forte e começou a examinar a correspondência. Nada mais de cartas anônimas. Nada agora a não ser as contas de sempre e os pedidos.

Dois fax estavam na bandeja. O primeiro era um bilhete de um ex-aluno. O segundo era de Patton French. Ele tentara telefonar, mas o celular de Ray não estava funcionando. Era escrito a mão, no papel de carta do *King of Tons,* sem dúvida enviado das águas cinzentas do golfo, onde French ainda se escondia do advogado de divórcio da mulher.

Boas notícias na frente de segurança! Logo depois de Ray deixar a costa, Gordie Priest fora "localizado" com os dois irmãos. Será que Ray podia por favor telefonar para ele? Sua assistente o encontraria.

Ray tentou falar com ele durante duas horas, até French telefonar de um hotel em Fort Worth, onde ia se encontrar com alguns advogados do Ryax e do Kobril.

— Provavelmente vou conseguir uns cem casos aqui — ele disse, sem poder se controlar.

— Maravilhoso — Ray disse. Estava resolvido a não ouvir mais dissertações sobre delitos civis em massa e acordos de Zilhões de dólares.

— Seu telefone é seguro? — French perguntou.

— Sim, é.

— Tudo bem, escute. Priest não é mais uma ameaça. Nós o encontramos logo depois que você saiu daqui, bêbado, na cama com uma mulher com quem ele está há muito tempo. Encontramos os dois irmãos também. Seu dinheiro está a salvo.

— Exatamente quando o encontraram? — Ray perguntou. Estava ao lado da mesa da cozinha com um grande calendário aberto na sua frente. O tempo era crucial. Tinha feito anotações nas margens do calendário enquanto esperava o telefonema de French.

French pensou por um segundo.

— Deixe ver. Que dia é hoje?

— Segunda-feira, cinco de junho.

— Segunda-feira. Quando você deixou a costa?

— Sexta-feira, às dez horas da manhã.

— Então foi logo depois do almoço na sexta-feira.

— Tem certeza?

— É claro que tenho certeza. Por que pergunta?

— E depois que o encontraram de modo algum ele podia ter saído da costa?

— Confie em mim, Ray, eles nunca mais vão sair da costa. Eles, bem, encontraram um lar permanente aqui.

— Não quero saber os detalhes — Ray sentou à mesa e olhou para o calendário.

— Qual o problema? — French perguntou. — Alguma coisa errada?

— Sim, pode-se dizer que sim.

— O que foi?

— Alguém incendiou a casa.

— A casa do juiz Atlee? — Sim.

— Quando?

— Depois da meia-noite, sábado de madrugada. Uma pausa, enquanto French absorvia a notícia.

— Bem, não foram os Priest, posso garantir. Ray não disse nada e French perguntou: — Onde está o dinheiro?

— Eu não sei — ele murmurou.

A corrida de oito quilômetros não adiantou para aliviar a tensão. Porém, como sempre, ele conseguiu ordenar seus pensamentos e fazer planos. A temperatura estava acima de trinta e cinco graus, e Ray estava molhado de suor quando voltou para o apartamento.

Agora que Harry Rex sabia de tudo, era reconfortante ter alguém para confiar a última notícia. Telefonou para o escritório dele em Clanton e foi informado de que Harry Rex estava no tribunal, em Tupelo, e só voltaria muito tarde. Ligou para a casa de Ellie em Memphis e ninguém se deu ao trabalho de atender o telefone. Telefonou para Oscar Meave no Alcorn Village sem esperar nenhuma notícia do paradeiro do irmão, e recebeu exatamente o que esperava.

Lá se ia a vida normal.

Depois de uma manhã tensa de negociações nos corredores do tribunal do condado de Lee, disputando coisas como quem fica com a casa no lago e quanto ele deve pagar de uma vez, segundo o acordo, o divórcio foi resolvido uma hora depois do almoço. Harry Rex defendia o marido, um caubói esquentado, divorciando da mulher número três que pensava que conhecia melhor as leis do divórcio do que seu advogado. A mulher número três tinha quase trinta anos e pegara o marido com sua melhor amiga. Era a história típica e sórdida, e Harry Rex estava farto da coisa toda quando foi ao juiz e apresentou um acordo duramente disputado.

O chanceler era um veterano que tinha feito milhares de divórcios.

— Sinto muito a morte do juiz Atlee — ele disse em voz baixa, quando começou a examinar os papéis. Harry Rex apenas balançou a cabeça afirmativamente. Estava cansado e com sede, e já pensando numa cerveja gelada quando voltasse de carro para Clanton. Sua cervejaria favorita na área de Tupelo ficava na divisa do condado.

— Nós servimos juntos durante vinte e dois anos — o chanceler dizia.

— Um bom homem — Harry Rex disse.

— Você está tratando do espólio?

— Sim, senhor.

— Dê lembranças minhas ao juiz Farr.

— Darei.

A papelada estava assinada, o casamento, misericordiosamente desfeito, os cônjuges guerreiros mandados para suas casas neutras. Harry Rex saiu do tribunal e estava quase chegando ao seu carro quando um advogado o fez parar. Apresentou-se como Jacob Spain, jurista, um entre milhares em Tupelo. Estava no tribunal e ouviu o chanceler mencionar o juiz Atlee.

— Ele tem um filho, não tem? Forrest? — Spain perguntou.

— Dois filhos, Ray e Forrest. — Harry Rex respirou e se preparou para uma rápida visita.

— Joguei futebol contra Forrest no colégio, na verdade ele quebrou minha clavícula com um golpe fora do jogo.

— Sim, parece Forrest.

— Eu jogava no Nova Albany. Forrest estava no primeiro ano e eu, no último. Você o viu jogar?

— Sim, muitas vezes.

— Lembra do jogo deles contra nós, quando ele atirou a bola para trezentos metros, no primeiro tempo? Quatro ou cinco *touch-downs,* eu acho.

— Sim, lembro — Harry Rex disse e começou a ficar impaciente. Quanto tempo aquilo ia durar?

— Eu estava jogando na defesa aquela noite, e ele estava atirando passes para todo o lado. Eu apanhei um antes do fim do primeiro tempo, corri para fora dos limites de ataque, e ele me atacou quando eu estava no chão.

— Era uma das favoritas jogadas dele. — Ataque duro e ataque fora da área de segurança, era um dos lemas de Forrest, especialmente para os da defesa que tinham a infelicidade de interceptar um dos seus passes.

— Acho que ele foi preso na semana seguinte — Spain estava dizendo. — Que desperdício. De qualquer modo, eu o vi algumas semanas atrás, aqui em Tupelo, com o juiz Atlee.

A impaciência desapareceu. Harry Rex esqueceu a cerveja, pelo menos no momento.

— Quando foi isso? — ele perguntou.

— Um pouco antes da morte do Juiz. Foi uma cena estranha. Deram alguns passos e encontraram uma sombra debaixo de uma árvore.

— Estou ouvindo — Harry Rex disse, afrouxando o nó da gravata. Já tinha tirado o blazer azul-marinho.

— A mãe da minha mulher está se tratando de câncer da mama na Clínica Taft. Numa segunda-feira à tarde, na primavera, eu a levei até lá para outra série de quimioterapia.

— O juiz Atlee ia à clínica Taft — Harry Rex disse. — Eu vi as contas.

— Sim, foi onde eu o vi. Eu a deixei na clínica, precisava esperar, por isso fui para meu carro para dar alguns telefonemas. Enquanto eu estava sentado lá, vi o juiz Atlee chegar num Lincoln comprido e preto dirigido por alguém que não reconheci. Eles estacionaram a dois carros do meu e saíram do carro. O motorista então me pareceu familiar, um cara grande, cabelo comprido, andar meio gingado que eu já tinha visto antes. Então reconheci Forrest. Tive certeza quando vi o modo como ele se movia. Estava com óculos escuros e um boné puxado bem para baixo. Entraram, e imediatamente Forrest saiu.

— Que tipo de boné?

— Azul desbotado, dos Cubs eu acho.

— Já vi esse boné.

— Ele estava muito nervoso, como se não quisesse ser visto. Desapareceu no meio das árvores ao lado da clínica, e eu mal podia ver seu vulto. Ficou ali escondido. Depois de uma hora mais ou menos, eu entrei, esperei, finalmente minha sogra apareceu e saímos. Ele continuava no meio das árvores.

Harry Rex tirou do bolso sua agenda.

— Que dia foi isso?

Spain tirou também sua agenda e, como todos os advogados ocupados, eles compararam seus movimentos recentes.

— Segunda-feira, primeiro de maio — Spain resolveu.

— Seis dias antes da morte do Juiz — Harry Rex disse.

— Tenho certeza da data. Foi uma cena estranha.

— Bem, ele é um cara bem estranho.

— Ele não está fugindo da polícia ou coisa assim, está?

— Não no momento — Harry Rex disse, e os dois se olharam com um riso nervoso.

De repente Spain precisava ir embora.

— De qualquer modo, quando o vir outra vez, diga que ainda estou zangado com aquele golpe fora da área.

— Eu direi — Harry Rex prometeu, e Spain foi embora.

CAPÍTULO 38

O SENHOR E A SENHORA VONNER saíram de Clanton numa manhã encoberta de junho num novo jipe com tração nas quatro rodas que prometia 10 quilômetros por litro de gasolina e com bagagem suficiente para um mês na Europa. O distrito de Colúmbia era seu destino, uma vez que a senhora Vonner tinha uma irmã que morava lá, que o Harry Rex não conhecia. Passaram a primeira noite em Gatlinburg e a segunda em White Sulphur Springs na Virgínia ocidental. Chegaram a Charlottesville mais ou menos ao meio dia, fizeram a visita obrigatória a Monticello de Jefferson, andaram no terreno da universidade e tiveram um jantar diferente numa espelunca da faculdade chamada o White Spot, onde a especialidade da casa era ovo frito num hambúrguer. Era o tipo de comida de Harry Rex.

Na manhã seguinte, enquanto ela dormia, ele saiu para um passeio na galeria no centro da cidade. Encontrou o endereço e esperou.

Alguns minutos depois das 8 da manhã, Ray deu um nó duplo nos cordões dos seus tênis caros de corrida, fez alongamento e desceu para os seus dez quilômetros diários. Lá fora o ar estava quente. Julho estava perto e o verão já tinha chegado.

Ele virou uma esquina e ouviu uma voz familiar.

— Ei, garoto.

Harry Rex sentado num banco, um copo de café na mão, um jornal não lido ao lado. Ray ficou imóvel e levou alguns segundos para se refazer da surpresa. Alguma coisa estava fora de lugar.

Quando conseguiu se mover, aproximou-se do banco e disse: — O que exatamente você está fazendo aqui?

— Bela roupa — Harry Rex disse, olhando para o short, a camiseta velha, o boné vermelho de corredor, os modernos óculos de atleta. — Eu e minha mulher estamos de passagem, a caminho da capital. Ela tem uma irmã lá e pensa que eu quero conhecê-la. Sente-se.

— Por que não telefonou?

— Não quis incomodar você.

— Mas devia ter telefonado, Harry Rex. Podíamos jantar, eu mostraria a cidade.

— Não é esse tipo de viagem. Sente-se.

Sentindo problemas no ar, Ray sentou ao lado de Harry Rex.

— Não posso acreditar nisso — ele resmungou.

— Cale a boca e ouça.

Ray tirou os óculos e olhou para Harry Rex.

— Tão sério assim?

— Digamos que é curioso. — Contou a história de Jacob Spain sobre Forrest se esconder no meio das árvores na clínica oncológica, seis dias antes da morte do Juiz. Ray ouviu incrédulo e sentou aproximando-se mais dele no banco. Finalmente inclinou-se para a frente com os cotovelos nos joelhos, a cabeça baixa.

— De acordo com os relatórios médicos — Harry Rex continuou —, ele recebeu uma dose de morfina naquele dia, primeiro de maio. Não sei se foi a primeira ou uma complementação, os relatórios não especificam. Parece que Forrest o levou para apanhar a coisa boa.

Uma longa pausa, quando uma bela mulher passou apressada, a saia justa ondulando maravilhosamente. Um gole de café e ele continuou: — Sempre desconfiei daquele testamento que você encontrou no escritório. O Juiz e eu falamos sobre seu testamento nos últimos seis meses da sua vida. Não acredito que ele simplesmente tenha feito outro às pressas pouco antes de morrer. Examinei as assinaturas e na minha opinião não especializada o último é falso.

Ray pigarreou e disse:

— Se Forrest o levou a Tupelo, é seguro dizer que Forrest esteve na casa.

— Em toda a casa.

Harry Rex tinha contratado um investigador em Memphis para encontrar Forrest, mas não acharam nem sinal dele. De dentro do jornal dobrado ele tirou um envelope.

— Então isto chegou há três dias.

Ray tirou uma folha de papel e desdobrou. Era de Oscar Meave de Alcorn Village e dizia: "Caro senhor Vonner. Não consegui falar com Ray Atlee. Sei onde Forrest está, se por acaso a família não sabe ainda. Telefone se quiser conversar. Tudo é confidencial. Cordialmente, Oscar Meave."

— Então telefonei imediatamente — Harry Rex disse, olhando para outra jovem que passava. — Ele tem um ex-paciente que é conselheiro em um rancho

de reabilitação no Oeste. Forrest se internou no rancho há uma semana e fez questão absoluta de privacidade, dizendo que não quer que a família saiba onde ele está. Isso acontece às vezes, e as clínicas sempre ficam num impasse. Eles têm de respeitar a vontade do paciente, mas, por outro lado, a família é importante na reabilitação. Assim esses conselheiros trocam informações discretamente. Meave resolveu passar a informação para você.

— Onde no Oeste?

— Montana. Um lugar chamado Rancho Morningstar. Meave disse que é do que o garoto precisa... muito bom, muito isolado, fechado para os casos graves, disse que ele vai ficar lá um ano.

Ray endireitou o corpo e começou a passar a mão na testa como se afinal tivesse mesmo levado um tiro na cabeça.

— E é claro o lugar é caro — Harry Rex acrescentou.

— É claro — Ray murmurou.

Não falaram mais, pelo menos não sobre Forrest. Depois de alguns minutos, Harry Rex disse que ia embora. Tinha dado a mensagem, não tinha mais nada a dizer, não por enquanto. Sua mulher estava ansiosa para ver a irmã. Talvez na próxima vez pudessem ficar mais tempo juntos, jantar ou coisa assim. Bateu de leve no ombro de Ray e foi embora.

— Vejo você em Clanton. — Foram suas últimas palavras.

Muito fraco, tenso e desanimado para correr, Ray ficou sentado no banco, no meio da galeria, seu apartamento acima dele, perdido num mundo de peças que se moviam rapidamente. O trânsito de pedestres cresceu quando os lojistas e banqueiros começaram a trabalhar, mas Ray não os viu.

*

Carl Mirk lecionava duas classes de direito do seguro cada semestre e era membro da ordem dos advogados da Virgínia, como Ray. Conversaram sobre a entrevista enquanto almoçavam e os dois chegaram à conclusão de que era parte de um conjunto de perguntas de rotina, nada com que se preocupar. Mirk o acompanharia, fingindo ser advogado de Ray.

O nome do investigador de seguros era Ratterfield. Eles o receberam na

sala de conferências da faculdade de direito. Ele tirou o paletó como se fossem demorar horas. Ray estava de jeans e uma camisa pólo. Mirk também estava à vontade.

— Geralmente eu gravo essas entrevistas — Ratterfield disse, todo formal, pondo um gravador entre ele e Ray. — Alguma objeção? — ele perguntou.

— Acho que não — Ray disse.

Ele apertou um botão, consultou suas notas e começou a introdução para o gravador. Era um examinador de seguros independente, contratado pela Aviation Underwriters para investigar uma queixa feita por Ray Atlee e três outros donos por danos em um Beech Bonanza 1994, no dia 2 de junho. Segundo o examinador de incêndio criminoso do estado, o avião foi queimado deliberadamente.

Para começar, ele queria o histórico de vôo de Ray. Ray tinha seu diário de vôo, e Ratterfield o examinou minuciosamente e não encontrou nada interessante.

— Nenhuma avaliação dos instrumentos — ele disse em determinado momento.

— Estou trabalhando nisso — Ray respondeu.

— Catorze horas no Bonanza?

— Isso mesmo.

Ele passou então para os donos do consórcio e fez perguntas sobre o acordo entre eles. Já tinha entrevistado os outros sócios, e eles mostraram o contrato e a documentação. Ray validou os papéis.

Passando à outra parte, Ratterfield perguntou: — Onde o senhor estava no dia primeiro de junho?

— Em Biloxi, Mississipi — Ray respondeu, certo de que Ratterfield não tinha idéia de onde era isso.

— Quanto tempo passou lá?

— Alguns dias.

— Posso perguntar por que estava em Biloxi?

— Claro — Ray disse, e numa versão abreviada contou suas visitas recentes à casa da família. O motivo oficial da sua ida à costa era visitar amigos, velhos companheiros do seu tempo de estudante em Tulane.

— Estou certo de que existe alguém que pode confirmar que estava lá no dia primeiro de junho — Ratterfield disse.

— Muita gente. Além disso tenho os recibos do hotel. Ele pareceu convencido de que Ray estivera no Mississipi.

— Os outros sócios estavam todos em casa quando o avião foi explodido — ele disse, virando a página das notas datilografadas. — Todos têm álibis. Se vamos supor que foi incêndio criminoso, temos primeiro de descobrir o motivo, depois quem pôs a bomba. Alguma idéia?

— Não tenho a mínima idéia de quem pode ter sido — Ray disse com convicção.

— E sobre o motivo?

— Tínhamos acabado de comprar o avião. Por que um de nós ia querer destruí-lo?

— Para receber o seguro, talvez. Acontece ocasionalmente. Talvez um sócio resolvesse que era caro demais para ele. O seguro não é pouco, quase duzentos mil dólares em seis anos, perto de novecentos dólares por mês para cada um.

— Nós soubemos disso duas semanas antes, quando assinamos o contrato — Ray disse.

Algumas perguntas sobre o assunto delicado das finanças de Ray — salário, despesas, compromissos. Quando Ratterfield se convenceu de que Ray podia pagar sua parte, mudou de assunto.

— Aquele incêndio no Mississipi — ele disse, consultando um relatório. — Fale sobre ele.

— O que quer saber?

— Está sendo investigado por incêndio criminoso?

— Não.

— Tem certeza?

— Sim, tenho certeza. Pode telefonar para meu advogado se quiser.

— Já fiz isso. E seu apartamento foi assaltado duas vezes nas seis últimas semanas?

— Nada foi roubado. Foi só um arrombamento.

— Está tendo um verão estimulante.

— Isso é uma pergunta?

— Parece que alguém está atrás do senhor.

— Outra vez, é uma pergunta?

Foi o único desentendimento da entrevista, e Ray e Ratterfield respiraram para descansar.

— Qualquer outra investigação no seu passado?

— Não — Ray disse, sorrindo.

Quando Ratterfield virou outra página e ela estava em branco, ele perdeu o interesse e começou a recolher suas coisas.

— Tenho certeza de que nossos advogados entrarão em contato — ele disse, desligando o gravador.

— Mal posso esperar — Ray disse. Ratterfield apanhou o paletó e a pasta e saiu. Depois que ele se foi, Carl disse: — Acho que você sabe mais do que está contando.

— Talvez — Ray disse. — Mas não tem nada a ver com o incêndio criminoso daqui, nem o de lá.

— Já ouvi o bastante.

CAPÍTULO 39

DURANTE QUASE UMA SEMANA, frentes turbulentas de verão mantiveram o céu nublado, baixo, e o vento muito perigoso para pequenos aviões. Quando a previsão anunciou ar calmo e seco em todo lugar, menos no sul do Texas, Ray saiu de Charlottesville num Cessna e começou a viagem mais longa da sua breve carreira de piloto. Evitando o espaço movimentado e procurando marcos fáceis em terra, voou para oeste atravessando o vale Shenandoah e a Virgínia ocidental até o Kentucky, onde abasteceu numa pista de 12 quilômetros, longe de Lexington. O Cessna tinha autonomia de três horas e meia antes do indicador chegar a menos de um quarto de tanque. Pousou outra vez em Terre Haute, atravessou o rio Mississipi em Hannibal e parou para a noite em Kirksville, Missouri, num motel.

Era seu primeiro motel desde a odisséia com o dinheiro e era precisamente por causa do dinheiro que estava outra vez num motel. Estava também no Missouri e, passando de um canal para outro na televisão sem som, lembrou da história de Patton French, de como ficou sabendo do Ryax por acaso num seminário sobre delitos civis em St. Louis. Um velho advogado de uma cidade pequena nos Ozarks tinha um filho que lecionava na Universidade de Colúmbia e que sabia que o medicamento era prejudicial. E, por causa dos amigos de Patton French e de sua cobiça e corrupção insaciáveis, ele, Ray Atlee, estava agora em outra cidade pequena onde não conhecia ninguém.

Uma frente se formava sobre Utah. Ray levantou vôo logo depois do nascer do sol e subiu acima de cinco mil pés. Acertou os controles e abriu um copo grande de café puro. Voou mais para o norte do que para oeste na primeira parte da viagem e logo estaria sobre os milharais de Iowa.

Sozinho, dois quilômetros acima da terra, no ar frio e quieto do começo da manhã, e sem nenhum piloto tagarelando nas ondas do rádio, Ray tentou enfocar a tarefa que o esperava. Mas era fácil não fazer nada e aproveitar a solidão, a vista e o café, e o ato solitário de deixar o mundo lá embaixo. E era agradável não pensar no irmão.

Depois de uma parada em Sioux Falls, virou para oeste outra vez e seguiu

a Interestadual 90 por todo o estado de Dakota do Sul, antes de entrar no espaço restrito em volta do monte Rushmore. Pousou em Rapid City, alugou um carro e fez a longa viagem até o Parque Nacional Badlands.

O Rancho Morningstar ficava em algum lugar das montanhas ao sul de Kalispell, mas o Web site era propositadamente vago. Oscar Meave tentou, mas não conseguiu dar a localização exata. No fim do terceiro dia de viagem, Ray pousou em Kalispell de noite. Alugou um carro, encontrou um restaurante, depois um motel, e passou horas consultando mapas aéreos e terrestres.

Levou mais um dia voando baixo em volta de Kalispell e das cidades de Woods Bay, Polison, Bigfork e Elmo. Passou sobre o lago Flathead uma dezena de vezes e estava pronto para desistir da guerra aérea e enviar as tropas terrestres, quando viu algo que parecia um complexo, perto da cidade de Somers, no lado norte do lago. Ele deu algumas voltas sobre o lugar até ver uma cerca de malha de aço verde quase escondida pelas árvores e praticamente invisível do ar. Havia pequenos prédios que pareciam abrigar algumas unidades, um maior, da administração talvez, uma piscina, quadras de tênis, um celeiro com cavalos pastando por perto. Ele sobrevoou o complexo, o suficiente para que algumas pessoas deixassem o que estavam fazendo e olhassem para cima, protegendo os olhos do sol.

Encontrar o complexo do chão era quase tão difícil quanto o do ar, mas, ao meio do dia seguinte, Ray estava estacionando no lado de fora do portão sem nenhuma marca, encarando um guarda armado que olhava para ele. Depois de algumas perguntas tensas, o guarda finalmente admitiu que, sim, ele tinha de fato encontrado o lugar que procurava.

— Não permitimos visitas — ele disse, com ar de superioridade.

Ray inventou uma história de família em crise e enfatizou a urgência de falar com seu irmão. O processo, como o guarda descreveu, era deixar o nome e um número de telefone, e havia uma leve possibilidade de alguém lá de dentro entrar em contato com ele. No dia seguinte, quando ele pescava trutas no rio Flathead seu celular tocou. Uma voz nada amistosa de uma tal Allison, da Morningstar, perguntou por Ray Atlee.

Quem ela esperava encontrar?

Ele confessou que era Ray Atlee, e ela perguntou o que ele queria da clínica.

— Tenho um irmão aí — ele disse, o mais delicadamente possível. — O nome dele é Forrest Atlee e eu gostaria de falar com ele.

— O que o faz pensar que ele está aqui? — ela quis saber.

— Ele está aí. Você sabe que ele está. Eu sei, por isso, por favor vamos parar com esse jogo?

— Vou verificar, mas não espere meu telefonema. — Ela desligou antes que Ray pudesse dizer alguma coisa. A voz seguinte também inamistosa era de Darrel, um administrador de alguma coisa. O telefonema foi dado no fim da tarde, quando Ray dava uma caminhada por uma trilha no Swan Range, perto do reservatório Hungry Horse. Darrel foi tão brusco quanto Allison.

— Meia hora só. Trinta minutos — ele informou Ray. — Às dez horas da manhã.

Uma prisão de segurança máxima teria sido mais agradável. O mesmo guarda revistou Ray e seu carro, no portão.

— Acompanhe o guarda — ele disse. Outro guarda num carrinho de golfe esperava na entrada estreita, e Ray o acompanhou até um pequeno estacionamento perto do prédio da frente. Quando saiu do carro, Allison o esperava desarmada. Ela era alta e bastante masculina e, quando estendeu a mão para o cumprimento obrigatório, Ray se sentiu mais fraco do que nunca. Ela o levou para dentro, onde câmeras monitoravam cada movimento sem nenhum disfarce. Chegaram a uma sala sem janelas, e ela o passou para um policial carrancudo de uma variedade desconhecida que, com a desenvoltura de um carregador de bagagem, revistou cada dobra e cada reentrância, exceto a virilha, que por um horrível momento Ray pensou que ele ia revistar também.

— Eu só vim ver meu irmão — Ray protestou finalmente, arriscando-se a levar uns tapas.

Quando estava revistado e higienizado, Allison o recolheu outra vez e o levou por um corredor curto para uma sala quadrada que parecia feita para ter paredes forradas. A única janela era na única porta e, apontando para ela, Allison disse severamente: — Estaremos vigiando.

— Vigiando o quê? — Ray perguntou.

Ela olhou zangada para ele e parecia prestes a derrubá-lo com um murro.

Ray viu uma mesa quadrada no meio da sala e duas cadeiras, uma de cada lado.

— Sente aqui — ela ordenou, e Ray obedeceu. Durante dez minutos, ele olhou para as paredes, de costas para a porta.

Finalmente ela se abriu e Forrest entrou sozinho, sem correntes, sem algemas, sem nenhum guarda empurrando. Sem uma palavra ele sentou de

frente para Ray e cruzou as mãos sobre a mesa, como se fosse hora de meditar. O cabelo tinha desaparecido. Uma navalha removera tudo a não ser um pequeno chumaço de menos de meio centímetro no meio da cabeça, e sobre as orelhas estava raspado até o couro cabeludo. Ele estava barbeado e parecia dez quilos mais magro. A camisa folgada era social, verde-oliva, com um pequeno colarinho e dois bolsos grandes, quase militar. Ray se inspirou nela para suas primeiras palavras.

— Este lugar é um campo de treinamento militar.

— É dureza — Forrest disse, devagar e suavemente.

— Eles fazem lavagem cerebral?

— E exatamente o que fazem.

Ray estava ali por causa do dinheiro e resolveu ir direto ao assunto.

— Então, o que você recebe por setecentos dólares por dia? — ele começou.

— Uma nova vida.

Ray balançou a cabeça, aprovando a resposta. Forrest olhava para ele, sem piscar, sem expressão, quase sem interesse, como se o irmão fosse um estranho.

— E vai ficar aqui doze meses?

— Pelo menos.

— Um quarto de um milhão de dólares.

Forrest deu de ombros, como se dinheiro não fosse problema, como se ele pudesse ficar três anos, ou cinco.

— Você está sedado? — Ray perguntou, tentando provocar o irmão.

— Não.

— Parece que está.

— Não estou. Eles não usam drogas aqui. Não posso imaginar por quê, você pode? — A voz dele se animou um pouco.

Ray estava atento ao relógio. Allison ia voltar quando terminassem os trinta minutos e interromper fosse o que fosse para conduzir Ray para fora do prédio e para fora do complexo para sempre. Ele precisava de muito mais tempo para resolver todos os problemas, mas o tempo curto exigia eficiência. Vá direto ao assunto, ele pensou. Veja quanto ele vai admitir.

— Eu achei o testamento do velho — Ray disse. — E obedeci à intimação dele para vir para casa no dia sete de maio, e estudei as assinaturas dos dois. Acho que são falsas.

— Bom trabalho.

— Não sei quem falsificou, mas suspeito de que foi você.

— Então me processe.

— Você não nega?

— Que diferença faz?

Ray repetiu essas palavras, meio em voz alta, aborrecido, como se a repetição o deixasse furioso. Uma longa pausa, enquanto o relógio continuava a tiquetaquear.

— Eu recebi minha intimação numa quinta-feira. O carimbo do correio de Clanton era de segunda-feira, o mesmo dia em que você o levou à Clínica Taft em Tupelo para apanhar mais morfina. Pergunta: como você conseguiu datilografar a intimação na velha Underwood manual?

— Não tenho de responder às suas perguntas.

— É claro que tem. Você armou essa fraude, Forrest. O mínimo que pode fazer é me dizer como tudo aconteceu. Você ganhou. O velho está morto. A casa desapareceu. Você está com o dinheiro. Ninguém está atrás de você a não ser eu, e eu logo vou embora. Diga como aconteceu.

— Ele já tinha as doses necessárias de morfina.

— Tudo bem, então você o levou para apanhar mais, ou um refil, fosse o que fosse. Essa não é a questão.

— Mas é importante.

— Por quê?

— Porque ele estava dopado. — Houve uma leve quebra na fachada de lavagem cerebral, e ele tirou as mãos de cima da mesa e desviou os olhos.

— Então ele estava sofrendo — Ray disse, tentando provocar alguma emoção.

— Sim — Forrest disse, sem o menor sinal de emoção.

— E se você mantivesse a morfina constante, teria a casa só para você?

— Alguma coisa parecida.

— Quando você esteve lá primeiro?

— Não sou bom para datas. Nunca fui.

— Não banque o idiota comigo, Forrest. Ele morreu no domingo.

— Estive lá num sábado.

— Então oito dias antes da sua morte?

— Sim, acho que sim.

— E por que você voltou?

Ele cruzou os braços e abaixou o queixo e os olhos. E a voz.

— Ele me telefonou — Forrest começou — e me pediu que fosse vê-lo. Fui no dia seguinte. Eu não podia acreditar que ele estivesse tão envelhecido e doente e sozinho. — Respirou fundo, ergueu os olhos para o irmão. — A dor era terrível. Mesmo com os analgésicos, ele estava péssimo. Sentamos na varanda e falamos sobre a guerra e como as coisas teriam sido diferentes se Jackson não tivesse sido morto em Chancellorsville, as mesmas velhas batalhas que ele vinha reconstituindo a vida inteira. Ele mudava constantemente de posição, tentando aliviar a dor. Às vezes chegava a ficar sem fôlego. Mas ele queria falar. Não enterramos nossos ressentimentos nem tentamos endireitar a coisas. Não víamos necessidade. O fato de eu estar ali era tudo que ele queria. Eu dormi no sofá do escritório e, durante a noite, acordei com os gritos dele. Ele estava no chão do quarto, com os joelhos encostados no queixo, tremendo de dor. Eu o levei para a cama, ajudei a aplicar a morfina, finalmente ele aquietou. Eram três horas da madrugada. Eu estava completamente desperto e comecei a andar pela casa. A narrativa parou, mas o relógio não.

— E foi então que encontrou o dinheiro — Ray disse.

— Que dinheiro?

— O dinheiro que está pagando setecentos dólares por dia aqui.

— Ah, aquele dinheiro.

— Aquele dinheiro.

— Sim, foi quando eu achei o dinheiro, no mesmo lugar que você achou. Vinte e sete caixas. A primeira tinha cem mil dólares e eu fiz os cálculos. Não tinha idéia do que fazer. Fiquei sentado durante horas, olhando para as caixas empilhadas inocentemente nas prateleiras. Pensei que ele podia levantar da cama, descer e me pegar olhando para todas as caixinhas e desejei que isso acontecesse. Então ele poderia explicar as coisas. — Pôs outra vez as mãos sobre a mesa. — Ao nascer do sol, pensei que eu tinha um plano. Resolvi deixar que você tratasse do dinheiro. Você é o mais velho, o filho favorito, o grande irmão, o garoto de ouro, o bom aluno, o professor de direito, o inventariante, o filho em quem ele mais confiava. Só vou vigiar Ray, pensei, para ver o que ele faz com o dinheiro, porque seja lá o que for, deve ser o certo. Então fechei o aparador, empurrei o sofá para o lugar e tentei agir como se nunca tivesse encontrado nada. Quase perguntei ao velho de onde vinha, mas achei que, se ele quisesse que eu soubesse, teria dito.

— Quando você datilografou a intimação?

— Mais tarde, naquele dia. Ele estava inconsciente, debaixo das nogueiras

no quintal, na rede. Estava se sentindo muito melhor, mas o caso é que tinha se viciado com a morfina. Ele não lembrava muita coisa daquela semana.

— E na segunda-feira você o levou a Tupelo?

— Sim. Ele estava dirigindo sozinho, mas já que eu estava lá me pediu para levá-lo.

— E você se escondeu no meio das árvores no lado de fora da clínica para não ser visto.

— Muito bem. O que mais você sabe?

— Nada. Tudo que tenho são perguntas. Você me telefonou na noite em que recebi a intimação pelo correio e disse que tinha recebido uma também. Perguntou se eu ia telefonar para ele. Eu disse que não. O que aconteceria se eu tivesse telefonado?

— Os telefones não estavam funcionando.

— Por quê?

— As linhas telefônicas ficam no porão. Há um interruptor lá. Ray balançou a cabeça afirmativamente. Outro pequeno mistério estava resolvido.

— Além disso, ele não atendia a maior parte das vezes — Forrest acrescentou.

— Quando você escreveu o testamento?

— Um dia antes da morte dele. Encontrei o antigo, não gostei muito e pensei em fazer a coisa certa e dividir igualmente seus bens entre nós dois. Que idéia ridícula, partes iguais. Que bobo eu fui. Eu não compreendi a lei nessas situações. Pensei que, como somos os únicos herdeiros, devíamos dividir tudo igualmente. Não sabia que advogados são treinados para ficar com o que encontram, para roubar dos irmãos, para esconder bens que eles juram proteger, para ignorar seus juramentos. Ninguém me disse isso. Eu estava tentando ser justo. Que idiotice a minha.

— Quando ele morreu?

— Duas horas antes de você chegar.

— Você o matou?

Um rosnado, um riso de desdém. Nenhuma resposta.

— Você o matou? — Ray perguntou outra vez.

— Não, o câncer o matou.

— Deixe que eu entenda as coisas direito — Ray disse, inclinando-se para a frente, o interrogatório crescendo para o golpe final. — Você ficou lá oito dias, e o tempo todo ele estava dopado. Então ele convenientemente morreu

duas horas antes da minha chegada.

— Certo.

— Você está mentindo.

— Eu o ajudei a aplicar a morfina, certo? Sente-se melhor? Ele estava chorando de dor. Não podia andar, comer, beber, dormir, urinar, defecar ou sentar numa cadeira. Você não estava lá, certo?

Eu estava. Ele se vestiu para você. Eu fiz sua barba. Eu o ajudei a deitar no sofá. Ele estava muito fraco para apertar o botão da morfina. Eu apertei para ele. Ele dormiu. Saí da casa. Você chegou, você o encontrou, você achou o dinheiro e então começou a mentir.

— Você sabe de onde ele veio?

— Não. De algum lugar da costa, suponho. Na verdade, não me importo.

— Quem incendiou meu avião?

— Isso é um ato criminoso, por isso não sei de nada.

— Foi a mesma pessoa que me seguiu durante um mês?

— Sim, eram dois, caras que conheci na prisão, velhos amigos. Eles são muito bons e você era fácil. Eles puseram um rastreador debaixo do pára-choque do seu carrinho. Eles o seguiram com um GPS, um aparelho para isso. Cada movimento. Uma sopa.

— Por que você incendiou a casa?

— Nego qualquer ato ilegal.

— Pelo seguro? Ou talvez para me pôr completamente para fora do espólio?

Forrest balançava a cabeça, negando tudo. A porta se abriu e Allison pôs o rosto longo e angular dentro da sala.

— Está tudo bem por aqui? — ela perguntou.

— Tudo ótimo. Estamos ótimos.

— Mais sete minutos — ela disse e fechou a porta.

Ficaram ali sentados por uma eternidade, olhando para diferentes pontos do assoalho. Nenhum som vinha de fora.

— Eu só queria a metade, Ray — Forrest disse, por fim.

— Fique com a metade agora.

— Agora é muito tarde. Agora eu sei o que devo fazer com o dinheiro. Você me mostrou.

— Eu tinha medo de dar o dinheiro para você, Forrest.

— Medo do quê?

— Medo de que você se matasse com ele.

— Muito bem, aqui estou — Forrest disse, sacudindo a mão direita no ar, indicando a sala, o rancho, todo o estado de Montana. — Isto é o que estou fazendo com o dinheiro. Não exatamente me matando. Não exatamente uma loucura, como todo mundo pensou.

— Eu estava errado.

— Oh, isso significa tanto. Errado porque foi apanhado. Errado porque não sou tão idiota afinal? Ou errado porque quer metade do dinheiro?

— Tudo isso.

— Tenho medo de repartir, Ray, como você teve. Medo de que o dinheiro suba à sua cabeça. Medo de que você torre tudo em aviões e cassinos. Medo de que você se torne um babaca maior ainda do que é. Tenho de proteger você, Ray.

Ray manteve a calma. Não podia vencer uma luta de socos com o irmão e, mesmo que pudesse, o que ia ganhar com isso? Gostaria de ter um taco de beisebol e bater na cabeça dele, mas por que ter esse trabalho? Se desse um tiro nele, não encontraria o dinheiro.

— Então o que vem agora para você? — ele perguntou com a maior despreocupação possível.

— Eu não sei. Nada definido. Quando você está na reabilitação, você sonha um bocado, depois quando sai, todos os sonhos parecem tolos. Nunca voltarei para Memphis, muitos velhos amigos. E nunca volto a Clanton. Vou encontrar um novo lar era alguma parte. E você? O que vai fazer agora que jogou fora sua grande chance?

— Eu tinha uma vida e ainda tenho.

— Tem razão. Você ganha cento e sessenta mil dólares por ano, eu verifiquei on-line e duvido de que trabalhe duro. Sem família, sem muita despesa obrigatória, bastante dinheiro para fazer o que quiser. Você está feito. A cobiça é um animal estranho, não é, Ray? Você encontrou três milhões e decidiu que precisava de tudo. Nenhum centavo para seu irmãozinho infeliz. Nem um centavo para mim. Você pegou o dinheiro e tentou fugir com ele.

— Eu não sabia ainda o que fazer com o dinheiro, como você.

— Mas ficou com tudo. E mentiu para mim.

— Isso não é verdade. Eu estava guardando o dinheiro.

— E estava gastando... cassinos, aviões.

— Não, que droga. Eu não jogo e há três anos alugo aviões. Eu estava

guardando o dinheiro, Forrest, tentando resolver o que fazer com ele. Que diabo, isso foi só há cinco semanas.

As palavras eram agora mais altas e ricocheteavam nas paredes. Allison espiou para dentro da sala, pronta para acabar com a conversa se sua paciência acabasse.

— Me dá um tempo — Ray disse —, você não sabia o que fazer com o dinheiro, eu também não. Assim que eu o achei, alguém, acho que você ou um dos seus amigos, começou a me assustar. Não pode me culpar por fugir com o dinheiro.

— Você mentiu para mim.

— E você mentiu para mim. Você disse que não tinha falado com o velho, que havia nove anos que não punha os pés na casa. Tudo mentira, Forrest. Tudo parte de um logro. Por que fez isso? Por que simplesmente não me falou sobre o dinheiro?

— Por que você não me contou?

— Talvez eu fosse contar, certo? Não sei o que tinha planejado, é difícil pensar claramente quando se encontra o pai morto, depois se encontram três milhões de dólares em dinheiro, depois se fica sabendo que mais alguém sabe da existência do dinheiro e está disposto a me matar por isso. Essas coisas não acontecem todos os dias, portanto, perdoe-me se tenho pouca experiência.

A sala ficou silenciosa. Forrest juntou os dedos das mãos e olhou para o teto. Ray tinha dito tudo que planejara dizer. Allison mexeu na maçaneta, mas não entrou.

Forrest inclinou-se para a frente e disse:

— Os dois incêndios, a casa e o avião, vocês têm algum novo suspeito?

Ray balançou a cabeça.

— Não vou contar para ninguém — ele disse.

Outra pausa, quando o tempo expirou. Forrest levantou devagar e olhou para Ray.

— Dê-me um ano. Quando eu sair daqui, conversaremos.

A porta se abriu e, quando passou por ele, Forrest encostou a mão de leve no ombro de Ray, um toque leve, não de afeição de modo algum, mas um contato.

— A gente se vê daqui a um ano, mano — ele disse e foi embora.



Digitalização: YUNA
Revisão: SILINHA
TOCA DIGITAL